

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÚCIA SILVA PARRA

A biblioteca de João Penteadó e a circulação de saberes educacionais

São Paulo

2023

LÚCIA SILVA PARRA

A biblioteca de João Penteadó e a circulação de saberes educacionais

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutora em
Educação

Orientador: Prof. Dr. Nelson Schapochnik

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

P258b Parra, Lucia Silva
A biblioteca de João Penteado e a circulação de
saberes educacionais / Lucia Silva Parra;
orientador Nelson Schapochnik. -- São Paulo, 2023.
319 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação
Cultura, Filosofia e História da Educação) --
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,
2023.

1. Anarquismo. 2. Bibliotecas. 3. Educação. 4.
História da educação. 5. Penteado, João de Camargo,
1877-1965. I. Schapochnik, Nelson, orient. II.
Título.

Nome: PARRA, Lúcia Silva

Título: A biblioteca de João Penteadó e a circulação de saberes educacionais

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação

Aprovada em: 22 de agosto d 2023

Banca Examinadora

Profa Dra Cecília Hanna Mate

Instituição Faculdade de Educação/USP

Julgamento

Profa. Dra Tatiana da Silva Calsavara

Instituição UNISA

Julgamento

Prof. Dr. Antônio José Romera Valverde

Instituição PUC/SP

Julgamento

Prof. Dr. José Damiro de Moraes

Instituição UNIRIO

Julgamento

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro Bertholdo Costa, por nossas conversas, leituras, visitas a arquivos e principalmente pelas palavras de incentivo. Agradeço a oportunidade ao meu orientador Nelson Schapochnik. Aos meus pais, Fernando Parra Narvaez (em memória) e Elisa da Silva Parra, que sempre me incentivaram a continuar estudando. Sou grata também às amigas da Pós-Graduação da FEUSP Marina Pereira da Silva e Márcia Saraiva, com as quais compartilhei tantas incertezas do processo de pesquisa. Não posso deixar de mencionar o apoio das minhas companheiras de trabalho da Coordenadoria Geral de Bibliotecas da Universidade Estadual Paulista (Unesp): Flavia Maria Bastos, Silvana Fagundes, Roberta Honorato, Luana Costa, Vivian Storti, Cátia Oliveira e Cristina Rosa. Aos companheiros do Centro de Cultura Social, Cibele Troyano, Jamile, Mayumi, Nina, Carlos, Nilton, Fabrício, Renato, Douglas e Reginaldo pelo convívio e aprendizado em comum. Ao Ricardo Biscalchin, pelo apoio nas pesquisas na Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCar, aos funcionários do Centro de Memória da Educação da FEUSP. Aos professores José Damiro de Moraes, Doris Accioly e Silva, Cecília Hanna Mate, Tatiana da Silva Calsavara e Antônio José Romera Valverde pelas sugestões nas bancas de qualificação e defesa.

Livros, somente livros, não explicam a difusão de ideias revolucionárias, mas explicam muitos outros acontecimentos. Se quisermos estudar a história das ideias, a divulgação das técnicas, toda a evolução cultural brasileira, enfim, é indispensável estudar a história dos livros e das bibliotecas.

Rubens Borba de Moraes

As bibliotecas só aparentemente são casas sossegadas. O sossego das bibliotecas é a ingenuidade dos ignorantes e dos incautos. Porque elas são como festas ou batalhas contínuas e soam canções ou trombetas a cada instante.

Valter Hugo Mãe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folha de rosto de SAINTE-BEUVE, C.A. Proudhon: su vida y su correspondencia . Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.....	39
Figura 2 - Capa de PROUDHON, J.P. Que é a propriedade? Estudos sobre o princípio do direito e do governo. São Paulo: Cultura Brasileira, s.d.....	40
Figura 3 - Folha de rosto de KROPOTKIN, P. Em volta duma vida: memórias . Lisboa, Tipografia do Comércio, 1907.....	42
Figura 4 - Folha de rosto de KROPOTKIN, P. Em volta duma vida: memórias . Lisboa, Tipografia do Comércio, 1907. Com carimbos da Biblioteca Social A Inovadora e Escola Nova.....	43
Figura 5 - Folha de rosto de Kropotkin, P. Em torno de uma vida . Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.....	44
Figura 6 - Kropotkin, P. Em torno de uma vida . Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.....	45
Figura 7 - Folha de rosto de Kropotkin, P. A Grande Revolução (1789-1793) . Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935.....	46
Figura 8 - Kropotkin, P. Palavras dum revoltado . Lisboa: Guimarães, 1912.....	47
Figura 9 - LIPTAY. Pour & contre Malthus . Paris: Lux, 1911.....	51
Figura 10 - LIPTAY. Pour & contre Malthus . Paris: Lux, 1911.....	52
Figura 11 - Boletim da Escola Moderna, Barcelona, 01 de julho de 1909.....	62
Figura 12 - Leon Israël para o jornal l'anarchie.....	79
Figura 13 - Panfleto de divulgação de conferência ministrada por Maria Lacerda de Moura sobre antissemitismo, a convite do jornal <i>A Plebe</i>	93
Figura 14 - Nova Revelação, n. VII, n. 97. dez. 1911. Neste período, João Penteado foi redator e gerente do jornal. Na foto, Paulino de Oliveira Maciel, um dos difusores do espiritismo em Jaú e amigo de João Penteado.....	105
Figura 15 - Folheto Escola Moderna, s.d.....	112
Figura 16 - Prontuário 144. Florentino de Carvalho	116
Figura 17 - Anúncio da Escola Moderna n.1.....	118
Figura 18 - Anúncio da Escola Nova.....	124
Figura 19 - Jornal <i>O Início</i> , ano 1, n. 2, 20 dez. 1922.....	125
Figura 20 - Foto da Academia de Comércio Saldanha Marinho.....	130

Figura 21 - Piquenique promovido pelo jornal <i>A Plebe</i> . Santos/SP, (s/d). Foto Confiscada.	132
Figura 22 - <i>O Início</i> , ano 2, n. 8, 18 jun. 1926. p.6.	134
Figura 23 - Cine Teatro Educativo. 1935.	136
Figura 24 - Foto da Biblioteca da Escola Saldanha Marinho.	142
Figura 25 - Sala de leitura da Biblioteca Infantil Municipal.	150
Figura 26 - Carimbo da Academia de Comércio Saldanha Marinho.	155
Figura 27 - Carimbo da Escola Livre, no livro: MORSELLI, Emilio. Elementi di sociologia generale . Milano: Ulrico Hoepli, 1898.	156
Figura 28 - Folha de rosto de BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES, Theodoro de. Festa das aves : prosa e verso. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1911.	157
Figura 29 - Índice de: BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES, Theodoro de. Festa das aves : prosa e verso. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1911.	158
Figura 30 - Carimbo do Grupo Escolar Cambucy: BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES, Theodoro de. Festa das aves : prosa e verso. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1911.	159
Figura 31 - Carimbo do jornal <i>A Lanterna</i> no livro: BOSCOLO, J.Carlos. Verdades sociais . São Paulo: A Sementeira, 1934. Coleção João Penteadado.	160
Figura 32 - Nome da aluna na folha de rosto do livro: BOITEL. Le Français par la lecture . Paris: Librairie Delagrave, 1924. Coleção João Penteadado.	161
Figura 33 - Capa do livro Brucker. Iniciação à botânica . Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteadado.	163
Figura 34- Carimbo da Academia de Comércio Saldanha Marinho no livro Brucker. Iniciação à botânica . Lisboa: Guimarães, 1912.	164
Figura 35 - Carimbo da Livraria Lealdade no livro Brucker. Iniciação à botânica . Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteadado.	165
Figura 36 - Títulos da coleção Biblioteca de Educação Racional. livro Brucker. Iniciação à botânica . Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteadado.	166
Figura 37 - Carimbo do Ginásio Saldanha Marinho no livro Naquet. A caminho da união livre . Lisboa: Guimarães, 1912.	167
Figura 38 - Capa do livro Menino Felipe de Afonso Schmidt.	177
Figura 39 - Folha de rosto do livro Menino Felipe de Afonso Schmidt, com dedicatória do autor a João Penteadado.	178
Figura 40 - Capa do livro: Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945). <i>De Amundsen a del Prete</i> . São Paulo: Edições de O Combate, 1928.	181
Figura 41 - Contagem de assuntos.	184

Figura 42 - <i>O vegetariano</i> : mensário naturista ilustrado.....	191
Figura 43 - <i>O vegetariano</i> : mensário naturista ilustrado: Porto: Sociedade Vegetariana, 1914.....	192
Figura 44 - Fotos de crianças na obra: <i>O vegetariano</i> : mensário naturista ilustrado: Porto: Sociedade Vegetariana, 1914.....	193
Figura 45 - Folha de rosto do livro: BASTOS, J. A saúde e a longevidade : um grito de alarme.2. ed. Porto, Sociedade Vegetariana, 1912.....	194
Figura 46 - Local de publicação.....	195
Figura 47 - capa do livro: QUEIROZ, Antônio d'Eça. <i>Rodolpho Maria</i> : o anarchista. Porto: Livraria Chardron, 1916.....	197
Figura 48 - Contagem de idiomas.....	198
Figura 49 - Editoras.....	199
Figura 50 - Capa do livro: Nergal. <i>Evolución de los mundos</i>	202
Figura 51 - Folha de guarda com carimbos da Escola Livre e do Colégio Saldanha Marinho no livro: Nergal. <i>Evolución de los mundos</i> . Barcelona: Escuela Moderna, s.d	203
Figura 52 - Carimbo do Jornal <i>A Lanterna</i> no livro: Nergal. <i>Evolución de los mundos</i> . Barcelona: Escuela Moderna, s.d	204
Figura 53 - Folha de rosto do livro: Nergal. <i>Evolución de los mundos</i> . Barcelona: Escuela Moderna, s.d	205
Figura 54 - Datas de publicação dos livros.....	206

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolas dirigidas por João Penteado.....	16
Tabela 2 - livros da editora Guimarães.....	162
Tabela 3 - Obras de Aída Costa na Biblioteca de João Penteado.....	169
Tabela 4 - Obras de Julien Fauvel na Biblioteca de João Penteado.....	170
Tabela 5 - Obras de Francisco da Silveira Bueno na Biblioteca de João Penteado.....	171
Tabela 6 - Obras de Fialho D'Almeida na Biblioteca de João Penteado.....	172
Tabela 7 - livros de Liev Tolstoi na biblioteca de João Penteado.....	173
Tabela 8 - livros de Afonso Schmidt na biblioteca de João Penteado.....	176
Tabela 9 - Livros de Kropotkin na biblioteca de João Penteado.....	179
Tabela 10- livros de Maria Lacerda de Moura na Biblioteca de João Penteado.....	180
Tabela 11- Assuntos dos livros da biblioteca.....	182
Tabela 12- Livros relacionados à temática anarquismo na Biblioteca João Penteado.....	185
Tabela 13 - títulos mais diretamente relacionados à educação libertária.....	187
Tabela 14- livros sobre espiritismo e psicografados.....	188
Tabela 15 - local de publicação dos livros do acervo - Brasil.....	195
Tabela 16 - Editoras de maior ocorrência entre os livros da biblioteca.....	199
Tabela 17 - Títulos da Biblioteca João Penteado apreendidos pelo DEOPS/SP.....	210
Tabela 18- Obras da Biblioteca de João Penteado.....	228

PARRA, Lucia Silva. **A biblioteca de João Penteadó e a circulação de saberes educacionais**. 2023. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMO

Este trabalho trata do antigo acervo da Biblioteca do educador libertário João de Camargo Penteadó (1877-1965), aqui analisado a partir dos acervos presentes atualmente no Centro de Memória da Educação da USP e da Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCar. João Penteadó foi diretor da Escola Moderna n.1, fundada em 1912 e fechada em 1919, pela Diretoria de Instrução Pública de São Paulo. A Escola Moderna n. 1 de São Paulo, inspirava-se, principalmente, na Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), adotando o ensino racionalista. Após o fechamento da Escola Moderna n. 1, de São Paulo, João Penteadó abriu outras escolas: Escola Nova (1920-1923), Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943), Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947) e Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961). Estas escolas, embora não fossem libertárias, adotaram algumas das práticas da Escola Moderna, como a publicação do jornal *O Início*, redigido pelos alunos. A biblioteca escolar, formada na Escola Moderna n.1, também continuou sendo usada por professores e alunos das demais instituições escolares. Em 1924, o Grêmio Escolar Euclides da Cunha, formado por alunos da Academia de Comércio Saldanha Marinho passou a organizar a biblioteca escolar, em um exercício de autogestão, prática valorizada pelos anarquistas. O acervo da biblioteca escolar, se confundia com os livros pessoais de João Penteadó que fez inúmeras doações à biblioteca de suas escolas. A pesquisa identificou os principais autores, temáticas e idiomas dos livros do acervo. A biblioteca era composta por uma parcela considerável de livros didáticos, voltados para o ensino ministrado nas escolas, mas também por obras literárias e livros das mais diversas temáticas como anarquismo, naturalismo e espiritualismo. Alguns dos autores mais presentes no acervo são Leon Tolstói (1828-1910), Fialho de Almeida (1857-1911), Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e Afonso Schmidt (1890-1964). Alguns dos títulos do acervo foram considerados “subversivos”, como podemos constatar em listas de livros apreendidos pelo DEOPS de São Paulo. João Penteadó, ao longo de sua vida, continuou publicando na imprensa anarquista e atuante no Centro de Cultura Social.

Palavras-chave: João de Camargo Penteadó (1877-1965); Anarquismo; Bibliotecas; Educação; História da Educação.

PARRA, Lucia Silva. **João Penteadó 's library and the circulation of the educational knowledge**. 2023. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ABSTRACT

This work deals with the former collection of the Library of the anarchist educator João de Camargo Penteadó (1877-1965), analyzed here based on the collections currently present at the USP Education Memory Center and the Special Information and Memory Unit at UFSCar. João Penteadó was director of Escola Moderna n.1 in São Paulo, founded in 1912 and closed in 1919, by the Directorate of Public Instruction of São Paulo. The Modern School n. 1 in São Paulo, was mainly inspired by the Modern School of Barcelona, founded by Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), adopting rationalist teaching. After the closure of Escola Moderna no. 1, in São Paulo, João Penteadó opened other schools: Escola Nova (1920-1923), Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943), Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947) and Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1961). These schools, although not libertarian, adopted some of the practices of the Modern School, such as the publication of the newspaper *O Início*, written by the students. The school library, formed at The Modern School n. 1, also continues to be used by teachers and students from other school institutions. In 1924, the Grêmio Escolar Euclides da Cunha, formed by students from the Academia de Comércio Saldanha Marinho, began to organize a school library, in an exercise of self-management, a practice valued by anarchists. The school library's collection is intertwined with João Penteadó's personal books, which made numerous donations to his schools' libraries. The research includes the main authors, themes and languages of the books in the collection. The library was made up of textbooks, aimed at teaching in schools, but also of literary works and books on the most diverse themes such as anarchism, naturalism and spiritualism. Some of the most present authors in the collection are Leon Tolstoy (1828-1910), Fialho de Almeida (1857-1911), Maria Lacerda de Moura (1887-1945) and Afonso Schmidt (1890-1964). Some of the titles in the collection were considered "subversive", as we can see in lists of books seized by the DEOPS in São Paulo. João Penteadó, throughout his life, continued publishing in the anarchist press and was active at the Centro de Cultura Social.

Keywords: João de Camargo Penteadó (1877-1965); Anarchism, Libraries; Education; History of Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E NO CONTEXTO ANARQUISTA.....	22
1.1 Educação anarquista na historiografia brasileira.....	22
1.2 Modelos escolares anarquistas.....	26
1.2.1 Iasnaia Poliana.....	52
1.2.2 Escuela Moderna de Barcelona.....	57
1.2.3 La Ruche.....	65
1.2.4 Escola Oficina n. 1.....	68
1.2.5 Escolas Modernas nos EUA.....	71
1.2.6 Anarquistas individualistas na França.....	78
2 CIRCULAÇÃO DE IDEIAS LIBERTÁRIAS SOBRE EDUCAÇÃO EM SÃO PAULO.....	83
2. 1 Maria Lacerda de Moura.....	88
2. 2 Adelino de Pinho.....	98
2.3 João Penteado.....	101
2. 3.1 Escolas Modernas (1912-1919).....	107
2.3.2 Escola Nova (1920-1923).....	123
2.3.3 Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943).....	130
2.4 Invisibilidade e resistência.....	138
3 BIBLIOTECA DAS ESCOLAS DE JOÃO PENTEADO.....	142
3. 1 Autores.....	168
3.2 Temáticas da biblioteca.....	181
3.2.1 Anarquismo.....	185
3.2.2 Espiritualismo.....	187
3.2.3 Vegetarianismo.....	189
3. 3 Locais de publicação.....	194
3.4 Idiomas dos livros.....	197
3.5 Editoras.....	198
3.6 Práticas de leitura.....	207
3.7 Censura.....	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
REFERÊNCIAS.....	216
APÊNDICE.....	227

INTRODUÇÃO

La guerra se libra dos veces. La primera en el campo de batalla, la segunda en el memoria.

Luis Moreno Ocampo

A Primeira República foi marcada por mudanças sociais e econômicas, como a crescente importância do café como produto de exportação e pela imigração que chegou a 3,8 milhões de estrangeiros, entre 1887 e 1930. A necessidade de escoamento da produção, colaborou para a expansão da malha ferroviária no Estado de São Paulo. As primeiras décadas do século XX também foram de crescimento da industrialização no país, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Destaca-se também a formação de uma classe operária nos grandes centros urbanos, com a organização de Associações de Classe e Sindicatos que reúnem trabalhadores em torno de reivindicações de melhores condições de vida.

Entre os imigrantes desembarcados com o objetivo de trabalhar na lavoura cafeeira, chegaram alguns que traziam em sua bagagem experiências de lutas operárias de seus países de origem. Nas primeiras décadas do século XX, com o surgimento das fábricas na cidade de São Paulo, os anarquistas começaram a concentrar-se na capital do Estado. Entre as diversas correntes do anarquismo, a que encontrou maior repercussão no Brasil foi o anarco-sindicalismo.

Outras formas de atuação dos anarquistas no Brasil foram a organização de ateneus, bibliotecas populares, centros de cultura e escolas para ensino de adultos e crianças. O esforço em se dedicar à instrução de homens, mulheres e crianças surgiu a partir da percepção da necessidade de formar pessoas novas para uma nova sociedade. Foram organizadas inúmeras escolas noturnas para alfabetização de trabalhadores. As bibliotecas estavam presentes em associações de classe e sindicatos, reunindo trabalhadores em torno da leitura de jornais e livros produzidos, muitas vezes, pelos próprios anarquistas.

Neste contexto, a partir de 1909 foi organizado o Comitê Pró-Escola Moderna que surgiu em meio à indignação com a condenação e ao fuzilamento do educador

catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). O Comitê Pró-Escola Moderna, como veremos mais detalhadamente no capítulo 2, angariou fundos e outros recursos para a abertura de escolas inspiradas na Escola Moderna de Barcelona. Para dirigir a Escolas Modernas n. 1 de São Paulo, em 1912 foi chamado o educador João de Camargo Penteado (1877-1965) que já exercia o magistério em sua cidade natal, Jaú, onde conheceu as ideias anarquistas.

Antes mesmo da criação da Escola Moderna n.1, em 1912, o Comitê Pró-Escola Moderna já planejava a criação de uma biblioteca para escola. A biblioteca escolar foi criada a partir de exemplares que já haviam pertencido a outras bibliotecas libertárias¹ e livros adquiridos especificamente para este fim. Após o fechamento da Escola Moderna n.1, o acervo permanece nas demais escolas dirigidas por João Penteado e mistura-se, em alguns momentos, com seu acervo bibliográfico pessoal.

Em 1919, João Penteado prosseguiu trabalhando em atividades educativas. De 1920 a 1923 esteve à frente da Escola Nova. Entre 1924 e 1943 foi diretor da Academia de Comércio Saldanha Marinho que de 1944 a 1947 passou a chamar-se Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho e, de 1948 a 1961 passou a ter o nome de Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho. As escolas mantidas por João Penteado após o fechamento da Escola Moderna passaram por mudanças no campo pedagógico e administrativo, no entanto podemos notar continuidades pontuais em seus princípios anarquistas. A Escola Saldanha Marinho, por exemplo, na década de 1930 incentivava práticas de autogestão entre os alunos que participavam do Grêmio Estudantil Euclides da Cunha: tiveram a oportunidade de organizar e gerir a Biblioteca e as atividades esportivas. A seguir, elaboramos uma tabela com as instituições escolares dirigidas pelo educador João Penteado.

¹ O termo libertário foi usado nesta tese como sinônimo de anarquista. Ver BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1 p. 23. [...] Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo de libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo.

Tabela - 1 Escolas dirigidas por João Penteadado

Instituição	Período de funcionamento	Endereço
Escola Moderna	1912-1919	- Rua Saldanha Marinho, n.66 - Belenzinho - São Paulo/SP; - Av. Celso Garcia, 262
Escola Nova	1920-1923	Rua Saldanha Marinho, n. 8 e 22
Academia de Comércio Saldanha Marinho	1924-1943	Rua Saldanha Marinho, n. 8 e 21; Av. Celso Garcia, 368 e 372, 1580
Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho	1944-1947	Av. Celso Garcia, 1580
Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho	1948-1961	Av. Celso Garcia, 1580 e 1600

Fonte: tabela elaborada pela autora

João Penteadado foi obrigado a interromper os trabalhos que desenvolvia na Escola Moderna em 1919, todavia continuou organizando outras escolas que não se autodenominavam Escolas Modernas, porém apresentavam algumas continuidades de práticas educativas. Penteadado permaneceu um militante anarquista, publicando na imprensa libertária, ajudando a criar o Centro de Cultura Social e mantendo correspondência com outros militantes anarquistas.

A presente pesquisa teve como um de seus objetivos, analisar como o acervo da Biblioteca João Penteadado contribuiu para incentivar práticas de autodidatismo e autonomia, entre os alunos das escolas dirigidas por João Penteadado. Estes objetivos convergem para o entendimento do processo de construção e circulação de saberes na educação nas Escolas Moderna n.1, Escola Nova e Saldanha Marinho. Outro objetivo foi realizar um estudo de desenvolvimento de coleções junto ao acervo de livros, periódicos e apostilas.

Nossa hipótese é que o acervo da biblioteca tenha tido um papel relevante no processo de construção e circulação de saberes educacionais na Escola Moderna n. 1 e nas demais escolas mantidas por João Penteadado. A palavra impressa, seja por meio da produção e circulação de livros e jornais, é central nas práticas de militância anarquista. As atividades que envolvem a escrita, produção e circulação de livros e de jornais fazem parte da formação de militantes e divulgação de ideias a novos adeptos. Da mesma forma são extremamente importantes na militância libertária o incentivo à educação de homens, mulheres, adultos e crianças, através de educação formal em escolas ou em associações de trabalhadores, centros de cultura e bibliotecas populares.

A temática desta pesquisa é a Biblioteca de João Penteadado, aqui considerada como: o acervo bibliográfico oriundo da Escola Moderna n. 1, Escola Saldanha Marinho e biblioteca pessoal de João Penteadado, presente atualmente, no Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME/FEUSP) e Coleção João Penteadado, da Unidade Especial de Informação e Memória, da Universidade Federal de São Carlos (UEIM/UFSCar).

O Acervo João Penteadado, do Centro de Memória da Educação (FEUSP), organizado por professores, alunos e pesquisadores da Faculdade de Educação da USP, foi doado por Marli Alfarano, sobrinha-neta de João Penteadado e Álvaro Alfarano, seu marido. (MORAES, 2013, p. 25). Trata-se de um acervo riquíssimo para o estudo da história da educação libertária no Brasil. É composto por documentos administrativos, fotografias, filmes, jornais escritos por professores e alunos, manuscritos de João Penteadado, objetos museológicos e móveis escolares. Faz parte também deste acervo, uma parcela da biblioteca escolar do Colégio Saldanha Marinho, com 120 livros, 14 periódicos e 3 apostilas. O acervo de livros de João Penteadado inclui obras originárias de diferentes bibliotecas: da Escola Moderna n.1, Escola Saldanha Marinho e da biblioteca pessoal de João Penteadado. (MATE, 2013, p. 88). Entre as obras encontram-se temáticas como educação, literatura, espiritismo, comércio, contabilidade, entre outros. O fundo² João Penteadado do acervo do Centro de Memória da FEUSP está organizado e há um inventário com a

² De acordo com a Norma geral internacional de descrição arquivística (ISAD), fundo é: "Um conjunto de documentos, independente de sua forma ou suporte, organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por um indivíduo, família ou entidade coletiva no decurso das suas atividades e funções." (2000, p. 15)

descrição do material.

A outra parte do acervo bibliográfico encontra-se na Universidade Federal de São Carlos. Atualmente este acervo é denominado Coleção João Penteado, sediado na Unidade Especial de Informação e Memória, da Universidade Federal de São Carlos (UEIM/UFSCar) e conta com 1.792 livros e 69 títulos de periódicos³. A UEIM foi criada em 1998, subordinada ao Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar. Seu acervo estava originalmente no Arquivo de História Contemporânea, criado na década de 1970. Uma de suas coleções é o acervo João Penteado. Este acervo está na UFSCar desde novembro de 1987, quando foi assinado um contrato de cessão temporária da Coleção João Penteado e parte da Biblioteca da Escola Saldanha Marinho para o então Arquivo de História Contemporânea da Universidade. O doador foi o Prof. Álvaro Alfarano, com a cessão do acervo pelo período de 60 meses, com possibilidade de renovação em caso de interesse das partes. Em 2003 o Prof. Álvaro Alfarano solicitou a devolução do acervo, argumentando que os documentos não haviam sido microfilmados, catalogados e colocados à disposição do público. Consultada, a Procuradoria Jurídica da Universidade fez um parecer, em março de 2005, afirmando que o material estava catalogado e estava armazenado em local adequado. Já haviam se passado 17 anos e a Universidade teria naquele momento conquistado a posse do acervo por usucapião.

Os livros e periódicos foram catalogados pela instituição, porém o catálogo não está mais acessível. Ao longo da pesquisa, em uma ocasião, o bibliotecário da instituição gentilmente deixou ligado um servidor antigo (onde estão armazenados os dados da catalogação dos livros), por alguns dias, mas não foi possível realizar a descrição da totalidade dos materiais. Em 2022 foi fornecida uma listagem com os dados bibliográficos completos de mais de 700 livros presentes no acervo. A estes registros foram somados os livros consultados no arquivo da UFSCar, em um total de 830 livros listados.

A partir dos dados bibliográficos, organizamos dados como autores, títulos, local de publicação, editora, data, idioma, presença ou não de anotações e dedicatórias, carimbos em uma planilha de Excel para análise e desenvolvimento de

³Unidade Especial de Informação e Memória. Disponível em:

<http://www.ueim.ufscar.br/colecoes/colecao-joao-penteado>. Acesso em: 24 mar. 2018.

gráficos. Os dados bibliográficos da totalidade dos livros dos acervos bibliográficos do Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP (124 itens) e de parte da Coleção João Penteadado da Unidade Especial de Informação e Memória, da Universidade Federal de São Carlos (830 itens) estão descritos no Apêndice.

Entendemos que os acervos bibliográficos presentes na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal de São Carlos são complementares e juntos se aproximam mais do que foi a Biblioteca de João Penteadado, formada ao longo de sua trajetória e presente em suas escolas.

Consultamos também jornais libertários como **A Lanterna**, **A Plebe**, **O Trabalhador Gráfico** e **Boletim da Escola Moderna**. Nestes jornais pretendemos identificar notícias sobre a Escola Moderna n. 1. Os jornais podem ser consultados nos seguintes Arquivos:

- Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), Universidade Estadual de Campinas;
- Hemeroteca da Biblioteca Digital Unesp. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/>
- Biblioteca Digital Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>
- Imprensa Proletária Marxista
<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/plebe/index.htm>

Esta proposta de pesquisa se insere, além da história da educação libertária, nos estudos da história do livro e da leitura. Robert Darnton afirma que para uma história da leitura devemos consultar arquivos e comparar relatos de leitores e anotações em seus livros. (DARNTON, 2010a, p. 171). Os estudos sobre os leitores e seus temas se dividem em dois grandes grupos: os macro e os microanalíticos. Estudos macroanalíticos foram realizados principalmente por historiadores franceses que dispunham de amplas séries de dados como registros de depósito legal e também pelos alemães com longas séries estatísticas obtidas a partir dos catálogos das feiras de livros de Frankfurt. Darnton afirma que os estudos macroanalíticos são muito úteis para indicar tendências e conclusões gerais, no entanto, às vezes, carecem de precisão que pode ser obtida com a microanálise, com o estudo do catálogo de uma biblioteca, por exemplo. (DARNTON, 2010a, p. 175-176).

No caso das leituras dos anarquistas e dos professores e alunos das Escolas Moderna n.1 e Saldanha Marinho, o estudo mais adequado seria microanalítico, pois

não temos à disposição dados em grande escala.

De acordo com Darnton, a história do livro “surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto de problemas comuns, todos relacionados ao processo de comunicação”. (DARNTON, 2010b, p. 190). O autor propõe um modelo geral para o estudo do surgimento e propagação do livro na sociedade. No que se refere aos livros impressos há um ciclo que: “vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir este papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor”. (DARNTON, 2010b, p. 193). Os autores são também influenciados pelo que leem e pela repercussão causada pelos seus livros, completando um ciclo:

A história do livro se interessa por cada fase deste processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais – no ambiente que o cerca. (DARNTON, 2010b, p. 194)

Darnton propõe então um recorte de um segmento deste circuito, sem deixar de relacioná-lo com o todo, analisando o processo de acordo com uma disciplina.

A tese está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo pretendemos apresentar, inicialmente, o que são modelos escolares na historiografia da educação e o que seria um modelo escolar no contexto libertário. Em seguida, foram apresentadas teorias e práticas pedagógicas que dialogam com a formação do modelo escolar das escolas dirigidas por João Penteadó, principalmente da Escola Moderna n. 1. As escolas descritas neste capítulo estão representadas nas temáticas dos livros encontrados na biblioteca de João Penteadó, que é uma biblioteca escolar e pessoal. Estes exemplos de escolas e de certo modo, modelos escolares, estão presentes na formação de João Penteadó e de outros professores e militantes anarquistas, o que pode ser percebido através dos exemplares de livros presentes em suas bibliotecas, mas também em suas produções textuais na imprensa anarquista e em exemplos práticos materializados em escolas, centros de cultura e bibliotecas libertárias. Na biblioteca de João Penteadó estão representados muitos autores que tratam de teorias pedagógicas libertárias de forma explícita ou de forma indireta. Há também livros que relatam experiências educacionais libertárias como a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer e a Escola de

lasnaia Poliana, fundada por Tolstoi. Além disso, há também livros sobre teorias e práticas pedagógicas anarquistas que não estão presentes na biblioteca de Penteado, mas circulavam entre os libertários no Brasil neste período e provavelmente eram de seu conhecimento.

No segundo capítulo, procuramos mostrar as formas de circulação das ideias libertárias sobre educação, através de militantes e da formação das Escolas Modernas, em São Paulo. Os militantes anarquistas foram os principais propagadores das ideias de educação, seja através de textos em jornais e livros ou de palestras proferidas. Dentre eles destacamos os educadores Maria Lacerda de Moura, Adelino de Pinho e João Penteado. Outra forma de disseminar as ideias ácratas é a propaganda pela ação que, neste caso, está representada através da organização e funcionamento das Escolas Modernas de São Paulo e, de certo modo, mesmo pelas escolas posteriormente dirigidas por João Penteado.

No terceiro capítulo, aprofundamos a discussão relacionada à biblioteca por considerar que este é um lugar privilegiado de circulação de ideias, procurando avaliar o acervo quanto às suas temáticas que se assemelham a outras bibliotecas de anarquistas das primeiras décadas do século XX. Além de analisar editoras, locais de publicação, idiomas e práticas de leitura.

1 AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E NO CONTEXTO ANARQUISTA

Antes de carregar de ciência o cérebro da criança, deem-lhe primeiro sangue, fortifiquem e, para que não perca o seu tempo, levem-na ao campo ou à beira-mar. Aí ensinem-lhe ao ar livre, e não em livros, a geometria, medindo com ela as distâncias até os rochedos próximos; ela aprenderá as ciências naturais colhendo as flores e pescando no mar; a física, fabricando o barco em que há de pescar. Mas, por favor, não lhe encham o cérebro de frases e de línguas mortas.

(Piotr Kropotkin, *A conquista do pão*, p. 109)

1.1 Educação anarquista na historiografia brasileira

Um pioneiro nas pesquisas acadêmicas no Brasil, sobre a educação anarquista, foi Maurício Tragtenberg (1929-1998) que, em 1978 publicou o artigo **Francisco Ferrer e a pedagogia libertária**, na Revista Educação & Sociedade, da Unicamp. Tragtenberg que teve inicialmente uma formação autodidata, teve contato com anarquistas ainda jovem, em Erebango. Em São Paulo, frequentou o Centro de Cultura Social, que considerava como “uma de suas universidades”.

O historiador Flávio Venâncio Luizetto, em 1982, publicou o artigo **Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX**, sobre a educação anarquista brasileira. Sua tese, **Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional (1900/1920)**, defendida em 1984, foi uma das primeiras pesquisas sobre as Escolas Modernas brasileiras.

Outra importante referência para os estudos do anarquismo no Brasil e em Portugal é o historiador social Edgar Rodrigues (1921-2009). Autodidata, Rodrigues, publicou dezenas de livros importantes para a história e memória do movimento anarquista. Na obra **O anarquismo na escola, no teatro, na poesia**, publicada em 1992, pela editora Achiamé, destaca-se a temática da educação anarquista, com o pedagogo Francisco Ferrer, e sua influência nas Escolas Modernas brasileiras. Através de documentos como jornais libertários, Rodrigues demonstra a mobilização dos militantes anarquistas no Brasil em prol da educação racionalista.

Outra importante referência é a dissertação de Regina Jomini, defendida em 1989, chamada **Uma educação para a solidariedade**. Neste trabalho, a autora

aborda a educação anarquista, no Rio de Janeiro e São Paulo, entre 1889 e 1920. Enfatiza as iniciativas de educação anarquistas escolares destinadas às crianças. Defende que as escolas anarquistas tinham como propósito formar para a solidariedade e liberdade.

A dissertação de Marinice Fortunato, **Uma experiência educacional de autogestão** (1992), enfatiza a autogestão da Escola Moderna n.1, vinculada ao Comitê da Escola Moderna de São Paulo e a escolha do método de ensino racionalista, com o objetivo de formação para uma sociedade mais livre. Sua dissertação foi publicada como livro, com o título: **Trabalhadores construindo sua escola, (Brasil, 1900-1920)**, em 2022.

Em 1999, José Damiro de Moraes defende a dissertação **A trajetória educacional anarquista na Primeira República**, onde o autor defende que há três fases na história da educação anarquista brasileira: a primeira, de 1895 a 1909, caracterizada pela criação de ateneus e bibliotecas, com a preocupação de alfabetizar e oferecer acesso à cultura escrita aos trabalhadores; a segunda, de 1909 a 1919, período posterior ao fuzilamento de Ferrer, onde se organizam os Comitês Pró-Escola Moderna, há a criação das Escolas Modernas e posterior fechamento; e a terceira, de 1927 a 1937, com a retomada da organização de Centros de Cultura e Ateneus, período de intensa repressão.

Outras pesquisas já abordaram o tema da educação anarquista em São Paulo e suas continuidades, como Olga Fregoni, com a dissertação **Educação e resistência anarquista em São Paulo**: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945), (FREGONI, 2007). Neste trabalho a autora apresentou as permanências de práticas de ensino iniciadas na Escola Moderna n.1 na Academia de Comércio Saldanha Marinho, através de jornais e documentos produzidos pela escola.

Luciana Eliza dos Santos, na dissertação **A trajetória anarquista do educador João Penteadó**: leituras sobre educação, cultura e sociedade (2009), destaca a biografia e textos inéditos de João Penteadó. Em seu doutorado, **A educação libertária e o extraordinário**: traços de uma pedagogia (r)evolucionária (2014), Santos analisa as ideias pedagógicas do movimento libertário europeu, destacando a experiência da Escola Moderna de Barcelona de Francisco Ferrer.

Tatiana Calsavara, com a tese: **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado**: estratégias de sobrevivência pós anos 20 (2012), apresenta a militância de João Penteado após o fechamento da Escola Moderna n.1 e a continuidade de sua amizade com outros anarquistas. Identifica a permanência de João Penteado em atividades educativas como uma forma de resistência em um momento de intensa repressão aos anarquistas.

A trajetória de João Penteado é analisada na tese do historiador Fernando Antonio Peres, publicada em formato de livro: **João Penteado**: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012. O autor analisou as sociedades de ideias das quais fez parte João Penteado: espírita e anarquista para compreender seu trabalho de educador.

Na tese de Rodrigo Rosa da Silva, **Anarquismo, ciência e educação**: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920), defendida em 2013, são defendidas concepções de ciência entre os anarquistas, no contexto da educação libertária. O autor analisou os livros escolares da Editora Escuela Moderna, de Barcelona, e a participação de cientistas na Liga Internacional da Infância. Destaca a rede de militantes e cientistas envolvida com o projeto de ensino da pedagogia racionalista.

Na dissertação: **O Anarquismo sem adjetivos**: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação, de Bruno Corrêa de Sá e Benevides (2018). O militante anarquista Angelo Bandoni viveu no Brasil de 1900 a 1947, publicou na imprensa libertária do Rio de Janeiro e de São Paulo e organizou a Escola Moderna de Cândido Rodrigues, em 1912.

Em uma análise das apropriações do modelo pedagógico racionalista, desenvolvido na Escola Moderna de Barcelona, pela Escola Moderna n.1, de São Paulo, e pela Escola de Stelton, nos Estados Unidos, Douglas Bahr Leutprecht apresenta a tese: **O legado de Francisco Ferrer y Guardia em movimento**: apropriações do modelo pedagógico Racionalista nas Escolas Modernas N°1 e de Stelton (1913-1925) (2018). Para o autor, as apropriações pedagógicas estiveram relacionadas às demais ideias e práticas educacionais que circulavam no período de vigência das escolas.

Em **A par dum trabalhador, devemos fazer um pensador**: a cultura anarquista paulista nas práticas artísticas e pedagógicas das Escolas Modernas n.1 e 2 (2019), dissertação de Levi Fernando Pinto é abordada a história das Escolas Modernas n.1 e n.2, destacando aspectos pedagógicos e o ensino de artes.

A tese **A circulação do conhecimento pedagógico anarquista entre Brasil e Portugal (1900 a 1930)**, de Francisco Robson Alves de Oliveira (2019), analisa a circulação das ideias pedagógicas anarquistas, no Brasil e em Portugal, de 1900 a 1930, a partir dos jornais libertários.

Nas últimas décadas foram desenvolvidas diversas pesquisas relacionadas às Escolas Modernas no Brasil. A temática do anarquismo, nas universidades brasileiras deixou de ser analisada como uma “infância do movimento operário”, principalmente a partir da década de 1990, com a abertura de arquivos como do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP) e de novos olhares para as práticas anarquistas no Brasil, incluindo atividades sindicais, educacionais e culturais.

Especificamente o campo da educação anarquista tem, ao longo das últimas décadas, crescido no Brasil, incluindo aqui estudos sobre a Escola Moderna n.1 de São Paulo, dirigida por João de Camargo Penteado. Nosso diferencial, contudo, será estudar o acervo da biblioteca escolar como um espaço privilegiado de circulação de ideias libertárias e uma estratégia de resistência.

Pretendemos através desta pesquisa realizar um estudo das obras impressas do acervo da Biblioteca João Penteado, analisando os interesses temáticos e as formas de uso destas obras, principalmente no contexto escolar. Objetivamos entender como este acervo foi apropriado pelos educadores da escola e por seus alunos. Para responder a estas perguntas foram observadas as anotações e marcas de uso presentes nas obras impressas ou mesmo de citações em outros documentos como resenhas escritas por membros das escolas em jornais como o *Boletim da Escola Moderna* e *O Início*. Os jornais *O Início* (1915-1916; 1922-1929; 1931-1943) e *Boletim da Escola Moderna* (1918-1919) que traziam textos produzidos pelos alunos são fontes complementares de pesquisa.

1.2 Modelos escolares anarquistas

A historiografia da escola e do pensamento educacional até 1970 tendiam a separar a teoria das práticas, em um apagamento das marcas históricas das instituições escolares:

Tomadas em si próprias e sem referências às práticas, as ideias pedagógicas tendem a estruturar-se num pensamento pedagógico. Daqui resulta que não apenas a instituição pedagógica é entendida como uma estrutura cuja morfologia interna não tem história, porque é permanente, como resultam também um relativo desconhecimento das práticas educativas e uma visão superficial sincrética e fenomenológica da instituição educativa, seja enquanto conjunto de instâncias vocacionadas (incluindo a escola), para a integração e formação das gerações jovens, seja enquanto realidade física, geográfica, sociológica, organizacional, pedagógica, autônoma (MAGALHÃES, 1998, p. 52).

Neste período, passou a ser discutida a crise no sistema educacional, destacando-se trabalhos como de Bourdieu e Passeron e Ivan Illich, onde há a busca de novos referenciais teóricos para o estudo da educação. A partir de então há uma renovação na pesquisa em educação, com a inclusão de técnicas da etnografia e estudos de casos. As mudanças implicam em transformações como novos olhares para os sujeitos e para o cotidiano escolar. (FARIA FILHO, et al., 2004, p. 141).

Uma das influências para as mudanças na historiografia da educação foram os Estudos Culturais que emergiram na Inglaterra da década de 1950, no contexto do pós-guerra e da Guerra Fria. Uma geração de intelectuais que ficou conhecida como a New Left, por sua ruptura com o Partido Comunista Inglês, onde destacam-se nomes como Raymond Williams (1921-1988), Richard Hoggart (1918-2014), Edward Thompson (1924-1993) e outros. Os Estudos Culturais promoveram pesquisas sobre a cultura dos trabalhadores, culturas populares e de massa em uma perspectiva de crítica social.

A partir de 1990, a historiografia da educação tem passado por um processo de renovação, com a escolha de novos objetos, voltados para as instituições

escolares e não mais a partir de elementos externos a elas. Há novos questionamentos no estudo de leis e decretos que não revelam sua aplicação nas práticas das instituições escolares (MAGALHÃES, 1998, p. 52). Considerando que as leis e normas são uma representação, Magalhães (1998) questiona se não é mais relevante pensar na mediação que os sujeitos fazem a partir de suas realidades. São introduzidas novas metodologias, incluindo abordagens serial, quantitativa e qualitativa. A historiografia que analisa a educação a partir de grandes quadros conceituais externos a ela é questionada (MAGALHÃES, 1998):

Vistas a partir de sua própria epistemologia, a história da educação, como a história da escola constituem um campo aberto em franca renovação, seja no sentido de superação de lacunas do conhecimento, seja no sentido de novas formas de abordagem como se referiu. Vistas a partir das ciências da educação, focalizadas na escola, tem procurado responder a um núcleo duro de questões trans e interdisciplinares, definindo e consolidando o estatuto epistêmico através do contributo para debates centrais às ciências da educação (MAGALHÃES, 1998, p. 57).

A historiografia da educação passou a considerar não somente as normas, mas também sua apropriação pelos sujeitos escolares, incluindo tensões e resistências: “A estrutura escolar é em essência a relação que se estabelece, entre os quadros institucional, grupal e individual, articulando acção (práticas), representação, apropriação” (MAGALHÃES, 1998, p. 55).

Entre os objetos de estudo desta nova historiografia encontra-se o espaço que pode incluir a edificação, o bairro; o tempo que inclui o calendário e o horário; o currículo que pode abranger as matérias, os métodos (MAGALHÃES, 1998, p. 56).

Uma das perguntas que esta nova historiografia se propõe a responder é: o que é a escola? Podemos considerá-la um espaço de integração, socialização, controle e disciplina? Neste sentido podemos nos perguntar o que é uma escola libertária? Como classificar a Colméia, escola organizada por Sébastien Faure que chegou a declarar às autoridades escolares francesas que sua organização não era uma escola? Podemos considerar a afirmação de Faure como uma estratégia de resistência ou ele realmente não considerava A Colméia uma escola? Podemos considerar como instituições escolares somente as Escolas Modernas inspiradas em

Francisco Ferrer? ou também os cursos noturnos para trabalhadores e bibliotecas dos sindicatos como espaços de aprendizagem? Devemos pensar estes espaços como instituições escolares? Para os anarquistas, não somente a escola formal, mas também o sindicato é um local de aprendizagem. Muitos anarquistas alfabetizaram-se ou completaram sua formação nas bibliotecas dos sindicatos e associações de classe. O escritor Sylvio Floreal foi um dos exemplos de autodidatismo, aprendendo junto aos livros da biblioteca da Federação Operária de Santos e a outros trabalhadores.

Domingos Alexandre, conhecido como Sylvio Floreal, nasceu em Santos-SP, foi colaborador do jornal *A Revolta*, ao lado de Florentino de Carvalho, que atuou como professor nas Escolas Modernas de São Paulo. Foi autor de diversos livros, entre eles: **Atitudes**, (1922), **Ronda da meia-noite** (1925) e **Coragem de amar** (1925). A biblioteca de João Penteado, contava com um exemplar do livro **Atitudes**, uma coletânea de textos jornalísticos, publicado pela Casa Duprat, em 1922. (Coleção João Penteado/UEIM/UFSCar).

Sylvio Floreal foi pedreiro, funcionário dos correios e jornalista. Segundo Nelson Schapochnik, Floreal teria estudado na Escola Noturna da Federação Operária de Santos, onde eram oferecidos cursos de alfabetização, teatro, sociologia e política. (SCHAPOCHNIK, 2002, p. 11). Afonso Schmidt descreve Sylvio Floreal como um autodidata, discípulo do escritor uruguaio Ernesto Herrera que viveu no Brasil por um curto período:

Sylvio Floreal escrevia fabulosamente. Não havia papel que chegasse. Li os seus primeiros escritos, a lápis, em papel de embrulho. Na rua, anotava frases - as suas memoráveis frases - na margem estreita de um jornal. A caligrafia não passava de garranchos de meninos de escola. A falar verdade, se teve algum estudo foi muito pouco, talvez a Cartilha e os cadernos Garnier, numa escolinha de bairro. Nada mais. Ribeiro Couto uma vez aconselhou-o: - Sylvio Floreal, você precisa de escola.... Ao que ele respondeu com a convicção de um Flaubert: - Eu tenho a minha escola. Recusava-se pois a compreender. O que ele sabia de leitura e escrita foi obra sua, exclusivamente sua, naquela grande e encoscorada mesa da Federação Operária, diante do exemplo de Ernesto Herrera, ou discutindo com os camaradas da construção civil. (SCHMIDT, Afonso. **A Tribuna**, 26/01/1939)

Desde o século XIX, desenvolveu-se uma vasta tradição no campo da

educação libertária em centros de cultura, ateneus, bibliotecas populares, associações de classe e sindicatos, contando muitas vezes com práticas de autodidatismo. Para Valverde, o autodidatismo propagou-se no momento em que o capitalismo negava aos trabalhadores o acesso à educação formal e à cultura:

A par da maioria dos militantes anarquistas ser autodidata, subjaz na teoria educacional libertária o campo fértil para esta forma de aquisição do saber e da cultura, pois o autodidatismo é fruto, em grande parte, do ensino mútuo levado a termo nos centros de estudos operários, nos seus grêmios lítero-políticos e nas suas associações de classe, em veladas e meetings. Com um direcionamento para o aspecto político-ideológico muito preciso: a emancipação política-intelectual do proletariado. (VALVERDE, f. 212)

Para os anarquistas, a educação poderia estar presente além dos muros das escolas. As associações de classe e sindicatos ofereciam a seus frequentadores bibliotecas com livros e jornais. Todos estes espaços têm em comum o propósito de educar para a emancipação, criticando as injustiças sociais e muitas vezes, propondo novas formas de se relacionar com pessoas e com a natureza. Os trabalhadores poderiam ler e discutir com seus colegas, assistir a palestras, formar grupos teatrais ou mesmo participar de aulas de alfabetização de adultos. Além disso, o próprio fazer da militância no sindicato era considerado uma forma de aprendizagem. Edgard Leuenroth, em palestra proferida em 1965 no Centro de Cultura Social, afirma que os “sindicatos eram o prolongamento do lar dos trabalhadores”:

[...] Nos reuníamos lá para trocar impressões, para divulgar, extrair cultura dos jornais que chegavam de fora, dos folhetos que surgiam às dezenas, aos milhares, e feitos por quem? [...] Eram grupos editores organizados por operários, lançaram sobre todos os temas do movimento social e do proletariado, isso determinava o que? Sustentava os trabalhadores, a leitura, a procura do saber, a procura do centro de cultura. (LEUENROTH, 2016, p. 24-25)

Os sindicatos e associações de classe eram locais para ter contato com a leitura de livros e jornais produzidos muitas vezes por outros trabalhadores. Estes espaços eram organizados e sustentados financeiramente por seus associados. Os militantes anarcossindicalistas viam no sindicato um local de formação dos trabalhadores. Edgard Leuenroth recorda a transformação pela qual passavam aqueles que ingressaram nos sindicatos das primeiras décadas do século XX:

[...] uma luta de verdadeira consciência de elementos fortes, vindos, às vezes, dos botequins, viciados pela bebida e pela proporção de lugares menos apropriados, tornaram-se verdadeiros militantes, militantes nas suas consciências, como uma consciência firme do que significa a organização operária, como da finalidade a que ela se destinava. E não só isso, tornaram-se escritores, bons oradores, jornalistas todos saídos e pertencentes a uma associação (LEUENROTH, 2016, p. 24).

Os trabalhadores, ao participar das práticas cotidianas nos sindicatos e associações de classe, formavam-se enquanto classe operária e completavam a educação que muitas vezes não tiveram a oportunidade de adquirir nas escolas formais. Os sindicatos eram a base da organização do movimento operário das três primeiras décadas do século XX, preparando os trabalhadores para a autogestão das greves.

A função do anarquista dentro do sindicato não é dirigir, ser direção, é fazer do sindicato uma escola, onde ele procura levar todos os ensinamentos. Na época, os sindicatos tinham bibliotecas, editavam livros e folhetos, faziam palestras, havia todo um trabalho dentro das associações. (CUBERO, 2016, p. 85)

As tipografias foram também locais de aprendizagem para muitos anarquistas como Leuenroth, Proudhon, Anna Mahé e Emile Lamotte. Edgard Leuenroth (1881-1968) nasceu em Mogi Mirim, e ficou órfão de pai aos três anos. Veio morar com a família na cidade de São Paulo, no bairro do Brás. Frequentou a escola por poucos anos, pois teve que sair para trabalhar e ajudar a família. Ainda muito jovem, foi trabalhar no jornal *O Comércio de São Paulo*, como tirador de provas. Neste jornal, teve contato com intelectuais e o cotidiano da escrita e das ideias, complementando sua formação:

A existência desse jornal está a exigir a pena adestrada para escrever sua história cheia de episódios cada qual mais interessante. Foi um verdadeiro escrínio de intelectualidades. Pode-se ajuizá-lo acerca desta assertiva por esta primeira equipe que lá encontrei, secundada por outras, no decorrer dos anos: Eduardo Prado, diretor, Afonso Arinos, redator chefe, Couto de Magalhães Sobrinho, secretário, Horácio Guimarães, Edgard da Mata Machado, redatores, Arduíno de Bolívar, Aristóteles de Oliveira, revisores e quantos! Tive ali, de certo modo, o prolongamento do curso escolar, inopinadamente truncado. Nos intervalos das sequências das provas a tirar, punha-me à porta da redação, a observar e a ouvir, o mesmo fazendo junto à revisão e, ainda, sondando as tertúlias da

improvisada sala-de-estar. Muitas são as recordações que conservo de minha convivência nesse jornal, principalmente em suas oficinas, onde encontrei gráficos com notáveis capacidades intelectuais. (LEUENROTH, 2016, p. 47).

O estudo da educação libertária poderia ser apresentado com um horizonte mais amplo do que uma escola formal, pois para os anarquistas, outros espaços, como os sindicatos, associações de classe, centros de cultura e bibliotecas também foram vistos como lugares de aprendizagem. Um dos exemplos é o Salão das Classes Laboriosas, no qual libertários proferiram palestras, vendiam jornais e promoviam uma série de atividades culturais. O espaço foi frequentado por famílias anarquistas, em um ambiente de aprendizado e sociabilidade, para adultos e crianças, como relata a escritora Zélia Gattai:

A garotada transformava essas reuniões políticas em divertimentos. Ambiente festivo, todo mundo levava os filhos, costume - ou necessidade - das pessoas pobres que, em geral, não tem com quem deixá-los quando precisam sair. Compareciam crianças de todas as idades, inclusive nenês de peito, que mamavam durante as conferências, o seio servindo de tampão para calar-lhes as bocas quando ameaçavam chorar.

As noitadas eram divididas em duas partes e, para mim, a primeira era a melhor: vendiam-se jornais - "A Lanterna", jornalzinho anticlerical, e "La Difesa", jornal socialista; faziam-se rifas de objetos e de livros, tudo em benefício dos próprios jornais e para o aluguel do salão. Vera e eu integrávamos o corpo das vendedoras. (GATTAI, 1997, p. 170)

No Salão das Classes Laboriosas, os trabalhadores e duas famílias tinham contado com a cultura escrita, por meio dos jornais e livros anarquistas e socialistas. As crianças, como a pequena Zélia, declamavam poemas e vendiam jornais. Além disso, todos assistiam às conferências proferidas por Edgard Leuenroth, Conde Francesco Fróla e outros. Zélia Gattai confessa que não entendia as palestras, gostava mesmo dos comentários do público: "sempre muito inflamados, feitos em vários idiomas ao mesmo tempo, cada qual usando o seu [...] (GATTAI, 1997, p. 173). Embora as conferências não fossem muitas vezes acessíveis ao entendimento das crianças, os adultos se envolviam e debatiam entre si.

Os objetivos da educação libertária extrapolavam a formação para o mercado de trabalho ou para a cidadania. A educação era uma ferramenta para a emancipação.

O Centro Feminino Jovens Idealistas, fundado em 1913, declarava seus objetivos no jornal *A Lanterna*, em 1916: reunir um grande número de mulheres e instituições interessadas na emancipação feminina; criar escolas para a instrução de mulheres, criar bibliotecas, editar livros e promover a propaganda pela emancipação; promover festivais e conferências. (LUDMILA, et. al., 2021, p. 147). Em 1915 fundaram uma escola dominical destinada a mulheres e meninas que contava com uma biblioteca.

O Centro Feminino criou escolas, bibliotecas e editou livros, com o objetivo de educar e instruir mulheres para que pudessem ser agentes de sua própria emancipação.

Na educação libertária cabem escolas formais para crianças e jovens, mas também escolas dominicais, quando faltam recursos materiais para aulas regulares semanais, escolas noturnas voltadas para trabalhadores adultos ou exclusivamente para mulheres, em reconhecimento a uma desvantagem social do gênero, como a escola do Centro Feminino Jovens Idealistas.

A escola pode ser uma instituição de reprodução dos valores sociais vigentes e de controle, mas também de formação de novos modos de pensar e agir:

A escola como instância central dos sistemas educativos modernos e contemporâneos, estatais ou não, assumiu funções de produção e reprodução sócio-cultural, funções de controle e de conformação ao nível dos comportamentos, ideologia, representações e expectativas, mas também funções de mobilidade, libertação, construção.” (MAGALHÃES, 1998, p. 61).

O que seria um modelo escolar no contexto libertário? Haveria também um modelo para os centros de cultura ou ateneus? Marta Carvalho, quando se refere ao modelo escolar paulista, afirma que era: “um modelo produzido por uma pedagogia, uma política e uma estratégia de formação docente articuladas segundo uma lógica regida pelo primado da visibilidade.” (CARVALHO, 2011, p. 185) No caso do modelo escolar paulista, os “bons moldes” de práticas docentes eram difundidos por meio de

livros, revistas e relatórios, com o objetivo de disseminar práticas consideradas ideais. (CARVALHO, 2011, p. 185)

Douglas Leutprecht, estudou em sua tese, as apropriações do modelo pedagógico racionalista postulado pela Escola Moderna de Barcelona, por parte da Escola Moderna n.1 de São Paulo e da Escola de Stelton, nos Estados Unidos. Nas duas escolas, foram incorporadas também práticas vigentes no período, como a metodologia lição de coisas, no caso da Escola Moderna de São Paulo. O autor identifica um modelo pedagógico racionalista:

O modelo pedagógico racionalista foi construído baseado no Programa Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista. De modo geral, caracterizava-se principalmente pelos seguintes elementos: educação científica e racional, coeducação social e de gênero, educação integral e higiene da infância. (LEUTPRECHT, 2018, f. 83)

A educação científica se caracterizava pela valorização da ciência e pelo ensino laico; a coeducação incluía o convívio entre meninas e meninos e, entre diferentes classes sociais; a educação integral incluía o desenvolvimento de habilidades intelectuais, físicas e manuais; e, a higiene era abordada nas aulas e também nas palestras dominicais voltadas para os adultos, com temas relacionados a doenças transmissíveis e como evitá-las, no caso da Escola Moderna de Barcelona.

Para os anarquistas do início do século XX, a Escola Moderna n.1 de Barcelona foi uma instituição modelar. No contexto paulista, a Escola Moderna n.1, dirigida por João Penteado também teve esta função. (LEUTPRECHT, 2018, f. 148)

Uma importante categoria de interpretação é a “cultura escolar”, presente em diversas áreas do conhecimento, como a pedagogia, psicologia da educação, didática e sociologia da educação. (FARIA FILHO, 2004, p. 142). Para Dominique Julia, a cultura escolar é definida como:

“[...] a cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses

conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.” (JULIA, 2001, p. 09)

Neste sentido, a cultura escolar institucionalizada, em diversos contextos, entrou em conflito com as práticas da educação libertária. Os “conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar” das Escolas Modernas, Colméia e Escola de Iasnaia Poliana se opuseram aos interesses do Estado e das instituições religiosas. No estudo da história sociocultural da escola não devem ser desprezadas as resistências e tensões. (JULIA, 2001, p. 12). As pesquisas com enfoque nas experiências de educação libertária podem ser importantes para evidenciar exemplos de conflitos de interesse e resistência por parte dos sujeitos envolvidos, como alunos, diretores, professores, bibliotecários e outros.

As práticas pedagógicas e culturais no anarquismo ganharam destaque a partir do surgimento do comunismo libertário ou anarco-comunismo (SILVA, 2011, p. 95). Na década de 1870 o movimento anarquista atravessou momentos de crise e de mudanças profundas: em 1871 houve a derrota da Comuna de Paris. Em 1872, Bakunin foi expulso da Associação Internacional dos Trabalhadores e faleceu em 1876. Kropotkin voltou à Europa Ocidental e entrou em contato com a Federação Jurassiana, na Suíça, que havia sido fundada em 1871 pelos coletivistas. Por influência de Kropotkin, Malatesta, Elisée Reclus e de Carlo Cafiero, a Federação Jurassiana abandonou o coletivismo e passou a denominar-se anarco-comunista. De acordo com o coletivismo a cada um deveria ser distribuído conforme sua capacidade de trabalho e para o anarco-comunismo, a distribuição da produção deveria ser realizada conforme as necessidades de cada um. Por influência das ideias de Kropotkin e Elisée Reclus, no anarco-comunismo cresceu a importância atribuída à disseminação do conhecimento e diminuíram as práticas da propaganda pela ação e do terrorismo. (SILVA, 2011, p. 95).

A pesquisadora Judith Suissa analisa os princípios centrais do anarquismo relacionados à educação e à natureza. A autora destaca que é importante compreender as origens teóricas e filosóficas do anarquismo para entender os valores da educação anarquista, é igualmente importante entender a educação anarquista para entender o pensamento anarquista. (SUISSA, 2010, p. 2). A autora analisa os valores da educação anarquista: “autonomia, igualdade, liberdade

individual”, mas que também são valores da sociedade liberal. Suissa afirma que muitos dos primeiros experimentos anarquistas na educação atribuíram destaque ao conceito de racionalidade, com um lugar central em seus programas e currículos e a organização internacional criada por Francisco Ferrer, chamada Sociedade para a Educação Racional (SUISSA, 2010, p. 35). - (tradução livre da autora). A educação liberal também enfatiza a racionalidade no desenvolvimento humano. Para os anarquistas, de forma semelhante havia a ideia de que a racionalidade e o conhecimento levariam a uma melhoria da sociedade. Para Suissa, no entanto, a diferença estaria no conceito de natureza humana dos anarquistas que destaca tendências à benevolência, sociabilidade e propensão à ajuda mútua. (SUISSA, 2010, p. 36). A autonomia na educação libertária também seria um dos aspectos centrais, no entanto, deve ser também associada a valores como a cooperação. Para Suissa, muitos teóricos liberais citam a autonomia como um valor central na educação, para sustentação do estado liberal. (SUISSA, 2010, p. 41). Uma pessoa autônoma deve assumir as responsabilidades por suas ações. Para Suissa, o teórico anarquista que mais se aproxima da concepção de autonomia e liberdade é Godwin, para quem a liberdade não era uma falta de restrição de ações, mas alguém capaz de consultar a própria razão e chegar às suas próprias conclusões antes de agir. A ideia de autonomia anarquista é diferente da autonomia liberal. Para o anarquista, a liberdade está relacionada à noção de justiça social. Para Bakunin ser livre só é possível ao reconhecer a liberdade de seus semelhantes. (SUISSA, 2010, p. 44).

Silvio Gallo (1996) defende que o anarquismo não pode ser compreendido como doutrina política, mas como princípio gerador. Seria uma atitude de negação da autoridade e afirmação da liberdade. Para Gallo o anarquismo teria quatro princípios básicos: autonomia individual, autogestão social, internacionalismo e ação direta. O autor considera como práticas de ação direta a propaganda através de livros e jornais, práticas teatrais e a educação formal e informal. Defende que a educação libertária deve ter a liberdade como fim. Gallo destaca a importância atribuída à educação pelos anarquistas, através do ensino formal em escolas e não formal através do teatro, da imprensa e da alfabetização de trabalhadores em sindicatos e associações de classe.

Considerando que um dos princípios do anarquismo é o internacionalismo, serão apresentados autores anarquistas que escreveram sobre educação e, a seguir, experiências educativas que influenciaram os anarquistas atuantes no Brasil.

Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), um dos teóricos mais influentes do anarquismo teve a educação como uma de suas temáticas. Afirmava que o ensino, no regime capitalista, servia para reproduzir a distinção de classes. (LIPIANSKY, 2007, p. 25). Proudhon defende uma educação que envolve a teoria e a prática, o trabalho e a reflexão. A educação fundamenta-se no trabalho, no conceito de politecnia do aprendizado que envolve a formação profissional, mas desenvolve também a dimensão intelectual. O ensino deve educar para o trabalho, mas também proporcionar senso crítico e autonomia. Há uma crítica à divisão entre trabalho manual e intelectual: a formação deve ser prática e teórica. Proudhon critica o ensino estatal, pago pelo povo e usufruído pelos ricos, pois os menos abastados eram obrigados a trabalhar desde cedo. O ensino público serviria para perpetuar as desigualdades sociais. Proudhon defende a organização social em pequenas comunidades autônomas, evitando a concentração de poder. A educação seria gerida pela comunidade, sem a interferência do Estado. (CODELLO, 2007, p. 95). A educação se realiza em diferentes espaços como: “a família, a comuna, a profissão e os sindicatos” (LIPIANSKY, 2007, p. 31). O aprendizado deveria ser um processo contínuo, desenvolvido ao longo da vida. Os próprios postos de trabalho, como fábricas ou o comércio, seriam locais de aprendizagem. A renovação do ensino seria a condição para uma nova sociedade:

[...] Proudhon preocupa-se em propor uma educação diversa inspirada nos valores do socialismo libertário e, assim, os seus esforços se dirigem a uma formação de um novo homem, livre e autônomo. Para isso, não poupa críticas ao trabalho educativo da Igreja e da religião, às suas obras de doutrinação e de condicionamento, em detrimento desse aspecto fundamental da atividade humana (CODELLO, 2007, p. 105).

Destacam-se neste trecho, as críticas ao ensino religioso, alinhado à manutenção das desigualdades sociais e a necessidade de uma educação com novos valores para a formação para a autonomia.

Na biblioteca de João Penteado havia livros de autoria de Proudhon, como

“Que é a propriedade? Estudo sobre o princípio do direito e do governo”, publicado em São Paulo, pela Edições Cultura Brasileira, sem data (UEIM/UFSCAR). E, sobre Proudhon: “Proudhon su vida y su correspondencia”, de autoria de Saint-Beuve, publicado em Buenos Aires pela Editorial Americalee, em 1945. (UEIM/UFSCAR).

Mikhail Bakunin (1814-1876), defendia a ideia de uma educação integral, incluindo o desenvolvimento de habilidades intelectuais e manuais. Este deveria ser o fundamento do ensino em uma sociedade livre. Todos, meninas e meninos, deveriam ter acesso à educação integral e desenvolverem plenamente suas capacidades intelectuais, físicas e morais. Desta forma, o domínio do saber intelectual e da ciência deixaria de ser privilégio de uma classe dominante e fator de perpetuação de desigualdades.

A família e a escola deveriam respeitar a liberdade dos jovens para seu pleno desenvolvimento da autonomia. O autor critica o autoritarismo exercido pelas famílias quando obrigam os filhos a realizarem trabalhos pesados ou os maltratam de alguma forma. A escola também não deve exercer nenhum tipo de violência sobre os alunos. (CODELLO, 2007, p. 114). A educação pode ter um papel libertador, devendo respeitar o desenvolvimento das individualidades, com suas diferentes características.

O homem é resultante de seu meio social, incluindo os valores vigentes, portanto, para a construção de uma sociedade livre deve-se estimular a Revolução que trará valores como a solidariedade. A educação integral está estreitamente relacionada à emancipação para uma sociedade nova: “A educação é, portanto, um elemento indispensável para a emancipação humana, e o seu futuro em uma sociedade libertária é importante para impedir que novas formas de domínio e de desigualdade possam se formar.” (CODELLO, 2007, p. 135)

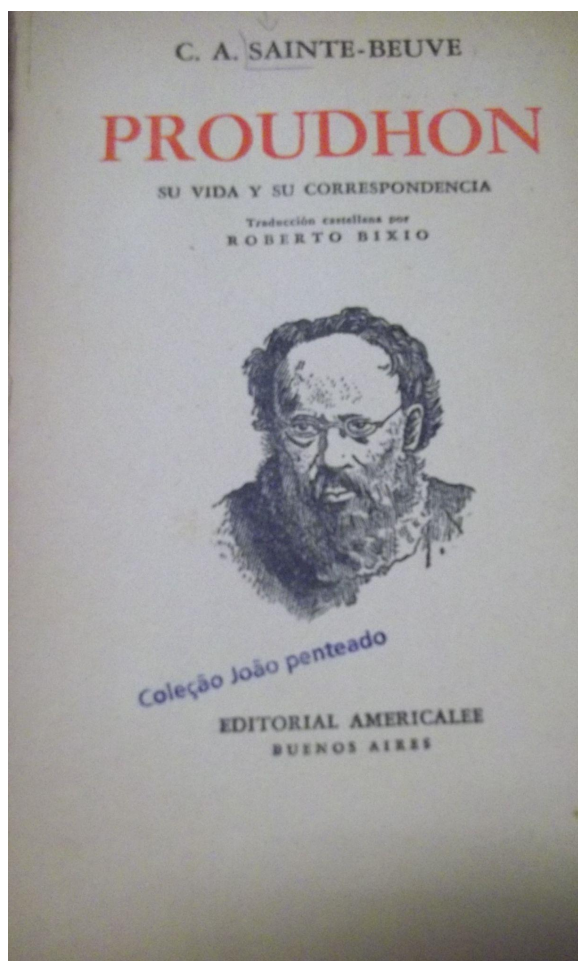
Na biblioteca de João Penteadado havia um exemplar do livro “Dios y el Estado”, de Mikhail Bakunin, publicado em Barcelona, pela Casa Editorial Sopena, sem data. (UEIM/UFSCAR).

Outro autor clássico entre os grandes teóricos do anarquismo presente na biblioteca de João Penteadado é Piotr Kropotkin (1842-1921). Nascido em Moscou,

desde jovem rejeitou o título de príncipe da nobreza russa. Ingressou no Exército imperial russo, percorreu vastas paisagens da Rússia a pé, onde teve contato com a realidade dos camponeses.

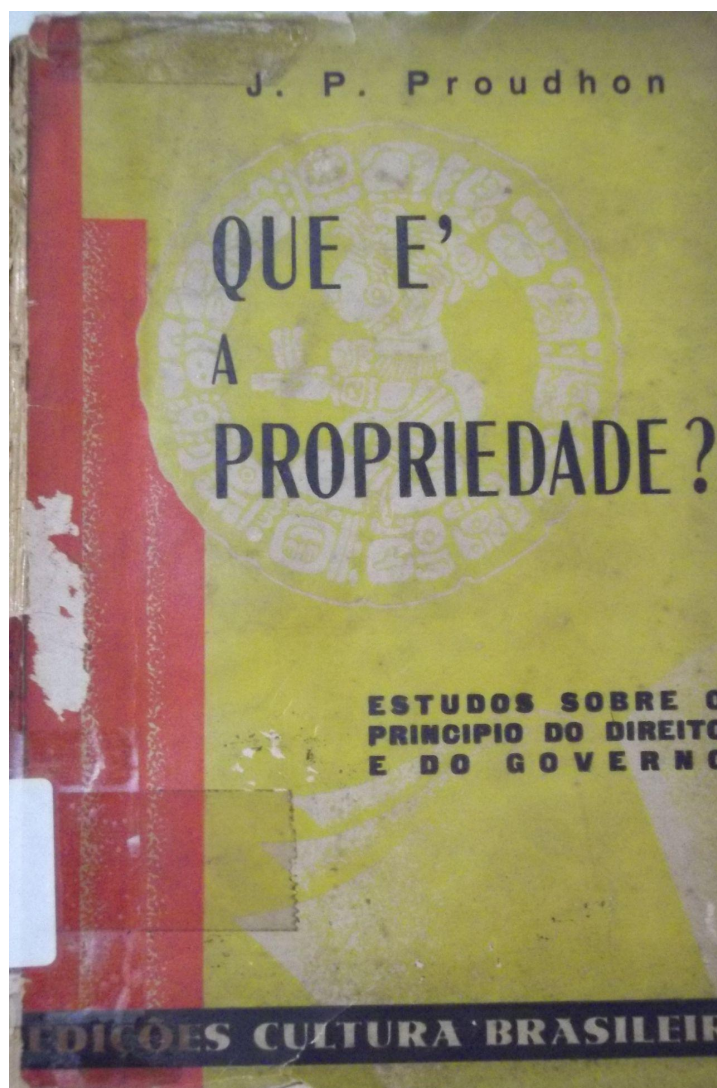
Embora as obras de Kropotkin não tratem diretamente de educação, muitos de seus livros trazem menções a ideias pedagógicas. (CODELLO, 2007, p. 137-138). Em *A conquista do pão*, uma das obras mais populares entre militantes os anarquistas, inclusive do Brasil, a Revolução é concebida como o “despertar da inteligência”. As mudanças sociais e econômicas que podem vir a ser conquistadas por meio da Revolução, devem ser garantidas pelo desenvolvimento intelectual do povo. Com jornadas de trabalho reduzidas, o tempo livre do trabalhador pode ser usado para dedicar-se a atividades intelectuais, científicas e artísticas. Kropotkin observa que na sociedade de seu tempo, as desigualdades sociais impedem que os trabalhadores, crianças e adultos, tenham acesso à educação, em grande medida, devido às extensas jornadas de trabalho. O autor fazia críticas ao ensino ministrado pelo Estado, pois habituava as crianças à aceitação do servilismo. Kropotkin criticava o autoritarismo, castigos e punições no ensino, defendia uma educação baseada em princípios éticos. Assim como Bakunin, Kropotkin defende o princípio da educação integral que combina aprendizagens intelectuais e manuais.

Figura 1 - Folha de rosto de SAINTE-BEUVE, C.A. **Proudhon**: su vida y su correspondencia. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.



Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 2 - Capa de PROUDHON, J.P. **Que é a propriedade?** Estudos sobre o princípio do direito e do governo. São Paulo: Cultura Brasileira, s.d.



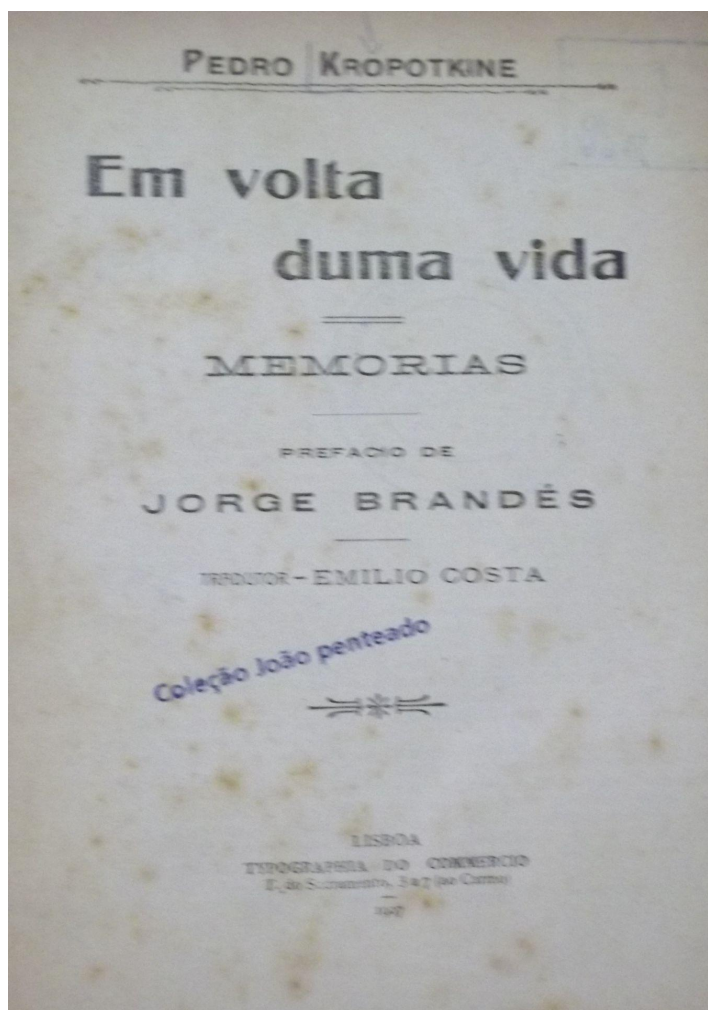
Fonte: UEIM/UFSCAR

Há de acordo com Kropotkin dois lados da natureza humana, uma egoísta e outra cooperativa. Nas sociedades humanas há também duas tendências históricas contrárias: competitivas/ egoístas e solidárias/altruístas (que organizam grupos de ajuda mútua, associações de trabalhadores, guildas, sindicatos). Em qualquer sociedade, por mais competitiva que seja, não pode eliminar o altruísmo das pessoas. A educação, no entanto, pode estimular o aspecto altruísta da natureza

humana. A educação seria a base da sociedade anarquista ao estimular o altruísmo e a ajuda mútua entre as pessoas. (SUISSA, 2010).

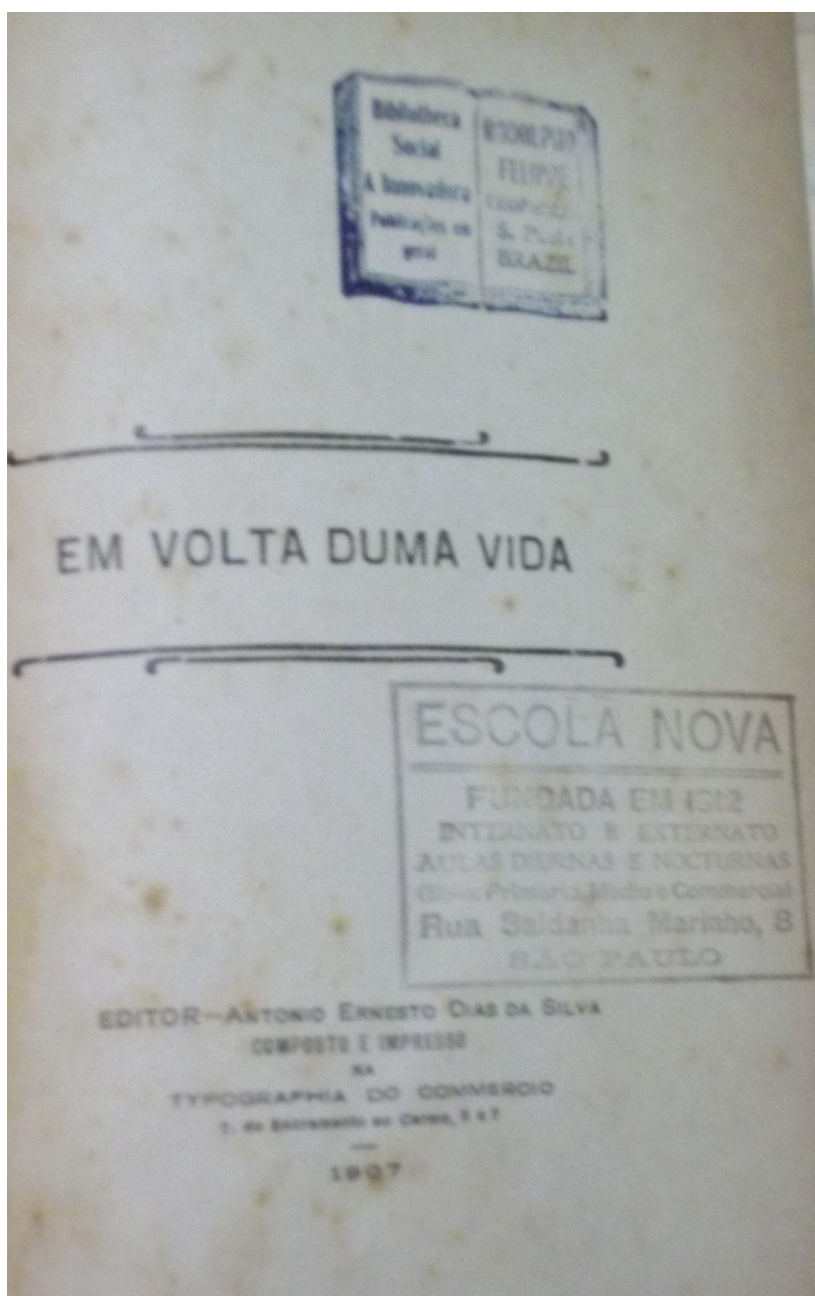
No livro ‘Memórias de um revolucionário’, uma autobiografia, o autor apresenta, entre outros temas, sua formação e suas leituras. Este livro está presente na biblioteca de João Penteado com o título “Em torno de uma vida: memórias de um revolucionário”, publicado pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro, em 1946. (UEIM/UFSCAR). Além deste título, há também a edição portuguesa: “Em volta duma vida: memórias”, publicado em Lisboa, 1907. (UEIM/UFSCAR). O acervo da biblioteca de João Penteado contava também com outros livros de autoria de Kropotkin, como “A Grande Revolução”, sobre a Revolução Francesa. O exemplar de João Penteado era da primeira edição traduzida para o português, pela editora Athena, Rio de Janeiro, de 1935. Outras obras presentes no acervo são: “A questão social: o anarquismo em face da ciência”, publicada em São Paulo, pela Biblioteca Prometeu, em 1913. Há também a obra “Palavras D’ um revoltado”, que reúne textos publicados por Kropotkin entre 1879 e 1882, no jornal *Le Revolté*. A edição da biblioteca de Penteado foi publicada em Lisboa, pela editora Guimarães e Cia, em 1912. (UEIM/UFSCAR).

Figura 3 - Folha de rosto de KROPOTKIN, P. **Em volta duma vida**: memórias. Lisboa, Tipografia do Comércio, 1907.



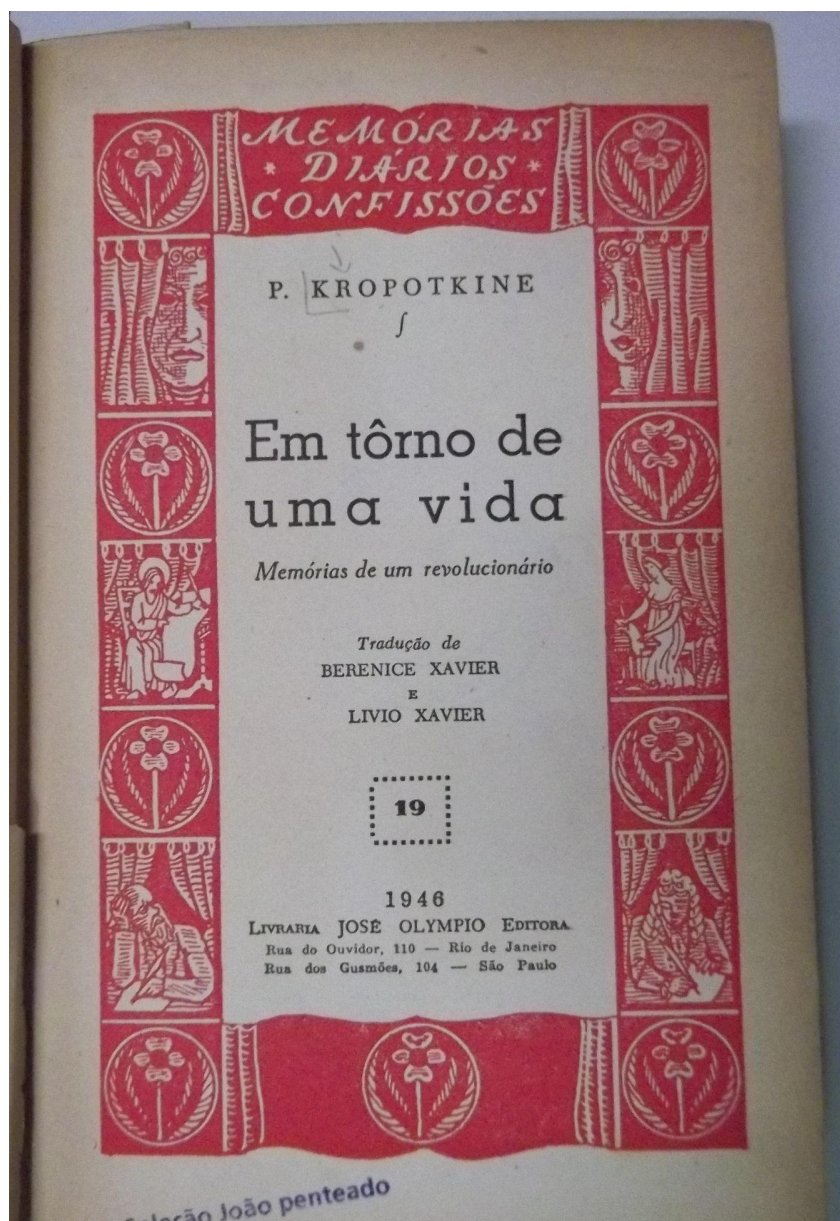
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 4 - Folha de rosto de KROPOTKIN, P. **Em volta duma vida**: memórias. Lisboa, Tipografia do Comércio, 1907. Com carimbos da Biblioteca Social A Inovadora e Escola Nova.



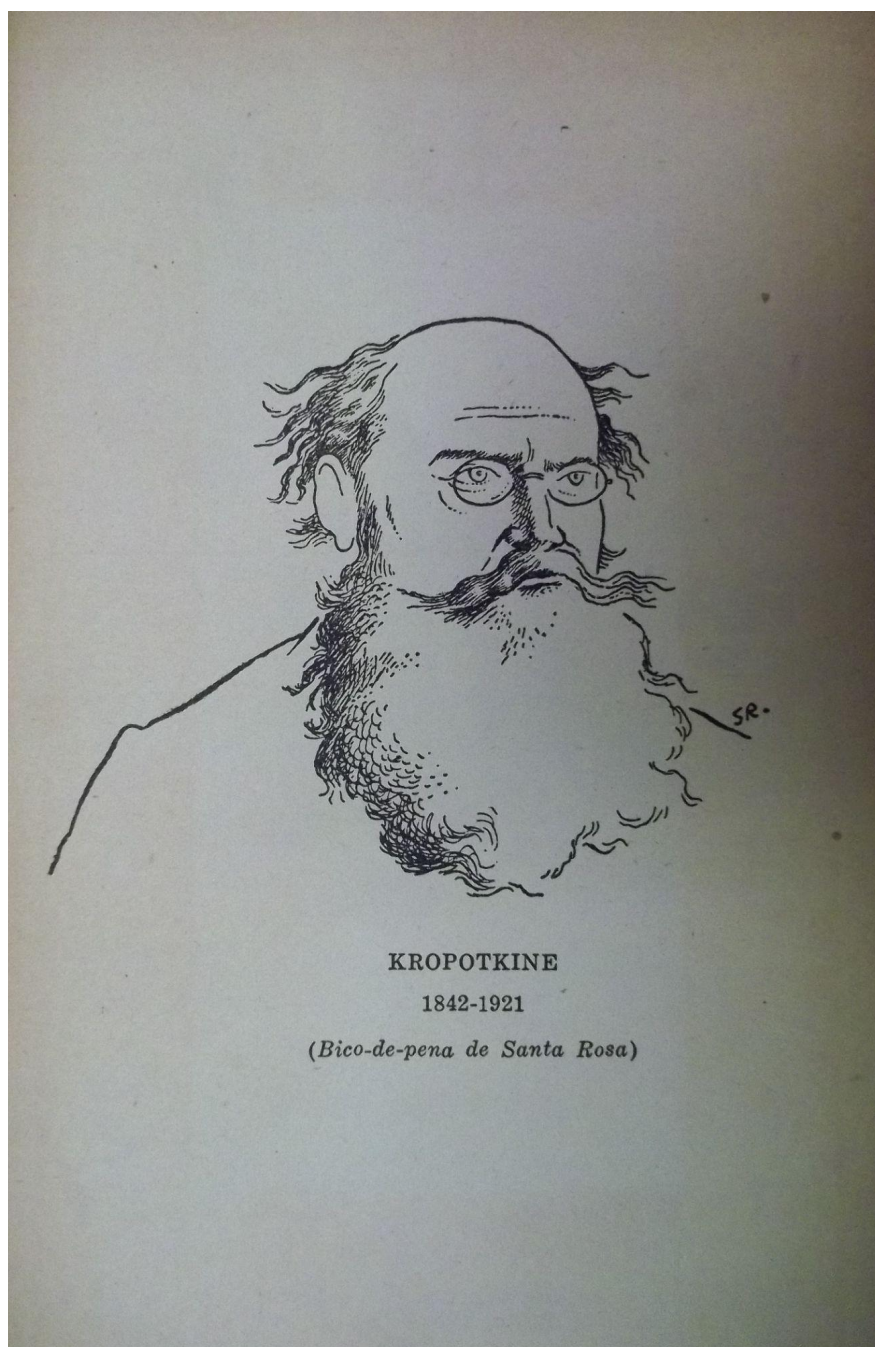
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 5 - Folha de rosto de Kropotkin, P. **Em torno de uma vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.



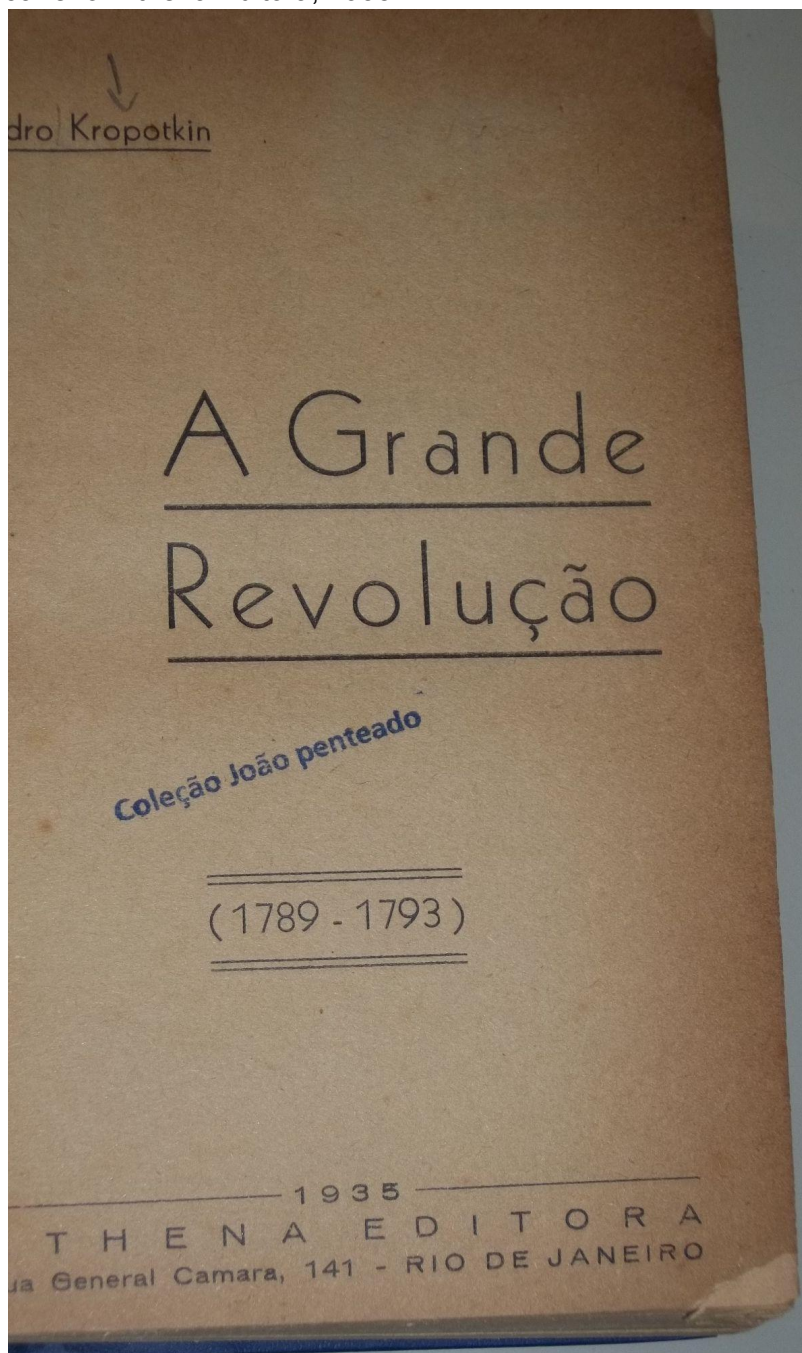
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 6 - Kropotkin, P. **Em torno de uma vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.



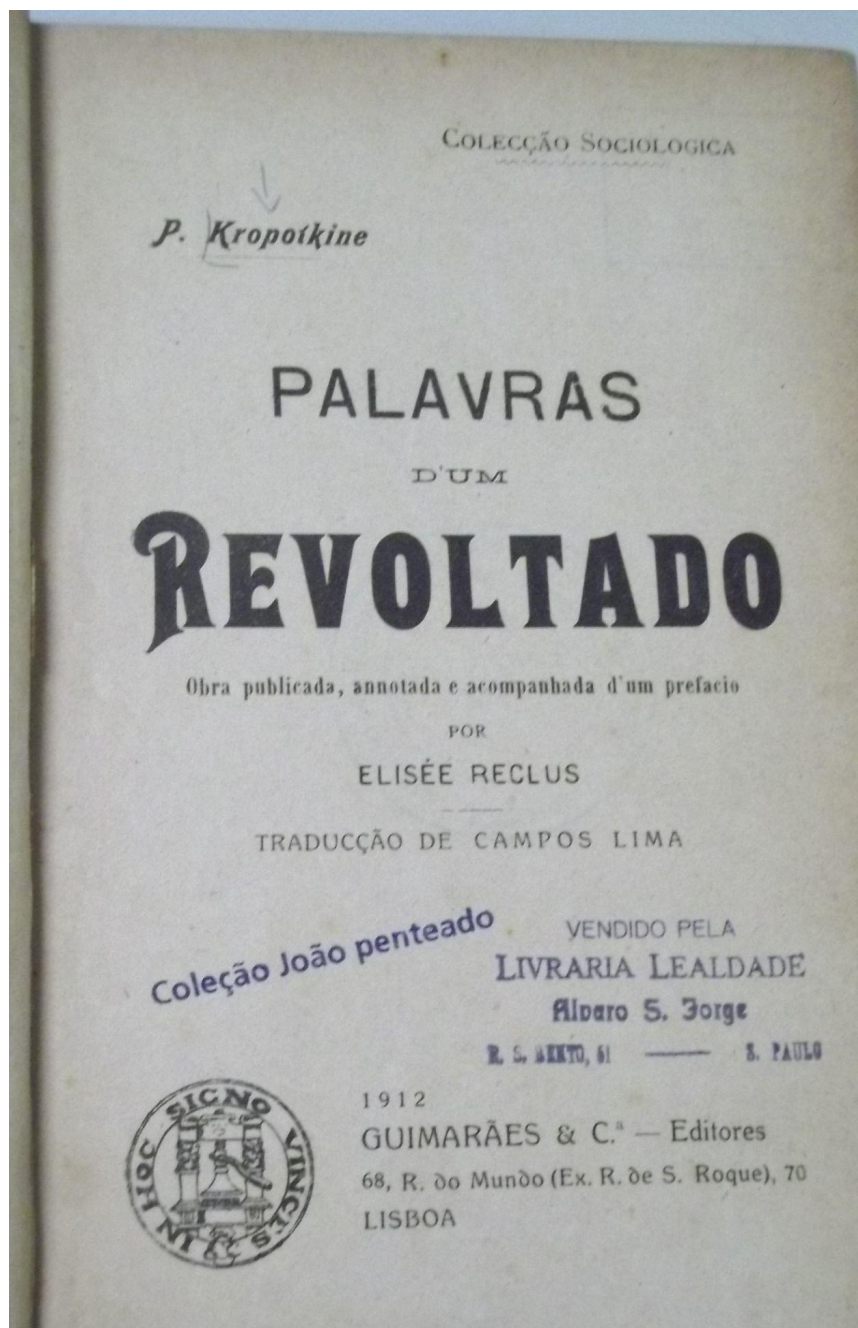
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 7 - Folha de rosto de Kropotkin, P. **A Grande Revolução (1789-1793)**. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935.



Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 8 - Kropotkin, P. **Palavras dum revoltado**. Lisboa: Guimarães, 1912.



Fonte: UEIM/UFSCAR

Em 1864 foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores. Desde seu início há uma série de discussões sobre educação das quais participaram anarquistas. Nos estatutos da Associação consta que a emancipação dos

trabalhadores deve ser realizada pelos próprios trabalhadores. Há a ideia da formação de um novo homem para uma nova sociedade. (CODELLO, 2007, p. 162)

Em continuidade às discussões sobre a educação, em 1886, durante o I Congresso da Internacional dos Trabalhadores, são debatidas a redução das jornadas de trabalho, o trabalho infantil e o feminino. No ano seguinte, durante o II Congresso da Internacional, há discussões sobre educação infantil e os limites da educação estatal. Para alguns, a educação infantil deve ser fornecida pelo Estado, mas a família também deve ter a opção de educar os próprios filhos. Discute-se e o ensino integral que inclui aprendizados de habilidades intelectuais e manuais como forma de emancipar a classe trabalhadora.

Paul Robin (1837-1912), um dos precursores das práticas educacionais libertárias, participou da Associação Internacional dos Trabalhadores, de onde foi expulso, após tomar partido de Mikhail Bakunin que entrara em conflito com Karl Marx.

Entre 1880 e 1894, Paul Robin dirigiu o orfanato de Prévost, em Cempuis, França. Neste período, Robin colocou em prática princípios da educação libertária, como o ensino misto entre meninas e meninos, ensino integral, com o estímulo ao desenvolvimento físico, moral e intelectual. As crianças do orfanato praticavam esportes ao ar livre, participavam de oficinas de madeira, ferro, costura e tipografia. Havia laboratórios de física, química e um jardim botânico para o ensino das ciências. (LIPIANSKY, 2007, p. 45-46). Era um ambiente de respeito à liberdade e estímulo à curiosidade do aluno. Robin foi partidário do neomalthusianismo, ele defendia o “bom nascimento, boa educação e boa organização social”. O planejamento familiar e o controle da natalidade seriam medidas que precedem e complementam a educação.

O planejamento familiar e o controle da natalidade eram questões primordiais para os intelectuais anarquistas. Reduzir o número de filhos envolvia questões como a saúde e a emancipação das mulheres que, com a redução dos filhos, poderiam dedicar-se a outras atividades. Para os neomalthusianos, o elevado número de filhos colaborava para o aumento da miséria das famílias trabalhadoras que acabavam por

enviar as crianças para as fábricas como uma mão-de-obra barata para complementar a renda.

A temática do controle da natalidade esteve presente em diversos textos e discursos públicos de Emma Goldman (1869-1940) e foram a causa de muitas de suas prisões. Entre os textos desta autora, temos: **Aspectos sociais do controle da natalidade**, publicado no periódico **Mother Earth**, em abril de 1916. Emma cita Robert Malthus como “pai do controle da natalidade”, argumentando em favor de sua ideia de que não há recursos naturais suficientes para um progressivo aumento da população, mas afirma que outra causa considerável da miséria da população é a concentração da riqueza. Em plena Guerra Mundial, Emma destaca que o excedente populacional é um dos pressupostos do militarismo que empurra contingentes de jovens para morrerem nas guerras. Uma grande população de pobres também era conveniente para o capitalismo, mantendo elevado o número de desempregados. Para Goldman:

Nada acorrenta tanto os trabalhadores como uma ninhada de filhos e isso é exatamente o que os oponentes do Controle da Natalidade anseiam. Miseráveis como são os ganhos de um trabalhador de uma extensa família, ele não pode se aventurar nem um pouco, então prossegue em sua rotina, se rebaixa e serve a seu mestre, para receber o suficiente apenas para alimentar suas boquinhas. Ele não ousa ingressar na organização revolucionária; não ousa entrar em greve; não ousa expressar sua opinião. Massas de trabalhadores despertaram para a importância do Controle da Natalidade como um meio de se libertarem de terrível jugo e, além disso, como um meio de fazer algo pelos que já existem, impedindo que venham mais crianças ao mundo. (GOLDMAN, 2019, p. 80).

Emancipar a mulher, libertando-a da condição de reprodutora no sistema capitalista seria outra razão, de acordo com Emma Goldman, para defender o controle da natalidade. Com muitos filhos, a mulher prejudica sua saúde e colabora para a manutenção das guerras:

Há tempos ela está ajoelhada diante do altar do dever imposto por deus, pelo capitalismo, pelo Estado e pela moralidade. Hoje ela acorda de um longo sono. Se libertou de seu pesadelo do passado; virou sua face em direção à luz e proclamou em alto e bom tom que não será mais parte do crime de trazer infelizes crianças ao mundo unicamente para serem moídos aos pedaços pelas engrenagens do capitalismo e para serem estraçalhados nas trincheiras e campos de

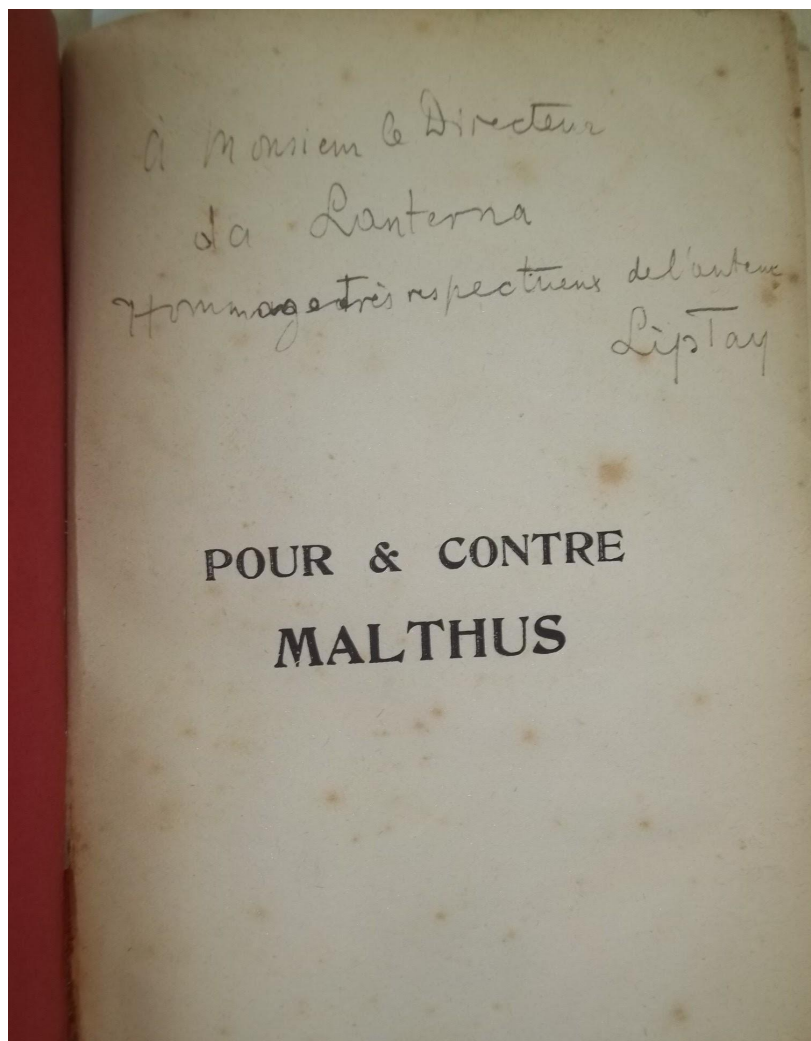
batalhas. E quem é ela para recusar? Afinal, é a mulher que arrisca sua saúde e sacrifica sua juventude na reprodução da raça. Certamente ela deveria estar na posição de decidir quantas crianças deve trazer ao mundo, se devem ser trazidos ao mundo pelo homem amado e porque quer uma criança, ou se devem nascer em meio ao ódio e à repugnância. (GOLDMAN, 2019, p. 79).

Em 11 de fevereiro de 1916, Emma Goldman foi presa, impedida de proferir uma palestra sobre controle da natalidade. Parte de seu público, indignado, foi prestar-lhe apoio na frente da delegacia. Mediante o pagamento de uma fiança de U\$500.00, Goldman foi libertada, mas foi indiciada ao tribunal da Polícia de Harlem. (GOLDMAN, 2019, p. 89-90).

Outro exemplo de engajamento com o controle da natalidade é a militante feminista e enfermeira Margaret Sanger (1879-1966) que foi amiga de Emma Goldman. Sanger proferiu palestras no Ferrer Center sobre controle da natalidade e escreveu no periódico **Mother Earth**. (AVRICH, c1980, p. 80). Seus filhos estavam entre os alunos da Ferrer School de Nova York.

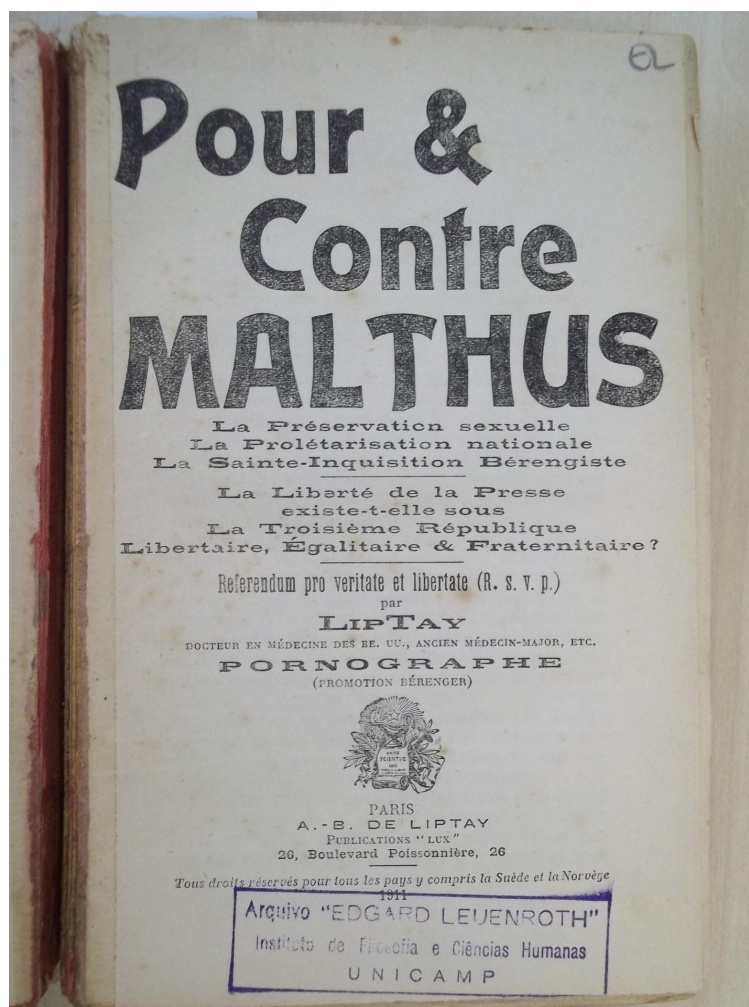
Livros sobre malthusianismo estavam presentes nas bibliotecas anarquistas. **Pour & contre Malthus**, de Alberto LipTay, publicado em Paris, 1911 era um dos exemplares da biblioteca de Edgard Leuenroth e atualmente pertence ao Fundo Edgard Leuenroth do Arquivo Edgard Leuenroth. O exemplar foi enviado pelo autor à redação do Jornal anticlerical *A Lanterna* e conta com uma dedicatória do autor.

Figura 9 - LIPTAY. **Pour & contre Malthus**. Paris: Lux, 1911.



Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth

Figura 10 - LIPTAY. **Pour & contre Malthus**. Paris: Lux, 1911



Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth

A seguir, serão apresentadas experiências de educação anarquista que influenciaram João Penteadó e outros educadores libertários atuantes em território brasileiro. Estas práticas foram relatadas na imprensa operária e, em alguns casos, em livros que circulavam no Brasil.

1.2.1 Iasnaia Poliana

Liev Tolstói (1828-1910) foi protagonista de um projeto de educação popular pouco conhecido do grande público. Tolstói tinha grande preocupação em alfabetizar

as crianças camponesas da Rússia, por esta razão fundou a Escola de Iasnaia Poliana, em 1858, em sua propriedade, em Tula.

A biblioteca de João Penteado (acervo CME/FEUSP) inclui um exemplar da obra: *La Escuela de Yasnaia Poliana*, publicada em Buenos Aires, pela editora Tor, sem data. Este texto foi publicado pela primeira vez em 1862, na *Revista da Escola Iasnaia Poliana*⁴ e posteriormente em formato de livro. A obra narra o cotidiano e os problemas da Escola Iasnaia Poliana.

Em Iasnaia Poliana eram ministradas 12 disciplinas: leitura mecânica e gradual; escrita; caligrafia; gramática; história sagrada; história russa; desenho; desenho técnico; canto; matemática; conversas sobre ciências naturais e religião. (TOLSTOI, 2021, p. 13). A escola ficava em uma casa de pedra e tinha quatro professores, além do próprio Tolstoi. Entre os alunos havia meninos e meninas de diferentes classes sociais. As meninas eram minoria, entre 5 e 10% e não se misturavam aos meninos em suas brincadeiras. O número de alunos variava entre 30 e 40, com idades entre 7 e 13 anos. Havia também de 3 a 4 adultos que frequentavam a escola durante o inverno. (TOLSTOI, 2021, p. 52). Os primeiros alunos eram da aldeia de Iasnaia Poliana, mas muitos abandonaram a escola assim que aprenderam a ler e escrever para trabalhar. Em um segundo momento, apareceram alunos de outras aldeias, atraídos pelo ensino gratuito, mas logo desistiram devido ao alto custo da alimentação. (TOLSTOI, 2021, p. 51).

No verão, estação das colheitas na Europa, a escola perdia alunos. Não havia uma disciplina rígida, os alunos não precisavam chegar no horário, levar material ou fazer lições de casa. Tinham liberdade para sentar-se onde quisessem: bancos, mesas, no chão ou junto dos amigos. (TOLSTOI, 2021, p. 20). A duração das aulas podia variar conforme a vontade de alunos e professores. Os alunos não eram obrigados a frequentar as aulas. Os alunos mais velhos sentiam maior necessidade de rotina e regras.

Não há menção à realização de estudo do meio, como em escolas racionalistas, mas em uma passagem, Tolstoi descreve um passeio, com três alunos, após a leitura de *Viy* de Gogol que despertou a imaginação dos meninos que pediram para ir ao bosque. Os garotos ficaram tão entusiasmados com a experiência

⁴ Na *Revista da Escola de Iasnaia Poliana* eram publicados textos dos professores e alunos.

e as histórias que Tolstoi contava, que começaram a fazer questionamentos. Fedka, aluno com grande talento para a música perguntou: “para que é preciso estudar canto? Penso muitas vezes: para que cantar?” [...] “Para que serve a arte?” (TOLSTOI, 2021, p. 44-45). A princípio, Tolstoi não soube responder, mas, em meio a diálogos com os meninos, concluíram que: “nem tudo é utilidade, mas há, também, o belo e que a arte é a beleza.” (TOLSTOI, 2021, p. 45)

Havia dificuldades no ensino da língua: a leitura era alcançada, mas não a compreensão de textos ou de linguagem literária, um dos objetivos de Tolstoi: “o conhecimento da língua literária é indispensável porque nela estão escritos os bons livros.” (TOLSTOI, 2021, p. 61). Tolstoi afirma que os alunos liam com maior dificuldade do que os alunos do sacristão da aldeia. (TOLSTOI, 2021, p. 62). Ao longo do tempo, conforme os alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem, eram alterados os métodos de ensino.

Eram apresentados aos alunos, inicialmente, contos de tradição eslava que eram apreciados pelas crianças e, posteriormente lia-se autores considerados mais difíceis como Karamzine, Gogol e Pushkin, mas nesta fase, havia muita dificuldade de compreensão. São descritos vários autores e obras lidos em voz alta aos alunos que, na maioria das vezes, não eram compreendidos ou apreciados. Um dos livros lidos aos alunos foi *Ilíada*, mas as crianças tinham muita dificuldade de compreender culturas e crenças diferentes de sua realidade: não entendiam como poderia haver vários deuses ou como Febo desceu do Olimpo sem quebrar os ossos. O estranhamento com a leitura deste livro foi tão intensa que os alunos acreditavam estar escrito em francês. (TOLSTOI, 2021, p. 71). O autor conclui que os livros apreciados pelo povo “são aqueles que não são escritos para o povo, mas que saem do seio do povo: contos, provérbios, coletâneas de canções, lendas, versos, adivinhas.” (TOLSTOI, 2021, p. 72)

Possivelmente, os alunos tivessem dificuldades de compreensão de textos mais complexos por falta de explicações sobre o contexto histórico e cultural das narrativas, pelo que percebe-se no caso da leitura de *Ilíada*.

Há uma forte defesa do ensino do Velho e do Novo Testamento. Tolstoi afirma que os alunos gostavam e memorizavam as histórias e lhe parecia mais proveitoso apresentar versões integrais dos textos sagrados ao invés de adaptações.

(TOLSTOI, 2021, p. 108). Neste aspecto, há um distanciamento das práticas da pedagogia libertária que defendiam o ensino laico.

Na narrativa de Tolstoi sobre a Escola de Iasnaia Poliana, em muitos momentos, o autor/professor parece estar à procura de métodos mais assertivos de ensino para solucionar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Alguns princípios, no entanto, parecem bastante sólidos, como a liberdade: os alunos não sofriam castigos, não precisavam obedecer regras e sentiam-se à vontade para manifestar-se. A independência é considerada essencial no processo de aprendizagem:

Em cada criança há o desejo de independência que nenhum ensino deve destruir e que é especialmente evidente na insatisfação quando da cópia de modelos. Com os meios acima descritos, esta independência não só não foi morta, mas desenvolveu-se e reforçou-se mais.

Se o aluno na escola não aprende a criar nada, na vida ele irá apenas imitar, copiar, porque são poucos os que, tendo aprendido a copiar, sabem fazer uma aplicação independente destas informações. (TOLSTOI, 2021, p. 162).

A criança deve ser educada com autonomia, ideia que estará também presente em outros educadores libertários, como Francisco Ferrer. Tolstoi acreditava no ensino como uma forma de mudar a sociedade:

Comecei minha atividade social pela escola e pelo ensino, e depois de quarenta anos, estou cada vez mais convencido de que é apenas pelo ensino, e pela educação gratuita, que se pode se livrar da terrível ordem existente das coisas e substituí-la por uma organização racional. (TOLSTOI, 2021, p. 175).

O autor foi influenciado pelas ideias de Proudhon e no final do século XIX aproximou-se mais do movimento anarquista. Em 1898, integrou o Comitê de iniciativa para a escola libertária, assinando o texto: *A liberdade pelo ensino: a escola libertária*, ao lado de Élisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave, J. Ardoin, Carlos Malato, E. Janvion, L. Martha, J. Delgraves, A. Girard, Kropotkin, Ferrière e L. Malquin, no jornal *Les Temps Nouveaux*, de abril de 1898.

Ao contrário dos libertários, Tolstoi defendia e praticava o ensino de princípios cristãos na escola, incluindo aulas sobre o Velho e o Novo Testamento.

Em 1862, Iasnaia Poliana foi invadida pela polícia, após uma investigação no Ministério de Assuntos Internos na Rússia. Alguns dos professores da escola estavam envolvidos em assuntos políticos e havia a desconfiança de que Iasnaia Poliana fosse um centro revolucionário. (GOMES, 2019, p. 132-133)

Para Rabello (2009), a experiência educativa de Tolstói se divide em duas fases: a primeira, de 1858 a 1862, onde ele dirige a escola, ministra aulas e edita a *Revista da Escola de Iasnaia Poliana* e a segunda, de 1872 a 1875 que envolveu a elaboração da *Cartilha*. (RABELLO, 2009, p. 13-14). Em 1872 foi publicada a *Cartilha* escrita, com o objetivo de guiar professores na alfabetização das crianças russas. Em 1875 foi publicada a *Nova Cartilha*, que foi recomendada pelo Ministério da Educação da Rússia e foi um dos livros mais vendidos no país, no período pré-revolucionário. (GOMES, 2019, p. 133). A *Cartilha* era complementada pelos *Quatro Livros Russos*: quatro volumes de textos para leitura, incluindo contos, fábulas e adivinhas de origem popular ou de autoria de Tolstói.

João Penteado foi influenciado pelas ideias de Tolstói, além de possuir uma versão em castelhano do livro sobre a Escola de Iasnaia Poliana, integravam sua biblioteca os títulos: *O canto do cisne*, *Os mártires do dinheiro* e *Ressurreição*, todos publicados no Rio de Janeiro, pela editora Civilizações, na década de 1930. (acervo CME/FEUSP)

A partir da edição de setembro-outubro de 1911, do periódico espírita *Natalício de Jesus*, João Penteado aparece como redator e gerente. Nesta revista, João Penteado colaborou mais intensamente na coluna literária, fazendo análises e comentários sobre obras literárias espíritas ou não. Neste período, há uma constante publicação de excertos de textos de Tolstói, como por exemplo, na coluna “Coletâneas”, aparece trecho de texto deste autor, argumentando contra o militarismo. De acordo com Tolstói, o mandamento cristão de “não matarás” é descumprido pelos cristãos quando obedecendo às ordens de um presidente, rei ou imperador, aceitam participar de uma guerra. (**Nova Revelação**, São Paulo, n. 97, dez. 1911, p. 249). Em outro número do periódico, aparece um texto de Tolstói, chamado “O Reino de Deus”, onde o autor afirma que “o Reino de Deus não está em determinado tempo ou em determinado lugar; está em todo o tempo e em toda a parte, porque está dentro de nós mesmos, nas nossas próprias almas”. O caminho

seria mudar o seu próprio modo de vida. (**Natalício de Jesus**, São Paulo, ano 3, n.35-36, mar./abril, 1911, p.88).

Em um texto com traços autobiográficos, João Penteado narra a trajetória de um rapaz chamado Antídio que vivia em uma aldeia e estudava em uma escola noturna da região. Com o intermédio de seu professor, consegue um emprego no Rio de Janeiro. Na capital do país, o jovem conhece o anarquismo e o espiritismo, concluindo que suas ideias convergem, pois anarquistas e espíritas defendem o respeito ao próximo e apresentam sentimentos de justiça. Seus autores preferidos passaram a ser Tolstoi e Allan Kardec. (**Natalício de Jesus**, São Paulo, ano 3, n.44, dez., 1911, p. 163). Assim como o personagem Antídio, João Penteado foi um leitor e admirador de Tolstoi e Allan Kardec.

Os livros de Tolstoi da biblioteca de João Penteado podem ter influenciado também professores e alunos das escolas dirigidas por Penteado.

1.2.2 Escuela Moderna de Barcelona

Francisco Ferrer Guardia (1869-1909)⁵ nasceu em Allela, nos arredores de Barcelona, em uma família de pequenos proprietários camponeses. Ferrer foi o sétimo de onze filhos. Recebeu uma educação católica que o deixou uma marcante experiência de violências físicas. Posteriormente estudou na Escuela de Teia, com um professor laico e liberal. As primeiras influências anticlericais de sua vida vieram com o irmão José e o tio Antônio. Aos 13 anos, após a morte do pai, rompeu com sua família e mudou-se para Barcelona. Foi trabalhar com um comerciante de tecidos que era maçom e o levou também a ingressar na maçonaria.

Ferrer estudando de forma autodidata tornou-se republicano, ateu e anticlerical. (GALLO, 2013, p. 241). Em 1884 trabalhou como ferroviário na linha Barcelona- Port Bou-Cervère e criou uma biblioteca circulante para os trabalhadores. Neste período conheceu o republicano Manuel Ruiz Zorilla. Envolveu-se em uma insurreição republicana que falhou e precisou exilar-se em Paris, onde ministrava

⁵ Neste texto será adotada a forma padronizada do nome do educador catalão adotada pela Biblioteca Nacional do Brasil. A entrada autorizada do nome na Biblioteca Nacional Espanhola é: Ferrer i Guàrdia, Francesc, 1859-1909.

aulas de espanhol. Foi professor no Círculo de Ensino Laico da Associação Politécnica e em cursos noturnos no Liceu Condorcet e na loja Maçônica do Grande Oriente. (RODRIGUES, c1992, p. 13-14). Em 1895, com a morte de Zorilla, Ferrer distancia-se dos republicanos e socialistas, envolvendo-se com os anarquistas. Em 1896 publicou o *Tratado de español práctico* pela Livraria Garnier.

Em 1894 começou a ministrar aulas para a Sra. Meunié, uma viúva católica e sua filha Jeanne-Ernestine. Sra. Meunié e sua filha iniciam uma estreita amizade com Ferrer. Eles viajam juntos pela Europa passando pela Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, Portugal e Suíça. Nesta viagem Ferrer conheceu importantes centros de ensino e pessoas que o influenciaram, como o geógrafo Elisée Reclus e Pestalozzi. Em 1901, a Sra. Meunié faleceu e deixou a Ferrer um milhão de francos ouro, dinheiro com que ele fundou a Escuela Moderna de Barcelona.

Em seu projeto pedagógico, Francisco Ferrer foi influenciado por Paul Robin (1837-1912), diretor do Orfanato de Prévost (1880-1894). Paul Robin foi secretário da Associação Internacional dos Trabalhadores, onde participou de debates sobre a educação integral. No Orfanato de Prévost havia crianças de seis a dezesseis anos que dispunham de um jardim e de uma oficina. Foi implantada a coeducação entre os sexos. O ensino integrava aprendizagem técnica, ensino intelectual, moral e físico. A principal diretriz do ensino era o respeito à liberdade do aluno. (LENOIR, 2014, p. 50-51)

A Escuela Moderna de Barcelona, fundada em 1901 praticava a coeducação entre os sexos e entre classes sociais. As famílias pagavam a escola conforme suas possibilidades. Inicialmente a escola tinha 30 alunos, sendo 12 meninas e 18 meninos. É importante salientar que na Espanha, no início do século XX, cerca de 60% da população era analfabeta.

Faziam parte do Comitê da Escola Moderna Rodriguez Mendez, reitor da Universidade de Barcelona, o naturalista Odón de Buen, Ramón y Cajal, os médicos Lluria e Martinez Vargas e Anselmo Lorenzo. Ferrer foi capaz de reunir alguns dos mais destacados intelectuais e cientistas do período em torno de seu projeto educativo.

Ferrer Guardia fazia severas críticas ao sistema de ensino tradicional. Para o autor, “Educar equivale atualmente a domar, adestrar e domesticar”. De acordo com

Ferrer, nas pedagogias antigas, a religião legitimava as opressões e hierarquias da sociedade. No início do século XX, a maior parte dos países passou a reconhecer a importância do ensino das massas, pois os meios de produção haviam mudado e crescia a necessidade de mão-de-obra mais instruída. Interessados em manter sua dominação, alguns governos assumem a direção da organização escolar.

Ferrer crítica o ensino na França que apesar de ser confessional, trocou o culto à divindade pelo culto ao Estado. Para Ferrer a principal diferença entre ensino laico e ensino racionalista seria que este último fundamenta-se na ciência. Ferrer também questionava a homogeneização do sistema de ensino francês, pois para ele era o professor e não o Estado quem conhecia as reais necessidades dos alunos. Trata-se de um modelo de ensino que estabelecia novas formas de dominação, sem o questionamento das instituições, não levando à emancipação. É um ensino conveniente às classes dominantes, com o objetivo de produzir alunos obedientes e submissos.

Neste contexto, os progressos da ciência não beneficiam o povo porque os governantes agem visando seus próprios interesses. No sistema tradicional de ensino, os próprios professores eram levados a perpetuar o sistema de dominação. Ferrer afirma que a maior parte dos reformadores do ensino não se preocupam com o sentido social da educação, embora tivessem preocupação com o estudo da criança no sentido fisiológico.

Para o pedagogo o papel da educação deveria ser trabalhar por uma sociedade fraterna, igualitária e justa, emancipando a criança e a humanidade através da ciência. Ferrer propõe uma profunda renovação do ensino. Tem como objetivo formar um novo homem:

No tememos decirlo: queremos hombres capaces de evolucionar incesantemente; capaces de destruir, de renovar constantemente los medios y de renovarse ellos mismos; hombres cuya independencia intelectual sea la fuerza suprema, que no se sujeten jamás a nada; dispuestos siempre a aceptar lo mejor, dichosos por el triunfo de las ideas nuevas y que aspiren a vivir vidas múltiples en una sola vida. La sociedad teme a tales hombres: no puede, pues, esperarse que quiera jamás una educación capaz de producirlos. (FERRER GUARDIA, 2010, p. 135).

Ao fundar a Escuela Moderna, Francisco Ferrer sentiu dificuldades para

encontrar professores, pois existiam na Espanha professores laicos, mas não racionalistas. Para formar professores para a Escuela Moderna e para a abertura de novas escolas, Ferrer fundou uma Escola Normal Racionalista, instituição direcionada ao preparo para educação racional e científica. Ele destacava a importância de aprofundar estudos da criança através da psicologia e fisiologia.

Ferrer criou o *Boletim da Escola Moderna* que divulgava o trabalho realizado na Escola Moderna de Barcelona, publicando textos de intelectuais, professores e alunos. Francisco Ferrer defendia a autonomia do professor, a importância de se conhecer a criança em suas necessidades físicas, morais, intelectuais e afetivas. Ele acreditava que as crianças precisavam de ambiente favorável para aprender, com respeito aos seus próprios ritmos de aprendizagem. Na Escuela Moderna não era permitida violência de qualquer natureza contra as crianças. Para Ferrer, a escola tradicional era violenta, submetendo as crianças física, intelectual e moralmente, privando-as do contato com a natureza. O educador catalão denunciava práticas de violência contra crianças até mesmo em Centros de Trabalhadores e Fraternidades Republicanas.

Além da ausência de castigos físicos, não eram atribuídos exames e prêmios aos alunos. A atribuição de notas poderia criar um tipo de desigualdade, possivelmente favorecendo crianças de contextos familiares mais abastados. Ferrer acreditava que as notas e premiações serviam para envaidecer alguns pais e alunos e estigmatizar outros como fracassados. Alguns alunos poderiam até mesmo adoecer devido à pressão pelo bom desempenho nos exames. Ferrer considera que os exames podem ser úteis em outros níveis de educação, como no ensino de uma profissão ou acadêmico.

O ensino, na Escuela Moderna, deveria promover a solidariedade e igualdade e não favorecer a competição entre os alunos. Por esta razão deveriam ser evitadas comparações entre os alunos de forma a valorizar a diversidade de inteligências.

O ensino tradicional estava baseado na fé religiosa e na obediência aos princípios cívicos da nação e os livros publicados para este ensino eram baseados nestes valores. Para apoiar as atividades de ensino, Francisco Ferrer criou uma editora La Editorial que publicava livros de acordo com a concepção de ensino racionalista.

Os livros editados seriam destinados a escolas racionalistas para crianças e também para adultos que poderiam estudar em sociedades de trabalhadores e círculos de estudos, alfabetizando os trabalhadores. Para Ferrer a educação seria o principal fator de mudança social, pois a educação poderia servir para quebrar o ciclo de exploração.

Um dos livros publicado pela editora foi: *As aventuras de Nono*, do sapateiro anarquista Jean Grave (1854-1939), no qual narra as aventuras de um menino pelo país da Autonomia. Esta obra foi adotada como livro de leitura na Escuela Moderna e em outras escolas. Visando o público adulto, Ferrer publicou o livro *Origen del Cristianismo*, de Malvert, que já havia sido traduzido do francês para o espanhol. Foi editado também *Patriotismo y colonización* sobre patriotismo, guerra e colonização, escrito por vários autores. Outra obra publicada foi o *Compendio de Historia Universal*, por Clemência Jacquinet, que também foi professora, secretária e diretora da Escuela Moderna.

Para o ensino de aritmética, Ferrer divulgou um chamado para que autores escrevessem obras com os valores do ensino racionalista. As questões de aritmética não deveriam envolver dinheiro, lucro ou ganância. Os problemas deveriam versar sobre agricultura, manufatura e distribuição de matéria-prima. (FERRER GUARDIA, 2010, p. 150).

Para ministrar o ensino de geografia, Ferrer consultou o geógrafo Elisée Reclus (1830-1905) que recomendou a adoção de um método de observação da natureza. Com a orientação do professor, os alunos deveriam começar observando, em excursões, sua própria região, com rios, paisagens, movimentos da terra, dos astros e a passagem das estações do ano. Nesta primeira etapa do ensino, os livros não seriam muito produtivos para uso dos alunos, bem como os mapas cartográficos que para Reclus exigiria um elevado grau de abstração. O geógrafo indicou o uso de globos simples que pudessem ser inclusive completados manualmente pelos alunos com base em suas observações.

Figura 11 - Boletim da Escola Moderna, Barcelona, 01 de julho de 1909



Fonte: Fundação Ferrer Guardia.

A Escola Moderna oferecia também aos adultos, pais de alunos e demais trabalhadores, conferências dominicais como uma forma de instrução popular. Foram ministradas palestras sobre fisiologia, higiene, geografia e ciências naturais por catedráticos da Universidade de Barcelona. O propósito destes eventos dominicais era restituir o direito ao saber: “todo ser humano tiene derecho a saber, y la ciencia no debe vincularse en una clase para ser producto de los observadores,

sabios y trabajadores de todas las épocas y de todos los países.” (FERRER, 2010, p. 162). Para Rodrigo Rosa, o programa da Escuela Moderna tinha uma ideia “nitidamente libertária”, racionalista e científica. (SILVA, 2013 , f. 129)

De acordo com o historiador Edgar Rodrigues, em 1905 havia 147 escolas nos moldes da Escuela Moderna em Barcelona. Posteriormente foram criadas escolas modernas em Madrid, Sevilha, Málaga, Granada, Cádiz, Córdoba, Palma, Valência, Lisboa, São Paulo, Lauzane e Amsterdã. (c1992, p. 15). Em 1936 havia mais de 300 escolas modernas somente na região da Catalunha.

Em 1906, Mateo Morral que havia sido bibliotecário na Escuela Moderna realizou um atentado que fracassou contra o rei Alfonso XIII. A Escuela Moderna de Barcelona foi fechada. Ferrer foi preso, interrogado e solto, mas não pôde reabrir a escola. Ferrer mudou-se para a França e posteriormente para a Bélgica. Em Bruxelas fundou a Liga Internacional pela Educação Racional da Infância que tinha como veículo de divulgação a Revista *L'École Rénovée* (1908). Ferrer retomou também a publicação do *Boletim da Escola Moderna* em Paris. Estas publicações contribuíram para que Ferrer e o ensino racionalista fossem internacionalmente reconhecidos.

Em 1898, a Espanha perdeu suas últimas colônias, Cuba e Ilhas Filipinas. Em 1906 foi estabelecido o Tratado de Algeciras que realizava uma divisão de zonas de influência no norte do Marrocos para a Espanha e ao sul do país para a França. O governo espanhol passou a explorar minas de carvão no Marrocos e esta presença despertou conflitos com os povos nômades que habitavam a região. Em 1909 foram convocados reservistas na Espanha para combater as revoltas no Marrocos. Os trabalhadores convocados recusaram-se a ir à guerra e iniciaram uma série de manifestações como greve geral e incêndio de igrejas e conventos. Os revoltosos foram violentamente reprimidos pelas autoridades policiais. Este episódio ficou conhecido como a Semana Trágica, com um saldo de 78 mortos, milhares de detidos e 2.000 processados.

Embora Ferrer Guardia não estivesse na Espanha neste momento, foi

acusado de ser um dos líderes do movimento. Ele foi preso e durante o processo as testemunhas de defesa sequer foram ouvidas. Foi processado por um tribunal militar que o condenou ao fuzilamento em 13 de outubro de 1909. A condenação e morte do pedagogo causaram protestos em diversas cidades do mundo. Francisco Ferrer, com sua busca pela emancipação através do ensino havia abalado as estruturas de poder da monarquia e da Igreja Católica da Espanha. De acordo com Rodrigo Rosa, mais de 120 escolas laicas foram fechadas na Espanha. Os professores foram presos e deportados. (SILVA, 2013, p. 115).

Em 1911 o processo foi revisto e seus bens foram restituídos à família. Neste mesmo ano foi organizado um Comitê Internacional que angariou fundos para a criação de um monumento em homenagem a Ferrer em Bruxelas.

Informações sobre a Escola Moderna de Barcelona, o processo e fuzilamento de Ferrer circulavam rapidamente pela imprensa libertária no Brasil, com notícias e textos de militantes. Livros sobre o tema também não tardaram a chegar nos acervos de bibliotecas dos anarquistas no Brasil.

A biblioteca João Penteado possui um exemplar da primeira edição do livro póstumo de Francisco Ferrer Guardia: *La Escuela Moderna*, publicado em Barcelona, Publicaciones de La Escuela Moderna, 1912. No acervo de Penteado, há também obras sobre a Escola Moderna de Barcelona, como o livro de Blasco Diaz: *Francisco Ferrer e a Semana Trágica de Barcelona*, publicado em Lisboa, pela Casa Alfredo David em 1914 e, *A Escola Moderna de Barcelona*, de autoria de William Headford, publicado em Lisboa, pela editora Guimarães, em 1910. Este último título estava entre os livros proibidos durante o regime fascista português. (ALVIM, 1992, p. 24). Nota-se que havia uma circulação de livros de editoras portuguesas entre os anarquistas no Brasil.

As atividades da Escola Moderna de Barcelona eram de conhecimento dos anarquistas atuantes no Brasil, através da imprensa libertária, de livros e de militantes que proferiram palestras. Informações sobre Francisco Ferrer e as Escolas Modernas, continuaram sendo propagadas pelos militantes anarquistas ao longo das

décadas. No entanto, no meio acadêmico brasileiro, o primeiro texto sobre Francisco Ferrer foi publicado pelo historiador e educador, Maurício Tragtenberg (1929-1998). No primeiro número da *Revista Educação & Sociedade*, da Unicamp, datado de 1978, o autor publicou o texto: *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*, no qual o aborda a história da Espanha, a trajetória de Francisco Ferrer e aspectos relevantes da Escola Moderna de Barcelona.

Pioneiro nos estudos acadêmicos de Francisco Ferrer e da Escola Moderna de Barcelona, Tragtenberg foi um intelectual autodidata que circulou entre espaços de militância anarquista, como o Centro de Cultura Social (CCS), aberto em 1933 e que funciona até hoje. Tragtenberg considerava o CCS como uma de suas universidades.

1.2.3 La Ruche

As primeiras décadas do século XX também foram marcadas por outras experiências no campo da educação anarquista. Em 1904, teve início La Ruche ou A Colmeia, como ficou conhecida no Brasil. Fundada por Sébastien Faure (1858-1942), em Rambouillet, França, durou até 1917. Funcionou em uma fazenda alugada de 25 hectares e chegou a abrigar 40 crianças. Adotou o ensino racional, sem premiações ou castigos e o ensino misto. Recebia crianças entre 06 e 10 anos, oriundas de famílias operárias. Muitas tinham perdido o pai ou a mãe e seus responsáveis comprometiam-se a deixá-las até os 16 anos.

A inspeção acadêmica de Versalhes convidou e mais tarde intimou Faure para regularizar a situação de La Ruche. Sebastien Faure respondeu que La Ruche não era uma escola, pois as crianças não permaneciam com suas famílias ao final das aulas diárias, não era um internato, pois os responsáveis não eram obrigados a pagar mensalidades e também não era um abrigo, pois as crianças não eram órfãs. Por estas razões, La Ruche não estava enquadrada na lei. Faure afirmava que as crianças eram filhos de operários, sem condições financeiras para criá-los. Eram tratados como filhos, em uma grande família e como Faure não tinha recursos suficientes para enviá-los à escola, oferecia educação em sua residência. (FAURE, 2015, p. 53).

La Ruche era mantida financeiramente com o dinheiro que Faure obtinha ministrando palestras e doações recebidas de sindicatos, associações de trabalhadores e lojas maçônicas. Os professores e demais colaboradores eram voluntários. Além das aulas, as crianças maiores participavam também de oficinas de tipografia, encadernação, marcenaria, forja, alfaiataria e rouparia. (FAURE, 2015, p. 119).

Sebastien Faure afirma que na França havia dois modelos de educação: a cristã e a laica, promovida pelo Estado e La Ruche representaria um terceiro modelo:

A escola cristã é a escola do passado, organizada pela Igreja e para ela; a escola laica, é a escola do presente, organizada pelo Estado e para ele; A Colmeia é a escola do futuro, a escola em si, organizada para a criança, de tal maneira que, deixando de ser um bem, um objeto, uma propriedade da Religião ou do Estado, seja dona de si mesma e encontre na escola o pão, o saber e a ternura, que necessitam seu corpo, seu cérebro e seu coração. (FAURE, 2015, p. 22).

A proposta educacional de Sebastien Faure vai além do ensino tradicional, incluindo um aprendizado para a vida: as crianças, principalmente as mais velhas, colaboravam em atividades diversas como a cozinha, lavagem de roupas, horta, cuidado com animais e oficinas, nas quais poderiam até mesmo aprender uma profissão para ser exercida quando saíssem de La Ruche. Durante as férias, as crianças realizavam viagens por outras localidades da França e para a Argélia, onde contavam com o apoio de outros militantes que as abrigavam em suas casas. Nestas experiências, as crianças visitaram monumentos, museus e fábricas. Faziam também pequenas apresentações teatrais e musicais em público. (FAURE, 2015, p. 144).

Todos os anos, no mês de agosto, era promovido um Festival em La Ruche para o qual eram convidados amigos, simpatizantes e a população local. Segundo Faure, a população comparecia “pela curiosidade ou pelo desejo de ver de perto de que são feitos os ferozes anarquistas, segundo a reputação que temos.” (FAURE, 2015, p. 137). O Festival era frequentado por anarquistas, socialistas e sindicalistas que passavam o dia conversando com alunos e demais integrantes de La Ruche, aproveitando o início do verão ao ar livre. No final da tarde, as crianças faziam uma apresentação musical, acompanhadas de uma orquestra vinda de Paris. (FAURE,

2015, p. 138).

Em março de 1914 La Ruche passou a publicar um boletim quinzenal com textos de Sébastien Faure e outros colaboradores como Léon Clément, André Girard e C. A. Laisant. O boletim era impresso na tipografia da própria Colméia e poderia ser adquirido por assinatura. Em meados de 1914 contava com quase mil assinantes. (FAURE, 2015, p. 151). A publicação era dirigida a educadores e pais. (FAURE, 2015, p. 150).

A Colméia foi constantemente cobrada pela Inspeção Acadêmica de Versailles que intimou a escola a regularizar sua situação. Houve alguns momentos de tensão com as instituições oficiais e foi necessária uma considerável resistência. Seu diretor fazia questão de manter A Colméia independente dos poderes públicos, em uma atitude de rejeição ao modelo escolar francês:

Foi preciso trabalhar, resistir, lutar com firmeza para preservar esta independência, talvez ainda seja necessário continuar a fazê-lo. Estamos preparados para resistir amanhã como resistimos ontem e esperamos que amanhã, como ontem, a vitória seja nossa. (FAURE, 2015, p. 51)

A Colméia encerrou suas atividades em 1917 devido à falta de recursos decorrente da Primeira Guerra Mundial.

Esta experiência ficou conhecida no Brasil graças a uma tradução realizada por Bernardo Canellas (1898- ?) e publicado no Rio de Janeiro, em 1919. Antônio Bernardo Canellas, nascido em Niterói, foi militante anarquista e tipógrafo de profissão. Militou em Alagoas onde editou os jornais *A Tribuna do Povo* e *Semana Social*. Neste último periódico contou com a colaboração de Octávio Brandão que mais tarde viria a fazer parte do Partido Comunista Brasileiro. Os artigos de temática pacifista, contra a Primeira Guerra Mundial, de Brandão e Canellas, não foram bem recebidos e os dois precisaram sair fugidos de Maceió para Recife. Na capital de Pernambuco, Canellas publicou o jornal *A Tribuna do Povo*. (SALLES, 2005, p. 52).

Canellas viajou para a França entre 1919 e 1920 e tomou conhecimento sobre A Colméia que fora fechada em 1917. Ele pretendia organizar uma experiência semelhante no Brasil. Traduziu o livro de Sébastien Faure para o português: *“La Ruche (A Colmeia): o seu fim, sua organização, o seu alcance*

social”, monografia completa, publicado no Rio de Janeiro, [1919]. Havia um exemplar da obra no acervo de biblioteca de Edgard Leuenroth que atualmente pertence ao Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp.

Bernardo Canellas, em 1922 foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil, ao lado de Astrogildo Pereira. Participou do IV Congresso da Internacional Comunista (IC) em Moscou, onde fez críticas a Trotsky e votou contrariamente aos interesses da IC. (SALLES, 2005, p. 126-128). Pouco tempo após o retorno de Bernardo Canellas ao Brasil, ele foi expulso pelo Partido Comunista Brasileiro que o acusou injustamente de traição. Canellas, habituado às práticas de discussão de ideias da militância libertária, ainda não havia percebido que o Partido Comunista não era um espaço para liberdade de expressão.

La Ruche ou A Colmeia inspirou outros anarquistas no mundo a organizarem experiências educativas, entre elas, a Escola Livre, fundada em 1906, em Portugal, por João Campos Lima.

1.2.4 Escola Oficina n. 1

Em Portugal, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX havia discussões entre políticos e intelectuais sobre a educação popular. Em 1900 o analfabetismo no país era de 78%. Assim como no Brasil, o início do Regime Republicano impulsionou a defesa de uma educação laica, patriótica e cívica. Os anarquistas portugueses, no entanto, propuseram um modelo alternativo de educação.

Partidários de uma educação liberal e anarquista criticavam a educação tradicional que privilegiava a memorização e não considerava as necessidades e particularidades dos alunos. A escola laica preconizada pelos liberais incluía o ensino para a formação de cidadãos patriotas.

Segundo Moura-Carvalho, entre 1900 e 1910, em Portugal foram criados 166 grupos anarquistas. (2018, p. 35). O anarquismo estava presente em Portugal desde o final do século XIX, com destaque para a corrente anarcossindicalista.

Entre as influências no campo da educação anarquista em Portugal estão os textos de Kropotkin, Tolstói, Paul Robin, Sebastien Faure e Francisco Ferrer. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 67)

Em 1906 foi criada em Lisboa a Escola Livre, por João Campos Lima, inspirada na experiência educativa francesa de La Ruche, organizada por Sebastien Faure. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 68).

Em 1909 foi fundado o Grêmio de Educação Racional, em Lisboa. Organizado por anarquistas, foi inspirado nas ideias pedagógicas de Francisco Ferrer. Faziam parte do Grêmio, anarquistas como Severino Carvalho, César Porto e Adolfo Lima (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 68). Para este grupo, a escola racional deveria promover a formação integral dos alunos, considerando aspectos intelectuais, artísticos e morais e não deveriam ser aplicados castigos.

A partir deste grupo surgiram em Portugal diversas escolas adeptas da pedagogia racionalista: Escola Racionalista das Amoreiras, Escola de Ensino Livre de Alto do Pina, Escola de Educação Racional A Crecherie na Calçada da Graça, Escola Novos Horizontes, nas Escadinhas de Santo Estêvão e Escola Racional de Gervide, nos arredores do Porto. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 69)

A Escola Oficina n.1 foi fundada em 1905, em Lisboa, com o apoio da Maçonaria, reunindo republicanos, maçons e anarquistas.

Em 1906, o professor Adolfo Lima (1874-1943), formado em Direito pela Universidade de Coimbra, ingressou na Escola Oficina, atuando até 1914. Lima ministrou aulas de sociologia e foi diretor pedagógico. (BARREIRA, 2006, p. 194)

Para Adolfo Lima o ensino ministrado deveria ser útil para o cotidiano dos alunos, devendo estar em sintonia com sua realidade. As crianças deveriam ser estimuladas a ter independência, iniciativa e autonomia. Os alunos deveriam ser estimulados a praticar ajuda mútua e a serem solidários. (BARREIRA, 2006, p. 196). Lima destacava a importância do domínio do método de ensino por parte do professor que deve despertar o interesse do aluno para a ciência. Defendia um ensino que não separasse a teoria da prática. (BARREIRA, 2006, p. 2000).

A partir de 1909, a Escola Oficina n.1 passou a empregar a educação racional, mista, experimental e participativa. Seu programa incluía trabalhos manuais, música, ciências, artes caseiras e culinária. Considerava aspectos fisiológicos e psicológicos da criança.

Entre os principais objetivos da Escola Oficina n.1 a partir de 1909 estavam: fortalecer a autonomia da criança; “fornecer às raparigas que não desejassem seguir

uma profissão, ou que não desejassem ou pudessem seguir os seus estudos, uma formação, e que se destinava fazer da mulher portuguesa uma mãe e uma educadora competente, uma companheira à altura dos ideais do marido, que no caso de não casar e constituir família se pudesse bastar a si própria.” (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 73). Interessante notar que no caso das escolas racionalistas, apesar de todo um discurso empenhado em defender o ensino misto e o aprendizado dos mesmos conteúdos para meninos e meninas, a mulher não era vista como um igual. Já era previsto de antemão que muitas meninas não desejariam ou não poderiam seguir os estudos ou mesmo uma carreira, neste caso, ainda poderiam ser mães “educadoras competentes” ou companheiras “à altura dos ideais do marido”.

O ensino na Escola Oficina n.1 estava subdividido em curso maternal, para crianças entre cinco e seis anos, o curso geral ou integral, com cinco classes agrupadas em três graus. Entre os doze e catorze anos eram oferecidas três modalidades de cursos: especial literário-científico, especial de educação feminina e curso preparatório profissional masculino e feminino. No curso de educação feminina havia o predomínio de trabalhos manuais. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 74). Esta diferenciação do ensino oferecido às meninas parece indicar mais uma contradição do discurso do ensino misto e da realidade do ensino racionalista em Portugal.

Em 1914 eram ministradas as seguintes matérias: Aquarela, Anatomia, Aritmética, Artes aplicadas, Botânica, Biologia, Confecção de chapéus, Ciclismo, Ciências Físico-Químicas, Ciências naturais, Corte, Costura, Culinária, Datilografia, Dança, Decoração, Desenho, Educação dos sentidos, Escrituração, Estofa, Física, Fisiologia, Flores artificiais, Francês, Geologia, Geometria, Ginástica, Higiene, Inglês, Marcenaria, Mecânica, Mineralogia, Modelação, Música, Noções práticas de coisas, Português, Química, Sociologia (História e Geografia), Talha, Torno, Trabalhos domésticos, Trabalhos manuais e Zoologia. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 75). Durante o verão eram organizadas excursões a museus, monumentos e praias. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 75).

Havia na escola uma associação de alunos chamada *A Solidária* que organizava refeições, festas, peças de teatro e competições esportivas. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 77). O teatro escolar era bastante valorizado, os

alunos atuavam em representações teatrais e participavam também da organização e confecção de roupas e cenários.

Em 1918, com a saída de Luís da Matta, a Escola Oficina n.1 passa a ter mais influências republicanas do que libertárias. (MOURA-CARVALHO, 2018, p. 79).

1.2.5 Escolas Modernas nos EUA

O fuzilamento de Francisco Ferrer desencadeou protestos em muitos países, segundo Paul Avrich, houve manifestações públicas em Londres, Roma, Berlim, Viena, Amsterdã, Bruxelas, Genebra e outras cidades. (AVRICH, 1980, p. 32).

Nos Estados Unidos o fuzilamento de Ferrer causou também indignação e protestos entre os anarquistas. Em 1910, foi criada nos Estados Unidos a Francisco Ferrer Association, com o objetivo de perpetuar o trabalho e a memória de Ferrer (AVRICH, 1980, p. 35). Fizeram parte desta associação, anarquistas como Emma Goldman, Alexander Berkman e Voltairine de Cleyre e também liberais, socialistas e livre pensadores. Emma Goldman foi considerada uma das principais articuladoras da Francisco Ferrer Association. Ela se interessava muito pela temática da educação. Conheceu pessoalmente La Ruche, dirigida por Sébastien Faure e foi amiga do pedagogo John Dewey. (AVRICH, 1980, p. 39).

Os objetivos principais da Francisco Ferrer Association eram: publicar obras sobre Ferrer e suas ideias, organizar um encontro comemorativo no primeiro aniversário de fuzilamento de Ferrer e fundar escolas inspiradas na experiência de Ferrer em cidades americanas. (AVRICH, 1980, p. 44). As primeiras publicações do grupo foram a tradução de Escola Moderna de Francisco Ferrer por Voltairine de Cleyre e dois textos na *Revista Mother Earth*, dirigida por Emma Goldman. (AVRICH, 1980, p. 44).

A americana Voltairine de Cleyre (1866-1912) proferiu palestras sobre a educação de Francisco Ferrer, envolveu-se em campanhas para arrecadar fundos para escolas racionalistas e ministrou aulas na Ferrer Modern School. (CLEYRE, 2019, p. 30). Foram fundadas nos Estado Unidos mais de 20 escolas inspiradas na Escola Moderna de Francisco Ferrer.

Em texto originalmente publicado na Revista Mother Earth, em novembro de 1909, Emma Goldman (1869-1940) pergunta aos seus leitores qual teria sido a

causa de tão grande indignação pela morte de Francisco Ferrer. Ela afirma que “nunca antes na história, a morte de um homem uniu as lutas da humanidade.” (GOLDMAN, 2019, p. 37)

Emma Goldman afirma em seu texto que Ferrer não foi o primeiro a pôr em prática experiências educacionais, antes dele, Louise Michel (1830-1905) havia criado a primeira Escola Moderna, em 1865, em Montmartre, na França. Outro exemplo seria o Orfanato Prévost, dirigido por Paul Robin (1837-1912). Havia também um orfanato dirigido por Madelaine Vernet (1878-1949), pacifista que adotou o racionalismo e a co-educação entre meninas e meninos. Vernet defendia a ideia da mãe como educadora. Ferrer não foi o pioneiro nas práticas de ensino racionalista, mas a Escola Moderna de Barcelona encontrou apoio na população:

A influência de Ferrer foi tão grande devido a sua dedicação de uma vida inteira? Durante oito anos seu espírito heroico lutou para espalhar a luz em sua obscura terra natal. Durante oito anos ele batalhou incansavelmente para resgatar as crianças da destrutiva influência da superstição. Cento e nove escolas com setenta mil alunos coroaram os esforços gigantescos de nosso camarada assassinado, enquanto trezentas e oito escolas libertárias surgiram graças a sua influência benéfica. (GOLDMAN, 2019, p. 38)

O ensino racionalista, propagado por Francisco Ferrer na Espanha expandiu-se e abalou o poder da Igreja Católica na Espanha:

Impulsionada pela sua onipotente criminalidade em nome do progresso do mundo, a Igreja Católica não deixou de ser um veneno virulento dentro do corpo social. Seus métodos no estilo Bórgia apenas se tornaram mais discretos, mas não menos malignos e perversos. Intimidada, aparentemente submissa, não ousara, desde os dias de Huss e Bruno, exigir abertamente o sangue de uma nobre vítima. Mas, finalmente, cega pela arrogância e presunção e pela sede de sangue dos mártires, a Igreja Católica esqueceu o progresso do mundo, esqueceu o espírito de nossa época, esqueceu o crescimento das ideias livres. Como de costume foi a mão dos jesuítas que esticou seus dedos sangrentos para agarrar uma vítima. Foi o arcebispo de Barcelona que, em uma declaração assinada pelos prelados da Igreja, denunciou Ferrer pela primeira vez e exigiu sua vida. (GOLDMAN, 2019, p. 38-39).

Para Emma, o maior mérito de Ferrer foi de “despertar a consciência humana” e, por esta razão, foi condenado à morte. O assassinato de Ferrer, no entanto serviu para impulsionar iniciativas em favor da educação racionalista no mundo todo: ruas

na Itália foram nomeadas em sua homenagem, na Bélgica foi construído um memorial, na Inglaterra foi publicada uma biografia e “até mesmo na América, sempre retrógrada em ideias progressistas, inaugurada a Associação Francisco Ferrer, cujo objetivo é publicar a vida completa de Ferrer e organizar Escolas Modernas em todo país.” (GOLDMAN, 2019, p. 67).

Em outro texto publicado por Emma Goldman em 1911, a autora descreve o trabalho realizado por Francisco Ferrer:

Francisco Ferrer não era apenas um grande professor, mas, sem dúvida, também um coordenador maravilhoso. Em oito anos, entre 1901-1909, organizou na Espanha cento e nove escolas, além de induzir os libertários desse país a criar trezentas e oito outras. Junto do trabalho escolar, Ferrer havia montado uma gráfica, organizado uma equipe de tradutores, distribuído cento e cinquenta mil exemplares de obras científicas e sociológicas modernas, sem esquecer a grande quantidade de livros didáticos racionalistas. Certamente ninguém, a não ser um grande coordenador metódico e eficiente, poderia ter organizado tal façanha. (GOLDMAN, 2019, p. 61-62).

Emma Goldman chamava a atenção para o trabalho de Ferrer como editor e tradutor de livros didáticos que foram usados não somente na Escola Moderna de Barcelona, mas também em muitas outras escolas de ensino racionalista que surgiram na Espanha. Ferrer também trabalhou na formação de novos educadores.

Para Emma Goldman, o principal problema do ensino tradicional seria a padronização e docilização dos alunos, além de perpetuar os privilégios de classe:

O grande dano causado por nosso sistema educacional não é que não ensine nada que não valha a pena, ou que ajude na perpetuação do privilégio de classes, ou que também trabalhe a favor do procedimento criminoso que rouba e explora as massas; o verdadeiro dano está em sua orgulhosa proclamação que defende a verdadeira educação, escravizando assim as massas muito mais do que qualquer governante conseguiria. (GOLDMAN, 2019, p. 72).

Goldman relata que nos Estados Unidos, liberais e radicais julgavam interessante o projeto da Escola Moderna na Europa, mas acreditavam desnecessário na América devido às maiores oportunidades. Mas para Emma o ensino oferecido nos Estados Unidos seria demasiadamente rígido, sem espaço

para o pensamento crítico. Ela relata casos de professores que foram obrigados a se retratar por ousar contrariar os programas preestabelecidos ou por contrariar os valores religiosos da comunidade. Para Emma, o ensino na América não ofereceria espaço para que a criança se desenvolvesse e tivesse independência.

Para Emma os métodos empregados na Escola Moderna favorecem a criatividade e iniciativa das crianças. Ela exemplifica com o método de ensino de música da Escola Moderna que “emprega temas originais a partir de tópicos escolhidos pelos pupilos e de suas experiências de vida; experiência real ou imaginária, que sugerem as histórias e seus esboços.” (GOLDMAN, 2019, p. 76).

O ensino da história teria igualmente uma abordagem diferenciada, apresentando o desenvolvimento humano em detrimento do culto de heróis:

[...] deve portanto, ajudar a desenvolver nas crianças a apreciação pelas lutas das gerações passadas, pelo progresso e liberdade e, portanto, desenvolver o respeito por toda verdade que almeja emancipar a raça humana. O princípio básico da Escola Moderna é impossibilitar o instrucionismo cego e sua insignificante especialização, frente à grandeza da vida, a que deveria servir.... (GOLDMAN, 2019, p. 77).

Emma, em um texto publicado originalmente em 1906, na *Revista Mother Earth*, defende que a criança deve ser educada como um ser constituído de vontade própria. Criticava instituições como escola e a família que esforçam-se por moldar a personalidade e os desejos das crianças. Para a autora, muitos pais, mesmo os “radicais” tratam os filhos como sua propriedade privada e tentam incutir-lhes suas próprias ideias, de forma unilateral. Por esta razão, não raro, filhos de pais radicais tornam-se conservadores, cansando-se de repetir as ideias de seus progenitores. (GOLDMAN, 2019, p. 90).

Emma Goldman percorreu os Estados Unidos fazendo palestras para falar de Francisco Ferrer e sua obra, ela conseguiu angariar fundos para a Ferrer Association. Alexander Berkman também destacou-se com a propagação das ideias de Ferrer e foi professor na primeira Escola Moderna dos EUA. Ele acreditava no poder da educação para a formação de uma nova sociedade. (AVRICH, c1980, p. 39).

Entre os integrantes da Ferrer Association, os anarquistas eram os mais jovens e mais pobres. Muitos eram estrangeiros. (AVRICH, c1980, p. 42). Os

integrantes de origem americana eram mais abastados, fossem eles anarquistas, socialistas ou individualistas: exercendo profissões liberais como médicos, escritores, advogados e dentistas. Alguns poderiam ser considerados empresários e contavam com uma considerável fortuna, como Alden Freeman. Havia também o milionário Phelps Stokes (AVRICH, c1980, p. 43). Emma Goldman e Alexander Berkman eram os integrantes da Ferrer Association mais empenhados em arrecadar fundos, publicar textos e fundar escolas. Outros membros da associação, tinham como função emprestar seu prestígio, como Upton Sinclair e Jack London (AVRICH, c1980, p. 43). Em comum os integrantes da Ferrer Association traziam a indignação com o assassinato de Ferrer e a convicção de que a educação seria capaz de mudar a sociedade.

A Ferrer Association publicou ensaios de Francisco Ferrer e sua Gramática Espanhola e duas biografias de Ferrer: uma de autoria de Joseph McCabe e outra de William Archer. (AVRICH, c1980, p. 45).

Em 1910 foram fundadas escolas em Nova York, Filadélfia, Chicago, Salt Lake City e Seattle. (AVRICH, c1980, p. 46). Muitas escolas fundadas duraram poucos anos, mas algumas como Stelton, permaneceram abertas por décadas. (AVRICH, c1980, p. 46).

Entre as 22 Escolas Modernas identificadas por Avrich, apenas 5 funcionavam diariamente e as demais somente aos domingos. Muitas destas escolas ofereciam aulas para adultos, bibliotecas e salas de leitura. (AVRICH, c1980, p. 46) Muitos alunos eram filhos de trabalhadores e imigrantes. As Escolas Modernas envolviam-se também em causas sociais como o sindicalismo, antimilitarismo, liberdade sexual e de expressão. Publicações como *Mother Earth* e *The Agitator* traziam informações sobre as Escolas Modernas dos EUA e em outros países. (AVRICH, c1980, p. 47).

A Igreja Católica apresentou hostilidades com relação às Escolas Modernas nos EUA, mas esta instituição não era tão influente na sociedade americana quanto na Espanha. (AVRICH, c1980, p. 50).

As Escolas Modernas nos Estados Unidos foram muitas vezes fundadas por imigrantes ou em bairros de imigrantes, por esta razão, além do inglês, as aulas, em

muitas delas foram ministradas em outros idiomas, como o alemão, ídiche, tcheco, italiano e espanhol. (AVRICH, c1980, p. 65).

A Ferrer School de Nova York, fundada em 1910, funcionava aos domingos para as crianças, havia também um centro de estudos para adultos, com sala de aula e biblioteca. (AVRICH, c1980, p. 70). Foram realizadas palestras sobre princípios do governo americano, história e literatura contemporânea, incluindo escritores como Ibsen, Tolstoi, Gorki e Anatole France. Foram oferecidas aulas de inglês e esperanto. (AVRICH, c1980, p. 71). Entre os professores estavam Alexander Berkman e Leonard Abbott. (AVRICH, c1980, p. 72). Havia apresentações teatrais, musicais e de dança, debates sobre sindicalismo, liberdade sexual, psicanálise e arte moderna. (AVRICH, c1980, p. 72).

Em 1911 foi promovido um jantar para comemorar um ano de existência da Associação Ferrer e arrecadar fundos para Escolas Modernas que funcionassem diariamente. (AVRICH, c1980, p. 74). Com o dinheiro disponível, a Ferrer School mudou-se para um local mais espaçoso e, em outubro de 1911, passou a funcionar diariamente. A educação, como em outras Escolas Modernas, combinava o trabalho intelectual e manual. Não eram aplicados castigos físicos e disciplina rígida sobre as crianças. A Ferrer School teve como professores John e Abby Coryell. John Coryell (1851- 1924) foi um escritor de romances e colaborador do periódico *Mother Earth*. (AVRICH, c1980, p. 76). A escola teve 8 alunos entre 4 e 10 anos até o final de 1911, todos filhos de anarquistas. (AVRICH, c1980, p. 79). O casal John e Abby Coryell saiu da Ferrer School e foram substituídos por Will J. Durant (1885-1981), historiador e filósofo americano que lecionou entre 1911 e 1913.

Will Durant, um ex-seminarista, conheceu Alden Freeman que o convidou para proferir uma palestra sobre as origens da religião, no Ferrer Center. Devido a esta palestra, Durant foi excomungado. Mas lhe rendeu também um convite para ministrar aulas na Ferrer School. (AVRICH, c1980, p. 83).

Para Avrich, a Ferrer School foi mais do que uma instituição de ensino, mas também um centro de propaganda para anarquistas, socialistas e integrantes da I.W.W. (Industrial Workers of the World) e sindicalistas. “Em 1912, filhos de grevistas de Lawrence foram levados para Nova York por Margaret Sanger, onde ficaram temporariamente com famílias da Ferrer School. As famílias também ofereceram

apoio financeiro aos grevistas. Outro grupo de crianças, filhos de grevistas ficou sob os cuidados da Biblioteca Radical da Filadélfia. A Ferrer School arrecadou fundos para a Revolução Mexicana.” (AVRICH, c1980, p. 90) (tradução livre da autora)

Entre os problemas da Ferrer School estavam as dificuldades financeiras, pois dependiam de colaborações e a falta de formação e experiência dos professores para o ensino infantil. Não havia também clareza do que deveria ou não constar no programa de ensino. (AVRICH, c1980, p. 91)

Em outubro de 1912 a Ferrer School mudou-se para o bairro do Harlem, habitado por trabalhadores imigrantes judeus e italianos. (AVRICH, c1980, p. 96). A nova instalação contava com três andares, salas de aula e espaço para refeições. O aluguel continuou sendo pago por Alden Freeman. Como a Ferrer School mudou-se de bairro, muitos alunos não continuaram na escola, mas logo ganhou 16 alunos novos. Foram ministradas aulas de leitura, aritmética, história, geografia e música. (AVRICH, c1980, p. 96)

O novo endereço da Ferrer School ficava nas proximidades do Central Park e o professor Will Durant levava-os para atividades ao ar livre. (AVRICH, c1980, p. 97). Durant organizava também aulas abertas a adultos sobre literatura, arte, psicologia, fisiologia, inglês, francês, espanhol e esperanto. Para esta tarefa eram convidados palestrantes. (AVRICH, c1980, p. 98) Os cursos eram ministrados de segunda a sexta-feira durante a noite e havia palestras adicionais aos domingos. Após sair da Escola Moderna, Will Durant ficou famoso com a *Coleção História da Civilização*, escrita com sua esposa Ariel, que fora sua aluna.

A biblioteca de João Penteado inclui um exemplar do livro *Filosofia da vida*, de autoria de Will Durant, publicado em São Paulo, pela Companhia Editora Nacional. (acervo CME/FEUSP).

Nos Estados Unidos, as Escolas Modernas não encontraram barreiras governamentais e religiosas que foram enfrentadas em países da Europa ou América Latina. Foram fundadas dezenas de Escolas Modernas, algumas de curta duração devido a dificuldades financeiras, mas que atenderam a comunidades de imigrantes e filhos de anarquistas americanos.

1.2.6 Anarquistas individualistas na França

Na França, os individualistas eram uma corrente significativa entre os libertários. Eles criticavam o ensino laico francês e até mesmo as iniciativas educacionais dos demais grupos anarquistas.

Anna Mahé, individualista no início de sua militância, estudou na Escola Normal de Nantes e mais tarde tornou-se tipógrafa. Publicava artigos no jornal *Le Libertaire*, muitos dos quais faziam defesa da simplificação ortográfica da língua francesa. Em 1905, Anna Mahé e outros individualistas afastaram-se do jornal *Le Libertaire* para fundar o jornal *l'anarchie*. Em 1907, Albert Libertad, editor do jornal e companheiro de Anna Mahé foi preso e ela o substituiu na direção de *l'anarchie*. Ela deixou o jornal em 1909 após a morte de Albert Libertad. (LENOIR, 2018, p. 18).

Anna Mahé dirigia críticas ao ensino oferecido pela República na França, denunciando como o ensino laico havia substituído o culto religioso pela veneração à pátria. Anna Mahé e Émile Lamotte defendiam a importância da educação, mas criticavam o ensino oferecido pela República que servia para adestrar as crianças, transformando-as em cidadãos passivos e convenientes ao Estado.

Émile Lamotte (1876-1909), outra militante individualista, foi professora e colaborou com os jornais *Le Libertaire* e *l'anarchie* escrevendo artigos com críticas ao militarismo, o ensino confessional e laico na França. Em 1906 participou da criação de uma colônia que contava com uma escola e uma tipografia. (LENOIR, 2018, p. 19-20).

Em um cartão-postal incluído no jornal *l'anarchie*, de 1906, uma charge criada por Leon Israël apresenta de forma didática o percurso de uma criança francesa, como uma “Embriologia eleitoral: história natural de um cidadão francês na Terceira República”. A criança começa seu “aprendizado” sofrendo violências na família, segue sendo humilhada na escola pelo professor e posteriormente na caserna, até tornar-se um cidadão e eleitor devidamente adestrado.

Figura 12 - Leon Israël para o jornal l'anarchie.



Fonte: LENOIR, Hugues; GAMBART, Perrine. **Os anarquistas individualistas e a educação (1900-1914)**. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2018. p 40.

Anna Mahé afirma que a educação não deve restringir-se a um curto período escolar, mas fazer parte de toda a existência das pessoas. Os individualistas, bem como os anarcossindicalistas defendem a importância da educação para a transformação da sociedade. Outro ponto em comum é a co-educação entre meninas e meninos para uma sociedade mais harmoniosa. Mahé, assim como Madelaine Vernet, defende o papel da mãe como educadora, acrescentando que as mães devem receber preparo para esta função. (LENOIR, 2018, p. 31)

Com o objetivo de dedicar um espaço para uma educação ao longo da vida, foi criada a “Causeries Populaires” que tinha como proposta uma abertura maior à participação do que as Universidades Populares. Foi fundada por Albert Libertad e Paraf-Javal. (LENOIR, 2018, p. 17).

Anna Mahé e Emile Lamotte apresentam a educação oferecida pelo Estado como uma forma de moldar cidadãos dóceis, operários, soldados e eleitores convenientes à Nação. Alguns individualistas mais radicais, como Le Rétif, também

colaborador do jornal *l'anarchie*, identifica em toda escola, religiosa, laica ou até mesmo libertária, formas de manipulação. Para este autor, todas as escolas “matam o indivíduo”. (LENOIR, 2018, p. 42). Le Rétif “considera que a obra do sindicalismo é de mesma natureza que aquela dos educadores clericais ou estatistas”. (LENOIR, 2018, p. 60).

Anna Mahé dirige críticas até mesmo à experiência de La Ruche, organizada por Sébastien Faure e ao orfanato dirigido por Madelaine Vernet. Para Mahé, há uma falsa neutralidade na educação oferecida em La Ruche. Para ela deveriam ser apresentadas à criança uma grande variedade de ideias, inclusive anarquistas, para deixar que o aluno decida qual deve seguir. (LENOIR, 2018, p. 57). Mahé critica as práticas do orfanato de Madelaine Vernet, pois separam a criança da mãe, sua primeira educadora. (LENOIR, 2018, p. 56). Sebastien Faure foi criticado entre os individualistas por interpretar a escola laica francesa como um mal menor do que a escola tradicional. (LENOIR, 2018, p. 58).

Lenoir afirma que através dos artigos do jornal "*L'anarchie*", é possível inferir que alguns individualistas parecem ter tido experiências de educação livre com seus filhos, mas não há vestígios concretos destas práticas. (LENOIR, 2018, p. 59).

A França, país no qual Francisco Ferrer encontrou algumas de suas inspirações, teve várias experiências de educação libertária: Louise Michel em Montmartre, Paul Robin que dirigiu o Orfanato de Cempuis e La Ruche dirigida por Sébastien Faure. Entre os individualistas franceses foram, no entanto, encontradas críticas ao ensino praticado por anarquistas e mesmo a Francisco Ferrer. Anna Mahé afirmava que não poderia haver uma educação racional em uma sociedade irracional. (LENOIR, 2018, p. 55). Estas críticas não parecem ter encontrado eco em países como o Brasil, no qual os questionamentos às Escolas Modernas e a aspectos do ensino racionalista partiram de outros segmentos.

O ensino racionalista de Francisco Ferrer encontrou críticas também em seu país de origem, com Ricardo Mella que defendia a neutralidade no ensino. Mella afirmava, em um texto originalmente publicado em 1910, no jornal *Acción Libertária*, que o ensino racionalista era a imposição da doutrina anarquista aos jovens:

Não se dão conta, esses libertários, de que ninguém tem a missão de fazer aos demais desse ou do outro modo, mas o dever de não estorvar que cada um faça-se a si

mesmo como queira. Não observam que uma coisa é instruir nas ciências e outra é ensinar uma doutrina. Não se detêm em considerar que, o que para os adultos é simplesmente propaganda, para as crianças resulta em imposição.” (MELLA, 2019, p. 23)

Ricardo Mella (1861-1925) nasceu em Vigo, Espanha, em sua juventude foi militante do Partido Republicano. Escreveu em periódicos como *La Verdad* e *La Propaganda*. A aproximação de Mella com as ideias anarquistas aconteceu entre 1881, com o Congresso de Barcelona, e 1882, com o Congresso de Sevilha. Neste período ele conhece Juan Serrano Oteiza que se tornaria seu sogro. (FERNANDEZ ALVAREZ, 1990, p. 63).

Em 1887, Ricardo Mella mudou-se com a esposa Esperanza Serrano para Sevilha, onde trabalhou como topógrafo. Neste período escreveu na imprensa anarquista em periódicos como: *Acracia*, *La Anarquía*, *La idea libre*, *El Corsario*, *El despertar* e *Ciencia Social*. (FERNANDEZ ALVAREZ, 1990, p. 69).

Durante a Primeira Guerra Mundial, Ricardo Mella adotou a defesa dos Aliados por acreditar que seria uma vitória da liberdade. Esta foi também a posição assumida por outros anarquistas como Kropotkin, mas a maior parte dos libertários escolheu a neutralidade. Em 1915, no Congresso Internacional Anarquista contra a Guerra, a escolha pela neutralidade diante da Guerra Mundial foi consolidada. (FERNANDEZ ALVAREZ, 1990, p. 63). A partir deste momento, Ricardo Mella afasta-se da militância anarquista.

As críticas de Mella ao ensino racionalista não parecem ter tido repercussão ampla entre os militantes espanhóis e de outras regiões, pois escolas que adotaram o ensino racionalista expandiram-se pelo mundo.

Apesar das críticas de Ricardo Mella, o ensino racionalista e a Escola Moderna de Barcelona consolidaram-se enquanto modelo pedagógico libertário a ser seguido em diversos países da Europa e da América. As ideias pedagógicas anarquistas difundiram-se através dos jornais anarquistas e através das palestras de seus militantes, intensificando-se após a morte de Francisco Ferrer. Experiências educativas como A Colméia e Iasnaia Poliana eram de conhecimento de anarquistas, como João Penteadó e serviram como inspiração. No entanto, a Escola Moderna de Barcelona tornou-se um modelo a ser seguido: “Dessa forma, é possível afirmar que a pedagogia racionalista, dentre todas as pedagogias anarquistas, foi a

única que teve uma organização suficiente para se consolidar como modelo pedagógico.” (LEUTPRECHT, 2018, f. 214)

2 CIRCULAÇÃO DE IDEIAS LIBERTÁRIAS SOBRE EDUCAÇÃO EM SÃO PAULO

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de ódio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozear protesto, esse alarido de meia humanidade indignada representa o homem futuro, o Hércules que nasce, retesa os músculos, que investe afoitamente contra a Hidra-Autoridade.

(José Oiticica, *A Lanterna*, 1912)

No período entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, São Paulo passou por profundas mudanças econômicas e sociais, com um considerável crescimento da produção agrícola e industrial, além da intensificação dos fluxos imigratórios.

No Brasil entre 1887 e 1930 chegaram cerca de 3,8 milhões de imigrantes. (FAUSTO, 1999, p. 275). Mais da metade, tiveram como destino o estado de São Paulo, em grande parte, estimulados pela política de imigração. Os grupos de imigrantes mais numerosos eram italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses. Em meio aos imigrantes, havia alguns que traziam experiências de contatos ou militância anarquista.

Há muitas definições de anarquismo e de suas correntes, no entanto, buscamos uma de Gigi Damiani (1876-1953), anarquista italiano, jornalista e poeta:

O ponto de vista comum em torno do qual todos os anarquistas estão de acordo, porque reagrupa todas as tendências do anarquismo, por mais variadas que sejam, é aquele que conduz à mesma meta e que se caracteriza no fato de se manter o movimento anárquico com uma feição que os distingue de todos os outros movimentos político-sociais: a concepção de domínio e de exploração do homem pelo homem.

O anarquismo pode ter tendência individualista, comunista ou coletivista; cristão primitivista; referir-se ao marxismo da primeira hora; ser ativista, revolucionário, educacionista; pode aceitar ou repelir o fator violência, especializar-se no malthusianismo ou no vegetarianismo; mas, no seu complexo, tende a uma única finalidade: a independência moral e física do indivíduo, reforçada e não diminuída pela prática da solidariedade entre todos os seres humanos, próximos ou distantes. (DAMIANI, GIGI, *Anarquistas e anarquismo. A Plebe*, São Paulo, ano 31, n. 11, 1947, p.4)

Gigi Damiani nasceu em Roma, Itália, onde tornou-se militante anarquista e imigrou para o Brasil, provavelmente em 1897, onde envolveu-se com o movimento libertário de São Paulo. Atuou no jornal *La Battaglia*, ao lado de Oreste Ristori, que conheceu em uma de suas prisões na Itália. Publicava textos em italiano e português. Colaborou também no jornal *Terra Livre*, dirigido por Neno Vasco e na imprensa libertária do Paraná. Trabalhou também no teatro anarquista, escrevendo peças e pintando cenários. Damiani teve uma atuação intensa junto ao movimento anarquista brasileiro e foi expulso do país, em 1919. (RODRIGUES, 1995, p. 124). No trecho do texto publicado no jornal *A Plebe*, Damiani enfatiza as convergências das diferentes correntes anarquistas que, em síntese, mobilizam-se contra a exploração do homem pelo homem. Interessante também notar sua descrição da pluralidade de manifestações de interesses e atuações do anarquismo.

Nos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo houve um predomínio da corrente anarcossindicalista que tinha como objetivo a transformação radical da sociedade, com a derrubada da burguesia do poder. Os anarcossindicalistas atuaram intensamente junto a sindicatos e a associações de trabalhadores, na organização de greves e propagação do ideário anarquista.

O anarcossindicalismo inclui como princípio, a emancipação dos trabalhadores como obra dos próprios, conforme a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). A emancipação dos trabalhadores ocorreria não somente por meio das lutas sindicais com a reivindicação de melhores condições de trabalho e de vida para a classe trabalhadora, mas também através da educação formal ou informal.

Embora o termo anarcossindicalismo seja questionado por alguns historiadores, este era um termo amplamente empregado por anarquistas das primeiras décadas do século XX em São Paulo e mesmo pela polícia política. (vide PARRA, 2003).

Jaime Cubero (1926-1998) jornalista e militante do movimento anarquista definia o anarcossindicalismo como termo similar ao sindicalismo revolucionário. O autor apresenta a atuação anarcossindicalista como uma forma de resistência da classe trabalhadora e espaço de aprendizado para autogestão:

O anarcossindicalismo, na nossa concepção, apresenta uma dupla face: é simultaneamente um órgão de defesa e resistência da classe trabalhadora e uma escola de revolução social. Tem a tarefa de resistir à opressão e às explorações cotidianas do capitalismo, garantindo um mínimo de autonomia e liberdade para a organização da classe e ao mesmo tempo ser um espaço de criatividade revolucionária, onde o trabalhador aprenderá o que é capitalismo, como superá-lo, como estabelecer a autogestão das lutas e finalmente como preparar a autogestão completa da sociedade. Sua atividade passa por todo um movimento de pedagogia libertária e pela necessidade de um saber integral para os trabalhadores. (CUBERO, 2015, p. 133).

Cubero atribui uma função pedagógica às atividades anarcossindicalistas, tratava-se um aprendizado cotidiano para a autogestão através das lutas da classe trabalhadora.

No Brasil, a partir do final do século XIX, a busca de instrução para os trabalhadores e seus filhos surgiam em meio às lutas de classe. Em 1895, no Rio Grande do Sul foi fundada a Escola União Operária. No mesmo Estado, pouco após a visita do anarquista Eliseú Reclus foi criada uma escola que levava seu nome. (RODRIGUES, c1992, p. 25-26).

Em 1903 foi fundada a Escola Libertária Germinal, em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, inspirada na Escola Moderna de Barcelona. (RODRIGUES, c1992, p. 29).

Em 1904, em Santos, foi fundada a Escola Sociedade Internacional pela União dos Operários Alfaiates. Na mesma cidade, em 1907 foi aberta a Escola Noturna pela Federação Operária de Santos.

No Rio de Janeiro, em 1904, foi criada a Universidade Popular, na qual eram ministrados cursos de Filosofia, com Pedro do Couto, de Higiene com Fábio Luz, de História Natural por Platão de Albuquerque, História das Civilizações com Rocha Pombo e Geografia com Pereira da Silva. A Universidade Popular contava com uma biblioteca para subsidiar suas atividades. (RODRIGUES, c1992, p. 26-27). Um dos fundadores da Universidade Popular do Rio de Janeiro foi Elysio de Carvalho que mais tarde colaborou para o fechamento da Universidade, por má administração. (RODRIGUES, 1995, v. 2, p. 46)

Elysio de Carvalho (1880-1925) era alagoano, estudou no Seminário de

Olinda e estabeleceu residência no Rio de Janeiro. Aproximou-se das ideias anarquistas graças às leituras de Stirner e Nietzsche. (CORRÊA, 1998, p. 192). Colaborou na fundação de revistas e jornais anarquistas. Porém, mais tarde, alterou suas convicções e tornou-se policial. Passou a acreditar que a transformação social ocorreria por meio de uma aristocracia esclarecida. Alguns anarquistas, como Oreste Ristori, desconfiavam que Elysio de Carvalho já fosse um infiltrado, em seu período de militância entre os libertários.

A educação racionalista foi objeto de discussão nos Congressos Operários Brasileiros de 1906 e 1913. No Congresso Operário Brasileiro de 1906, recomendou-se que os sindicatos fundassem escolas. No Segundo Congresso Operário Brasileiro, de 1913, aconselhava aos sindicatos que adotassem o ensino racionalista em suas escolas e ateneus.

A fundação de escolas não era a única estratégia dos libertários, foram também fundados diversos Centros de Cultura, Ateneus e Bibliotecas Populares. Em 1913, em São Paulo, foi fundado o Centro Feminino Jovens Idealistas com o objetivo de oferecer educação e emancipação às mulheres. Em 1920, o Centro Feminino promoveu palestras, conferências e campanhas em prol da libertação de presos políticos.

A circulação de ideias libertárias de educação no Brasil deve ser analisada em uma perspectiva transnacional, pois um dos mais importantes princípios do anarquismo é o internacionalismo. Libertários atuantes no Brasil estavam em constante intercâmbio com anarquistas de outros países da América e da Europa. Jornais publicados no Brasil eram permutados com publicações internacionais. A segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela intensa imigração de trabalhadores europeus para a América. Os imigrantes que poderiam trazer em suas bagagens ideais anarquistas ou conhecerem o anarquismo junto a brasileiros ou outros imigrantes no Brasil. Muitos destes imigrantes foram expulsos do Brasil, mas continuavam colaborando com a imprensa anarquista brasileira. Voltaram para seus países de origem, levando as experiências do movimento libertário no Brasil.

As informações sobre as experiências educativas, como a Escola Moderna e a Colméia, chegaram ao Brasil, principalmente através de jornais libertários e pela

circulação de militantes.

Textos sobre Francisco Ferrer, de diversos autores, anarquistas ou não, foram publicados no Brasil e circularam por São Paulo. Há textos desde o fechamento da Escola Moderna de Barcelona, em 1906, notícias de sua condenação e fuzilamento, em 1909 e protestos populares. A partir de 1910, os periódicos anarquistas publicam nos meses de outubro, textos que relembram o fuzilamento de Ferrer, as injustiças cometidas pela Igreja Católica e a Monarquia na Espanha.

Entre os autores que escreveram sobre Francisco Ferrer estão libertários como Polydoro Santos, Oreste Ristori, Neno Vasco, Benjamim Motta, José Oiticica e outros.

Polydoro Santos (1882-1957) foi fundador e professor da Escola Moderna de Porto Alegre, pela qual passaram 400 alunos. (SILVA, 2021, p. 17). Polydoro Santos foi autodidata, fundador, tipógrafo e colaborador de diversos jornais. Em 1923, foi presidente da Sociedade Pró-Ensino Racionalista que teve como objetivo angariar fundos para a construção de um prédio para uma Escola Racionalista. (RODRIGUES, 1998, p. 23).

O anarquista italiano, Oreste Ristori (1874-1943) fez parte do Comitê Pró-Escola Moderna, proferiu palestras sobre Ferrer e a Escola Moderna, no interior do Estado de São Paulo. Publicou o texto *Nell'ora tragica e sanguinosa* (A hora trágica e sangrenta), no jornal *La Bataglia*, logo após o fuzilamento de Ferrer, em 17 de outubro de 1909, o autor expressava grande perplexidade e indignação pela injustiça cometida contra o fundador da Escola Moderna de Barcelona. (*La Bataglia*, ano VI, n. 233, 17 out. 1909). Oreste Ristori, assim como outros anarquistas atuantes no Brasil, foram considerados “perturbadores da ordem social” e condenados à expulsão do território brasileiro.

Neno Vasco (1878-1920), pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queiroz, escreveu textos sobre Ferrer, entre 1912 e 1915. Este autor, tornou-se anarco-comunista em Portugal, durante seu período de estudos na Faculdade de Direito. Em 1901, veio morar em São Paulo, onde já residiam seus pais. Fundou o jornal *O Amigo do Povo*. Na capital paulista, Neno se deparou com anarquistas de diferentes origens e reforçou suas convicções anarco-comunistas com a convivência com militantes como Sorelli, Gigi Damiani e Alexandre Cerchiai. (SAMIS, 2018, p.

174). Em 1903, Neno Vasco foi um dos fundadores do Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo, em São Paulo. Neste mesmo ano, Vasco colaborou para a fundação da Escola Libertária Germinal, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. (SAMIS, 2018, p. 231-232). Em 1910, regressou a Portugal, entusiasmado com a Proclamação da República Portuguesa. Neno Vasco continuou colaborando com jornais brasileiros.

De acordo com Francisco Oliveira, as notícias sobre Francisco Ferrer e a Escola Moderna de Barcelona circularam nos jornais operários de todo o Brasil, nas primeiras décadas do século XX. (OLIVEIRA, 2019, f. 81)

A condenação de Francisco Ferrer teve repercussão internacional e foi noticiado por jornais de grande circulação no Brasil, como *O Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) e *O Pharol* (Juiz de Fora). Os periódicos, informaram sobre protestos contra o fuzilamento de Ferrer em diversos países do mundo. No Brasil houve manifestações nos estados da Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. (OLIVEIRA, 2019, f. 83)

Foram destacados aqui três educadores libertários que contribuíram significativamente com a divulgação de ideias e práticas através de textos sobre Francisco Ferrer e de experiências educativas: Maria Lacerda de Moura, Adelino Tavares de Pinho e João Penteado.

2. 1 Maria Lacerda de Moura

Pretende-se analisar como a educadora Maria Lacerda de Moura (1887-1945) interpretava a obra de Francisco Ferrer Guardia, em seus escritos. Maria Lacerda, ao longo de sua vida, publicou muitos livros e artigos com temáticas variadas como condição feminina, fascismo, e educação. Foram selecionados dois textos, o capítulo sobre Educação Nova do livro *Renovação*, publicado originalmente em 1919 e a obra *Ferrer e o Clero Romano*, de 1934. Maria Lacerda de Moura circulou, ao longo da vida, entre diferentes grupos como alunos, professores, trabalhadores, feministas, maçons, antifascistas, anticlericais e anarquistas. As ideias de Maria Lacerda foram ouvidas em conferências, em cidades como Barbacena, Juiz de Fora, São Paulo,

Santos, Campinas, Sorocaba, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Rosário. Seus livros e artigos desfrutaram de popularidade dentro e fora dos círculos anarquistas, embora suas ideias tenham sido também alvo de controvérsias.

Os textos analisados foram publicados em períodos bem posteriores à morte de Francisco Ferrer, porém considerando a popularidade de Maria Lacerda de Moura entre os trabalhadores, possivelmente estes foram importantes formas de aprofundar os conhecimentos de leitores interessados na educação racionalista de Ferrer. Além disso, nos parece particularmente significativo pensar na visão de Maria Lacerda sobre o educador catalão, pois ela foi uma das únicas professoras do meio anarquista brasileiro com formação em Escola Normal de seu período. Buscamos refletir também como Maria Lacerda aplica sua visão de educação nas atividades de professora, escritora, oradora e feminista. Seguimos o texto apresentando Maria Lacerda de Moura.

Maria Lacerda de Moura (1887-1945) nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais. Ainda na juventude foi influenciada por seu pai, anticlerical e espírita. Formou-se na Escola Normal de Barbacena, onde foi professora de Pedagogia e Higiene. Casou-se aos 17 anos. Em 1908, após separação, retomou sua carreira como professora e posteriormente participou da Campanha Barbacenense de Alfabetização. (LEITE, 1984, p. viii).

Em 1918, publicou seu primeiro livro: *Em torno da educação*. Esta obra despertou o interesse do anarquista e professor do Colégio Pedro II, José Oiticica, com quem trocou correspondências. Maria Lacerda mais tarde mudou suas posições sobre esta obra, afirmando: “que horror! Livro patriótico, exaltado, burguesíssimo, cheio de preconceitos e dogmatismo. Não o reconheço mais.” (MOURA, Maria Lacerda de IN: LEITE, Míriam Moreira p. 145).

Aos 34 anos, Maria Lacerda mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como professora particular e jornalista. Maria Lacerda, por meio do autodidatismo, conheceu autores como Francisco Ferrer Guardia, Paul Robin e Sebastien Faure. Ao longo de sua vida publicou 14 livros e dezenas de artigos em jornais. Participou de associações femininas em Barbacena, São Paulo e Santos. Escreveu artigos para os jornais *O Combate*, *A Plebe*, *A Lanterna* e *A Tribuna* de Santos. Publicou também artigos na Espanha, na *Revista Blanca* e na *Revista Estudios*.

Em São Paulo, Maria Lacerda fundou a Federação Internacional Feminina com a anarquista Isabel Cerruti e Bertha Lutz. O estatuto da Federação indicava a criação de uma disciplina de História da Mulher nas escolas. Por defender os direitos das mulheres operárias terminou sendo expulsa da Federação em 1922, acusada de ser uma feminista revolucionária. (MODESTINO e BARTALINI, 2018, p. 28-29).

No livro *Renovação* de 1919, um dos temas abordados é o feminismo. Para a autora o feminismo é: “uma insurreição das mulheres contra o egoísmo dos homens. É a desforra que irrompe de um sono letárgico secular.” (MOURA, 2015, p. 60).

Maria Lacerda afirma que as mulheres deveriam lutar por trabalhos e salários iguais e serem unidas em momentos difíceis. A autora denuncia a violência contra a mulher, citando como exemplo senhoras de famílias abastadas que apanham de seus maridos e não os denunciam por medo de escândalos (MOURA, 2015, p. 61). Outros casos de violência contra a mulher descritos por Maria Lacerda são os abusos sexuais sofridos por proletárias e criadas domésticas no ambiente de trabalho. (MOURA, 2015, p. 71).

A autora apresenta a história do feminismo e de conquistas de direitos civis das mulheres em países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Portugal e Suíça. Destaca nomes de mulheres que contribuíram para a emancipação da mulher no Brasil como Anita Garibaldi, a escritora Nísia Floresta e Anna Nery, entre outras. Com relação ao sufrágio feminino, Moura mostrou-se bastante cética. Para ela, o direito ao voto feminino não traria mudanças significativas. Maria Lacerda acreditava que os direitos políticos da mulher deveriam servir para “combater o álcool, o jogo, a prostituição, a mendicância exploradora, para fundar escolas profissionais, onde o trabalho da criança não seja explorado, para abrir asilos às crianças desamparadas, postos de socorro ou auxílio às mães...” (MOURA, 2015, p. 127). O papel da mulher aparece relacionado à defesa do bem-estar de crianças e mulheres, com especial atenção à educação e à saúde pública. “Enquanto a mulher não cuidar da emancipação da mulher será escrava das leis e dos preconceitos.” (MOURA, 2015, p. 147)

Maria Lacerda achava que as mulheres deveriam colaborar para a superação da miséria. Deveriam esforçar-se por proteger a mulher operária e as crianças pobres, principalmente filhos de mães desamparadas. Deveriam aprender os

princípios básicos da higiene, de forma a evitar doenças, para cuidar de seus filhos e para oferecer este tipo de conhecimento a operários, por exemplo.

As reformas no sistema de ensino em Minas Gerais foram alvos de críticas de Maria Lacerda, pois segundo ela, regras institucionais não mudam os costumes. Criticou também as mulheres da elite que educam-se em bons colégios e frequentam espaços como tangos, chás, conferências, leem romances e escrevem textos, mas delegam a educação de seus filhos a governantas.

Entre 1928 e 1937, Maria Lacerda morou em Guararema, em uma comunidade não estruturada com objetores de consciência da Primeira Guerra Mundial, provenientes de comunidades espanhola, francesa e italiana. Neste período, Maria Lacerda proferiu palestras pacifistas no Uruguai e na Argentina e participou de campanhas antifascistas em São Paulo, Santos, Campinas e Sorocaba. (LEITE, 1984, p. x)

Grupos comunistas também tinham interesse pelas ideias de Maria Lacerda. Em relatório reservado de 10 de fevereiro de 1933, R. de A., investigador policial afirmava que havia se realizado no dia anterior, na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, em São Paulo, a reunião do Comitê Anti-Guerreiro, um “ambiente tipicamente comunista”. Nesta ocasião, Maria Lacerda proferiu uma palestra fazendo críticas a todas as guerras. Pronunciaram-se também o representante do Socorro Vermelho Internacional, da Federação Sindical Regional, da Juventude Comunista, do Sindicato dos Profissionais do Volante e da Light. Neste evento, proferiu um discurso, a artista Tarsila do Amaral, em nome do Comitê das Mulheres. De acordo com o investigador, “dezenas de elementos comunistas e de destacada atividade ali compareceram.” (PRONTUÁRIO 857 – Maria Lacerda de Moura. **AESP**)

A partir de 1935, a repressão policial do Governo de Getúlio Vargas se intensifica e afeta a comunidade de Guararema, foram realizadas apreensões de livros, prisões e deportações. Maria Lacerda precisou esconder-se em Freguesia da Escada e voltou a Barbacena em 1937, onde retomou as atividades de ensino. (LEITE, 1984, p. 10). Neblind, companheiro de Maria Lacerda de Moura neste período, foi preso. A denúncia contra ele partiu de Lisboa e foi investigada pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP). De acordo

com o denunciante, André Germain, Neblind ou Avelino Fernandes, como era identificado nos documentos estabelecia relações com grupos anarquistas de São Paulo e havia entrado no Brasil com documentos falsos conseguidos na Espanha. Avelino Fernandes escrevia para o jornal *A Plebe* assinando como Neblind. Na residência de Neblind foram encontrados livros, jornais e cartas considerados pelas autoridades “material de propaganda anarquista e comunista”. Algumas das correspondências encontradas eram de autoria de Maria Lacerda de Moura e as autoridades policiais consideraram que se Avelino Fernandes ou Neblind era companheiro de Maria Lacerda, ele deveria ser perigoso, um “subversivo indesejável”. (PRONTUÁRIO 2089 – Avelino Fernandes. **AESP**)

Em 1938, Maria Lacerda mudou-se para o Rio de Janeiro. Este período foi marcado por problemas de saúde e estudos esotéricos. Ela realizou leituras de horóscopo na Rádio Mayrink Veiga. Faleceu em 1945, antes do final da Segunda Guerra Mundial. (LEITE, 1984, p. xi).

Figura 13 - Panfleto de divulgação de conferência ministrada por Maria Lacerda de Moura sobre antissemitismo, a convite do jornal *A Plebe*.



Fonte: **Prontuário 857, Maria Lacerda de Moura. DEOPS/SP. AESP.**

Em dois de seus livros: *Renovação*, publicado em 1919 e *Francisco Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*, de 1934, Maria Lacerda discorre sobre Francisco Ferrer Guardia e a Escola Moderna.

No segundo livro de sua carreira: *Renovação*, Maria Lacerda de Moura destaca a importância da educação feminina e afirma que as mulheres mais instruídas deveriam ser multiplicadoras de seu conhecimento. Outras temáticas abordadas nesta obra são o Amor Livre e a Educação Nova, no qual elenca autores como Francisco Ferrer Guardia e Maria Montessori. De acordo com Adelaide Gonçalves, Maria Lacerda apresentava uma especial preocupação com a educação

dos trabalhadores:

A ideia de conhecimento útil ia além do projeto de autoeducação dos trabalhadores, e muito superando a formação promovida pelos institutos técnicos, pelos filantropos e a educação formal a cargo do Estado. Diante daquilo que consideravam necessário, os trabalhadores faziam suas próprias escolhas. Era pois, um esforço bem distinto tanto daquele da formação nos bancos escolares quanto da mera educação técnica que os capacitaria para o ofício e os moldaria aos interesses do capital. (GONÇALVES, 2015, p. 15)

No capítulo *A Educação Nova*, Maria Lacerda afirma que Maria Montessori estudou as crianças anormais baseando-se em estudos de Itard e Seguin. Entre os princípios básicos da educação montessoriana como o respeito à individualidade da criança e o respeito à independência, à liberdade e à educação dos sentidos. (MOURA, 2015, p. 260). Maria Lacerda transparece uma certa admiração pela pedagogia montessoriana.

Maria Lacerda de Moura ressalta o valor do trabalho de Montessori, mas questiona uma possível aplicação de sua teoria no Brasil devido às deficiências na formação das educadoras. (MOURA, 2015, p. 263)

A autora acredita na educação como um fator de renovação social. Como educadores de referência, a autora cita Rousseau, Paul Robin com o Orfanato de Cempuis, Leon Tolstoi com a Escola de Yasnaia Poliana, Edmond Demolins, com a Escola de Roches, Maria Montessori com a Case dei Bambini e Ferrer com a Escola Moderna. (MOURA, 2015, p. 282)

Para Maria Lacerda, estas experiências tornaram a escola mais atraente oferecendo um ensino mais prático, menos abstrato e dogmático. Destaca o ensino racionalista de Francisco Ferrer que incentiva a curiosidade como forma de chegar ao aprendizado e a educação para a liberdade:

O ensino racionalista combate a superstição e o dogma, faz brotar nas consciências o livre exame, excita a curiosidade, alimenta a dúvida que disseca e ensina. É a educação pela liberdade e para a liberdade, apontando o interesse que há em manter na ignorância e na fé a maioria comodista e pobre de meios para enxergar mais longe. A docilidade, o servilismo e a indiferença é a causa das tiranias dos grandes e poderosos a sugar a massa ignava. (MOURA, 2015, p. 282).

Livros novos eram necessários para uma proposta de educação racionalista, na qual não eram ocultados problemas sociais. Foram publicados: *A Evolução Super-Orgânica* de Lluria, *História Natural* de Odón de Buen, *História Universal* de Clemência Jacquinot e outros. O livro de leitura, Cartilha filológica espanhola publicado por Ferrer esgotou seus 20 mil exemplares em pouco tempo. (MOURA, 2015, p. 283).

Na visão de Maria Lacerda, Francisco Ferrer não era um revolucionário de ações violentas. O próprio Mateo Morral, autor dos atentados contra Afonso XIII divergia de Ferrer e chegou a afirmar: “Não tenho nenhuma fé em Ferrer nem em Tarrida nem em Lorenzo, porque são criaturas fracas que julgam nada se poder fazer senão por discursos.” (MOURA, 2015, p. 284)

Henriette Meyer, professora e secretária na Escuela Moderna de Barcelona precisou ausentar-se para trabalhar em uma campanha pela abolição da pena de morte em Paris, mas foi advertida por Ferrer, pois segundo ele não poderia haver causa mais importante do que a educação:

Para transformar a maneira de ser da humanidade não compreendo que haja coisa mais urgente do que o estabelecimento de um sistema de educação, tal como o concebemos, o qual dando frutos facilitará o progresso e tornará a conquista de toda a ideia generosa muito mais fácil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a Greve Geral, sem saber como havemos de educar os nossos filhos é começar pelo fim e perder tempo. (MOURA, 2015, p. 284-285).

Para Ferrer a tarefa principal para a transformação social seria a educação. De acordo com Maria Lacerda, Ferrer acreditava que o professor não deveria ser neutro e acima de tudo deveria respeitar a liberdade. A Escola Moderna seguia os princípios de Fourier: educação universal, respeitando as vocações, integral e ativa.

Maria Lacerda cita diversas iniciativas, inspiradas no ensino racionalista, estabelecidas no Brasil após o fuzilamento de Francisco Ferrer, como uma escola fundada no bairro da Água Branca, em São Paulo pelo socialista italiano Grossoni que foi em pouco tempo fechada e seu fundador deportado. Escola Moderna n.1, fundada por João Penteado, Escola Moderna n. 2 dirigida por Adelino de Pinho, ambas na cidade de São Paulo. Escola Moderna n.3, em São Caetano, dirigida por

José Alves. Houve também escolas no interior do Estado de São Paulo: uma em Cândido Rodrigues, dirigida por Angelo Bandoni e outra em Bauru, dirigida por José Jubert. (MOURA, 2015, p. 287).

No livro *Francisco Ferrer, o clero romano e a educação laica*, publicado em 1934, Maria Lacerda chama o educador catalão de “apóstolo da não violência” e de “paladino da Escola Nova”, como defensor da instrução popular, racional e científica. Comparava-o a Gandhi por sua resistência e não violência.

Ferrer, em uma carta particular afirmava que “a criança nasce sem ideia alguma preconcebida”, moldando-se pelas ideias que lhe são apresentadas e Maria Lacerda de Moura que havia sido aluna da Escola Normal de Barbacena, faz uma nota para apresentar sua discordância deste ponto. Para a educadora, a criança além de ter as influências do meio há também a questão da hereditariedade e da própria criança. (MOURA, 1934, p. 15-16). Apesar da crítica pontual, Maria Lacerda destaca a relevância de Ferrer na educação popular. A falta de reconhecimento de Ferrer, seria explicada por ter abalado as estruturas de poder e desafiado a burguesia:

Ferrer não foi integrado ainda no lugar a que tem direito, como criador da Escola Nova. Compreende-se: luta de classes...luta de poderes. Ferrer é um desertor da burguesia. É o crime que a burguesia não pode perdoar. Nunca Ferrer distinguiu burgueses de proletários, ricos ou plebeus, homens ou mulheres: era humano, sentiu a dor universal, lutou contra a mediocridade cultivada pela educação. (MOURA, 1932, p. 27)

Para a autora, Ferrer Guardia é propositadamente ocultado entre os educadores e não é reconhecido entre os escolanovistas por representar uma ameaça, mas afirma que ele foi um “precursor da Escola Nova”. O conhecimento sobre a experiência pedagógica de Ferrer com a Escuela Moderna de Barcelona circulavam de fato entre os anarquistas e trabalhadores interessados em educação popular, mas não entre os professores formados nas Escolas Normais: “E Ferrer é afastado cuidadosamente do quadro social dos educadores modernos. Está por demais próximo de nós para que o Estado ou a escola oficial o possa prestigiar, prestando-lhe as homenagens do estilo.” (MOURA, 1932, p. 28). Para Maria Lacerda, Ferrer Guardia defendeu a criança contra a escola religiosa e contra a escola oficial e por esta razão foi considerado indesejável. Ferrer desafiou o poder

através da educação:

Ferrer é filho espúrio da moral social. Porque, defender os interesses do proletariado ou pretender colocá-lo em igualdade de condições sociais, em igualdade de direitos com a burguesia, é quase ofensa aos brios invertidos das classes parasitárias, as quais vivem à custa do trabalhador, certas de que gozam de um direito divino. (MOURA, 1934, p. 29)

Maria Lacerda percebe o caráter revolucionário do educador catalão ao praticar um ensino que leva à emancipação da criança e do adulto. A autora compara as ideias do sociólogo Émile Durkheim que, em *Educação e Sociologia*, afirma que a educação deve desenvolver na criança capacidades esperadas pela sociedade política. Maria Lacerda, no entanto, ressalta que o Estado ou a sociedade abusam de sua autoridade, principalmente no contexto do fascismo. A autora afirma que para Ferrer, o Estado era justamente um dos maiores responsáveis pela ignorância humana. (MOURA, 1932, p. 35).

Ferrer acreditava que o racionalismo científico na educação seria capaz de formar pessoas emancipadas e uma sociedade mais igualitária. Maria Lacerda, apesar de ser uma grande admiradora da obra de Ferrer, não julgava que a ciência pudesse transformar a sociedade. A autora que, neste momento, havia passado pela experiência de uma Guerra Mundial, duvidava da ciência:

As guerras de hoje obedecem a uma técnica absolutamente científica. E duas ou três mais que se repitam, dirigidas como foi a última, pelos sábios dos laboratórios de química, física e bacteriologia - não ficará do gênero humano senão ruínas e escombros, destroços e esqueletos de máquinas e de homens. (MOURA, 1932, p. 49).

Admiradores da obra de Ferrer, como maçons, ateus e livre pensadores, para serem aceitos socialmente matricularam seus filhos em colégios de padres e freiras e participavam de cultos e rituais da Igreja Católica. Para Maria Lacerda, este tipo de atitude torna os livre pensadores de fachada corresponsáveis pelo fascismo. Teríamos o dever de nos posicionarmos diante das injustiças praticadas pela Igreja Católica: “o crime da Igreja, massacrando as energias latentes da juventude e acovardando a consciência humana é muito mais feroz, é muito mais repugnante que o crime da polícia fuzilando o corpo.” (MOURA, 1932, p. 74)

Os militantes devem ser coerentes com suas ideias em suas atitudes cotidianas: se “as Escolas Modernas foram fechadas pela polícia clerical” - uma referência às Escolas Modernas fechadas no Brasil – “cada um de nós tem uma pequena escola moderna dentro do lar e... dentro de nós mesmos.” (MOURA, 1932, p. 85). Para a autora, os militantes não deveriam acovardar-se diante das discordâncias familiares e deveriam romper definitivamente com a Igreja Católica, ainda que para isto seja necessário ‘desertar’ da família.

Maria Lacerda de Moura exerceu sua atividade de educadora em um sentido bastante amplo: como professora no ensino infantil, formadora de novas gerações de professoras e professores na Escola Normal de Barbacena, palestrante, jornalista e escritora. Suas palavras escritas e sua voz foram ouvidas por feministas, anarquistas, comunistas e trabalhadores em geral. Seus livros eram anunciados em jornais anarquistas como *A Plebe* na década de 1930 e faziam parte da biblioteca pessoal de muitos militantes anarquistas e comunistas como pode ser verificado em bibliotecas pessoais apreendidas, como provas de seus “crimes” políticos, pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP.AESP)⁶.

Os textos de Maria Lacerda sobre Francisco Ferrer provavelmente foram importantes para um público de leitores composto por homens e mulheres, maçons, livre pensadores, anticlericais, anarquistas e comunistas. Sua narrativa sobre Ferrer é informativa e elogiosa, mas indica divergências quando julga pertinentes. Como educadora destaca a relevância de Ferrer como um dos precursores da Escola Nova. Apresenta Ferrer como um educador que abalou as estruturas de poder do clero e da monarquia na Espanha. Maria Lacerda ainda faz uma crítica às atitudes incoerentes de militantes que admiravam Ferrer, mas educavam seus filhos em colégios católicos por conveniência ou status social.

2.2 Adelino Tavares de Pinho

Outro grande divulgador da obra e da memória de Francisco Ferrer, no Brasil, foi Adelino Tavares de Pinho. Filho de Francisco Tavares de Pinho e Maria de Jesus Almeida, nasceu em 1885 em Aveiro, Portugal. Chegou ao Brasil em 1906.

⁶ Vide prontuários 198 Ítalo Benassi. DEOPS/SP, 2089 Avelino Fernandes DEOPS/SP e 209 Genny Gleiser. DEOPS/SP.

Provavelmente teve contato com a militância anarquista ainda em Portugal. (AHAGON e SILVA, 2012, p.11).

Em 1907, foi professor na Escola Social, em Campinas, onde já era adepto da pedagogia racionalista. (AHAGON e SILVA, 2012, p.11). Foi colaborador do Jornal *A Plebe* e de acordo com informes da polícia política era o responsável por sua distribuição no interior de São Paulo. (PRONTUÁRIO 04 Adelino Tavares de Pinho. DEOPS-SP. **Arquivo do Estado de São Paulo**).

Em 1908, Adelino de Pinho proferiu a conferência *Pela educação e pelo trabalho*, na Liga Operária de Campinas, obra impressa em Portugal. Neste trabalho, Pinho expõe algumas de suas práticas educativas. Defende a não aplicação de exames, pois estes serviriam para envaidecer os alunos com mais facilidade para aprender e desestimular ainda mais aqueles que vão mal nas provas. A não aplicação de exames era uma prática das escolas de ensino racionalista.

Pinho demonstra uma valorização do trabalho manual, afirmando que os trabalhadores deveriam incentivar seus filhos a desempenharem bem os seus ofícios, ao invés de obterem diplomas para o trabalho burocrático:

[...] o diploma dá vantagem, oferece possibilidades de se poder alcançar um emprego, de se poder deixar o trabalho manual, a oficina, a fábrica, e viver com menos esforço, com mais conforto, melhor acomodado.

Sim, o diploma é a condição para concorrer a tudo isso, mas os trabalhadores devem cogitar em não fazer de seus filhos burocratas. Os trabalhadores devem esforçar-se sim, mas de fazer de seus filhos uns bons trabalhadores manuais, bem hábeis nos seus misteres, bem aptos nos seus ofícios, capaz de viver trabalhando e lutando. (PINHO, 2012, p. 28).

Em artigo publicado no jornal *A Lanterna*, em 1914, o autor apresenta o trabalho de Ferrer com a organização da Escola Moderna e a publicação de livros, revistas e conferências para a comunidade. Adelino de Pinho destacava o bom trabalho realizado por Ferrer, mesmo sem formação: “E toda essa obra, presidida com tanto critério, seria obra de um homem inferior? Não, decididamente. Mais uma prova de que os diplomas nada valem. São um meio de atingir chorudas situações, mas raramente prova de talento verdadeiro.” (PINHO, 2012, p. 82).

Pinho afirma que Ferrer não era movido por interesses econômicos ou

políticos e pagou um preço alto por contrariar o Estado e a Igreja. O autor finaliza destacando a importância de conhecer e adotar os métodos do ensino racionalista, como uma forma de reparar a morte de Ferrer:

Ferrer não foi destes e por isso o mataram. Mas ele viveu nos seus princípios, com os seus prosélitos e se querem vingar a sua morte, se querem venerar e honrar a sua memória, estudemos a sua obra, adotemos os seus métodos, propaguemos as suas teorias, dedicando-nos de alma e coração ao desenvolvimento da Escola Racional. (PINHO, 2012, p. 88).

Em 1909, Adelino de Pinho participou da Campanha Pró Escola Moderna e, em 1912, assumiu a direção da Escola Moderna n.2.

Em 1919, as Escolas Modernas n.1, n.2 e n.3 foram fechadas, deixando indignados seus diretores, professores e alunos. No ano seguinte, Adelino de Pinho publicou um artigo no jornal *A Plebe* sobre as Escolas Modernas. O autor demonstra a contradição do fechamento das Escolas Modernas de São Paulo face a um discurso de preocupação com o analfabetismo por parte da Liga Nacionalista. Pinho apresenta sua explicação para o fechamento das escolas racionalistas de São Paulo:

Que a escola racionalista é a escola do futuro não nos resta dúvida. Basta ver o furor com que os governantes clericais e jesuíticos desta terra investiram contra as modestas Escolas Modernas aqui existentes, mandando-as fechar como prejudiciais aos interesses das mais altas camarilhas de comerciantes, industriais e governantes jesuíticos, reacionários, ultraconservadores e apoucados de prejuízo e previsão social. (PINHO, 2012, p. 97)

Para o autor, o fechamento das Escolas Modernas era a prova de que o ensino racionalista era contrário aos interesses de governantes, clérigos e patrões. Para demonstrar a relevância da educação para a emancipação dos trabalhadores, Pinho apresenta trechos de um documento da Confederação Geral do Trabalho na Espanha que recomenda a criação de um Comitê pró instrução, formação de professores racionalistas e criação de escolas para crianças e adultos. (PINHO, 2012, p. 98-99).

No artigo *União e instrução, exórdio de uma palestra*, publicado originalmente, no jornal *A Plebe* de 30 de julho de 1921, Adelino de Pinho defende que o caminho

para uma sociedade mais justa deve passar pela instrução e pela união dos trabalhadores. Na escola e nas associações de classe, os trabalhadores iriam desenvolver consciência dos direitos, deveres e da força da classe trabalhadora: “Tendes, pois, a associação e a escola, dois baluartes da vossa defesa, duas cidadelas onde podereis elaborar todas as vossas aspirações, desejos e tendências econômicas, morais e intelectuais”. (PINHO, 2012, p. 102).

Após o fechamento da Escola Moderna n.2, Adelino ministrou aulas em Minas Gerais.

Adelino de Pinho, na coluna “O que se imprime e recebemos”, dedicada a resenhas de livros do Jornal *A Plebe*, comenta o livro: *No templo de Minerva: o ensino primário no Brasil*, de João Pedro Martins. Adelino elogia a experiência do autor como ex-professor do ensino Municipal do Rio de Janeiro e seus profundos conhecimentos da organização do ensino. Destaca os conceitos pedagógicos e métodos de ensino modernos. Crítica, no entanto, a defesa de João Pedro Martins ao escotismo que, para Adelino de Pinho, “leva em linha reta para o militarismo, é uma antecâmara da caserna”. (*A Plebe*, ano 2, n. 7, 5 de abril de 1919, p. 2).

Em 1937, Adelino de Pinho ministrou aulas na Academia de Comércio Saldanha Marinho. Na década de 1940, ministrou aulas particulares em Poços de Caldas, Minas Gerais. Ao longo da década de 1950 manteve-se em contato com outros militantes anarquistas como João Penteado e Rodolfo Felipe. Em 1953, residia na Nossa Chácara, localizada no bairro do Itaim Paulista, fundada por anarquistas e naturistas. (RODRIGUES, 1994). Era um espaço de sociabilidade libertária, onde foram realizados festivais, mesmo em períodos de intensa repressão política. Adelino de Pinho foi um autodidata, um grande divulgador das ideias de educação libertária, através da sua atuação como professor e colaborador na imprensa anarquista.

2.3 João Penteado

João de Camargo Penteado nasceu em 1877, em Jaú, estado de São Paulo. Jaú, cidade da região central do estado de São Paulo, destacou-se desde o século XIX pela produção de café. Em 1886 foi construída uma estrada de ferro para escoamento da produção. Jaú ficou conhecida como a “Capital da Terra Roxa”.

Penteado trabalhou como tipógrafo e professor prático. De acordo com Antônio Peres, os pais de João Penteado (1877-1965), Joaquim e Isabel, eram da cidade de Tietê, interior de São Paulo, e foram para Jaú. Joaquim Penteado foi funcionário do Correio de Jaú. João Penteado chegou a ser seu auxiliar neste ofício. (PERES, 2012, p. 55). Ele foi aluno de Caetano Lourenço de Camargo, de quem se tornaria amigo mais tarde. De acordo com Peres, Caetano de Camargo precisou solicitar móveis, utensílios e livros para o Inspetor Geral de Instrução Pública para a escola onde lecionava, devido a sua carência. (PERES, 2012, p. 60). Os métodos de ensino na escola onde Penteado estudou eram característicos do período do Império: disciplina rigorosa, castigos físicos e precariedade de instalações. De acordo com o próprio Penteado, haveria mudanças significativas no ensino, somente durante a República, com a atuação de Caetano de Campos e Cesário Mota, no Estado de São Paulo. (PENTEADO, 1944). João Penteado exerceu a profissão de professor em Jaú. Os professores leigos, como Penteado, eram comuns em escolas isoladas do interior do estado de São Paulo. Penteado também lecionou nos municípios de Juiz de Fora e Mariano Procópio, em Minas Gerais. (PERES, 2012, p. 113).

Na cidade de Jaú havia grupos espíritas que realizavam reuniões para estudo da doutrina de Allan Kardec e de práticas mediúnicas. Caetano Lourenço de Camargo converteu-se ao espiritismo após a morte de sua esposa. João Penteado converteu-se também ao espiritismo, possivelmente por influência do ex-professor e amigo. (PERES, 2012, p. 67).

Paulino de Oliveira Maciel, outro amigo de João Penteado, foi um dos difusores do espiritismo em Jaú. Paulino criou o núcleo espírita “União, Paz e Caridade.” (PERES, 2012, p. 80).

A doutrina espírita apresenta características como a defesa do progresso e da evolução, flexibilidade de hierarquias na forma de organização e valorização de práticas de estudo. O ensino para os espíritas, é considerado uma das principais formas de aprimoramento e evolução.

A publicação de livros e jornais espíritas, organização de grupos de estudos e fundação de escolas foram práticas difundidas entre espíritas no Brasil. Anália Franco (1853-1919), em São Paulo, e Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), em Minas

Gerais, foram dois espíritas que fundaram estabelecimentos de ensino. Para Peres, a adesão de João Penteado à doutrina espírita o influenciou para a valorização do ensino como forma de transformação social. (PERES, 2012, p. 98). De acordo com Peres, espíritas e anarquistas convergiam em alguns de seus princípios:

Espíritas e anarquistas defendiam a utilização dos princípios da racionalidade e do conhecimento científico, empregando métodos baseados nas observações e no método rigoroso dos fatos na valorização das “lições do exemplo”, na experimentação e na mais ampla liberdade de pensar e sentir. Além disso, defendiam os valores da modernidade e da civilização, repudiando as paradas militares e a guerra; as procissões religiosas e os desfiles carnavalescos; a mendicância e a prática da esmola; as religiões e preconceitos patrióticos; a submissão às autoridades civis e religiosas e a escravidão das consciências. Espíritas e anarquistas defendiam a paz, o comportamento moral exemplar, a justiça e a mais ampla liberdade de consciência e expressão de pensamento. (PERES, 2012, p. 135).

O jornal anticlerical *A Lanterna*, teve um público composto por anarquistas, espíritas, livre pensadores e maçons. Este periódico teve sua primeira fase entre 1901 e 1904, circulou em muitas cidades do estado de São Paulo. Nesta primeira fase, teve como editor Benjamin Mota, anarquista e advogado. Suas páginas traziam severas críticas à Igreja Católica que muitas vezes eram comuns a anarquistas, espíritas, livre pensadores e maçons. Denunciou em muitas ocasiões os abusos sexuais praticados por padres e outras autoridades católicas. A segunda fase do jornal tem início em 1909 e foi até 1916, sob a responsabilidade de Edgard Leuenroth. A terceira fase do jornal foi de 1933 a 1935. O próprio nome do jornal remete a valores do Iluminismo, com a ideia de que a razão pode iluminar as trevas da ignorância e da injustiça social. Estes valores eram caros tanto aos anarquistas quanto aos espíritas e maçons.

No que se refere à aproximação de João Penteado com o anarquismo, o historiador Fernando Peres apresenta a possibilidade de ter sido através de uma palestra ministrada pelo militante Oreste Ristori, realizada em Jaú, em 1907. (PERES, 2012, p. 144). Nesta ocasião Oreste Ristori proferiu palestra sobre dogmas na religião.

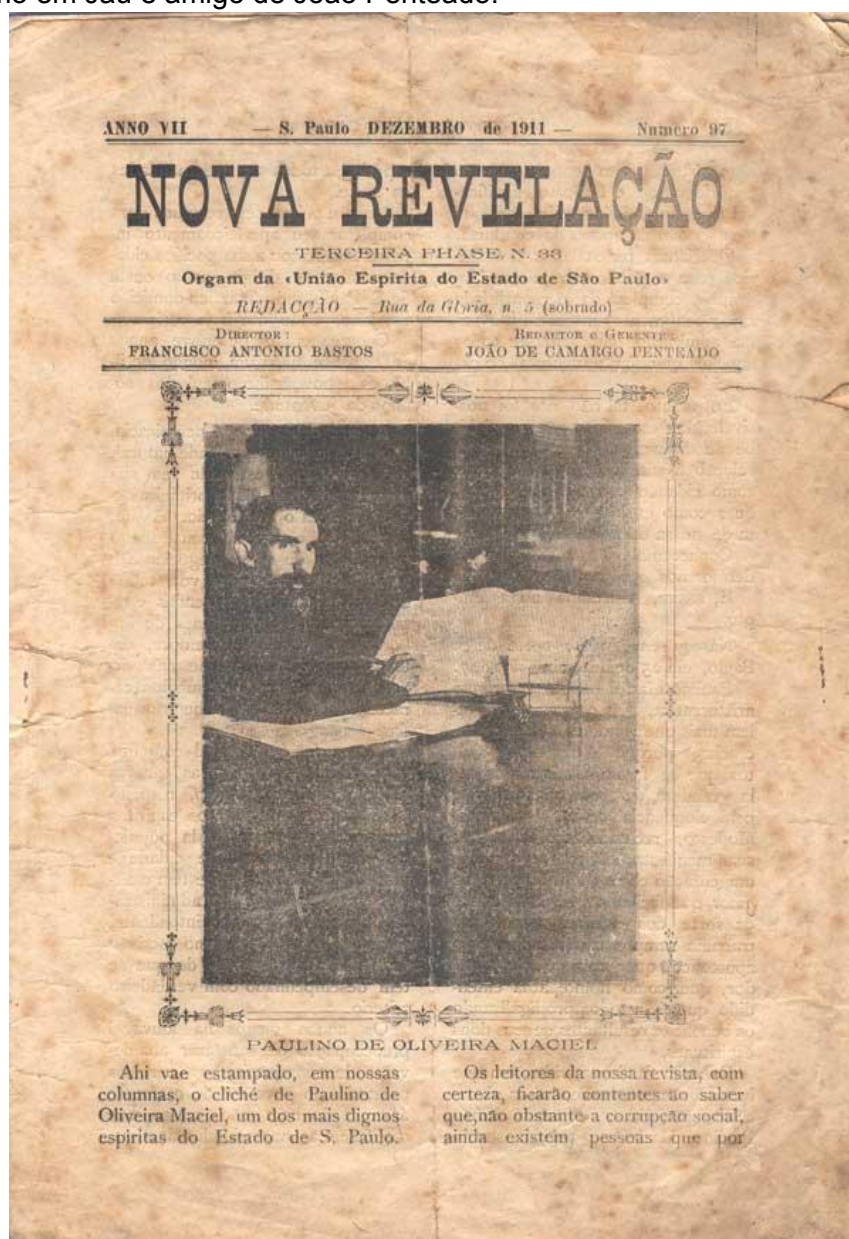
Em Primeiro de Maio de 1908, em Jaú foi fundado o Centro Operário

Beneficente e Instrutivo (COBIJ) do qual chegou a participar João Penteado. Entre os objetivos do Centro Operário estavam a criação de uma biblioteca e de escolas para os associados e seus filhos. (PERES, 2012, p. 149). Da direção do Centro Operário faziam parte espíritas e maçons.

Em 1913, quando Penteado já morava na cidade de São Paulo, o Centro Operário de Jaú inaugurou uma Escola Moderna. Esta escola foi dirigida pelo Professor José Garzone que ministrava também aulas em outras instituições particulares. Peres, no entanto, acredita que a Escola Moderna de Jaú não compartilhava dos mesmos princípios das Escolas Modernas n. 1 e 2 de São Paulo. Um dos possíveis indícios da divergência é o fato de terem requisitado apoio da Secretaria de Instrução Pública do Interior (PERES, 2012, p. 152).

Aos trinta anos, João Penteado mudou-se para São Paulo, onde trabalhou em 1911 como professor de tipografia na Associação Feminina Beneficente fundada por Anália Franco. (PERES, 2012, p. 115). Neste período, foi colaborador e redator das revistas espíritas *Nova Revelação* e *Natalício de Jesus*.

Figura 14 - Nova Revelação, n. VII, n. 97. dez. 1911. Neste período, João Penteadó foi redator e gerente do jornal. Na foto, Paulino de Oliveira Maciel, um dos difusores do espiritismo em Jaú e amigo de João Penteadó.



Fonte: Acervo Centro de Memória/ FEUSP.

Em 1913, João Penteadó voltou a Jaú para proferir uma palestra no Centro Operário, durante as comemorações do Primeiro de Maio. A temática abordada foram as violências policiais a que eram submetidos os trabalhadores no Estado de São Paulo. (PERES, 2012, p. 153-154).

Em 1912, João Penteadó passou a dirigir a Escola Moderna n. 1, até 1919, quando foi fechada pelo Governo do estado de São Paulo. Publicou textos na

imprensa anarquista e colaborou com a União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo, onde assumiu o cargo de bibliotecário em 1920. (PERES, 2012, p. 18-19).

Os textos de João Penteado apresentavam um viés de crítica à estrutura social, mesmo quando abordavam temáticas da doutrina espírita e demonstravam sua visão de educação. No texto *Cenas da rua*, João Penteado observa a desigualdade social, no contraste entre a ostentação dos ricos senhores e operários que comem mal, moram em casas improvisadas e envelhecem prematuramente. Penteado indica a organização social como causa das desigualdades e da miséria. (**Natalício de Jesus**, São Paulo, ano 3, n.43, nov., 1911.p. 150). Penteado descreve pessoas que observa nas ruas, como um idoso, ex-escravizado que pede esmolas: havia trabalhado de forma extenuante em sua juventude e quando finalmente chegou à liberdade, já não tinha forças para continuar e por isso tornou-se mendigo. Penteado demonstra as causas das injustiças e desigualdades sociais e de forma sutil deixando uma marca libertária na imprensa espírita. Observamos em seus textos, indicações das concepções de educação adotadas. Para Penteado, a educação não ocorre somente entre as paredes das escolas ou exclusivamente nos livros, mas também na experiência prática. Para o autor, podemos compreender a sociedade a partir da observação atenta do cotidiano:

o mundo é um livro aberto, em cujas páginas aprendemos sempre boa vontade e inteligente aplicação ao estudo das coisas. Assim, as ruas, as avenidas, as praças públicas são escolas onde os homens se instruem nas lições do exemplo e se educam na experimentação continuada de todos os seus esforços para a consecução da liberdade de pensar e sentir, que primeiro nasce dos comícios para depois triunfar por meio da revolução. (PENTEADO, João. *Cenas da rua*. **Natalício de Jesus**, São Paulo, ano 3, n.43, nov., 1911.p. 151).

Penteado afirma que é nas ruas que passam as procissões, o carnaval, as paradas militares e as revoluções: a observação das ruas é “uma aula de sociologia”. Para o autor, no dia a dia podemos aprender observando a realidade e participando de movimentos sociais.

A propagação de ideias de educação passa pelas pelos textos publicados na imprensa operária, pelas conferências proferidas em lugares como bibliotecas, centros de cultura, associações de classe e sindicatos, mas também pelo exemplo, das próprias vidas dos educadores libertários. Maria Lacerda de Moura, João

Penteado, Adelino Tavares de Pinho, Florentino de Carvalho foram exemplos de retidão e dedicação ao ensino. Foram todos autodidatas que reinterpretraram as ideias de educadores como Francisco Ferrer, Tolstoi e Sebastian Faure à luz da realidade brasileira. Outra importante forma de disseminação das ideias de educação libertária foi a organização de escolas para crianças e adultos, adotando os métodos de ensino racionalista. A organização de escolas foi considerada pelos próprios anarquistas como uma forma de propaganda pela ação. Destacamos a seguir as experiências de criação das Escolas Modernas.

2. 3.1 Escolas Modernas (1912-1919)

Em 17 de outubro de 1909, o Jornal *A Lanterna* noticiava o assassinato de Francisco Ferrer, com emoção e indignação, comparando-o com as perseguições e mortes da Inquisição:

O grande crime foi consumado. Francisco Ferrer, o ilustre pensador espanhol, ilustre e talentoso apóstolo da educação popular, acaba de ser assassinado nos calabouços de Montjuich, caindo como um novo Galileu, como um novo Giordano Bruno, como um novo Servet, vítima do fanatismo inquisitorial da canalha jesuítica, dessa raça maldita de insaciáveis Torquemadas, que, como um imenso bando de urubus, erguem-se sobre a terra, quase eclipsando o sol, envolvendo-a em tenebrosa noite com a negrura de suas asas. (*A Lanterna*, ano IV, n.1 17 out. 1909)

Esta edição do jornal informava que todo o “mundo civilizado” estava protestando contra o assassinato de Francisco Ferrer, inclusive o Brasil. O jornal anunciava um grande comício público Pró Ferrer, a ser realizado, no dia 18 de outubro de 1909, no Largo de São Francisco, às 14h30.

Em São Paulo, em meio à comoção pelo fuzilamento de Ferrer, em 1909 foi instituída a Comissão Pró Escola Moderna para planejamento, propaganda e constituição de recursos financeiros para a fundação de Escolas Modernas. Para obter fundos foram organizadas listas de subscrições, festas e quermesses. Trabalhadores ofereceram seus serviços gratuitamente para auxiliar na construção do edifício da Escola Moderna. (*A Lanterna*, ano IV, n. 10, 18, dez. 1909). Os proprietários da Tipografia Fiorentina, por exemplo, reverteram metade do valor das

vendas do livro *Angelo Longareti o il delitto sociale* em favor da Escola Moderna. (*A Lanterna*, ano IV, n. 47, 3 de set. de 1910, p. 4).

O jornal *A Lanterna*, em sua primeira página da edição de 4 de dezembro de 1909, fazia um apelo aos anticlericais e livre pensadores para unirem esforços ao Comitê Pró Escola Moderna que tinha como objetivos a publicação de obras para professores e alunos, aquisição de um prédio para uma escola modelo, reunião de professores idôneos e auxílio a outras escolas inspiradas no método racionalista. (*A Lanterna*, ano IV, n. 8, 4 dez., 1909, p. 1)

O interesse pela obra pela vida de Francisco Ferrer era considerável: era anunciada a venda de livro dedicado à Espanha e ao trabalho de Ferrer, em “papel de luxo, com retrato de Ferrer na capa”, incluía artigos e poesias sobre Ferrer, os Estatutos da Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância e notas bibliográficas sobre publicações de Ferrer. O livro era vendido na redação do jornal *A Lanterna*, a preços voluntários. Era anunciada a assinatura de *L'Ecole Rénovée*, revista fundada por Francisco Ferrer para a divulgação do método racionalista de ensino. (*A Lanterna*, ano IV, n. 9, 11 dez. 1909, p. 4).

Em 1910, o anarquista Oreste Ristori proferiu diversas conferências em benefício da Escola Moderna. Houve uma grande mobilização entre os anarquistas de São Paulo para angariar fundos para a Escola Moderna. Militantes no Rio de Janeiro também colaboraram arrecadando fundos para a edição de livros para as Escolas Modernas em São Paulo. (RODRIGUES, c1992, p. 41).

Em São Paulo, foi fundado o Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer, que solicitava às administrações de revistas e jornais de propaganda o envio de um exemplar de cada número para a sua sala de leitura, situada na rua da Mooca. (*A Lanterna*, ano XI, n. 143, 15 jun. 1912).

Neste período foram realizadas campanhas de propaganda no interior do estado de São Paulo. Em junho de 1912, Angelo Bandoni, professor na Escola racionalista de Cândido Rodrigues proferiu palestras sobre a Escola Moderna, nas cidades de Dobrada, Araraquara, Jaboticabal, Guariroba, Barrinha e Taquaritinga. Bandoni era auxiliado em suas palestras por duas de suas alunas. (*A Lanterna*, ano XI, n. 145, 29 jun. 1912, p. 2).

Angelo Bandoni nasceu em 1868, na cidade de Bastia, ilha da Córsega, ele era de nacionalidade francesa, mas sua família era italiana. Aos 18 anos mudou-se com a família para a cidade de La Spezia, Itália. Ele chegou a ser preso algumas vezes por furto e uso de documentos falsos. Não se sabe ao certo como ele teve os primeiros contatos com as ideias anarquistas. Em 1900, aos 30 anos, Bandoni chegou ao Brasil. A princípio morou no município de Água Virtuosa, no estado de São Paulo, e depois mudou-se para a capital, no bairro do Bom Retiro. Em 1900, foi colaborador dos jornais anarquistas *Palestra Social*, *Germinal*, *La Battaglia* e *Alba Rossa*.

Em 1901, foi um dos formadores do Circolo Educativo Libertário Germinal. No ano seguinte, fundou a Escola Libertária Germinal, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. A Escola Libertária Germinal funcionou até 1905 quando interrompeu suas atividades por falta de recursos (CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES, 2016, p.98). Em 1907, Bandoni reabriu a Escola Libertária Germinal e realizou uma quermesse para colaborar com suas despesas. A metodologia de ensino adotada era a mnemológico-resolutivo. (CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES, 2016, p. 99-100). O método de ensino adotado por Bandoni, que fazia uso da memorização, foi duramente criticado por companheiros anarquistas de São Paulo. (CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES, 2016, p. 103)

Em 1911, Angelo Bandoni foi chamado a dirigir a Escola Moderna Francisco Ferrer, em Cândido Rodrigues. Esta iniciativa contou com o apoio de pequenos proprietários agrícolas que queriam educar seus filhos.(CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES, 2016, p. 96-97). A Escola Moderna de Cândido Rodrigues funcionou até 1914.

A escritora Zélia Gattai quando criança ouvia as palestras de Angelo Bandoni, no Salão das Classes Laboriosas, espaço que a autora frequentava com sua família. Além disso, Bandoni havia sido amigo de seu avô, Gattai:

Angelo Bandoni frequentava muito nossa casa. Falava sempre em tom oratório, cantava, declamava, discutia qualquer assunto, estava por dentro de tudo, um poço de sabedoria! Era autor de uma paródia ao hino fascista: “Con il terrore / Con il fascismo /non si vince il comunismo...” Distribuía a letra de sua autoria entre os amigos e filhos de amigos; sempre que aparecia, organizava um coro para cantar essa sua versão. Adorava fazer conferências, a qualquer

pretexto saía com um improviso. Era professor, eu nunca soube de quê. (GATTAI, 1997, p. 176)

O Comitê Pró-Escola Moderna visava criar uma Escola Moderna em São Paulo que funcionaria como “um núcleo irradiador”, um modelo para a criação de outras Escolas Modernas no Brasil. Deveriam ser buscados os melhores professores, métodos e processos de ensino. Havia a ideia da criação de uma biblioteca que seria usada por professores e aluno, além de uma editora, para publicação de livros:

Chamamos a atenção para a bem fundamentada exposição da Associação Pró Escola Moderna, do Rio, publicada em nosso anterior número, pois ali está posta a questão nos justos termos: trata-se primeiramente de fazer surgir um núcleo que depois irradiará para os outros pontos.

Porque em S. Paulo não se trata de fundar apenas uma aula, uma escola sem grande alcance, limitando a sua ação e influência à educação racional de poucas dezenas de crianças.

Trata-se de muito mais: de organizar uma boa biblioteca de livros escolares: livros destinados à criança e ao professor e guias para o educador, de fundar uma casa de edições. De estabelecer um núcleo; de procurar o melhor material e os melhores processos de ensino, assim como educadores capazes de propagar os bons resultados obtidos.

De realizar o maior número de extensões possíveis desse núcleo e dos métodos nele adotados.

Não é, pois, uma obra estreitamente local; nela podem colaborar todos e de todas as partes. (*A Lanterna*, ano IV, n. 23, 19 de março de 1910, p. 3)

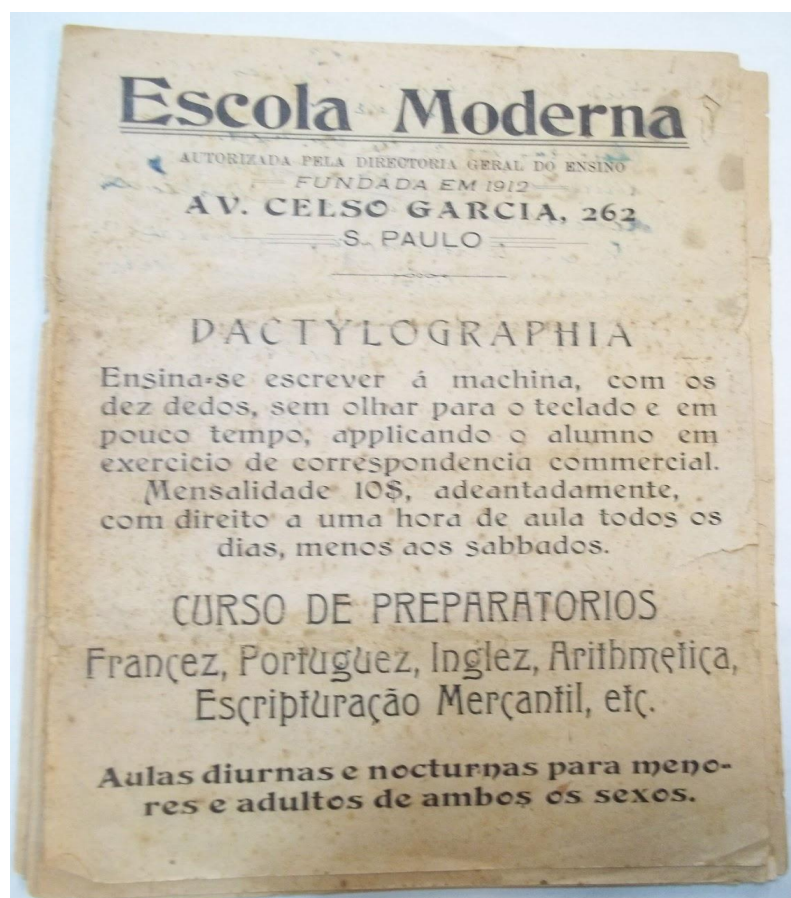
Em 1912, foram abertas na cidade de São Paulo, nos bairros do Belenzinho e Brás, respectivamente, as Escolas Modernas n. 1 e n. 2. Seus participantes tinham uma formação heterogênea, envolvendo educadores de diferentes posturas ideológicas.

As práticas adotadas nestas escolas procuraram seguir o modelo pedagógico racionalista, tendo como principal referência, a Escola Moderna de Barcelona, onde o ensino ministrado era laico e misto – em uma coeducação não somente entre meninos e meninas, mas também entre diferentes classes sociais. Não existiam castigos físicos nem premiações, em uma tentativa de incentivar a cooperação entre

os alunos, ao invés da competição. O ensino das ciências era valorizado, bem como o aprendizado fora da sala de aula. Os alunos eram incentivados a terem autonomia.

No entanto, no processo de apropriação do modelo pedagógico racionalista, nem todos os elementos foram aplicados, tal como na Escola Moderna de Barcelona. A coeducação entre os gêneros, por exemplo, nunca chegou a ser totalmente implementada. Na Escola Moderna n.1, as aulas de trabalhos manuais que envolviam costura e bordado eram oferecidas somente às meninas. Nos cursos noturnos, quando havia a presença de mulheres, estas estudavam em separado dos homens. (MORAES; SANTOS, 2013, p. 125-126). No período diurno, os meninos estudavam pela manhã e as meninas à tarde. (*A Lanterna*, 08 nov. 1913, p.4). O número de meninas matriculadas na Escola Moderna n.1 foi sempre inferior ao número de meninos. (MORAES; SANTOS, 2013, p. 126-127)

Figura 15 - Folheto Escola Moderna, s.d.



Fonte: Acervo Centro de Memória/ FEUSP.

Na Escola Moderna n.1 de São Paulo eram ministrados cursos regulares diurnos e noturnos, além de aulas de francês e inglês, no período noturno, três vezes por semana (*BOLETIM DA ESCOLA MODERNA*, 13/10/1918, p. 4).

No curso primário as matérias eram: rudimentos de português, aritmética, caligrafia e desenho. Para o médio: Gramática, Aritmética, Desenho, Geografia, Princípios de Ciências e Caligrafia. Curso adiantado: Gramática, Aritmética, Geografia, Noções de Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho e Datilografia.

Havia também o oferecimento de ensino profissional nas escolas dirigidas por João Penteado. Desde 1916, na Escola Moderna era oferecido o curso para artífices. (MARTINS, 2010, f. 62). Em 1918, a Escola Moderna passou a oferecer

também o curso de datilografia. Destaca-se a importância atribuída pela educação libertária à formação de trabalhadores e ao contexto histórico da cidade de São Paulo, com a expansão do mercado de trabalho. Há também o aspecto de valorização do trabalho e do trabalhador, em uma sociedade recém saída do regime escravista.

Em 1918, esta escola contava com cerca de 70 alunos e eram ministrados também, neste período, um curso de datilografia. A Escola Moderna n.1 publicou de 1914 a 1916 o jornal *O Início*, com o objetivo de divulgar os trabalhos realizados por seus alunos. De 1918 a 1919 foi publicado o *Boletim da Escola Moderna*, sob a responsabilidade de João Penteadó, que publicava textos de anarquistas, além de trazer informações sobre o cotidiano das Escolas Modernas n.1 e n.2. Diferentemente do que ocorria na Escola Moderna de Barcelona, na Escola Moderna n.1, eram usados livros também presentes em escolas públicas do período. (LEUTPRECHT, 2018, f. 163)

No Jornal *A Plebe* de 1917, há uma nota sobre o ensino de História, assinada por Henri Roorda Van Evisinga. O pedagogo holandês, que colaborou na Escola Ferrer de Lausanne, na Suíça, defendia que o mais importante no ensino da História para as crianças é a compreensão do progresso e não o ensino da “vida e milagres de personagens ilustres”. Possivelmente esta fosse também a concepção de história adotada nas Escolas Modernas de São Paulo. (*A Plebe*, ano 1, n. 16, 07 out. 1917).

A Escola Moderna n.2, fundada em 1912, funcionava na Rua Miller, 74. Foi criada com o apoio do Comitê Pró Escola Moderna. O ensino era racionalista, com método indutivo e objetivo. As matérias ministradas eram leitura, caligrafia, gramática, geometria, geografia, botânica, geologia, mineralogia, zoologia, física, química, fisiologia, história e desenho. As aulas eram diurnas e noturnas. Pretendia-se instalar uma biblioteca e um museu para complementar o ensino. Considerava-se importante o diálogo da escola com as famílias dos alunos. As formas de estabelecer contatos com as famílias seriam festivais com a exposição dos trabalhos dos alunos e palestras. Para complementar o ensino seriam organizadas conferências científicas e sessões artísticas. (*A Rebelião*, ano 1, n. 2, 09 maio 1914, p. 4).

O historiador Edgar Rodrigues relata a existência de outras escolas que

empregavam o ensino racionalista neste período. Em 1911 foi aberta uma Escola Moderna em Fortaleza, Ceará. No ano seguinte, foi inaugurada a Escola da União Operária de Franca, com 46 alunos. No mesmo ano, a Liga Operária de Sorocaba inaugurou uma escola noturna. (RODRIGUES, c1992, p. 55). Em 1919, foi fundada, em São Caetano, uma escola operária pela Sociedade de Resistência dos Laminadores, direcionada a crianças proletárias. (*Plebe*, ano 2, n. 03, 08 de março de 1919, p. 3).

Na Escola Moderna n.1 eram ministradas palestras abertas às famílias dos alunos e demais interessados, como, em 1914, quando João Penteado falou sobre A Paz Universal. (*A Lanterna*, de 29 de agosto de 1914)

De acordo com o jornal *A Lanterna*, a Escola Moderna n.1 era mantida pela Sociedade Escola Moderna de São Paulo e adotava o método racionalista. Estava instalada em um prédio com as condições necessárias para higiene. Informa que a escola, além de oferecer as aulas regulares ministradas pelos professores, mantinha atividades de festas escolares, conferências, hinos e recitativos. As aulas diurnas eram ministradas das 11 às 16 horas, aos sábados as aulas terminavam às 13 ou 14 horas, logo após o “passeio campestre feito pelos alunos”. As aulas noturnas eram ministradas das 19 às 21 horas, de segunda a sexta-feira. No programa constavam aulas de português, aritmética, geografia, história e ciências naturais. Havia a previsão para ampliar o programa de acordo com as necessidades futuras. (*A Lanterna*, ano XIII, n. 258, 29 de ago. 1914, p. 2).

O jornal *A Plebe*, além de divulgar as iniciativas das Escolas Modernas no Brasil, trazia entre suas notícias, pequenas frases de Francisco Ferrer, como: “Procurar o meio de pôr os seres de acordo no amor e fraternidade, sem distinção de sexo, é a grande tarefa da humanidade”. (*A Plebe*, ano 1, n. 4, 30 de jun. 1917).

Nos meses de outubro, mês do fuzilamento de Ferrer, a imprensa anarquista realizava homenagens publicando textos sobre o pedagogo catalão e o ensino racionalista.

No texto de Andrade Cadete, a memória do fuzilamento de Ferrer funcionava para encorajar e unir o movimento anarquista. O autor faz da memória e da revolta contra as injustiças elementos para impulsionar a militância:

Mais um ano - mais força. Mais um ano - mais alento, mais coragem, mais insistência, mais ardor na propaganda reivindicatória na massa proletária, mais argamassa para a elevação do nível moral e intelectual da humanidade inteira [...] O estigma de assassino desvaneceu-se, tornando-se a nossa ira e revolta num brado de saudação àqueles que, ao perpetuarem num crime, acordam tantos famintos de Liberdade e Justiça. Para eles um viva! (*A Plebe* de, ano 1, n. 17, 14 de out. de 1917, p.1)

Há também o poema em *À memória de Ferrer* de Beato da Silva:

Educar para a vida a mocidade,
Para vida forte e sem mentira?
Horror! Isso é anarchia, isso conspira
Contra o céu, mais o throno, mais o abade!

Morte ao infiel, ao que à loucura aspira!
A terra é muito nossa propriedade,
Não deixemos morrer a autoridade,
Como se esvae o fumo duma pyra!
Morte ao infiel - E a terra horrorizada
Viu a ressurreição de Torquemada
Dum mar de sangue horrível e iracundo
Num renascer da inquisitória sanha
Viu Ferrer succunbir dentro da Hespanha,
Para viver no coração do mundo!
(*A Plebe* de, ano 1, n. 17, 14 de out. de 1917, p.1)

Beato da Silva, era pseudônimo de Raymundo dos Reis, poeta e dentista, nascido em Minas Gerais. Foi amigo de Edgard Leuenroth e um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro. (SILVA, 2021, p. 23)

Em outubro de 1917, foram realizadas palestras sobre Francisco Ferrer, em São Paulo, na Escola Moderna n.1, por João Penteado e na cidade de Piracicaba pelo militante Francisco de Azevedo Lamonaco. (*A Plebe* de, ano 1, n. 17, 14 de out. de 1917, p.1)


Em 1917, Florentino de Carvalho foi chamado a exercer a função de professor e diretor da Escola Moderna n. 1, pois João Penteado estava em viagens de propaganda pelo interior de São Paulo. (CALSAVARA, 2012, p. 97).

Florentino de Carvalho (1879-1947), pseudônimo de Raymundo Primitivo Soares, nasceu na província de Oviedo, Espanha. Veio para o Brasil com a família, aos 10 anos. Fez parte da Força Pública de São Paulo. Tornou-se anarquista depois da leitura do livro *A conquista do pão* de Kropotkin. Deixou a Força Pública e

tornou-se tipógrafo. Foi morar em Santos, onde participou do movimento sindicalista. Entre 1908 e 1910 foi preso quatro vezes por publicar manifestos.

Figura 16 - Prontuário 144. Florentino de Carvalho.

Registo Geral Numero PROMISSÃO 144
DATA 12/36



Photographia tirada no mez de _____ de 193

nome: FLORENTINO DE CARVALHO ou PRIMITIVO R.S. *Vulgo:*

QUALIFICAÇÃO	MARCAS PARTICULARES
de José Soares	
Francisca Alves	
nacionalidade: Hespanhola	
nacionalidade: Hespanha	
idade: xxx	
data: 3/5/1883 (43) annos	
estado civil: xxx	
profissão actual: Eletricista	
saber ler e escrever?	
profissão actual:	
profissões anteriores:	
nomes das pessoas que o conhecem e as respectivas residencias:	
nomes dos inspectores que o conhecem:	

Fonte: DEOPS/SP. AESP.

Fugiu para Buenos Aires, onde também participou do movimento anarquista. Na Argentina conheceu o método racionalista de ensino e fundou uma escola inspirada na Escola Moderna de Barcelona. Foi expulso da Argentina em um navio com destino à Espanha e resgatado em Santos, pelos trabalhadores da Companhia

Docas, onde havia trabalhado. (RODRIGUES, 1995, p.96).

Florentino participou da organização da Greve de 1917 e foi expulso do território brasileiro. Retornou ao Brasil em 1918, com um habeas corpus. Foi redator da revista libertária *A Obra* e colaborador da imprensa anarquista. Publicou o livro “Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e a ascensão da anarquia” que de acordo com o DEOPS/SP seria uma obra “incendiária”. (Doc. n.2. 15/12/1931. Prontuário 144, **Florentino de Carvalho**. DEOPS/SP. AESP). Florentino lecionou em escolas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo, incluindo a Universidade Popular Racional e Científica. Foi professor de Jaime Cubero, Francisco Cuberos e Liberto Lemos. (RODRIGUES, 1995, p.98).

De acordo com Edgar Rodrigues, Florentino de Carvalho conseguiu influenciar toda a sua família a aderir às ideias anarquistas: seus sete irmãos e irmãs, sobrinhos, madrasta e até mesmo seu pai, que fora um ardoroso católico. (RODRIGUES, 1995, p.97). Duas irmãs de Florentino, Maria Angelina Soares e Maria Antônia Soares, também atuaram como professoras em escolas de ensino racionalista. (CALSAVARA, 2012, p. 101).

Maria Antônia Soares viveu na Argentina durante a infância e possivelmente tenha sido aluna de seu irmão Florentino em uma escola racionalista. (LUDMILA, et. al., 2021, p. 18). Maria Antônia foi colaboradora do jornal *Nuestra Tribuna*, editado pela anarquista Juana Rouco, na Argentina. (LUDMILA, et. al., 2021, p. 29)

No Brasil, Maria Angelina e Maria Antônia foram professoras em escolas racionalistas, publicaram textos na imprensa libertária e atuaram no teatro anarquista e no Centro Feminino Jovens Idealistas.

O Centro Feminino Jovens Idealistas, um espaço dedicado à emancipação das mulheres, foi fundado em 1913. Em 1915, este Centro contava com uma escola dominical para a instrução de mulheres e meninas, bem como uma biblioteca, para a qual solicitava-se a doação de livros. (LUDMILA, et. al., 2021, p. 151-152)

Em seus textos, as irmãs Soares destacavam a importância da educação para mulheres e crianças. Maria Antônia Soares, no jornal *Guerra Sociale* (1916), destacava a necessidade da instrução da mulher, pois como mãe, deve saber como cuidar bem de seus filhos e manter uma casa com higiene. (LUDMILA, et. al., 2021, p. 108-112).

Figura 17 - Anúncio da Escola Moderna n.1.

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrucção e Educação para menores e
:: adultos de ambos os sexos ::

Aulas diurnas e nocturnas

Ensino theorico e pratico, segundo os methodos da pedagogia moderna, com os quaes se ministra aos alumnos uma instrucção que os habilita para o inicio das actividades intellectuaes e profissionaes, assim como uma educação moral baseada no racionalismo scientifico

CURSO PRIMARIO — Rudimentos de Portuguez, Arithmetica, Calligraphia e Desenho.

CURSO MEDIO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Principios de Sciencias, Calligraphia e Desenho.

CURSO ADEANTADO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, Historia, Geometria, Calligraphia, Desenho, Dactylographia.

~~~~~

Para as alumnas haverá tambem trabalhos manuaes: costura, bordado, etc.

~~~~~

Aulas diurnas

Horario: das 11 1/2 ás 16 1/2 (das 11 1/2 da manhã á 4 1/2 da tarde).

Mensalidades: Curso primario ou medio, 4\$000; curso adeantado, 5\$000.

Aulas nocturnas

Horario: Das 19 ás 21.

Mensalidades: Curso primario ou medio, 5\$; curso adeantado, 7\$

DIRECTOR — PROFESSOR FLORENTINO DE CARVALHO

Avenida Celso Garcia, 262 - Belemzinho - S. Paulo

Fonte: Jornal *A Plebe*, ano 1, n.1, 09 de jun., 1917.

É possível compreender alguns dos pontos de vista dos professores das Escolas Modernas através de seus textos na imprensa anarquista. João Pentead, por exemplo, defendia ideias pacifistas, no texto "O Estado e a Guerra", afirmando que a Guerra Mundial foi o pior dos males trazidos pelo Estado organizado,

resultante de interesses de banqueiros e de industriais sedentos de novos mercados para seus produtos. (*A Plebe*, ano 1, n. 9, 11 de agosto de 1917, p. 4). Para João Penteado, as guerras começam nas escolas e nas casernas, com uma:

educação falseada dos sãos princípios do amor e da justiça, sujeitos à disciplina de obediência e submissão, os homens se pervertem transformando-se em soldados, em seres inconscientes e perigosos, que hoje matam, roubam, incendiam povoações, vilas, cidades inteiras, movimentando-se em máquinas de destruição, a toques de tambor, por sinais, à ordem de seus comandantes. (*A Plebe*, ano 1, n. 9, 11 de agosto de 1917, p. 4).

Para Penteado, o fim das guerras está associado ao fim do Estado e à configuração de um modo de organização social anarquista: “A Guerra é o fruto do Estado organizado, que precisa ser destruído para de seus escombros se levantar a Anarquia, que é a encarnação do ideal de justiça, de paz e solidariedade.” (*A Plebe*, ano 1, n. 9, 11 de agosto de 1917, p. 4). Em agosto de 1917, João Penteado assume novamente a direção da Escola Moderna n.1, com a continuidade do método de ensino e início de aulas noturnas. (*A Plebe*, ano 1, n. 9, 11 de agosto de 1917, p. 4).

Em 1918, durante a epidemia de Gripe Espanhola, a Escola Moderna n. 1, assim como outras instituições de ensino, interrompeu suas atividades. Como consequência, teve problemas financeiros, mas contou com a colaboração de companheiros, associações operárias e de lojas maçônicas. (*A Plebe*, ano 2, n. 03, 08 de março de 1919, p. 2). Costumeiramente, as Escolas Modernas de São Paulo contaram com o auxílio financeiro de militantes e associações de classe, como a Sociedade de Resistência dos Laminadores de São Caetano, Liga dos Padeiros e Confeiteiros, Sindicato Proletário de Sabaúna, União dos Artífices em Calçados, União dos Chapeleiros de São Paulo e Sindicato dos Canteiros de Lageado. (*Boletim da Escola Moderna*, ano I, n.2, 18, mar. 1919, p. 3).

Em outubro de 1918, teve início a publicação do *Boletim da Escola Moderna*, um periódico dirigido por João Penteado, com o objetivo de difundir o ensino racionalista. Informava o editorial de seu primeiro número:

Assim é que, apesar da exiguidade de formato, com que se apresenta, o Boletim da Escola Moderna poderá prestar valiosíssima contribuição para a obra de propaganda racionalista, que temos empreendido, servindo de veículo para a disseminação das

modernas correntes de ideias que tendem a reabilitar a humanidade para a vida, redimindo-a e tornando-a livre e feliz. (*Boletim da Escola Moderna*, n.1, 13/10/1918, p. 2).

As Escolas Modernas realizavam festas com o objetivo de arrecadar fundos. Em abril de 1919, por exemplo, foi realizada uma festa em benefício da Escola Moderna n.1, com recital de poesias, canto de hinos, conferências, baile e quermesse. Aos leitores do Jornal *A Plebe* foram solicitadas prendas que deveriam ser enviadas à Escola ou à redação do Jornal. Foram convidados para a festa, os pais de alunos e demais interessados no ensino racional. (*A Plebe*, ano 2, n. 7, 5 de abril de 1919, p. 4).

Em 1919, as Escolas Modernas n.1, 2 e 3 foram fechadas pelo Governo do Estado de São Paulo, com a alegação de que faziam propaganda das ideias anarquistas. Com muita indignação, a notícia foi amplamente divulgada pela imprensa libertária: “A polícia, manejando seus bonecos da Diretoria da Instrução Pública, que já perdeu a altivez e a independência que lhe ficavam muito bem, ordenou o fechamento das Escolas Modernas.” (*A Plebe*, 29 de novembro de 1919, ano IV, n. 44). A alegação era que as Escolas Modernas “visavam a propagação de ideias anárquicas e a implantação do regime comunista”. De acordo com *A Plebe*, ainda que estas afirmações fossem verdadeiras, o fechamento deveria atingir de igual modo as escolas católicas que pregam mentiras religiosas aos seus alunos. Afirma que as escolas religiosas são “verdadeiras fábricas de escândalos”. (*A Plebe* de 29 de novembro de 1919, ano IV, n. 44). O jornal questiona qual a razão de não ter sido fechado o Orfanato Cristóvão Colombo, envolvido em um escândalo amplamente noticiado.

Em 1907, o padre Faustino Consoni, integrante do Orfanato Cristóvão Colombo, foi denunciado por abusar e assassinar a interna Idalina Stamato, de sete anos. A imprensa anarquista noticiou amplamente os crimes e a omissão das instituições que deixaram impune o Orfanato Cristóvão Colombo e o padre. O caso veio à tona quando a família da criança tentou retirá-la do orfanato, mas a resposta foi que Idalina já tinha sido levada pela mãe. Os jornais *La Bataglia*, *A Lanterna* e *O Livre Pensador* iniciaram uma campanha pela investigação do caso, mas os jornalistas acabaram sendo processados e presos. Em 1911, ocorreu uma grande manifestação popular no centro da cidade de São Paulo, contra o Orfanato e Padre

Faustino. No entanto, o caso foi arquivado pela polícia.

O fechamento das Escolas Modernas de São Paulo está relacionado a acontecimentos envolvendo a Escola Moderna n.3, de São Caetano, que funcionava desde 1918. Em outubro de 1919 houve uma explosão que causou a morte de quatro anarquistas, entre eles José Alves, que era diretor da Escola Moderna de São Caetano. Segundo policiais, o acidente teria ocorrido enquanto os anarquistas manipulavam material explosivo (LUIZETTO, 1986, p. 43). O jornal *A Plebe* acusou a polícia de ter colocado as bombas para incriminar os anarquistas, mas o jornal *O Estado de São Paulo* acusou os anarquistas de tentativa de insurreição e de envolvimento em greves naquele período.

João Penteado enviou uma petição ao Secretário de Justiça e Segurança Pública do Estado de São Paulo, em uma tentativa de reabrir as Escolas Modernas. Ele argumentava que os estabelecimentos de ensino eram laicos, racionalistas e não anarquistas (PERES, 2012, p. 204). No entanto, seu pedido foi negado. Na petição, João Penteado afirmava que a Escola Moderna foi fechada por ser dirigida por anarquistas: “A Escola Moderna apenas poderá ter, de fato, um grave defeito para merecer a perseguição que lhe move: é ser, como já disse, um estabelecimento racionalista, livre-pensador e ser dirigido por anarquista.” (PENTEADO, 1919, p. 3).

Logo após o fechamento das Escolas Modernas em São Paulo, João Penteado, usando seu último nome, “Camargo”, publicou o texto “A Escola Moderna”, explicando que as escolas oficiais atendem aos propósitos do Estado, ao ensinar a obediência cega, o patriotismo, o ódio contra o estrangeiro, com o objetivo de: “torná-los escravos dos absurdos e prejudicialíssimos preconceitos políticos e religiosos, não é senão prepará-los para a caserna, que os espera logo depois da vida escolar, para acabar de corrompê-los e arruiná-los” [...]. (*O Trabalhador Graphico*, São Paulo, 15 jun. 1920, ano 1, n.1, p.5) Para Penteado, as Escolas Modernas foram fechadas pelo Estado por ensinarem “a Verdade e a Justiça”, com a alegação de serem “elementos de perversão social”. Todavia, para o autor, mesmo sem as Escolas Modernas, seria possível educar os “filhos do povo”. Penteado acreditava ainda na educação através da “palavra”, por meio da imprensa, dos livros e de conferências que também poderiam levar à “emancipação do proletariado.” (*O Trabalhador Graphico*, São Paulo, 15 jun. 1920, ano 1, n.1, p.5)

Ao afirmar que mesmo com o fechamento das Escolas Modernas, era possível educar para a emancipação, com “Verdade e Justiça”, Penteado estava se referindo à imprensa libertária, aos centros de cultura, onde haviam conferências e bibliotecas, mas estaria pensando também em sua recém inaugurada Escola Nova? Possivelmente.

Para o historiador, é difícil compreender como era a experiência de estudar em uma Escola Moderna, quais os impactos na vida de um aluno. Uma das formas de aproximação da vivência escolar são os depoimentos, como a entrevista de Germinal Leuenroth, filho de Edgard Leuenroth, concedida, em 1990, à historiadora Marinice da Silva Fortunato. Germinal conta que nas Escolas Modernas se ensinava ao ar livre, em um ensino integrado à natureza. Germinal foi aluno da Escola Moderna n.2, mais tarde, ele teve aulas com Adelino de Pinho, na Universidade Popular Presidente Roosevelt. Germinal não se lembra dos outros alunos, mas relata como “tomava aulas de outros alunos” e de como este modo de ensinar resultava em um sentimento de segurança. Ele se lembra de um professor da Escola Moderna que: “tinha o seu material roubado, isto é, a polícia fechava a escola e levava todo o material. Por que? Porque a Igreja mandava e a polícia obedecia. E novamente a escola era formada em um outro local.” (FORTUNATO, 2022, p. 115). Este relato se parece com a trajetória das escolas dirigidas por João Penteado que logo após o fechamento da Escola Moderna n.1, abriu a Escola Nova.

As experiências educativas de libertários no Brasil, como de João Penteado, Adelino Tavares de Pinho e Florentino de Carvalho, não teriam sido uma reinterpretação das ideias anarquistas de educação adaptadas à realidade brasileira com todo seu contexto de repressão e cerceamento? Em 1919, João Penteado não pôde continuar a Escola Moderna n.1, mas no ano seguinte abriu a Escola Nova que não teve seu cotidiano noticiado na imprensa anarquista, porém, conservou muitas práticas libertárias. Florentino de Carvalho continuou seu trabalho como professor e Adelino de Pinho foi professor na Academia de Comércio Saldanha Marinho e em Poços de Caldas. A continuidade das atividades destes professores libertários podem ser interpretadas como formas de resistência.

Nos Estados Unidos, as Escolas Modernas tiveram suas particularidades devido à falta de recursos materiais: havia um predomínio de escolas dominicais e à

diversidade das comunidades estrangeiras, ministrava-se o ensino em espanhol, italiano, alemão, ídiche, além do inglês. Todavia não precisaram enfrentar a pressão de comunidades católicas ou o controle estatal da educação como no Brasil.

2.3.2 Escola Nova (1920-1923)

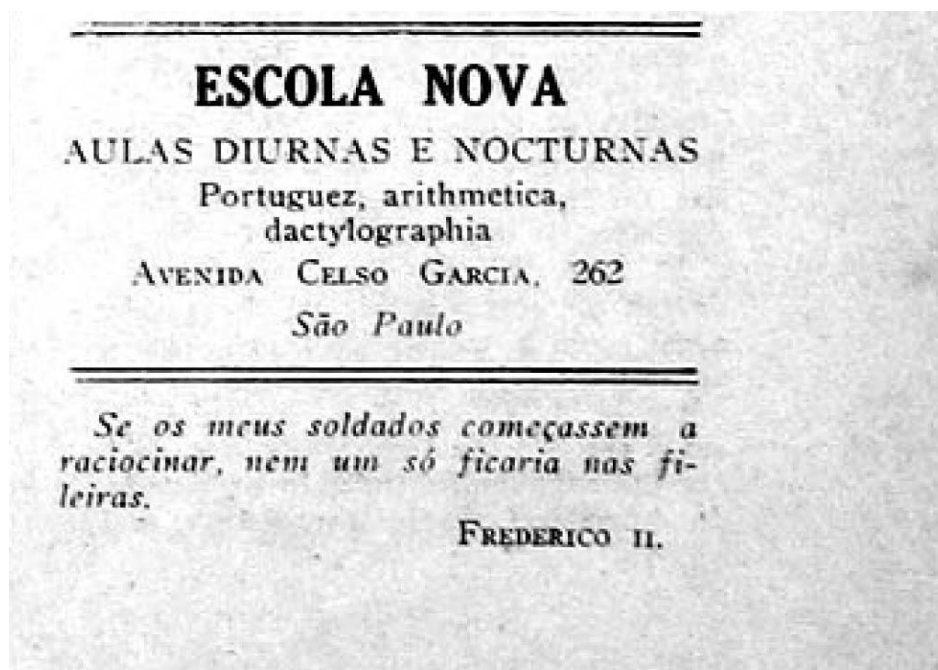
A instrução é leda fonte
de bela, esplêndida luz:
Faz largo nosso horizonte
E à glória só nos conduz.

J. Penteado
(*O Início*, ano1, n.1, São Paulo, 12, out. 1922)

Com esta poesia que associa a instrução a uma fonte de luz que leva à glória, João Penteado abria a edição de outubro de 1922, do jornal *O Início, órgão dos alunos da Escola Nova*. Após o fechamento da Escola Moderna n.1, em 1919, o educador João Penteado abriu, com a colaboração de sua irmã, Sebastiana Penteado, a Escola Nova. Esta não foi uma iniciativa de educação racionalista, mas guardou como veremos adiante, algumas práticas em comum com a Escola Moderna n.1. Não se sabe ao certo se a denominação “Escola Nova” foi escolhida por algum tipo de identificação com o movimento escolanovista ou simplesmente para não ser associada a uma escola de ensino racionalista.

Em 1920, João Penteado abriu a Escola Nova, que funcionava na mesma rua da Escola Moderna n.1, na avenida Celso Garcia, n. 262. A inauguração da escola foi divulgada em nota no jornal *A Plebe*, informando que seria João Penteado o diretor e seria oferecido curso comercial, com habilitação em guarda-livros, chefes de contabilidade comercial e bancária. (*A Plebe*, ano v, n. 110, 26 março 1921). A Escola Nova foi anunciada também no jornal *O Trabalhador Graphico*, no qual Penteado era colaborador. (*O Trabalhador Graphico*, São Paulo, 13 de set., 1920, p.6)

Figura 18 - Anúncio da Escola Nova



Fonte: *O Trabalhador Graphico*, São Paulo, 15 jun. 1920, ano 1, n.1

Interessante notar que era informado no cabeçalho do jornal *O Início* que a Escola Nova havia sido fundada em 1912, ano de fundação da Escola Moderna n.1.

Figura 19 - Jornal *O Início*, ano 1, n. 2, 20 dez. 1922.

REDACÇÃO:
RUA SALDANHA MARINHO, 8
S. PAULO

REDACTORES DIVERSOS
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O INÍCIO

ESCOLA NOVA
FUNDADA EM 1912
Reconhecida pela Directoria
Geral da Instrução Publica

CURSOS: primarios commercial
e de preparatorios
Rua Saldanha Marinho, 8

PUBLICAÇÃO LITERARIA E INSTRUCTIVA
Orgão dos alumnos da "ESCOLA NOVA"

ANNO I | São Paulo, 20 de Dezembro de 1922 | NUM. 2

Escola Nova

EXAMES FINAES

Os srs. paes dos alumnos e todas as pessoas interessadas pela educação e instrução dos filhos do povo são convidados a comparecer nos dias 22 e 23 ás 12 e 19 horas, na sede da mesma, afim de assistir aos exames finaes deste anno lectivo, nos quaes serão arguidos os alumnos de seus diversos cursos.

Depois de 23 deste entram as ferias, que terminarão a 6 de Janeiro proximo.

O director
JOÃO PENTEADO

Luiz Gama

Nos ultimos tempos da escravidão no Brasil, vinham do norte do paiz muitos escravos, os quaes, eram vendidos em praças publicas aos fazendeiros que os sujeitavam a cruéis martyrios, para trabalharem nas suas fazendas.

Numa dessas lovas vinha Luiz Gama, o qual nenhum fazendeiro queria comprar, por ser um homem franzino.

Assim ficava elle como refugo.

Luiz Gama não tinha sahida.

Mas aconteceu que uma vez, um fazendeiro de Rio Claro o compra juntamente com outros, afim de aproveitá-lo como pagem de seu filho, que era estudante em São Paulo, por que o vendedor insistira muito, dizendo-lhe:

— Tem o senhor filhinho estudando em São Paulo? Póde mandá-lo como pagem.

Elle é physicamente fraco, mas não deixa de ser bom e intelligente, tendo bellas inclinações.

Até já sabe ler alguma coisa!

O fazendeiro, então, diante do que ouvira, decidiu-se a comprá-lo por pouco mais de nada, e mandá-lo para S. Paulo, afim de que fosse servir a seu filho, estudante de direito.

Quando o filho do fazendeiro o recebeu, sympathizara-se muito com elle, por ser bom e empregado.

Centro de
Pouco depois, Manoel, o hercedor de toda a fazenda, mandou a Luiz Gama e a outros escravos morarem em outros estabelecimentos, tornando uma república.

Quando o filho do fazendeiro, e seus companheiros, saíram da academia, traziam lições para ensinar em casa, e como Luiz Gama lhes tivesse prestado que lhe ensinasse alguma coisa, elles o chamavam para perto e explicavam-lhe muitas cousas.

Luiz Gama prestava muita attenção e aprendia tudo com verdadeiro interesse.

Todos os dias, depois que Luiz Gama fazia suas obrigações, lia algum livro, escrevia um pouco e assim foi indo até que, passado algum tempo, lia, escrevia e discutia correctamente sobre literatura, politica e questão social.

Quando o filho do fazendeiro e seus companheiros tiraram diploma, Luiz Gama já sabia muita cousa.

Ninguém diria que elle era o escravo de outros tempos!

O filho do fazendeiro fôra então ao juiz e obteve uma carta de liberdade para Luiz Gama, para que ninguém mais o prendesse como escravo.

E assim foi que Luiz Gama se tornou um grande homem e um dos que muito trabalharam para a libertação dos escravos da sua raça, no Brasil, tornando-se um vulto de grande saliencia na historia da abolição da escravatura neste paiz.

RAPHAEL COCCA
16 annos

Piracicaba

Piracicaba é uma das mais importantes cidades do Estado de São Paulo.

O povo civilizado de Piracicaba sonha com o encanto e a gloria da grande cidade Tudo que se vê e se ouve ali, é maravilhoso.

Tem um rio com areia salta que hancoriza noite e dia em seu maravilhoso encanto de viver.

É alli, naquella sealdão do seu grande bosque, que os poetas piracicabanos vão buscar o motivo para seus poemas, para seus versos.

Gosto imensamente de apreciar o rio Piracicaba em uma noite de luar.

Aquellas tonceiras de plantas vergadas pelas margens do rio, e os passaros, que de bando em bando, durante o dia, molham seus pés-ninhos nas aguas crystallinas para se refrescarem do calor!

As barquinhas dos pescadores singrao com orgulho e grandeza a superficie do magestoso rio...

O Club de regatas é muito acatado pelos jovens piracicabanos.

Mas, além disso, ha ainda muitas mais cousas admiraveis, como por exemplo: o jardim do centro da cidade que é um palmeir cheio de frondosas arvores e canteiros floridos.

É neste jardim que as familias piracicabanas fazem seus passeios quotidianos. Ha tambem o jardim do bosque, o jardim da cadeia, o jardim do largo São Benedicto, enfim, é uma cidade enfeitada por jardins e flores.

Ha uma Escola de Commercio, uma de Odontologia, uma Normal, além da Escola Agricola «Luiz de Queiroz» e outras.

Na Escola Agricola «Luiz de Queiroz» ha um immenso terreno cultivado pelos jovens alumnos.

Nesse terreno se cultivam todas as qualidades de legumes, fructas, flores, etc. Possui tambem uma matriz e um convento de freiras.

A rua de mais movimento é a do Commercio.

A cidade possui tres theatros que são: o Polytheama, o Iris e o Santo Estevam. Além disso ha na bella cidade outros encantos mais.

ELISA ROCHA OLIVEIRA, 15 annos

O Progresso

O Progresso é o bem estar das nações.

Quando uma empresa qualquer vai de vento em pópa, diz-se que está em progresso.

Nas viagens vemos o que significa esta palavra.

Campos immensos que dantes eram matas, estão transformados em vastos edificios fabris, em casarias, e, afinal, em cidades.

As florestas transformam-se em immensos campos onde se vêm, em forma de tapetes, milhares de espigas louras de trigo, douradas pelo sol.

O trem rasga caminhos, ora beirando interminaveis estezas, compostos de milhares desses arbustos que produzem o café, fructo este que nos dá uma bebida deliciosa; ora atravessando por entre plantações de batatas, o alimento preferido dos pobres; ora perpassando pelas campinas verdejantes onde pastam, mansamente, incalculaveis bandos de bois e vacas, que, ao vel-o passar, fogem espavoridos.

É o progresso que passa!

Onde ha estradas de ferro, tudo progredie, porque ella estabelece communições dos centros civilizados com as populações mais longinquas.

O progresso tudo transforma.

Das primitivas montanhas, das selvas, das matas obscuras e os raios do sol nunca penetram, e os passaros multicolores cantam melodiosamente suas canções, — surgem grandiosas cidades, com seus «arranha-céus», com seus theatros, com seus cinemas, jardins, parques, etc.

Donde provem tudo isso?

Do trabalho, porque é o trabalho a fonte donde nascem o progresso e o bem-estar da humanidade.

HENRIQUE MAPPEI
15 annos

Uma visita ao "Butantan"

No dia 25 de Outubro, eu, meu primo e meu irmão, fomos ao Butantan, ao Pinheiros.

O dia estava muito bom, e o sol espalhava os seus raios dourados sobre a terra.

Chegámos lá, suados e cansados, pois tinhamos andado 9 kilometros a pé.

Olhei para meu primo e para meu irmão, e vi que meu primo estava com os dedos para fora das botinas e meu irmão com a lingua de fora! Eu soffria uma sede tão insupportavel que já nem falar podia. Entramos no jardim do instituto, e sentamos num banco a sombra de uma frondosa arvore.

Meu irmão disse:

— «Estou ansioso por ver as cobras!» —

«E eu para beber agua, respondi-lhe.

E enquanto estavamos sentados, descansando, eu olhava para todos os lados para avistar algum tanque ou torneira que me saciasse a sede. Depois de correr os olhos por todos os lados do jardim, avistei afinal uma

Fonte: CME. FEUSP.

Sabe-se que em 1922 a Escola Nova passou a funcionar na rua Saldanha Marinho, n. 8. Penteado continuou editando o jornal *O Início*, com a publicação de textos dos alunos.

Os textos dos alunos versavam sobre temáticas que poderiam ter relação com as matérias estudadas, como a chegada dos europeus à América ou com o cotidiano dos estudantes, como Maria Emília Valente de 11 anos que relatou um acidente de bonde que havia presenciado. (*O Início*, ano 1, n.1, 12 out. 1922). Assim como na Escola Moderna n.1, os sábados pela manhã eram reservados para atividades ao ar livre. O aluno Luiz Ferrigno, de 11 anos, descreve o passeio, no qual seguiram o caminho da linha férrea e chegaram a um campo, mas como havia vacas, seus colegas ficaram com medo de jogar bola. Foram a outro campo, onde os meninos jogaram bola e as meninas pularam corda. Os alunos conheciam o cotidiano do trabalho nas fábricas e a realidade do trabalho infantil: o aluno Arthur Moraes de 11 anos relata o processo de produção em uma fábrica de vidros. E termina o texto demonstrando preocupação com as condições de trabalho: “Os operários que trabalham na fábrica de vidros sofrem muito, principalmente as crianças, que vivem muito mal tratadas e queimadas.” (*O Início*, ano 1, n.1, 12 out. 1922). Os alunos relatavam passeios realizados com suas famílias, como o aluno Orlando Massaro, 13 anos, que foi ao Instituto Butantan, com seu irmão e o primo. (*O Início*, ano 1, n.2, dez. 1922).

Em 1922, a Escola Nova tinha 120 alunos, oferecia aulas para os cursos primário e médio, nos períodos diurno e noturno. No ano anterior, foi iniciado um curso comercial que habilitava os alunos para atividades comerciais, bancárias e de contabilidade. Foram ministradas também aulas de datilografia. O aluno Luiz Somma escreveu sobre as vantagens de estudar datilografia, afirmando que era muito útil para os trabalhos no comércio: “pois nos fornece com clareza, elegância e uniformidade uma escrita que satisfaz plenamente aos fins que ela se destina”. O aluno concluía que a datilografia era uma técnica moderna e indispensável ao trabalho no comércio e nas repartições públicas. (*O Início*, ano 1, n.2, 20 dez. 1922). O texto era uma verdadeira propaganda para o ensino da datilografia, curso que já era oferecido na Escola Moderna n.1.

Em 1924, quando a Escola Nova passou para a denominação Escola de Comércio Saldanha Marinho, o argumento sobre a importância do domínio das técnicas da datilografia persistiu. Saber datilografar seria imprescindível para ingresso no mercado de trabalho urbano. O autor ressalta que até mesmo jornalistas

e escritores deveriam datilografar seus textos antes de enviá-los às tipografias.

Quase não há repartição de trabalho mental ou intelectual que dispense o serviço de datilografia. Desde as companhias transatlânticas e ferroviárias, as agências de serviço telegráfico, os escritórios de grandes empresas industriais e comerciais, até às repartições do fórum e da prefeitura, enfim, as redações de jornais, os escritórios de advocacia e até mesmo muitas casas particulares já hoje se servem da máquina de escrever para o serviço de correspondência.

A máquina de escrever, como por encanto, invadiu todos os domínios da atividade humana, servindo-se dela até mesmo os jornalistas, poetas, escritores de novelas, dramas, comédias e romances, cujos originais, antes de serem enviados para as tipografias ou empresas editoras, são cuidadosamente passados a máquina. (O Início, ano 1, n. 5, 28 dez. 1924)

A ideia de modernidade destaca-se em muitos aspectos na educação proposta pelos libertários. A própria adoção do termo “Escola Moderna”, com início em Barcelona indica esta questão, em uma contraposição com o ensino “tradicional”. Nas Escolas Modernas de São Paulo, foram empregados recursos tecnológicos considerados modernos, como o cinema que era usado em exposições públicas abertas à comunidade. Os cursos de datilografia, embora empregados com a finalidade de preparar os alunos para o mercado de trabalho, remetem também à ideia de modernidade.

Flora Süssekind analisou como a literatura representa as inovações tecnológicas e como o fazer literário se transforma com a incorporação de novas tecnologias entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Alguns escritores como Lima Barreto, em 1911, eram refratários à ideia de usar a máquina de escrever, pois ele acreditava ser um trabalho duplo, de escrever à mão e depois à máquina, não cogitando a possibilidade de escrever diretamente com a máquina de escrever. (SÜSSEKIND, 1987, p. 27).

O escritor e editor Monteiro Lobato foi adepto e entusiasta do uso da máquina de escrever. Incentivava inclusive outros autores, como Godofredo Rangel, em 1909 a fazer uso desta técnica. (SÜSSEKIND, 1987, p. 27). Um dos argumentos para o uso da máquina de escrever era a letra ilegível de muitos escritores e as gralhas que geravam durante o processo de edição.

O método de ensino adotado na Escola Nova era “intuitivo e racional”,

semelhante aos métodos empregados na Escola Moderna. Na Escola Nova porém, os objetivos voltam-se para a formação dos alunos para o mercado de trabalho:

O método adotado pela Escola Nova, além de rápido, intuitivo e racional, tem em mira principalmente o objetivo de preparar vantajosamente o espírito e a inteligência dos alunos pelas lutas pela vida, dando-lhes por meio de lições práticas, o verdadeiro conhecimento das matérias constantes do seu programa que encerra e condensa todos os conhecimentos indispensáveis a quem se dedica à carreira comercial. (*O Início*, ano 1, n.3, 28 maio 1923).

A Escola Nova, além de oferecer instrução formal aos alunos, procurava formar pessoas com valores morais caros à direção da escola. Foram encontrados textos no jornal *O Início* de alunos preocupados com tornarem-se pessoas melhores através do ensino e livres de vícios como o álcool e o cigarro. Tratavam-se de valores importantes para muitos anarquistas, incluindo João Penteado. O aluno do curso preparatório A. Pizzolato declara a importância da educação:

A gente vai à escola não só para aprender a ler e escrever, mas também para educar a sua inteligência e preparar o seu espírito para mais tarde se tornar uma pessoa instruída, digna da admiração e do respeito das pessoas de suas relações. A educação e a instrução realçam os méritos do homem, tornando-o mais útil a si próprio, à família e à sociedade em que vive. (*O Início*, ano 1, n.3, 28 maio 1923).

O aluno Raphael Cocca, do 2º Comercial, escreveu um texto sobre os males do alcoolismo. Afirmava que o álcool além de ser prejudicial à saúde, trazia grande sofrimento às famílias, pois o alcoólatra “quando chega em casa, neurastênico e encolerizado - espanca a mulher e os filhos”. Finaliza o texto pedindo aos jovens que não bebam, “nem por brincadeira” e que colaborem para o fim deste mal. (*O Início*, ano 1, n.3, 28 maio 1923). Outro texto sobre o alcoolismo é do aluno Raphael Marchi, do 2º ano Comercial. Trata-se de uma narrativa fictícia, onde uma família composta por uma afetuosa mãe e seu jovem filho de 17 anos tem sua felicidade abalada pela chegada de “más companhias de jovens viciados”. O rapaz torna-se um alcoólatra e em um desfecho trágico o filho acaba matando a própria mãe. (*O Início*, ano 1, n.3, 28 maio 1923).

Havia uma preocupação também com o tabagismo, em uma nota do jornal *O*

Início podemos ler: “O homem que fuma pelas ruas não é mais nem menos do que uma chaminé ambulante a obscurecer a sociedade com seu exemplo.” (*O Início*, ano 1, n.3, 28 maio 1923). A preocupação em convencer os trabalhadores a não entregarem-se aos vícios era uma constante entre os libertários. O consumo de álcool e tabaco eram vistos como formas de prejuízo da saúde física e alienação política.

Assim o álcool é condenado no discurso anarquista como flagelo das classes trabalhadoras porque degrada o operário, transforma-o num ser embrutecido, arrasta-o para o submundo, entorpece seu raciocínio, retira-lhe as forças, a perspectiva e a iniciativa para a luta de emancipação social. (RAGO, 1997, p. 113)

Em oposição ao bar, local dos vícios, o centro de cultura e a escola eram vistos pelos anarquistas como espaços de cultivo dos bons hábitos. A Escola Nova apresentava uma preocupação em incentivar o gosto de seus alunos pelas artes, através da realização de passeios a museus e instituições culturais, como o Museu do Ipiranga, Pinacoteca do Estado e o Instituto Butantã. (*O Início*, ano 1, n.4, 06 out. 1923).

Em 1923, a Escola Nova contava com 150 alunos, nos cursos primário, médio, comercial e de datilografia. As aulas eram ministradas nos períodos diurno e noturno. É anunciado também o curso de estenodatilografia.

2.3.3 Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943)

Figura 20 - Foto da Academia de Comércio Saldanha Marinho.



Fonte: CME. FEUSP

Em 1924, a Escola Nova passou a ser denominada Academia de Comércio Saldanha Marinho. O jornal *O Início*, que teve sua publicação interrompida por pouco mais de um ano, devido a dificuldades financeiras, voltou a ser publicado em dezembro do mesmo ano. Em 1925 passou a ser oferecido ensino infantil, para crianças com menos de sete anos, na Academia de Comércio Saldanha Marinho.

O estudo da geografia, em 1924, era dividido em: cosmografia, chorografia, cartografia e geografia. O professor ministrava parte de suas aulas ao ar livre, com observação do céu e das constelações. O ensino da geografia através da observação e estudo do meio era semelhante à proposta do ensino desta matéria na Escola Moderna de Barcelona. O estudo da cartografia era feito pelo aluno, no

quadro negro, com a supervisão do professor.

Devido aos cursos comerciais da escola, havia um destaque para as relações comerciais do Brasil com outros países e importação e exportação de produtos. (*O Início*, ano 1, n.5, 28 dez. 1924).

Um das matérias ministradas neste período na escola era a caligrafia que era ensinada por “método prático, em exercícios graduados”. Sua utilidade era defendida no curso de comércio pois seria necessário fazer com que o registro de correspondências, faturas e recibos fossem grafados com clareza, sem margem à interpretações errôneas. (*O Início*, ano 1, n.5, 28 dez. 1924).

Em 1924 foi criado o Grêmio Literário Euclides da Cunha, organizado por João Penteado e mantido pelos alunos. Seu objetivo era despertar o gosto literário dos alunos e o interesse pelos esportes. Os alunos que integravam o grêmio, organizavam a biblioteca escolar, campeonatos esportivos e colaboravam com o jornal da escola.

A biblioteca foi inaugurada no dia 02 de outubro de 1924, por ocasião da comemoração do descobrimento da América, na qual estiveram presentes os alunos e suas famílias. Neste evento, João Penteado dissertou sobre o descobrimento da América e o professor de português, inglês e francês, Saturnino Barbosa falou sobre a importância do livro na educação intelectual dos jovens. A diretoria do Grêmio era composta, neste período, pelos secretários: Fernando Salu e Paulo Carneiro; tesoureiros: Humberto Righetti e João Pignatti; procurador: Menotte Luchiari; bibliotecário: Nevio Fanari. (*O Início*, ano 1, n.5, 28 dez. 1924)

Em 1925, a data da descoberta da América foi comemorada como no ano anterior, com uma palestra do diretor, João Penteado. Além da palestra, houve também um piquenique no Jardim Japão, no qual participaram os alunos e suas famílias. Na ocasião foram realizados jogos, como corridas a pé e, os alunos vencedores foram premiados com livros pelo diretor. (*O Início*, ano 1, n.6, 15 nov. 1925). Este tipo de evento se assemelha aos piqueniques organizados pelos anarquistas, muitas vezes em benefício de jornais libertários, onde havia esportes, música e sorteio de livros. Os piqueniques anarquistas eram importantes ocasiões para reforçar os laços de sociabilidade e militância que não passaram despercebidos pela vigilância da polícia política. No prontuário policial de Rodolpho Felipe,

tipógrafo e anarquista, havia a foto de um piquenique realizado em Santos, promovido pelo jornal *A Plebe*, como prova de um “crime político”. Rodolpho Felipe foi gerente do jornal *A Plebe*, colaborou no jornal *A Lanterna* e participou da edição e distribuição de livros.

Figura 21 - Piquenique promovido pelo jornal *A Plebe*. Santos/SP, (s/d). Foto Confiscada.



Fonte: Prontuário 400 Rodolpho Felipe. **DEOPS/SP. DAESP.**

Na década de 1920, continuaram a ser publicados textos de alunos que realizavam passeios com suas famílias. Esta prática era um incentivo à elaboração de textos descritivos e narrativos, era também uma forma de exercitar a observação e valorizar os conhecimentos dos alunos. Um exemplo é o aluno Bruno Martinhone que relata um passeio feito com sua família ao Jardim da Luz. Ele conta desde o trajeto realizado saindo da rua da Mooca com o bonde até o Jardim da Luz. Lá foram tirados retratos de seus irmãos mais novos, por fotógrafos ambulantes. O aluno

descreve os animais que eram mantidos em jaulas como macacos e os que estavam soltos, como pássaros. (*O Início*, ano 1, n.6, 15 nov. 1925). A valorização da experiência prática vivida pelos alunos era realizada também pelas Escolas Modernas.

A aluna Josephina Gonzales relatou um passeio realizado com alunos e professores por monumentos do centro de São Paulo. Visitaram a estátua de Diogo Feijó na Liberdade, a Praça João Mendes, onde Isabel Ramalhal, professora de desenho, proferiu uma palestra. Visitaram também a estátua de José Bonifácio, no Largo São Francisco, passaram pelo Teatro Municipal e pela estátua de Carlos Gomes. (*O Início*, ano 1, n.7, 15 dez. 1925).

A aluna Maria Martins fez um relato da cidade de Santos, destacando a beleza de suas praias e o movimento do porto de Santos. Ela descreve o Casino, onde havia um cinema ao ar livre e a Ilha Porchat, onde eram feitos piqueniques. (*O Início*, ano 1, n.6, 15 nov. 1925).

Muitos alunos eram filhos de pequenos comerciantes ou trabalhadores que residiam na região da escola. O aluno Edmundo Faccio, por exemplo, descreve que seu pai trabalhava em uma alfaiataria na Av. Celso Garcia. (*O Início*, ano 1, n.7, 15 dez. 1925).

Nesta fase, as datas comemorativas e festas eram semelhantes às de escolas convencionais. Destaca-se somente a comemoração da Abolição da Escravatura, em 13 de maio, que também marca o aniversário da escola. Neste sentido não há a preservação de uma cultura anarquista. No entanto, algumas das práticas de ensino como as aulas ao ar livre e a valorização da experiência prática dos alunos guardavam semelhanças com os métodos do ensino racionalista.

A partir de 1926 começam a ser anunciadas propagandas de máquinas de escrever e fonógrafos, na última página do jornal *O Início*. A máquina de escrever, além de ser um símbolo de modernidade, tinha um apelo especial em um jornal de uma escola na qual era ministrado curso de datilografia.

Neste mesmo ano, a Academia Saldanha Marinho começou a abrir concursos de datilografia, em máquinas “Mercedes”, marca anunciante no jornal *O Início*. O prêmio principal era um relógio de ouro, o segundo, uma carteira de bolso com monograma de ouro e o terceiro, uma obra literária. (*O Início*, ano 2, n.9, 31 jul.

1926).

No final da década de 1910 a máquina de escrever começou a popularizar-se. Sua aquisição torna-se mais acessível, por meio de prestações e da venda de máquinas portáteis. Tornam-se mais frequentes os anúncios de venda de máquinas, com grande destaque publicitário em revistas como *Careta*. (SÜSSEKIND, 1987, p. 145).

O escritor Mário de Andrade conta, em carta a Manuel Bandeira, em 1925, que havia comprado uma máquina de escrever a prestações. Mário de Andrade estava entusiasmado com sua aquisição, embora sentisse ainda dificuldades para adaptar-se a escrever diretamente na máquina: “a ideia foge com o barulhinho, me assusto, perdi o contato com a ideia.” (SÜSSEKIND, 1987, p. 146).

Figura 22 - *O Início*, ano 2, n. 8, 18 jun. 1926. p.6.

O INICIO

MERCEDES

a Unica

machina de escrever que
TEM TODOS
os aperfeiçoamentos das suas
congêneres e alguns outros
que as suas congêneres
NÃO TEM



a Unica

machina que o dactylographo
CONCERTA, REMONTA,
DESMONTA E LIMPA
sem auxilio de mechanico.
Mercedes a unica
que permittite ao seu possuidor, em qual-
quer logar onde se ache, na cidade ou no interior, mudar uma peça substituiavel partida por outra
nova, sem necessidade de a remetter á officina.

Peçam as condições de venda á vista e a praso a

ASSUMPCÃO & COMP. SÃO PAULO

Tel. Cent. 2056 :: RUA LIBERO BADARÓ N.º 95 ::

Machinas de escrever "MERCEDES". — Machinas de sommar e de calcular. —
Archivos de aço. — Fitas e mais accessorios para machinas de escrever. —
Cofres e moveis de escritorio, etc.

Brunswick

O phonographo ideal pela sua sonoridade perfeita e suavidade in-
egualavel. Diaphragma apto a tocar discos de todas as marcas.
Acabamento luxuoso.

Exposição e vendas :
Assumpção & Cia. - Rua Libero Badaró, 95
Casa Lebre, — Rua Direita, 2.
Casa Victor. — Rua São Bento, 87.
Casa Donato. — Rua Mauá, 167.

Fonte: CME. FEUSP

Em muitos aspectos, as práticas escolares da Academia de Comércio Saldanha Marinho divergiam das propostas da Escola Moderna, como na realização de exames, comemoração de datas patrióticas e ensino voltado para o mercado de trabalho. Mas em alguns momentos percebe-se resquícios de aspectos do antigo diretor da Escola Moderna n.1. Em nota do jornal *O Início* é anunciada a publicação do livro "Religião *do Amor e da Beleza*", da anarquista Maria Lacerda de Moura que "deve merecer a atenção de todas as pessoas que se interessam pela cultura do espírito e da inteligência". (*O Início*, ano 2, n.9, 31 jul. 1926).

Em 1926, a Academia de Comércio Saldanha Marinho passou a ter dois endereços: na rua Saldanha Marinho n. 8 e n. 26, provavelmente devido ao aumento do número de alunos. O Belenzinho, bairro operário, continuou sendo a localização escolhida para abrigar as escolas dirigidas por João Penteado.

Em 1927 passam a ser oferecidos cursos por correspondência, com o objetivo de "facilitar o estudo às pessoas das cidades do interior deste e de outros estados do Brasil". (*O Início*, ano 3, n. 11, 7, jan. 1927). Era mais um sinal de que a escola estava em expansão.

Na cerimônia de encerramento das aulas e entrega de diplomas do curso de datilografia do primeiro semestre de 1927, foi realizado discurso de João Penteado, do paraninfo Leopoldo Guedes e da formanda e oradora da turma Carolina de Oliveira Marinho, em seguida, subiram ao palco o corpo cênico de teatro do Grêmio Literário e Recreativo Euclides da Cunha. Os diretores cênicos eram Marino Spagnolo, Francisco Grisolia e Garibaldi Biolcatti. Durante a cerimônia, os alunos recitaram hinos e executaram a comédia *Um quarto de hora em Rilhafoles* [de João de Souza?] (*O Início*, ano 3, n. 12, 21 jul. 1927).

O diretor cênico, Marino Spagnolo era militante anarquista e autodidata, de origem espanhola. Foi vidreiro e depois alfaiate. Escreveu peças de teatro, como *A bandeira proletária*. (FOSCOLO, 2009, p.x). Segundo Rodrigues não se sabe se ele já havia tido contato com o anarquismo na Espanha, mas logo que chegou ao Brasil, ficou conhecido pelo envolvimento com o anarcossindicalismo e com o teatro social. (RODRIGUES, 1997, p. 125).

O Grêmio Estudantil, mantido pelos alunos, organizou a biblioteca escolar, um curso de oratória e o jornal *O Início*, além de mesa de pingue-pongue, aparelhos de

ginástica e tabuleiros de dama. Tinha como objetivos incentivar o gosto literário, artístico e esportivo dos alunos.

Em 1932 começaram a ser realizadas sessões do cine educativo escolar, com a participação de alunos, professores, famílias e amigos da escola. As sessões eram realizadas aos sábados, entre às 19h e às 20h30. Inicialmente as sessões aconteciam nas salas de aula, mas devido à grande procura passaram a ser realizadas no pátio. (*O Início*, ano 2, n.3, jan. 1933).

Em outubro de 1933 a biblioteca escolar passou a emprestar livros às terças e sextas-feiras, pelo período de 15 dias, com possibilidade de renovação. Havia bastante procura por parte dos alunos, por esta razão, a escola adquiriu títulos da Biblioteca Infantil, da Editora Melhoramentos e da Coleção Econômica SIP. (*O Início*, ano 8, n. 31, out., 1933). Em 1935 foi inaugurado o Cine Teatro Educativo onde eram realizadas representações teatrais dos alunos.

Figura 23 - Cine Teatro Educativo. 1935.



Fonte: CME/FEUSP

Em julho de 1940 foram adquiridas dezenas de espécies de aves, mamíferos e répteis embalsamados para o Museu Escolar. Os animais ficariam em armários envidraçados e serviriam de estudo para as aulas de História Natural. (*O Início*, ano 14, n. 62, jul. 1940). Formar um museu escolar estava entre os itens propostos para as Escolas Modernas, pelo Comitê da Escola Moderna.

Neste período passa a funcionar uma Biblioteca Infantil, com livros específicos para este público, incluindo autores como Monteiro Lobato. Para o empréstimo de livros, era necessária uma contribuição mensal por parte dos alunos. Os livros eram distribuídos nas sextas-feiras e havia bastante procura. (*O Início*, ano 14, n. 62, jul. 1940). Provavelmente, a biblioteca infantil era uma seção especial da biblioteca escolar, demonstrando preocupação com este público específico.

Em 1942, no intervalo de dois meses, foram emprestados cerca de 60 livros da biblioteca. Neste mesmo período, o diretor João Penteado fez uma doação de dezenas de livros. (*O Início*, ano 1, n. 1, edição reduzida, set. 1942).

O aluno Edmar Fonseca em um texto publicado no jornal *O Início*, destacava a importância dos livros para a instrução e formação dos alunos. Afirmava que era importante ler autores nacionais como José Manoel de Macedo, Monteiro Lobato, Machado de Assis, Amadeu Amaral, Humberto de Campos, Euclides da Cunha e Coelho Neto. No texto, o aluno explica como estão organizadas as bibliotecas, que podem ser mantidas pelo governo ou associações particulares. Incentiva os colegas a associarem-se ao Grêmio Escolar para fazerem uso da biblioteca da escola. Informa também que a “majestosa” Biblioteca Municipal de São Paulo pode ser uma boa opção para empréstimo de livros. (*O Início*, ano 1, n. 1, edição reduzida, set. 1942). Os textos dos próprios alunos, publicados no jornal *O Início*, funcionam como estratégias de incentivo à leitura.

Incentivados pelo trabalho desenvolvido pelo Grêmio Escolar, na década de 1940, muitos alunos da Academia Saldanha Marinho tornaram-se praticantes de esportes como futebol, ping-pong, voleibol e “bola-ao-cesto”. O Grêmio Estudantil Saldanha Marinho colaborava na manutenção e organização de espaços e equipamentos adequados para práticas esportivas.

Em setembro de 1942, os alunos e professores da Academia de Comércio Saldanha Marinho realizaram uma visita à Associação Promotora para Instrução e Trabalho para Cegos que comemorava o seu 15º aniversário. A sessão foi aberta por João Penteado, que também era presidente da Associação. Nesta instituição os cegos tinham abrigo e apoio para trabalhar. A aluna Wanda Spacca falou da Associação e de seus fundadores Isabel Cerruti e Prof. Mamede Freire. (*O Início*, ano 16, n. 68, set. 1942). A visita dos alunos à Associação Promotora para Instrução e Trabalho para Cegos parece indicar a preocupação com a inclusão. Há uma visão que se distancia da caridade, pois os atendidos pela instituição eram estimulados e apoiados a estudar e trabalhar, desenvolvendo autonomia.

Isabel Cerruti, uma das fundadoras da Associação Promotora para Instrução e Trabalho para Cegos foi anarquista, brasileira, descendente de italianos. Colaboradora dos jornais *A Lanterna* e *A Plebe*. Teve participação no Comitê Feminino de Educação. Era amiga de João Penteado. A vida pessoal e os caminhos percorridos por João Penteado continuavam entrelaçados com o movimento anarquista, embora este fosse um momento de refluxo da militância devido à intensa repressão política. João Penteado era associado do Centro de Cultura Social que possivelmente tenha tido algum laço de afinidade com a Associação Promotora para Instrução e Trabalho para Cegos. O estatuto do Centro de Cultura Social de 1945, previa que, caso o CCS fosse dissolvido, por falta de recursos financeiros ou número insuficiente de sócios, seu patrimônio seria entregue a uma associação com as mesmas finalidades do CCS ou à Associação Promotora para Instrução e Trabalho para Cegos. (CENTRO DE CULTURA SOCIAL, 1945, p. 8)

Em 1944, a Academia de Comércio Saldanha Marinho passou a ser denominada Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho.

2.4 Invisibilidade e resistência

Podemos pensar nas escolas que sucederam a Escola Moderna n.1, dirigida por João Penteado, como formas de resistência, devido a elementos de continuidade em suas práticas pedagógicas? A Escola Nova e a Academia de Comércio Saldanha Marinho não teriam servido também para propagar elementos da educação libertária

através de seus exemplos?

As Escolas Modernas foram reconhecidas como experiências libertárias pelo Estado e foram arbitrariamente fechadas, embora todos os requisitos para seu funcionamento fossem cumpridos, como alegou João Penteado, em seu pedido de Habeas Corpus. A Escola Nova e as instituições escolares que a sucederam, não foram identificadas pelo Estado como organizações dirigidas com ideias libertárias. De fato, muitos elementos tais como as comemorações e festas anarquistas deixaram de ser celebradas. Suas atividades, em geral, não eram mais divulgadas pela imprensa anarquista. A Escola Nova permaneceu no mesmo espaço físico da Escola Moderna n.1, o jornal *O Início* continuou sendo publicado com textos dos alunos, a biblioteca permaneceu em uso, bem como a realização dos estudos do meio.

O historiador Hakim Bey, em *TAZ Zona Autônoma Temporária*, teve como problema principal, investigar a possibilidade de desfrutar de autonomia e liberdade no mundo contemporâneo. O autor questiona se para ser livre, toda a humanidade precisa estar livre. Para responder a esta questão, Bey recorre ao passado e a especulações sobre o futuro. Para Bey, esperar pela liberdade coletiva para desfrutar de liberdade é uma condenação, pois a liberdade é possível nas Zonas Autônomas Temporárias (TAZ). A cada insurreição ou sublevação, o Estado reage, tornando-se cada vez mais autoritário e violento. “Como é possível que “o mundo virado de ponta cabeça” sempre consiga se *endireitar*? Por que, como se fossem as estações do Inferno, após a revolução sempre vem a reação?” (BEY, 2018, p. 15)

As escolas dirigidas por João Penteado, após a Escola Moderna poderiam ser vistas como Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), de acordo com o conceito de Hakim Bey, apesar de suas concessões ao Estado? De certo modo, as escolas Nova e Colégio Saldanha Marinho permaneceram invisíveis para a repressão estatal. A biblioteca de João Penteado, apesar de seu conteúdo, em parte podendo ser identificado como “subversivo”, permaneceu aparentemente ileso à sanha da censura pós-impressão do Estado Novo.

Com suas táticas de guerrilha e invisibilidade, a TAZ pode escapar da violência do Estado. As Zonas Autônomas Temporárias (TAZ) podem se dissolver e

voltar a existir em outros contextos. Ou existir por longos períodos, desde que não seja perceptível pelo Estado:

Dar início a uma TAZ pode envolver táticas de violência e defesa, mas sua maior força está em sua invisibilidade - o Estado não pode reconhecê-la porque a História não tem uma definição para ela. (BEY, 2018, p. 17-18)

Os ateneus e centros de cultura, como o Centro de Cultura Social, fundado em 1933, eram também espaços de educação não formal. As Universidades Livres como a Universidade Livre do Rio de Janeiro e a Universidade Livre Presidente Roosevelt, em São Paulo, foram formas de resistência e faziam parte do modelo escolar não convencional dos libertários, assim como a Nossa Chácara e Nosso Sítio, mantidos pela Sociedade Naturista Amigos de Nossa Chácara. Estes espaços de educação e sociabilidade libertária poderiam ser também considerados Zonas Autônomas Temporárias?

De acordo com Bey, a Zona Autônoma Temporária irá existir em qualquer tempo e lugar:

A TAZ, por sua própria natureza, faz uso de todos os meios disponíveis para se realizar - ela ganhará vida seja numa caverna ou em uma cidade espacial -, mas acima de tudo ela irá viver, agora, ou assim que for possível, em qualquer forma, mesmo que suspeita ou improvisada, espontaneamente, sem preocupações ideológicas ou mesmo anti-ideológicas. (BEY, 2018, p. 34)

A Escola Nova, Academia de Comércio Saldanha Marinho e as demais escolas dirigidas por João Penteadó podem ser consideradas de alguma forma como Zonas Autônomas Temporárias, apesar das concessões realizadas para o funcionamento dos estabelecimentos. O próprio Hakim Bey nos oferece alguns exemplos de TAZ com práticas da cultura anarquista como: “conferências anarquistas” e “piqueniques libertários de antigamente”. (BEY, 2018, p. 24). A abertura da Escola Nova no mesmo espaço físico da Escola Moderna pode ser uma estratégia de continuidade da prática de ensino com traços libertários, além de eventuais participações de outros anarquistas nas atividades escolares, como Adelino de Pinho que ministrou aulas e Marino Spagnolo que foi diretor de peças teatrais na Academia de Comércio Saldanha Marinho.

A historiadora Tatiana Calsavara demonstra a continuidade das práticas libertárias de João Penteado, através de sua correspondência com outros anarquistas como Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, Rodolfo Felipe, Adelino de Pinho e José Oiticica, evidenciando suas estratégias de resistência em face à repressão sofrida pelos anarquistas. (CALSAVARA, 2012).

Esta permanência dos ideais anarquistas de João Penteado enquanto prática cotidiana foi destacado por Luciana Santos:

Ao mesmo tempo em que transitou nesta esfera marcada pelo exercício de sua profissão - legalmente absorvida pelas condições estatais de manutenção de uma escola e de educação do povo - João Penteado manteve eterno contato com o círculo social anarquista. Enquanto seguia à risca todas as exigências do Estado no processo de inspeção escolar, ao manter-se educador, João Penteado cultivou-se e manteve-se um homem plural e anarquista. (SANTOS, 2009, f. 163)

A militância de João Penteado fora do ambiente escolar permaneceu, através de sua colaboração com o Centro de Cultura Social que esteve em atividade nos períodos de 1933 a 1937 e de 1945 a 1969 e de suas relações de amizade com outros libertários de sua geração. No campo da educação, João Penteado foi capaz de resistir, continuando suas atividades de professor e diretor. As escolas que ele dirigiu já não levavam o nome de Escola Moderna, foi necessário realizar concessões ao Estado, mas alguns elementos essenciais da educação libertária, como o incentivo à autonomia, autogestão e solidariedade permaneceram em suas práticas, assim como a valorização da cultura do livro e da biblioteca.

3 BIBLIOTECA DAS ESCOLAS DE JOÃO PENTEADO

A biblioteca é máquina de transformação de crença em conhecimento, da credulidade em saber.

(Michel Melot, **A sabedoria do bibliotecário**, 2019, p. 20)

Figura 24 - Foto da Biblioteca da Escola Saldanha Marinho.



Fonte: Arquivo CME.FEUSP.

A biblioteca de João Penteado pode ser pensada como uma construção coletiva, pois para a formação de seu acervo colaboraram professores e alunos das escolas dirigidas por ele. A composição deste acervo reflete, em parte, os interesses de Penteado, como educador, anarquista e adepto do espiritismo, mas também os anseios da comunidade escolar. Ao discutir a bibliografia contemporânea, McKenzie atribui à biblioteca um significado de metatexto:

[...] a construção de sistemas, como arquivos, bibliotecas e qualquer

banco de dados é outra. Em cada caso, os elementos que os constroem são objetos bibliográficos. Um caso teste seria a venda e dispersão, por exemplo, de uma biblioteca de um estudioso do século XVII: são estes os momentos que deixam muito claro o status de uma biblioteca como texto ou metatexto, e de seus significados biográfico e intelectual. (McKenzie, 2018; p. 85).

O campo da história do livro e da leitura desenvolveu nos últimos anos muitos estudos sobre a história das bibliotecas. Frédéric Barbier em “**História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**” (2018) destaca a importância das bibliotecas como instituições de transferência cultural, por oferecer aos usuários informação impressa disponível, em um determinado período. Para Barbier:

Há séculos a biblioteca (e a leitura) representa o saber, mas também o poder: essa articulação reforça-se ainda na segunda metade do século XIX e no século XX, quer se trate de educação, de identidade coletiva e de distinção cultural, ou da adoção, pelo poder público, de um número crescente de funções.” (BARBIER, 2018, p. 319)

Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, a formação escolar cresceu em todos os níveis em países como França e Alemanha. Os sistemas de instrução pública tornam as bibliotecas uma necessidade. A produção de livros aumentou e, de acordo com Barbier, somente algumas bibliotecas, como as bibliotecas nacionais, mantiveram um propósito de universalidade, enquanto redes integradas de bibliotecas partilharam seus catálogos com o objetivo de aumentar a produtividade de recursos. (BARBIER, 2018, p. 320).

Este também foi o período de consolidação das Bibliotecas Nacionais como instituições de conservação e produção de identidade coletiva:

As bibliotecas “nacionais” respondem, no século XIX, a uma função nova, que não é mais a de ilustração do príncipe e de sua residência, mas de conservação e de disponibilidade daquilo que se refere à identidade coletiva no âmbito da escrita” (BARBIER, 2018, p. 321)

Barbier destaca a relação entre a massificação do ensino, a produção de livros e a formação de bibliotecas escolares.

A qualidade de formação escolar e universitária é vista, na dupla tradição da Reforma e do Iluminismo, como um fator que favorece a riqueza do Estado. A instrução elementar generaliza-se no século

XIX, conforme uma lógica que desempenha um papel decisivo na revolução da “livraria de massa” (é preciso produzir materiais escolares). Ao mesmo tempo, cada uma das novas escolas primárias será equipada, na França, com “bibliotecas escolares” (portaria de 1862), frequentemente abertas a um público externo de maneira a responder, em parte, ao déficit de leitura pública, sobretudo no meio rural. (BARBIER, 2018, p. 329)

A generalização da instrução elementar ocorre na França, Alemanha e Inglaterra, mas será mesmo válida para Espanha e Portugal que apresentam altas taxas de analfabetismo nas primeiras décadas do século XX? A Escola Moderna de Francisco Ferrer, em Barcelona, possivelmente tenha tido o papel de dar início à escolarização popular na Espanha e *La Editorial*, editora criada pelo pedagogo, com a função de difundir livros para a educação de crianças e adultos.

O historiador Martyn Lyons desenvolveu pesquisa sobre a leitura entre operários, entre o final do século XIX e o início do século XX. Neste intervalo, as taxas de alfabetização em países como França, Inglaterra e Alemanha subiram e, tanto o Estado quanto os donos de fábricas procuraram direcionar as leituras dos trabalhadores. No século XIX, o público de leitores na Europa era amplo: na Alemanha, em 1871, 88% das pessoas eram alfabetizadas; na Inglaterra, em 1850, 70% dos homens e 55% das mulheres sabiam ler e, na França, na época da Revolução, 50% dos homens eram alfabetizados e 30% das mulheres. A taxa de alfabetização das mulheres igualou-se à dos homens, no final do século XIX. Segundo Martyn, a formação do público leitor na Europa é anterior à difusão da escolarização de massa. (LYONS, Martyn. 1999, v.2)

Na Europa do século XIX, o romance se consolida, surgem as primeiras publicações seriadas de ficção e o editor torna-se um profissional especializado. O público feminino tornou-se consumidor de livros de culinária, revistas e romances. Entre a classe média eram lidos e recomendados autores clássicos como Homero, Virgílio, Molière, Racine, La Fontaine e a Bíblia. Já os trabalhadores preferiam autores como Voltaire, Rosseau, George Sand, Eugène Sue, Michelet, Louis Blanc, Fourier e Proudhon. (LYONS, Martyn. 1999, v.2, p. 187). Entre os novos leitores do século XIX, na Europa estavam incluídos artesãos, classe média baixa e funcionários de escritórios. Uma lei inglesa de 1850 permitia aos municípios a

cobrança de impostos para a instalação de bibliotecas. Em 1908 existiam 553 bibliotecas públicas circulantes na Inglaterra, no entanto, a criação destes espaços de leitura tinha como objetivo controlar os operários.

Na França, a preocupação com as bibliotecas escolares remonta ao século XIX. Nas bibliotecas das Escolas Normais da França do século XIX havia um controle sobre os títulos desde a seleção, aquisição até o empréstimo aos futuros professores. Na Biblioteca da Escola Normal de Chartres, fundada em 1836, entravam somente obras autorizadas pelo Ministério da Instrução Pública.

Em 1860, Gustav Rouland, ministro da Instrução Pública e dos Cultos, pede que os governadores deem condições para que cada prefeito providencie para as escolas novos muros, mobiliário e uma biblioteca-armário para conservar livros e cadernos da escola. (HEBRARD, 2009, p. 7). Os livros dos armários-biblioteca poderiam ser emprestados a alunos e suas famílias. Neste período foi instituído o método simultâneo de ensino e, portanto, os alunos precisavam usar os mesmos livros simultaneamente para acompanhar a lição. Em 1862 foi criada uma cota para alunos pagantes com o propósito de subvencionar a compra de livros para todos os estudantes. (HEBRARD, 2009, p. 13) Os livros eram também emprestados aos adultos das famílias dos alunos, tornando-se também uma forma de controlar as leituras da população mais pobre.

Entre os livros havia dicionários, manuais, tratados pedagógicos e coleções de discursos, muitos dos quais tratavam da leitura. (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p. 347). Em um de seus discursos, Michel Bréal, em 1872, abordou as razões da falta de leitura entre os jovens franceses. O autor compara os jovens franceses aos alemães e ingleses, atribuindo um “atraso” à cultura católica que não incentiva a leitura dos textos sagrados, ao contrário do protestantismo ou mesmo do judaísmo. (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p. 349-350). Bréal observava com preocupação também o interesse do povo francês por leituras “baratas” como da Biblioteca Azul ou por temáticas políticas, em especial, pelas obras de Proudhon que seriam mais citadas do que realmente eram lidas. Para Chartier e Hébrard (1995):

A posição de Michel Bréal é original porque explicita sem rodeios as contradições que podem atingir uma política de leitura para as massas que tenha por objetivos muito baixos, isto é, que se contente

em exaltar o acesso aos rudimentos, pois a mesma se limitará a enriquecer mercadores de ilusões, folhetinistas de rua ou pregadores de utopias sociais. Original ainda por considerar que a má leitura não é a leitura de textos maus, enganosos ou enganadores, mas a leitura de maus leitores, aqueles que não lêem “realmente” um texto, mas que o isolam e o tratam como um fetiche, que confundem demonstração com declamação e, assim agindo conquistam facilmente a autoridade do caolho no reino dos cegos.(CHARTIER; HEBRARD, 1995, p. 352).

Nas Escolas Normais francesas o acesso aos livros era controlado e limitado por seus diretores. Dos normalistas era cobrado um “caderno de leituras”, com anotações sobre os livros que eram tomados de empréstimo das bibliotecas.

Entre os títulos enviados às escolas havia obras de literatura, história e manuais técnicos (principalmente de agricultura). Podemos citar “*Dom Quixote*”, de Cervantes, *Luís XI* e “*Carlos, o Temerário*”, de Michelet e “*Robson Crusoe*”, de Defoe. (HEBRARD, 2009, p. 45). Fizeram parte da coleção de livros selecionados a obra “*História de um riacho*” de Elisée Reclus (HEBRARD, 2009, p. 71) que apesar de ser adepto das ideias anarquistas, era amplamente reconhecido como geógrafo. Havia livros direcionados à população rural em um coleção chamada “Biblioteca do Campo”, com obras de vulgarização científica e literatura “recreativa”. (HEBRARD, 2009, p. 16). A coleção era distribuída em municípios que já haviam implantado o armário-biblioteca.

Os acervos escolares não eram as únicas coleções de livros disponíveis para um público mais amplo, havia também bibliotecas de associações culturais, políticas, religiosas e de fábricas. (HEBRARD, 2009, p. 52). O Ministério da Instrução Pública regulamentava, desde 1860, a abertura destas bibliotecas, bem como os títulos de seus acervos. (HEBRARD, 2009, p. 52)

Em 1915, a França contava com 50 mil bibliotecas escolares, mas fracassaram enquanto bibliotecas públicas, pois seus acervos eram muito reduzidos (HEBRARD, 2009, p. 17). O número de livros e empréstimos variava conforme a região, mas em geral, investia-se menos em escolas destinadas exclusivamente a meninas.

Como estratégia para incentivar a leitura, recomendava-se que os professores indicassem obras nas correções das lições e que uma vez por semana fizessem quinze minutos de leitura em voz alta, estrategicamente interrompida para que os

alunos se sentissem estimulados a procurar os livros da biblioteca. (HEBRARD, 2009, p. 72)

Na primeira década do século XX, em países como os Estados Unidos, bibliotecas escolares organizadas estavam presentes em muitas cidades e disponíveis para os alunos: “dirigidas por hábeis e inteligentes bibliotecárias, as crianças passam ali suas horas de lazer, mergulhadas na leitura de livros que lhes são fornecidos de acordo com sua idade, seu grau de adiantamento, etc.” (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1913, p. XXVII). O serviço de bibliotecas nos Estados Unidos contava também com bibliotecas circulantes, clubes de leitura e a hora do conto. A Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo reconheceu que seria “desejável” que tivéssemos bibliotecas escolares tais como as americanas.

No contexto brasileiro, as bibliotecas escolares eram almeçadas, mas muito escassas. A Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo afirmava a importância das bibliotecas escolares para o aprendizado dos alunos:

Dentre os fatores que concorrem para o desenvolvimento do ensino primário, destacam-se as bibliotecas escolares, como colaboradoras de primeira ordem no trabalho educativo das crianças. Estas encontram ali um novo meios de aperfeiçoar e enriquecer os conhecimentos, com as leituras de livros, revistas, etc. adequados a sua idade e inteligência. (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1913, p. XXVI)

Nas primeiras décadas do século XX as bibliotecas escolares estavam presentes nas Escolas Normais e em alguns dos Grupos Escolares da capital e do interior do estado de São Paulo. (SOUZA, 2009, p. 65)

A biblioteca seria um espaço destinado, principalmente, ao uso do professor, para sua formação e acesso aos manuais de acordo com o método intuitivo. Eram permitidos somente livros aprovados pelo Conselho Superior. Os professores deveriam zelar pelos livros e decidir permitir ou não que os alunos levassem os itens da biblioteca emprestados.

De acordo com Souza, as bibliotecas não dispunham de uma verba específica para aquisição de livros. Bibliotecas de Grupos Escolares contavam muitas vezes apenas com doações. (SOUZA, 2009, p. 72-73). A década de 1930 foi um período de expansão de bibliotecas escolares em São Paulo. Em 1937 havia 440 bibliotecas

escolares infantis no estado de São Paulo. (SÃO PAULO. **Anuário Estatístico**. 1937. p. 337).

Em 1925 foi criada a Biblioteca Infantil do Instituto de Educação Caetano de Campos, instituição modelo que seguia os princípios do movimento da Escola Nova. (GONÇALVES, 2014). Esta biblioteca foi dirigida entre 1936 e 1966 pela bibliotecária-professora Iracema Marques da Silveira. A biblioteca escolar tinha como função estimular a leitura para fruição e o estudo. O espaço contava com móveis adequados aos alunos, um espaço acolhedor e estimulante. Livros e revistas eram doados por editoras. Foram realizadas atividades como leituras em voz alta e a hora do conto. Iracema Marques da Silveira supervisionava o *Jornal Nosso Esforço*, produzido pelos alunos e publicado entre 1936 e 1967. Os alunos-bibliotecários participavam da organização da biblioteca, catalogando e atendendo a outros alunos. (GONÇALVES, 2014). A participação dos estudantes na organização da biblioteca e na produção de um jornal estava alinhada com a valorização de uma aprendizagem ativa preconizada pela Escola Nova.

De acordo com Gonçalves (2014), a biblioteca da Escola Primária de Educação do Rio de Janeiro, inaugurada em 1932, desenvolvia atividades semelhantes às da biblioteca escolar do Instituto de Educação Caetano de Campos, com o objetivo de incentivar o prazer da leitura entre os alunos.

As bibliotecas públicas da cidade de São Paulo começaram a se desenvolver de acordo com a moderna biblioteconomia, em 1935, durante a gestão do prefeito Paulo Prado, quando foi criado o Departamento de Cultura de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade (1893-1945). Entre os integrantes do Departamento de Cultura, estavam Sérgio Milliet (1898-1966) que dirigiu a Divisão de Documentação Histórica e Social e Rubens Borba de Moraes (1899-1986) que esteve à frente da Divisão de Bibliotecas.

Rubens Borba de Moraes (1899-1986) nasceu em Araraquara (SP), em uma família tradicional paulistana de cafeicultores. Foi bibliotecário, bibliófilo, escritor e professor. Realizou seus estudos na Europa, onde frequentava bibliotecas assiduamente. Além dos autores franceses, lhe despertava interesse os catálogos de bibliotecas. Começou a ler obras americanas sobre organização de bibliotecas. Quando chegou a São Paulo julgou que as bibliotecas da cidade eram de “uma

pobreza franciscana”. Nos acervos não havia autores brasileiros ou estrangeiros contemporâneos.

Durante sua passagem pelo Departamento de Cultura, Borba enfrentou muitos desafios. A Biblioteca Municipal de São Paulo, funcionava na época na Rua Sete de abril, mas não havia espaço suficiente para o acervo; as obras estavam desatualizadas e os funcionários não tinham formação adequada.

Havia a necessidade de construção de um novo prédio para armazenar adequadamente o acervo, realizar trabalhos técnicos como conservação, catalogação e atendimento aos pesquisadores. Em 1936 foi comprado o terreno para a construção do novo prédio. O arquiteto responsável pelo novo prédio foi o arquiteto francês Jacques Pilon (1905-1962). Em 1938, com a nomeação de Prestes Maia (1896-1965) como prefeito de São Paulo, foi fechado o Departamento de Cultura e houve uma tentativa de paralisar as obras do prédio da biblioteca, mas no contrato com a construtora havia uma multa prevista para esta situação. Em 1942, o prefeito alterou o projeto original, reduzindo em um terço o espaço da Biblioteca. Após a mudança para o prédio maior, havia a necessidade de mais funcionários que foi negada pelo prefeito Prestes Maia. Rubens Borba, assim como o projeto de iluminação especial para a biblioteca.

Para solucionar o problema da falta de formação dos funcionários da biblioteca municipal, em 1936, Borba organizou um curso de biblioteconomia para funcionários da biblioteca municipal e de outras bibliotecas públicas que foi coordenado pela bibliotecária Adelpha Figueiredo, de 1936 a 1938.

Em 1939, Rubens Borba foi estudar biblioteconomia nos Estados Unidos, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller. Fez o curso na Biblioteca Pública de Indianápolis (EUA) e visitou diversas bibliotecas nos Estados Unidos, junto a outros diretores de bibliotecas públicas da América Latina. Voltou a São Paulo e elaborou um plano de desenvolvimento para as bibliotecas da cidade. A biblioteca municipal seria uma biblioteca de referência, com acervos sobre São Paulo e o Brasil. Em cada bairro seria construída uma biblioteca de leitura para o público em geral, com horários adequados aos trabalhadores.

O plano de desenvolvimento de uma rede de bibliotecas para a cidade de São Paulo incluiu a Biblioteca Infantil Municipal, inaugurada em 1936. A Biblioteca Infantil

Municipal foi administrada por Lenyra Camargo Fraccaroli que havia sido diretora da Biblioteca Infantil do Instituto de Educação Caetano de Campos, em 1933. A Biblioteca Infantil possuía um caráter modelar.

A educadora Lenyra Fraccaroli supervisionava o jornal *A voz da infância*, escrito e dirigido pelas crianças que frequentavam a biblioteca. Victor e Moyses Nussenzweig, meninos judeus que moravam no bairro do Bom Retiro, dirigiram o jornal em 1944. Eles também organizaram um concerto de música clássica na biblioteca. Victor narra uma das muitas visitas do escritor Monteiro Lobato à biblioteca. (NUSSENZWEIG, 2014, p. 71). Na biblioteca infantil municipal, as crianças também eram estimuladas a participar da organização das atividades. Em 1955, a biblioteca passou a ser denominada Monteiro Lobato.

Figura 25 - Sala de leitura da Biblioteca Infantil Municipal.



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo

As práticas escolares das escolas dirigidas por João Penteadó, como o jornal *O Início*, escrito pelos alunos da Escola Moderna, Escola Nova, Academia de

Comércio Saldanha Marinho, Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho e Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho, podem também ter sido inspiradas em instituições modelares como do Instituto de Educação Caetano de Campos. A Academia de Comércio Saldanha Marinho, em 1938, recebia jornais escolares publicados em outras escolas como *A voz da infância*, editado pelos alunos do Grupo Escolar Lambari, de Minas Gerais. (*O Início*, ano 12, n. 55, ago. 1938)

A participação dos estudantes na organização da biblioteca escolar foi, possivelmente, também influenciada pelas bibliotecas infantis do Instituto de Educação Caetano de Campos e Municipal de São Paulo. João Penteado parece agregar práticas defendidas pelos escolanovistas brasileiros a elementos da pedagogia libertária.

O acesso a uma biblioteca, seja pública, escolar ou comunitária possibilita o confronto de ideias, de discursos de diferentes autores. Frequentemente os acervos de bibliotecas de militantes ou de associações anarquistas apresentavam uma ampla variedade de temáticas e de autores. Desta forma, seus leitores poderiam ter contato com diferentes discursos e chegarem a suas próprias conclusões. Para Michel Melot, uma biblioteca amplia a capacidade crítica do leitor:

Se levarmos em conta que vários livros têm mais oportunidade de ter razão em se contradizendo entre si do que um só – sempre o mesmo, que deteria uma verdade universal ; os leitores tornam-se seres pensantes, e não mais receptáculos. O leitor passa então a ter autoridade. (MELOT, 2019, p. 17)

O leitor em uma biblioteca, tem contato com diferentes discursos que podem muitas vezes se contradizer e será capaz de chegar às suas próprias conclusões e trilhar suas próprias verdades.

Além das bibliotecas infantis e escolares que vinham sendo organizadas, outra grande influência para João Penteado foram as bibliotecas libertárias. Na primeira metade do século XX, era frequente que jornais anarquistas criassem editoras e bibliotecas populares. “Em Buenos Aires existiam, entre outras, a Biblioteca *La Questione Sociale*, *La Protesta Humana*, *Biblioteca La Acción Obrera*, *Biblioteca dell’Avvenire*; em Montevideo, a Biblioteca de *La Rebellion*; em São Paulo, a Biblioteca de *La Bataglia*, Biblioteca *La Propaganda*, *Biblioteca da Lanterna*, *Biblioteca Germinal*.” Nestas bibliotecas, além da variedade do acervo bibliográfico

disponível, havia palestras. (ROMANI, 2006).

Os libertários consideram a relevância dos livros como instrumentos para a instrução, necessária para a formação de um novo homem para uma sociedade livre, com trabalho realizado de forma autogestionária.

Na Escola Moderna de Barcelona, a preocupação com os livros era tão grande que foi criada uma editora para publicação de obras voltadas para uma educação racional. As obras criadas para o ensino tradicional eram consideradas inadequadas para o ensino na Escola Moderna:

Toda bagagem instrutiva da antiga pedagogia era uma mescla incoerente de ciência e fé, de razão e absurdo, de bem e mal, de experiência humana e de revelação divina, de verdade e erro; em uma palavra, inadaptável em absoluto à nova necessidade criada pelo intento da instituição da nova escola. (FERRER GUARDIA, 2014, p. 87.)

Os livros, publicados pela editora de Francisco Ferrer serviram para as escolas de pedagogia racional e para o ensino de trabalhadores adultos que estudavam em associações de classe e bibliotecas populares. Foram usados também para o aprendizado por meio do autodidatismo, comum entre os militantes anarquistas.

A aquisição de livros individuais poderia custar caro a um trabalhador, mas as possibilidades de acesso à leitura para libertários aumentavam com as bibliotecas populares de sindicatos, associações de classe, ateneus e centros de cultura. Nestes espaços eram frequentes as palestras, cursos noturnos para trabalhadores e leituras comentadas.

A seguir, analisaremos o acervo da biblioteca de João Penteadado, atualmente dividida em duas instituições: UEIM/UFSCar e CME/FEUSP. Foram consultados todos os itens do acervo bibliográfico João Penteadado do Centro de Memória da USP e listadas 124 obras. No que se refere à Coleção João Penteadado, no site da Unidade Especial de Informação e Memória da UFSCar, consta que o acervo é composto por 1792 livros e 69 periódicos. Foram consultados e listados 221 obras. Durante o período de isolamento da COVID-19, a instituição forneceu uma listagem com dados de autor, título, local e ano de publicação, com 769 itens. A partir destes dados, foi elaborada uma tabela com 830 itens da UFSCar (incluindo consultados no acervo e

fornecidos pela instituição) e 124 do CME/USP, em um total de 954 itens. Posteriormente, a UFSCar forneceu uma outra listagem, com 1699 itens, incluindo os registros bibliográficos fornecidos na primeira lista, mas desta vez, com informações apenas de autor e título. Foi feita a escolha de usar somente os 954 itens para elaborar uma tabela com autores, títulos, locais e ano de publicação. Nesta tabela foi incluído também um assunto para cada item bibliográfico. A atribuição de assunto foi feita a partir da consulta de outras bibliotecas, com catálogos de acesso público online que incluem assunto em sua catalogação. Os títulos bibliográficos presente no CME/USP ou UEIM/UFSCar foram localizados em outros acervos, como da Biblioteca Nacional do Brasil, Biblioteca Nacional da Espanha, Portal de busca integrada USP (que inclui acervos bibliográficos da rede de bibliotecas da USP) e Base Acervus, do Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Para conferência de dados foram consultados também os catálogos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Nacional da Argentina, porém estes catálogos não incluem assuntos. Também foi criada uma coluna com os idiomas dos 954 livros. Em uma segunda etapa, a partir dos dados de local, editora, idioma e assunto foram elaborados gráficos. A partir da tabela elaborada foi mais fácil visualizar os autores e títulos presentes no acervo da Biblioteca de João Penteado.

A Biblioteca de João Penteado é predominantemente escolar, mas também inclui livros de seu acervo pessoal. Não é possível definir com precisão quais livros faziam parte do acervo pessoal e quais eram da biblioteca escolar. De acordo com o bibliotecário Edson Nery da Fonseca, bibliotecas escolares são:

[...] irmãs siamesas das infantis. O ideal é que ao ingressar na escola a criança já tenha se utilizado dos serviços de uma biblioteca infantil. Circunstâncias locais podem admitir que a biblioteca infantil seja mantida pela escola. Mas a biblioteca escolar tem o objetivo específico de fornecer livros e material didático tanto a estudantes quanto a professores. Ela oferece a infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio. (FONSECA, 2007, p. 53)

Entre os livros analisados, percebemos muitas obras destinadas ao estudo dos alunos, mas também livros de temática pedagógica, provavelmente destinados aos professores e outros de interesses relacionados às preferências pessoais de João Penteado. A partir de 1917, João Penteado envolveu-se na formação da

biblioteca, do Grêmio Estudantil e da organização de atividades culturais na Escola Moderna. (CALSAVARA, 2012, p. 97)

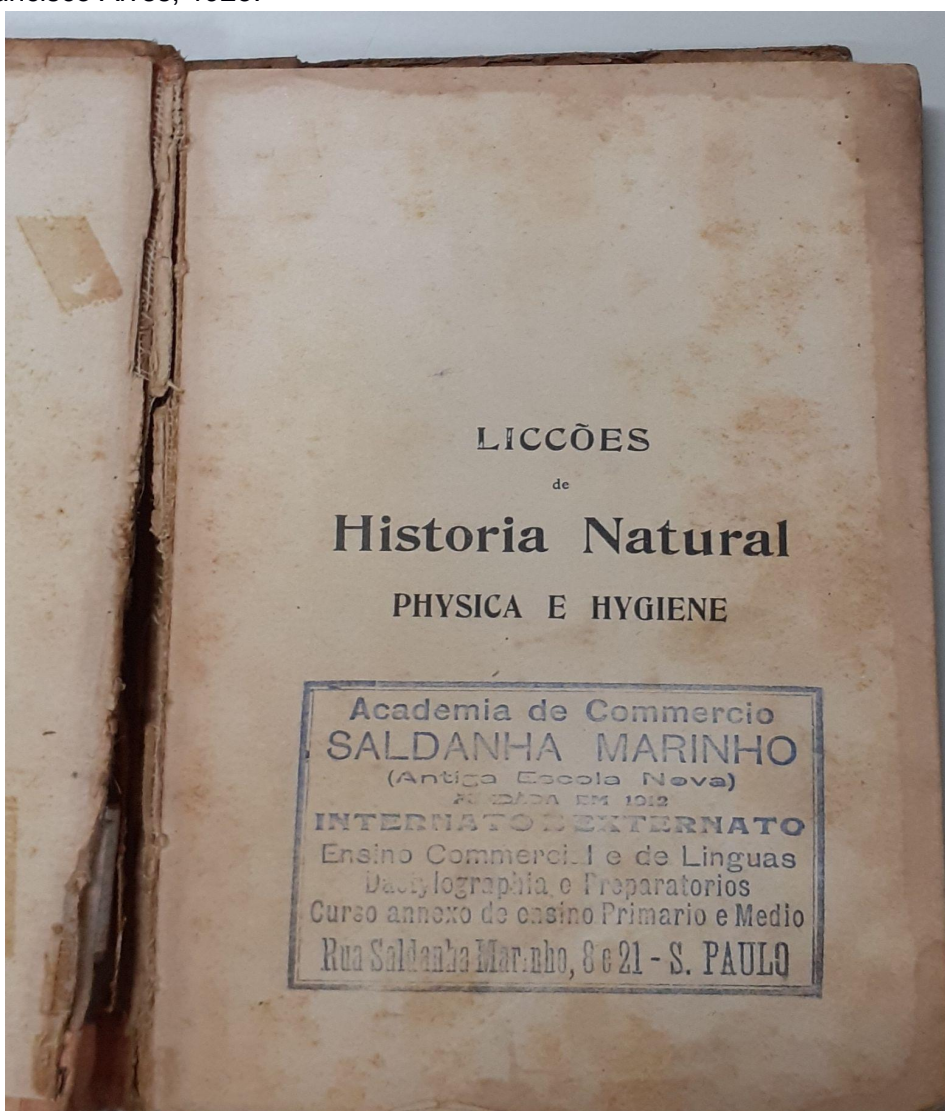
Acervos de bibliotecas, ao longo de seu desenvolvimento, contam com constantes aquisições, desbastes, obras emprestadas que jamais retornam: são portanto mutáveis ao longo do tempo. Para Shiyali Ranganathan (1892-1972), considerado o pai da biblioteconomia indiana e primeiro bibliotecário da Universidade de Madras, a biblioteca é um organismo em crescimento. Ranganathan elaborou princípios que foram bastante difundidos na biblioteconomia ocidental, como as chamadas “cinco leis da biblioteconomia”, obra publicada pela primeira vez em 1931. A quinta lei estabelece que a biblioteca é um organismo em crescimento que: “absorve matéria nova, elimina matéria antiga, muda de tamanho e assume novas aparências e formas”. (RANGANATHAN, 2009, p. 241)

No caso dos livros da biblioteca de João Penteado, parte dos livros são provenientes de outras bibliotecas libertárias que foram fechadas. Percebemos este movimento através de marcas de uso, como anotações e diferentes carimbos de bibliotecas que marcam os livros e nos lembram os antigos palimpsestos. É difícil distinguir com precisão quais seriam os livros presentes no acervo a cada nova denominação das escolas dirigidas por João Penteado, pois alguns dos livros trazem carimbos da Escola Moderna n.1, outros, da Escola Livre, do Colégio Saldanha Marinho, Grupo Escolar do Cambuci ou de jornais libertários, como *A Lanterna*. Também é necessário considerar a possibilidade das obras terem circulado entre os leitores mesmo sem carimbos.

Algumas marcas físicas, como carimbos, dedicatórias e anotações podem nos ajudar a identificar rastros da origem e dos usos destas obras. Foram identificados vários tipos de carimbos entre as obras: em alguns casos há dois ou mais carimbos de instituições diferentes. Possivelmente estas obras fizeram parte de acervos de diferentes instituições em períodos distintos. Há também carimbos que representam marcas da instituição que atualmente estão inseridos, como no caso do acervo sob a guarda da UFSCAR que recebeu o carimbo “Coleção João Penteado”. Entre as obras consultadas do acervo FEUSP, 57 receberam o carimbo da “Academia de Comércio Saldanha Marinho, instituição de ensino que funcionou entre 1924 e 1943. Há dois carimbos da Escola Nova que funcionou de 1920 a 1923 e cinco carimbos

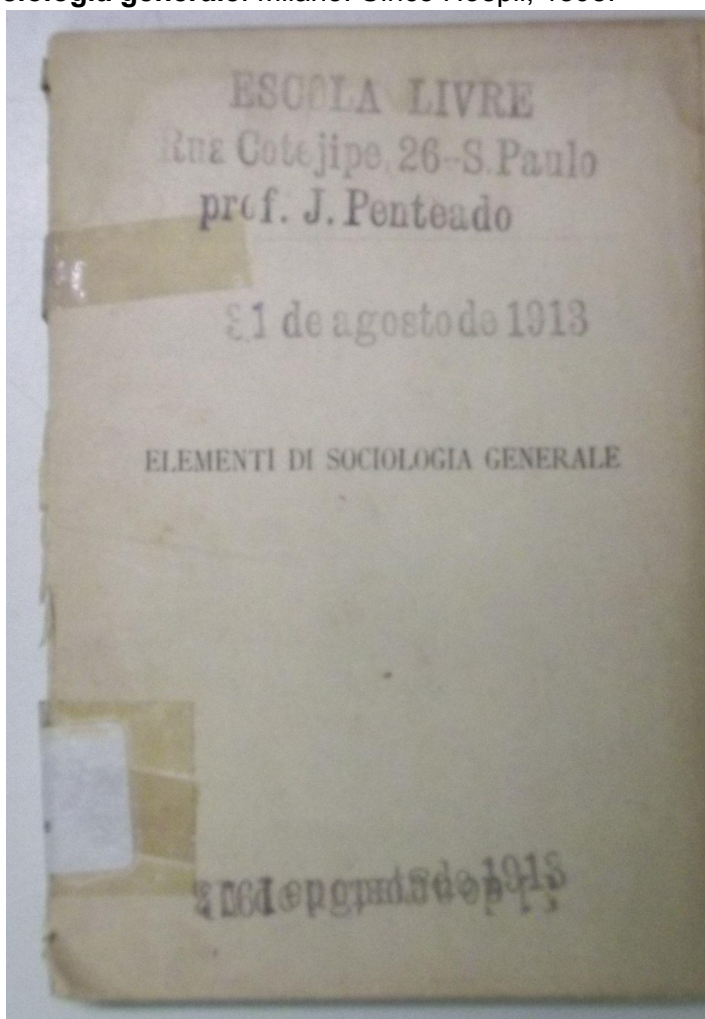
da Escola Livre que funcionava na Rua Cotegipe, n. 26 e também foi dirigida por João Penteado. Possivelmente nem todos os livros que constituíram o acervo bibliográfico das escolas dirigidas por João Penteado tenham sido carimbados, mas podemos refletir a partir destas marcas em formas de apropriação do acervo pelas instituições escolares.

Figura 26 - Carimbo da Academia de Comércio Saldanha Marinho, na folha de rosto do livro: BELLO, Josaphat. **Lições de história natural e física e higiene para uso dos Grupos Escolares e Escolas Singulares do Estado de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.



Fonte: Coleção João Penteado. UEIM. UFSCar.

Figura 27 - Carimbo da Escola Livre, no livro: MORSELLI, Emilio. **Elementi di sociologia generale**. Milano: Ulrico Hoepli, 1898.



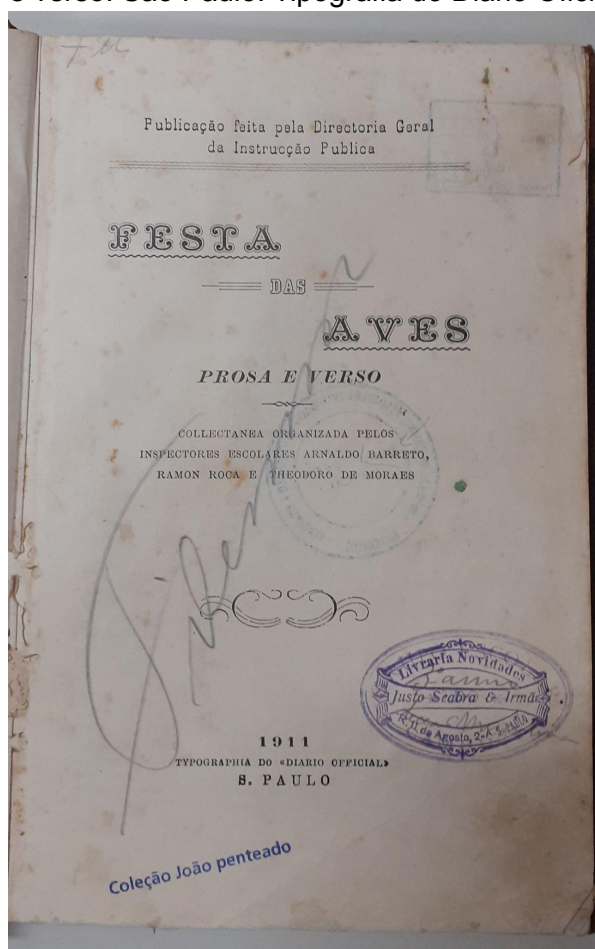
Fonte: Coleção João Penteado. UEIM. UFSCar.

Há ao menos três variações de carimbos do Grêmio Literário e Recreativo Euclides da Cunha, fundado e organizado pelos alunos, em 1924. Em 1939, o Grêmio passou a ser denominado Grêmio Saldanha Marinho. Possivelmente havia um interesse particular dos alunos neste período em determinados segmentos literários e por esta razão podem ter dedicado-se a selecionar determinados títulos para a biblioteca.

No livro, *A festa das aves*, publicado em 1911, estão presentes os carimbos da Escola Moderna n. 1, Academia de Comércio Saldanha Marinho, Grupo Escolar do Cambucy, Livraria Novidades e UFSCAR. Trata-se de uma obra dedicada às aves, incluindo versos, letras, partituras e contos sobre o tema. O livro foi inspirado

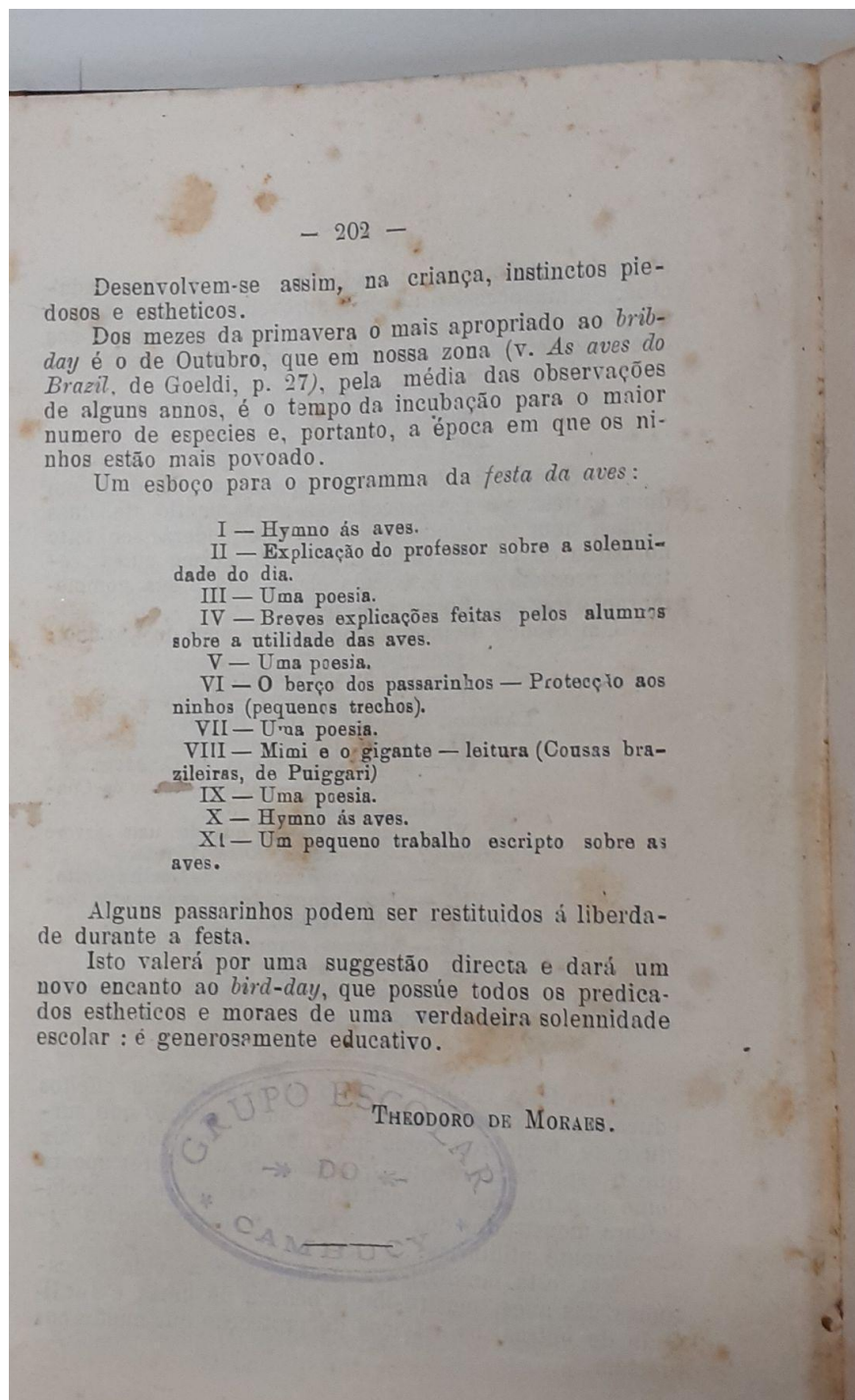
em obras existentes em outros países como Alemanha e Estados Unidos. A presença de carimbos de três instituições escolares: Grupo Escolar Cambucy, Escola Moderna n.1 e Academia de Comércio Saldanha Marinho indicam o aproveitamento de recursos materiais, bem como uma continuidade nas práticas das escolas organizadas por João Penteadó.

Figura 28 - Folha de rosto de BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES, Theodoro de. **Festa das aves**: prosa e verso. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1911.



Fonte: Coleção João Penteadó. UEIM. UFSCar.

Figura 30 - Carimbo do Grupo Escolar Cambucy: BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES, Theodoro de. **Festa das aves**: prosa e verso. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1911.

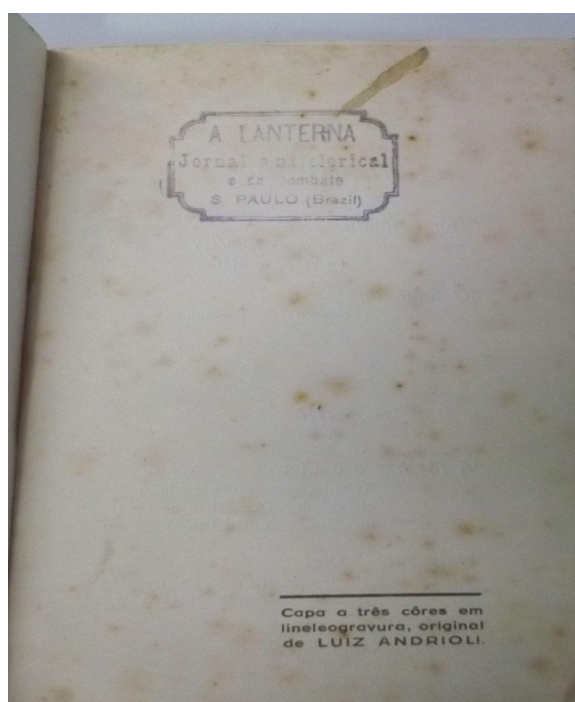


Fonte: Coleção João Penteado. UEIM. UFSCar.

Havia também carimbos de outras instituições como do Jornal *A Lanterna*. O periódico *A Lanterna*, de caráter anticlerical, começou a ser publicado em 1901,

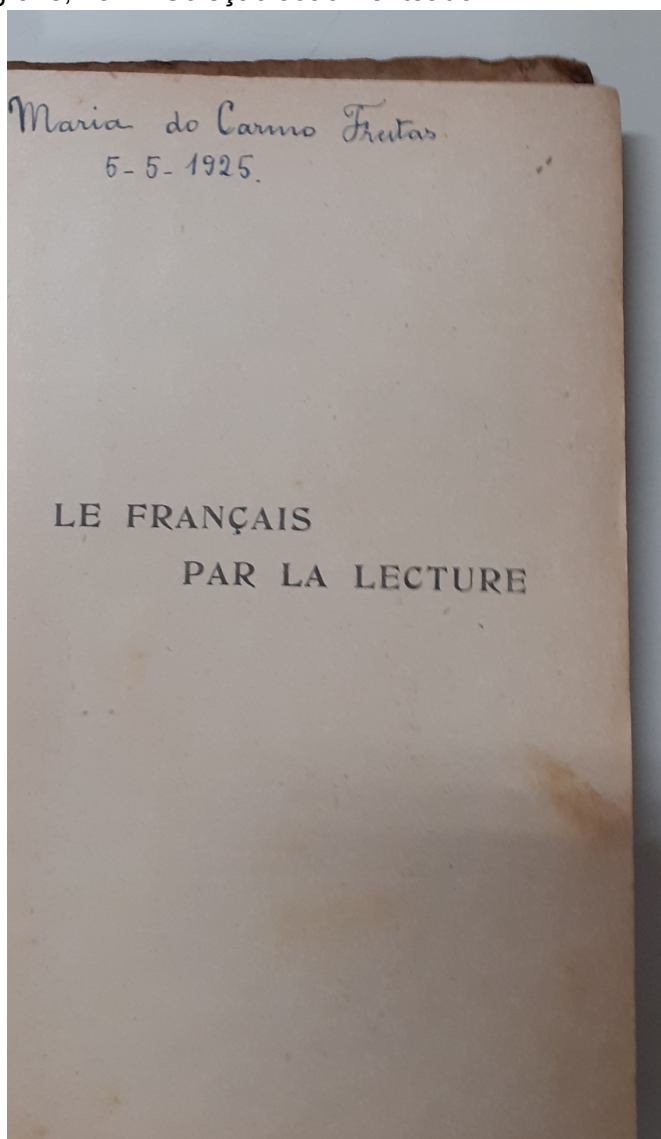
dirigido por Benjamin Mota, com uma tiragem de 10 mil exemplares. Em 1904, o jornal deixou de ser publicado e foi retomado, no período de 1909 a 1917, tendo como editor Edgard Leuenroth. Este jornal teve como um de seus colaboradores, o escritor Lima Barreto, sob o pseudônimo de Dr. Bogollof. Publicou também textos de Júlio Ribeiro, Bakunin e Vitor Hugo. A periodicidade do jornal era quinzenal até 1933, quando passou a ser semanal até seu encerramento em 1935. Os carimbos do jornal *A Lanterna* podem significar que estes livros fossem, em outro período, de um acervo bibliográfico do periódico. Autores de livros de temáticas relacionadas ao anticlericalismo, enviavam exemplares à redação do jornal, com o objetivo de terem resenhas de seus títulos publicados em *A Lanterna*.

Figura 31 - Carimbo do jornal *A Lanterna* no livro: BOSCOLO, J.Carlos. **Verdades sociais**. São Paulo: A Sementeira, 1934. Coleção João Penteadado.



Fonte: UEIM/UFSCar.

Figura 32 - Nome da aluna na folha de rosto do livro: BOITEL. **Le Français par la lecture**. Paris: Librairie Delagrave, 1924. Coleção João Penteadado.



Fonte: UEIM/UFSCar.

Alguns exemplares de livros de estudo apresentam nomes e anotações de alunos. É possível que os livros da biblioteca permanecessem em posse dos alunos por um período mais longo ou que fossem doados à escola pelos estudantes, após o ano letivo.

A obra *Iniciação botânica*, de E. Brucker fazia parte da coleção de livros publicados por *La Editorial*, editora criada por Ferrer para suprir as necessidades educacionais das escolas racionalistas. Tratava-se de uma obra destinada ao uso dos professores. Foi traduzida e publicada pela editora portuguesa Guimarães, em 1912. Fazia parte da Coleção Biblioteca de Educação Racional que editou livros de

pedagogia racionalista. Um exemplar do livro está presente no acervo da UEIM/UFSCar e apresenta um carimbo da Academia de Comércio Saldanha Marinho, indicando que os livros da pedagogia racionalista foram também usados em períodos posteriores ao fechamento da Escola Moderna n.1, em 1919.

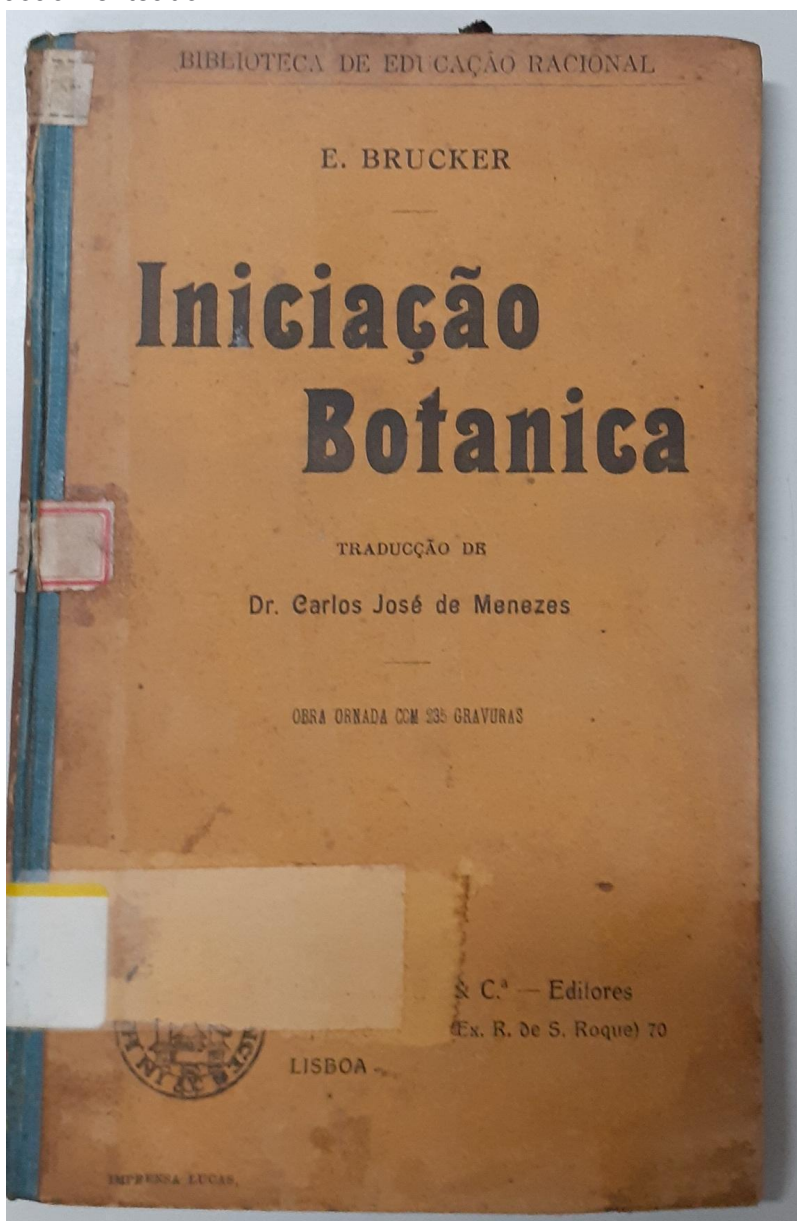
A editora portuguesa Guimarães traduziu e publicou diversas obras anarquistas da editora criada por Francisco Ferrer, que incluíam os livros didáticos da Coleção Biblioteca de Educação Racional, da Coleção Sociológica, com títulos para adultos. (MORAES, 2013, p.52-53). Na biblioteca de João Penteadó encontramos os seguintes títulos publicados pela editora Guimarães & Cia:

Tabela 2 - livros da editora Guimarães

autor	título	local	editora	ano	acervo
HEAFORD, William	A Escola Moderna de Barcelona	Lisboa	Guimarães	1910	UEIM/UFSCAR
NAQUET, Alfredo	A caminho da união livre	Lisboa	Guimarães	1912	UEIM/UFSCAR
BRUCKER, E.	Iniciação botânica	Lisboa	Guimarães	1912	UEIM/UFSCAR
KROPOTKIN, Pedro	Palavras D' um revoltado	Lisboa	Guimarães	1912	UEIM/UFSCAR
FAGUET, Émile	Iniciação filosófica	Lisboa	Guimarães	1913	UEIM/UFSCAR
FAGUET, Émile	Iniciação literária	Lisboa	Guimarães	1914	UEIM/UFSCAR
GUYAU, Jean-Marie	Ensaio de uma moral, sem obrigação, nem sanção	Lisboa	Guimarães	1919	CME/FEUSP
HAMON, Augustin	Conferência da paz e a sua obra	Lisboa	Guimarães	1919	UEIM/UFSCAR

Fonte: tabela elaborada pela autora

Figura 33 - Capa do livro Brucker. **Iniciação à botânica**. Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteadó.



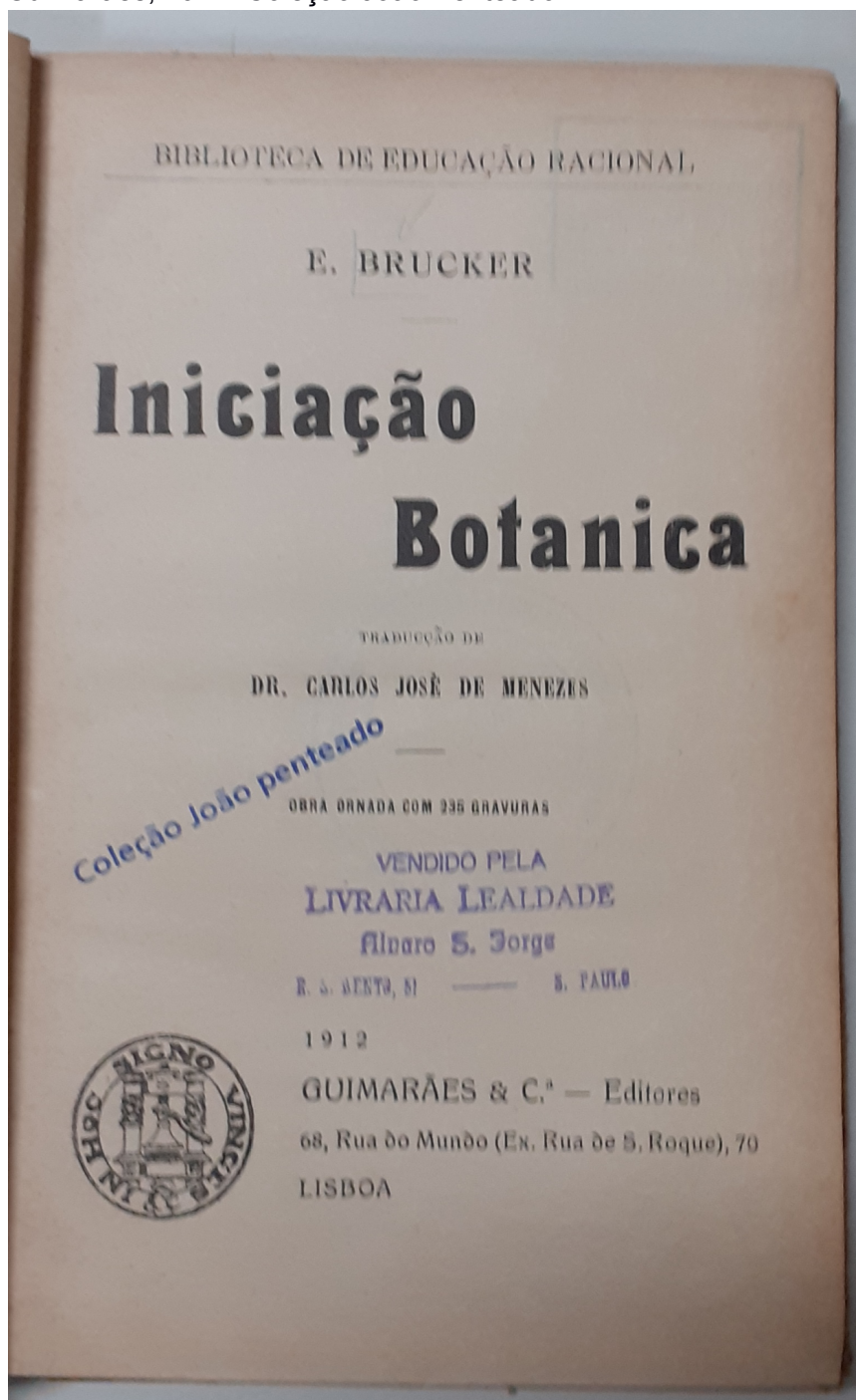
Fonte: UEIM/UFSCar.

Figura 34- Carimbo da Academia de Comércio Saldanha Marinho no livro Brucker. **Iniciação à botânica**. Lisboa: Guimarães, 1912.



Fonte: UEIM/UFSCar.

Figura 35 - Carimbo da Livraria Lealdade no livro Brucker. **Iniciação à botânica**. Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteadado.



Fonte: UEIM. UFSCar.

Figura 36 - Títulos da coleção Biblioteca de Educação Racional. livro Brucker. **Iniciação à botânica**. Lisboa: Guimarães, 1912. Coleção João Penteado.

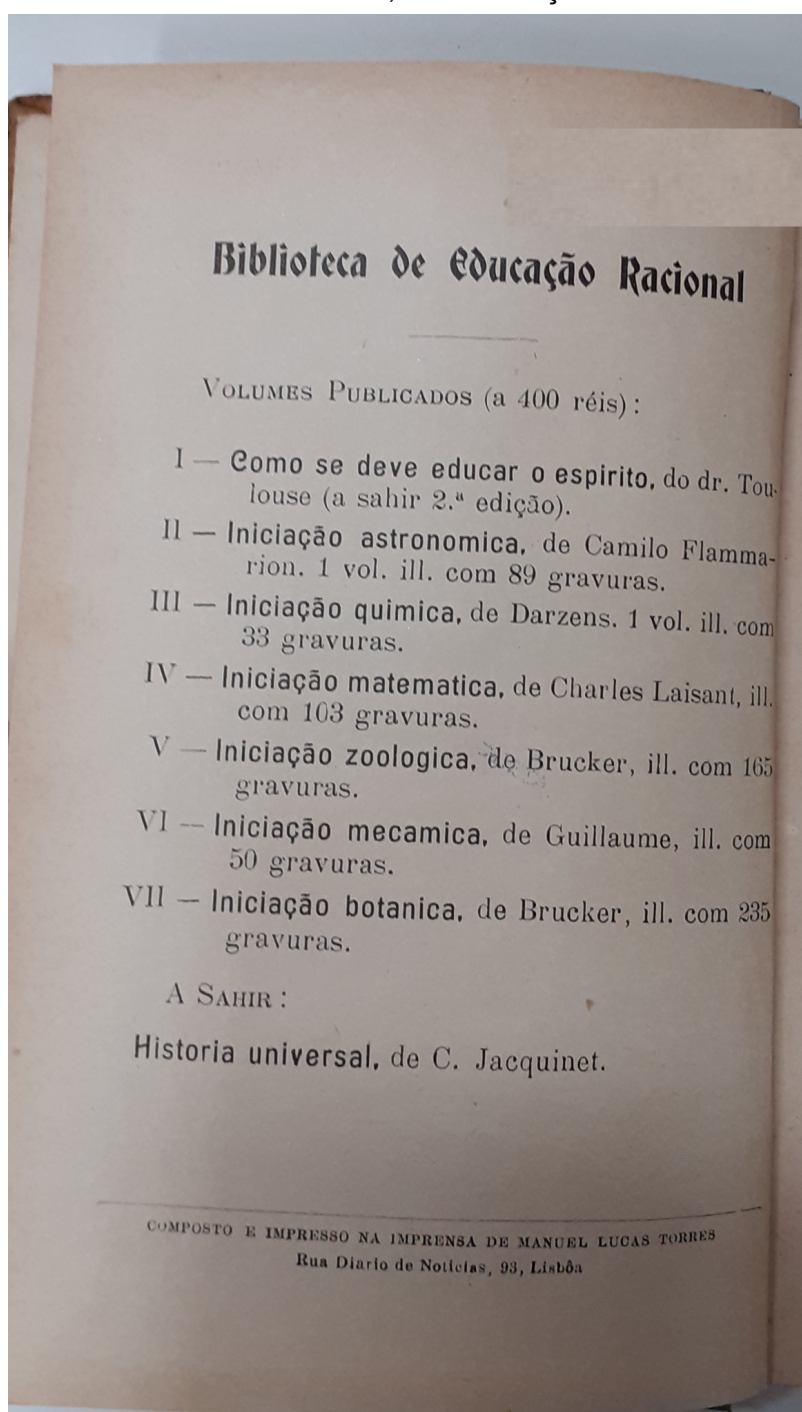
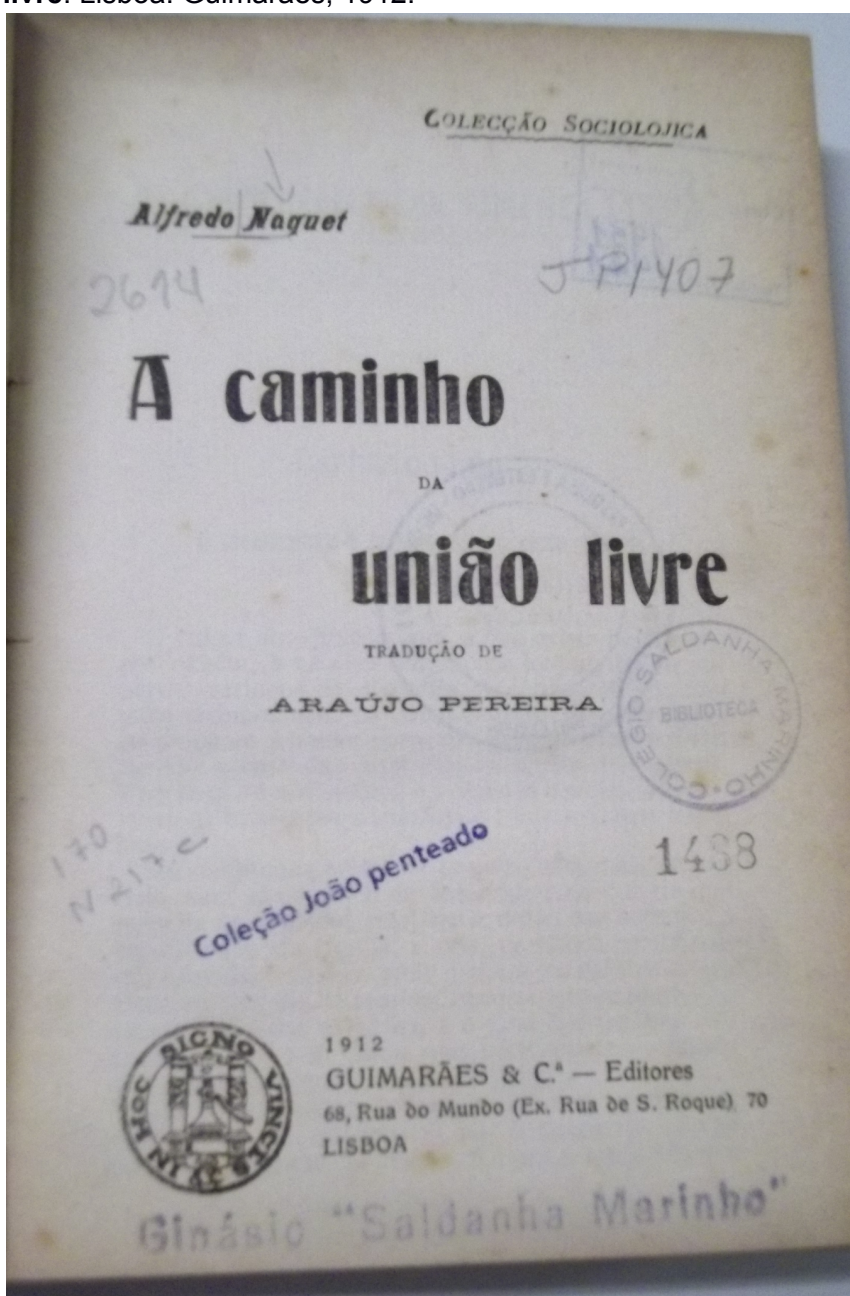


Figura 37 - Carimbo do Ginásio Saldanha Marinho no livro Naquet. **A caminho da união livre**. Lisboa: Guimarães, 1912.



Fonte: UEIM/UFSCar.

É possível notar que há títulos diretamente relacionados às temáticas anarquistas, como *A Escola Moderna de Barcelona*, de Headford, *A caminho da união livre*, de Naquet e *Palavras de um revoltado*, de Kropotkin e outros mais relacionados com a formação geral. Estes e outros livros de temáticas anarquistas eram divulgados em jornais e revistas libertárias no Brasil, através de anúncios e indicações de leituras. (MORAES, 2013, p. 51, 52). William Headford, integrante da

Liga Internacional pela Educação Racional da Infância, foi colaborador da revista "L'École *Rénovée*", criada em 1908 por Francisco Ferrer.

Foram encontrados também carimbos da *Biblioteca Social A Inovadora*, que funcionava da Ladeira do Carmo, em São Paulo, durante a década de 1920, das 8 às 21h. Foi organizada por anarquistas e funcionava como gabinete de leitura, realizando empréstimos e venda de livros e jornais. (LEITE, 1984, p. 28). Um dos livros com o carimbo da *Biblioteca Social A Inovadora* era *Crítica Libertária*, do historiador anarquista Max Nettlau, publicado pela Editora da Escola Moderna.

No acervo de livros do fundo Edgard Leuenroth do AEL/UNICAMP há também marcas e carimbos de diferentes origens: da *Biblioteca Social A Inovadora*, dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* e do socialista Antônio Piccarolo (1863-1947). As bibliotecas de militantes ou grupos anarquistas foram muitas vezes formadas a partir de diferentes origens. Outra característica comum era a diversidade temática: os libertários não se restringiam a obras anarquistas, considerando a importância de estudar diferentes assuntos.

Outros carimbos encontrados foram de livrarias, estabelecimentos nos quais provavelmente as obras foram adquiridas: como Livraria Lealdade, Livraria Espírita Emmanuel, Livraria Novidades e Livraria Francisco Alves.

3. 1 Autores

Entre os autores de maior incidência no acervo da Biblioteca de João Penteadó, estão autores de livros didáticos, incluindo manuais escolares, compêndios e métodos. Há 26 exemplares de títulos da autora Aída Costa, entre obras direcionadas ao ensino de português, português comercial, latim e admissão ao ginásio.

Tabela 3 - Obras de Aída Costa na Biblioteca de João Penteadó

Autor	título	Imprenta	exemplares	localização atual
COSTA, Aída	Admissão ao ginásio	São Paulo. Editora do Brasil, 1944	8	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo. Editora do Brasil, 1949	5	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de português	São Paulo. Editora do Brasil, 1953	2	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de português	São Paulo. Editora do Brasil, 1953	1	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Quarto livro de português	São Paulo. Editora do Brasil, 1957	2	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de latim	São Paulo. Editora do Brasil, 1947	2	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de latim	São Paulo. Editora do Brasil, 1957	3	UEIM/UFSCar
COSTA, Aída	Terceiro livro de latim	São Paulo. Editora do Brasil, 1957	3	UEIM/UFSCar
total			26	

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Outro autor bastante recorrente é Julien Fauvel, com obras direcionadas ao ensino de francês e inglês.

Tabela 4 - Obras de Julien Fauvel na Biblioteca de João Penteadó

Autor	título	Imprenta	exemplares	localização atual
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversação franceza	São Paulo, Melhoramentos, 1924	7	UEIM/UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo, Melhoramentos, s.d.	6	UEIM/UFSCar
FAUVEL, Julien	Terceiro ano de conversação francesa: o comerciante	São Paulo, Melhoramentos, 1940	1	UEIM/UFSCar
FAUVEL, Julien	First steps in commercial english	São Paulo: Livraria Acadêmica, 1933	1	UEIM/UFSCar
FAUVEL, Julien	Les premiers pas – um método introdutório das primeiras lições de francês	São Paulo: Livraria Acadêmica, s.d.	2	UEIM/UFSCar
total			17	

Fonte: tabela elaborada pela autora

Autores de livros didáticos direcionados ao ensino de línguas estão entre os mais presentes no acervo da biblioteca, como Francisco da Silveira Bueno (1898-1989) que foi filólogo, ensaísta, tradutor e jornalista.

Tabela 5 - Obras de Francisco da Silveira Bueno na Biblioteca de João Penteado

autor	título	imprenta	exemplares	localização
BUENO, Francisco da Silveira	Literatura luso-brasileira	São Paulo: Saraiva, 1954	2	UEIM/UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo: Saraiva, 1941	7	UEIM/UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Português comercial curso técnico	São Paulo: Saraiva, 1947	2	
BUENO, Francisco da Silveira	Curso de admissão aos ginásios	São Paulo: Saraiva, 1944	2	UEIM/UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	A arte de escrever	São Paulo: Livraria Acadêmica, 1936	1	UEIM/UFSCar
total			14	

Fonte: tabela elaborada pela autora

Entre os autores de textos literários mais encontrados na biblioteca, está José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911). Autor português, nascido em Vila dos Frades, foi jornalista, escritor e tradutor. Fialho de Almeida é um autor associado ao realismo e ao naturalismo, corrente literária de uma certa popularidade entre os libertários. Fialho de Almeida, no entanto, foi um autor polêmico por suas posições políticas e pelo uso de linguagem considerada áspera. Outro representante da literatura naturalista encontrado na biblioteca de Penteado foi Émile Zola, com o livro *Trabalho*, publicado em Lisboa, 1901. Zola foi também um autor bastante lido e apreciado pelos libertários.

Tabela 6 - Obras de Fialho D'Almeida na Biblioteca de João Penteadó

autor	título	imprenta	exemplares	localização
D'ALMEIDA, Fialho	Aves migradoras	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1921	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Barbear, pentear	Porto: Imprensa portuguesa, s.d	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Contos	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1914	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Á esquina	Coimbra: F. França Amado, 1903	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Os gatos	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1911	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Os gatos	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1916	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	O paiz das uvas	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1915	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Saibam quantos...	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1912	1	UEIM/UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Vida irônica	Lisboa: Livraria Clássica Editorial, 1914	1	UEIM/UFSCar
total			9	

Tabela elaborada pela autora

Obras literárias, como os títulos de Fialho de Almeida, podem ter sido usados para o ensino ou para leituras de lazer. Para a historiadora Tatiana Calsavara, a biblioteca de João Penteadó foi formada ao longo de anos, voltada para as práticas pedagógicas e de formação:

Para o militante libertário qualquer texto poderia ter uma função didática, desde que pensado e planejado pelo professor com essa finalidade; por isso, os anarquistas utilizavam muito a literatura

clássica, acreditavam que era uma referência importante na formação do indivíduo. Nas apresentações de alunos, divulgadas tanto nos jornais publicados pela Escola Moderna, como nos jornais da imprensa libertária, há referências a saraus, nos quais os alunos apresentavam poesias de autores clássicos ou de produção própria e também leitura de contos e produções pessoais de textos. A biblioteca de João Penteado possui um acervo significativo de literatura clássica, o que nos leva a crer que esses livros eram utilizados como material didático (Balzac, Alexandre Dumas, L. Tolstoi entre outros). (CALSAVARA, 2012, f. 22-23)

Na biblioteca de João Penteado, destaca-se Liev Tolstoi (1828-1910) com dez livros. Tolstoi foi uma grande influência para João Penteado, o que pode ser constatado pelo número de livros em sua biblioteca, citações em textos e ideias em comum, pois ambos eram cristãos e anticlericais (CALSAVARA, 2012, f. 78)

Tabela 7 - livros de Liev Tolstoi na biblioteca de João Penteado

Autor	Título	Imprenta	Localização
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	O canto do cisne	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1937	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	La escuela de Yasnaia Poliana	Buenos Aires: Tor, s.d.	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Os mártires do dinheiro	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1937	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Ressurreição	Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1933	CME/FEUSP
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	A Palavra de Jesus	-	UEIM/UFSCAR
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	A Próxima revolução	Lisboa, 1908	UEIM/UFSCAR
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	A Sonata de Kreutzer	-	UEIM/UFSCAR
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Polikuchka	-	UEIM/UFSCAR
Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Rhadji Murat	-	UEIM/UFSCAR

Tolstoi, Liev, (1828-1910)	Senhor e servo	-	UEIM/UFSCAR
-------------------------------	----------------	---	-------------

Fonte: tabela elaborada pela autora

Entre os livros de Tolstoi na biblioteca de Penteado está *La Escuela de Yasnaia Poliana*, publicado em Buenos Aires, no qual o autor descreve a experiência da escola fundada por ele, em 1858, destinada a educar filhos de camponeses. A escola fundada por Tolstoi valorizava a vivência e a liberdade do aluno. Não eram aplicadas punições, provas ou recompensas: “em lasnaia Poliana cada aluno é levado ao estudo pelos interesses que lhe são próprios; ele nunca é obrigado a ir à escola, nem estudar se lá estiver (mas o professor tem o direito de não aceitá-lo).” (LIPIANSKY, 2007, p. 40).

Entre os autores de literatura brasileira presentes na biblioteca de Penteado, destacam-se dez obras de Afonso Schmidt, incluindo duas com dedicatórias a João Penteado. Os livros do jornalista e escritor Afonso Schmidt podem ter sido usados por alunos das escolas dirigidas por João Penteado. Entre as obras deste autor está o romance *O gigante invisível*, escrito sob encomenda e publicado pela Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo que abordava o tema da tuberculose e sua transmissão, para um grande público.

O escritor Afonso Schmidt (1890-1964), nasceu em Cubatão e estudou no Grupo Escolar do Brás, bairro onde morou durante a infância. Foi colaborador de diversos jornais como *A Lanterna*, *A Plebe*, *A Voz do Povo*, *O Comércio de São Paulo*, *Folha da Noite* e *O Estado de S. Paulo*. Foi integrante do Partido Comunista e um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo.

Assim como Edgard Leuenroth, que teve sua primeira experiência de edição de um jornal próprio aproveitando antigos clichês de um jornal, Afonso Schmidt ganhou clichês usados da mãe de um amigo de escola. A tarefa de editar o jornal *O Janota*, em Cubatão, região na qual, segundo o próprio Schmidt, não deveria haver “nenhum janota”, foi penosa. O editor não tinha nenhuma experiência prévia no ofício da tipografia e, depois de muitas tentativas frustradas, os tipos acabaram jogados entre as galinhas. (SCHMIDT, 1956). Esta primeira experiência desastrada de Schmidt serve para indicar seu interesse pela tipografia, pelos jornais, além de

caracterizar um autodidata, traços comuns aos anarquistas deste período.

Em 1920, quando foi empastelado o jornal *A Plebe*, Afonso Schmidt foi previamente avisado pelo filho do dono do hotel no qual ficava hospedado sobre a ameaça de invasão por agentes policiais na sede do jornal. (SCHMIDT, 1956, p. 12).

Alguns dos livros e crônicas publicados por Afonso Schmidt trazem marcas dos anarquistas em São Paulo. Ao descrever a história do bairro do Ipiranga, em São Paulo, Schmidt lembra a impressão do geógrafo anarquista Elisée Reclus sobre o monumento do Ipiranga:

Quando Eliseu Reclus passou por aqui, esteve no Ipiranga. Li algures que ele se maravilhou diante das suas proporções, da sua beleza. E, sob essa grata impressão, o grande geógrafo francês, um dos maiores do mundo, escreveu palavras de entusiasmo que deveriam ser gravadas em bronze e fixadas à porta do monumento, para serem lidas pelos milhares de visitantes que, anualmente, sobem as suas escadarias. (SCHMIDT, 2003, p. 153)

Outro personagem dos livros de Schmidt que circulava pela noite paulistana e se entrelaçava com a história dos anarquistas era o cachorro Cunegundes que dormia na tipografia do jornal *O Boi*, primeiro jornal editado por Edgard Leuenroth, com clichês aproveitados. Por volta de 1896 e 1897, Cunegundes transitava pelas ruas da região central da cidade de São Paulo e ganhava comida dos frequentadores de confeitarias e cafés:

Outro dia, com o propósito não sei de que, Edgard Leuenroth contou-me que o Cunegundes fora seu hóspede... Naquela data, alguns rapazes mantinham um jornalzinho que se chamava *O Boi*. Esse título não fora escolhido por eles. Nada mais fizeram do que aproveitar um clichê que lhes viera à mão no acervo de velha e desmantelada tipografia. Naturalmente, aquele título lembrava aos paulistanos um famoso estudante, de tal alcunha, que pusera em polvorosa a Paulicéia de 1840...

O fato é que a tipografia de *O Boi* estava instalada num casebre da Rua Maria Domitila. Todas as manhãs, ao abrir a porta, o Cunegundes entrava cambaleante, com a roupa dilacerada pela última briga, e ia acomodar-se debaixo dos caixões de tipos, onde dormia e roncava até a tarde. Ao fechar a tipografia, à boca da noite, ele acordava, dava compridos bocejos e, sem dizer muito obrigado, raspava-se, ia para a farra. (SCHMIDT, 2003, p. 76)

No livro, *A Colônia Cecília: uma aventura anarquista na América (1899-1893)* publicado pela primeira vez em 1942, Schmidt apresenta em forma de romance, a experiência da colônia anarquista ocorrida no Paraná. Este livro colaborou para a divulgação desta experiência anarquista para um público mais amplo.

Tabela 8 - livros de Afonso Schmidt na biblioteca de João Penteadó

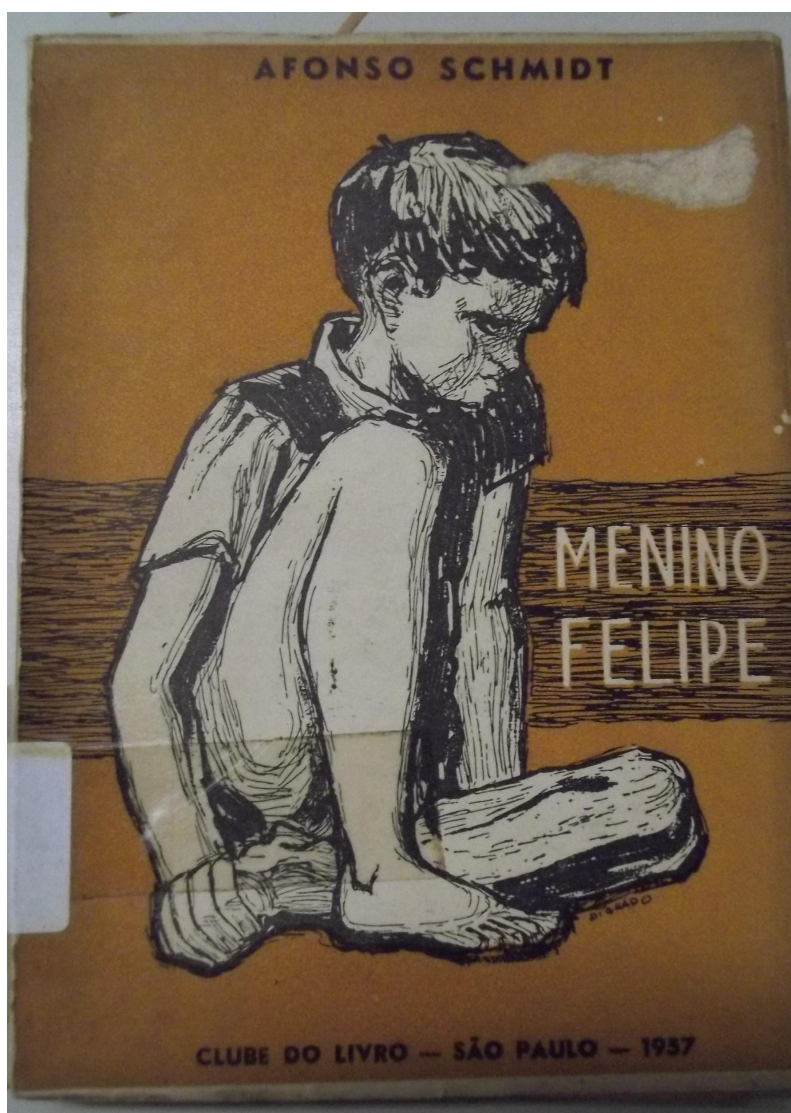
Autor	Título	Imprenta	Localização
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O assalto: romance do ouro e do sal	São Paulo: Livraria Martins, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Pirapora	São Paulo: Unitas, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O tesouro de Cananéia	São Paulo: Anchieta, 1941	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Saltimbancos	São Paulo: Saraiva, 1950	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Reino do céu: novela	São Paulo: Moema, 1942	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O dragão e as virgens: romance	São Paulo: Vieira & Cia, 1927	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	O gigante invisível	São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Janelas abertas	São Paulo: Edição da Fornalha, 1923	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Zanzalá	São Paulo: Clube do Livro, s.d.	UEIM/UFSCAR
Schmitd, Afonso, (1890-1964)	Menino Felipe	São Paulo: Clube do Livro, 1957	UEIM/UFSCAR

Fonte: tabela elaborada pela autora

Afonso Schmidt foi um autor premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1942. Desfrutou de popularidade entre os leitores. A primeira edição de *Os Saltimbancos* chegou a 45 mil exemplares. Entre as décadas de 1930 e 1940,

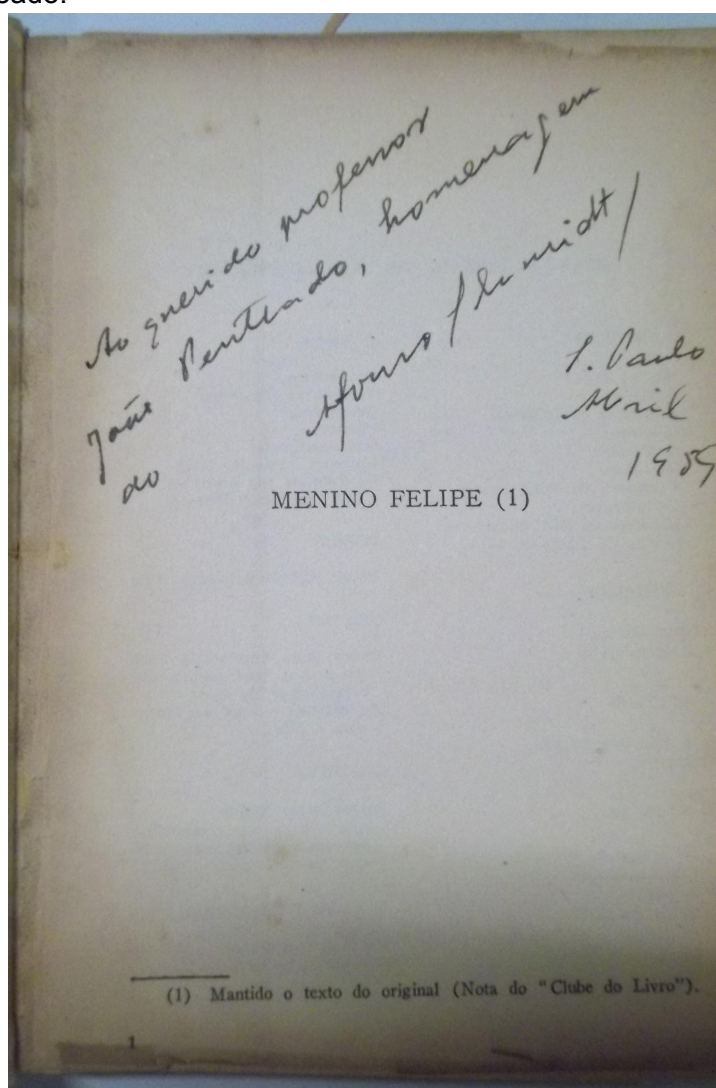
publicou livros em formato de folhetins no jornal *O Estado de São Paulo*. (PAULILLO, 2002, p. 28). Schmidt passou por diversas fases como escritor: “poesia social libertária, fase comunista dos relatos de denúncia e, finalmente, a crônica urbana e novelística popular, campeã das coleções Saraiva e Clube do Livro.” (HARDMAN, 2002, p. 254). Afonso Schmidt é um autor que se formou à maneira dos autodidatas, em meio à cultura anarquista. Seus textos, publicados em jornais ou em formato de livros, alcançaram um vasto público, muito além dos círculos libertários. No entanto, suas amizades com libertários como Edgard Leuenroth e João Penteado permaneceram por longos anos.

Figura 38 - Capa do livro *Menino Felipe* de Afonso Schmidt.



Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 39 - Folha de rosto do livro Menino Felipe de Afonso Schmidt, com dedicatória do autor a João Penteadado.



Fonte: Acervo UEIM/UFSCAR

Na biblioteca de João Penteadado estão presentes seis obras do anarquista Piotr Kropotkin (1842-1921), autor muito frequente em bibliotecas pessoais de outros anarquistas como Edgard Leuenroth, Ítalo Benassi, Avelino Fernandes e Benedito Romano. Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um cientista e anarquista russo, de origem nobre, filho do príncipe Alexei Kropotkin. Serviu ao exército russo e foi pajem do Imperador Alexandre. Renunciou aos títulos de nobreza em razão de seu contato com a realidade do povo russo na Sibéria.

Tabela 9 - Livros de Kropotkin na biblioteca de João Penteadado

Autor	Título	Imprenta	Localização
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Palavras de um revoltado	Lisboa: Guimarães, 1912	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Em volta de uma vida: memórias	Lisboa: Tipografia do Comércio, 1907	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	Em torno de uma vida: memórias de um revolucionário	Rio de Janeiro: José Olímpio, 1946	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	A Grande Revolução	Rio de Janeiro: Athena, 1935	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	A questão social: o anarquismo em face da ciência	São Paulo: Biblioteca Prometeu, s.d.	UEIM/UFSCAR
Kropotkin, Piotr, (1842-1921)	A Conquista do pão	-	UEIM/UFSCAR

Fonte: tabela elaborada pela autora

Na Espanha, entre 1880 e 1913, intensifica-se a publicação de livros libertários que poderiam ser obras clássicas do anarquismo ou monografias, em geral, com tiragens altas. Uma das edições de *A conquista do pão*, de Kropotkin vendeu 50 mil exemplares, nos primeiros anos do século XX. (LITVAK, 1981, p. 261-262). Esta obra desfrutou também de grande popularidade entre os libertários no Brasil, sendo a razão da adesão ao anarquismo de Florentino de Carvalho que atuou como professor nas Escolas Modernas de São Paulo.

Os livros de Kropotkin estavam entre os escolhidos para serem lidos em voz alta para os trabalhadores de uma fábrica de charutos em Havana. O serviço era pago pelos próprios operários que escolhiam os livros através de um comitê de leitura. O anarquista Ramiro de Maeztu que lia em voz alta aos trabalhadores relata que entre os livros escolhidos estavam: “de Galdós, de D’Annunzio, de Kipling, de Schopenhauer, de Kropotkin, de Marx, de Sudermann.” (LITVAK, 1981, p.261-262)

Destacam-se também oito obras de Maria Lacerda de Moura (1887-1945) presente na biblioteca. Maria Lacerda de Moura foi amiga de João Penteadado, professora, escritora e conferencista. O primeiro livro publicado pela autora foi *Em*

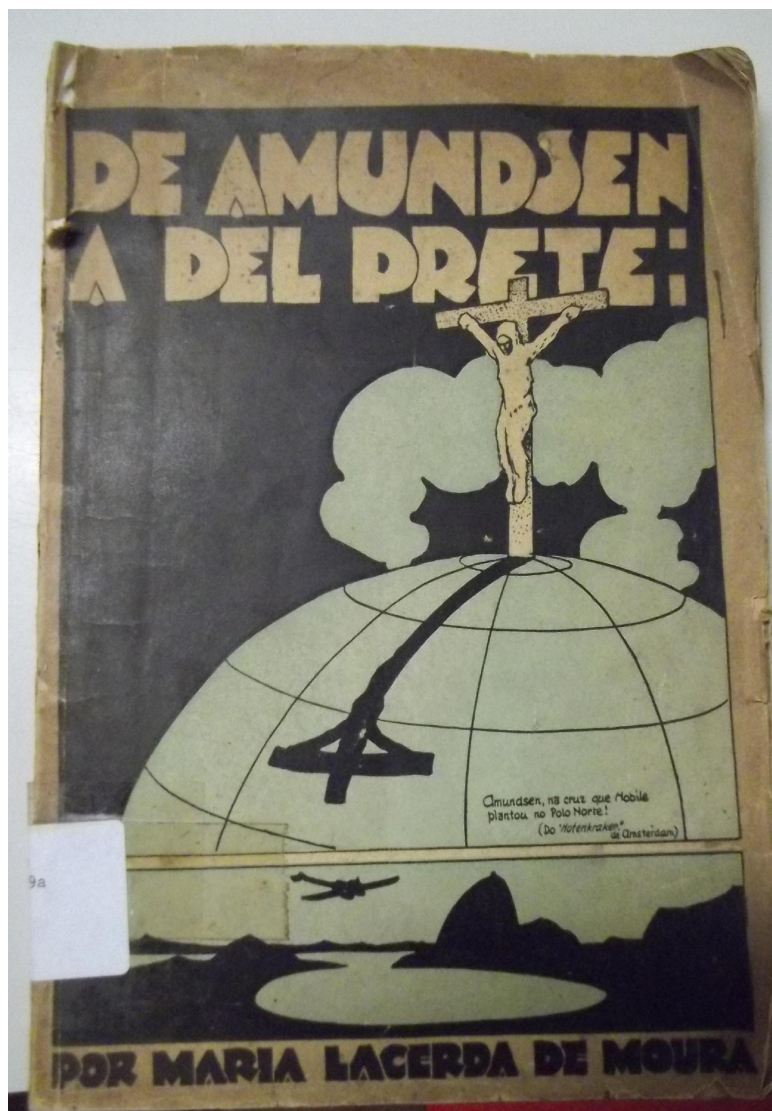
torno da educação, de 1918, que causou intensa repercussão no período e é uma das obras presentes no acervo do CME/FEUSP. Esta autora provavelmente foi outra influência nas ideias pedagógicas do educador João Penteadó. Entre as questões abordadas nos livros de Maria Lacerda de Moura está a crítica ao fascismo: em 1928 publicou *De Amundsen a del Prete* pelas edições do Jornal *O Combate*. Neste livro, Maria Lacerda narra a história de Carlos del Prete, aviador que faleceu em uma demonstração de acrobacia aérea para o governo fascista e foi elevado à categoria de herói. A autora questionou os valores defendidos por Del Prete, como a família e a pátria. Na ocasião da publicação, Maria Lacerda foi duramente criticada e mesmo ameaçada por fascistas radicados no Brasil. (MOURA, 2015, p. 27).

Tabela 10- livros de Maria Lacerda de Moura na Biblioteca de João Penteadó

Autor	Título	Imprenta	Localização
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	De Amundsen a del Prete	São Paulo: Edições de O Combate, 1928	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Han Ryner e o amor plural	São Paulo: Unitas, s.d.	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Amái... e não vos multipliqueis	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Civilização tronco de escravos	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945).	Em torno da educação	Belo Horizonte: Atheneu, 1918	CME/FEUSP
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945)	A fraternidade e a escola	1922	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945)	Porque vence o porvir?	-	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945)	Religião do amor e da Beleza	-	UEIM/UFSCAR

Fonte: tabela elaborada pela autora

Figura 40 - Capa do livro: Moura, Maria Lacerda de, (1887-1945). *De Amundsen a del Prete*. São Paulo: Edições de O Combate, 1928.



Fonte: UEIM/UFSCAR

3.2 Temáticas da biblioteca

É possível observar a forma como se destacam algumas temáticas e autores, prováveis indícios de preferências pessoais de João Penteadado e da forma como ele pensava a educação. Na biblioteca de Penteadado: “muitas obras eram aprovadas e indicadas pela Diretoria Geral de Instrução Pública para uso nas escolas no Estado de São Paulo”. (SANTOS, 2009, f. 175-176) Havia a necessidade de se adequar às

normas e exigências estatais para o funcionamento de estabelecimentos educacionais oficiais. Numericamente, as obras mais frequentes na biblioteca de João Penteado são voltadas para o ensino de línguas (português, inglês, francês, latim) ou ensino de outras disciplinas como matemática, geografia, história, história do Brasil e filosofia. Há também uma grande quantidade de livros de ficção, aqui classificados como literatura geral, literatura brasileira e literatura portuguesa. Os livros de leitura poderiam ser usados para alfabetização dos alunos em sala de aula ou emprestados aos estudantes, servindo como incentivo à leitura.

Há também um número significativo de livros classificados como de educação, com obras de pedagogia ou administração escolar mais voltadas para os professores e administradores da escola. Os livros que podem ser classificados com o assunto anarquismo também aparecem em quantidade considerável. Foram destacados os assuntos que aparecem por no mínimo 13 vezes na tabela:

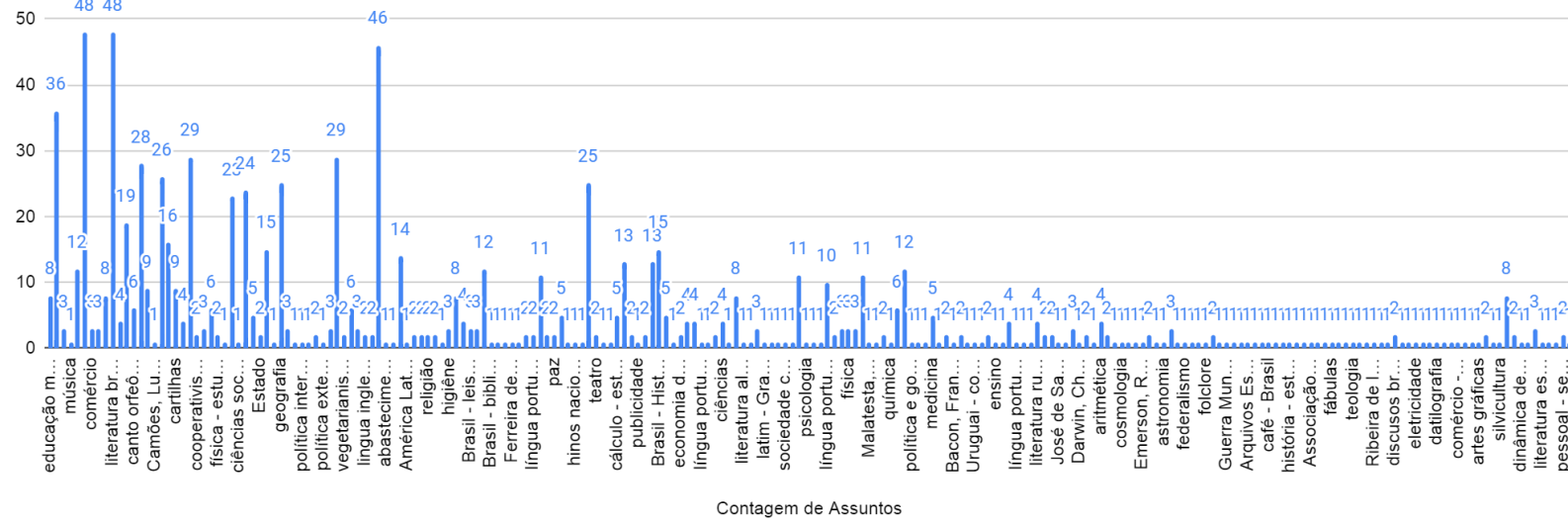
Tabela 11- Assuntos dos livros da biblioteca

assunto	número de obras em que aparece
Língua Inglesa - estudo e ensino	48
Literatura Brasileira	48
Língua Francesa - estudo e ensino	46
Língua Portuguesa - compêndios	36
Educação	29
Língua Portuguesa - estudo e ensino	29
Matemática - estudo e ensino	28
Livros de leitura	26
Geografia	25

Língua Latina - estudo e ensino	25
Anarquismo	24
Geografia- estudo e ensino	23
Língua Latina - compêndios	19
Literatura	16
Filosofia	15
Brasil - história	15
Língua Portuguesa	14
História	13
Literatura Portuguesa	13
total	492

Fonte: tabela elaborada pela autor

Figura 41 - Contagem de Assuntos



Contagem de Assuntos

3.2.1 Anarquismo

Foram destacados alguns assuntos que apareceram com frequência na biblioteca de João Penteado que refletem, provavelmente, mais os seus interesses pessoais do que das demandas escolares. São assuntos, autores e títulos que estiveram presentes também em outros acervos de libertários de sua geração.

O primeiro assunto é o anarquismo. Para efeito de generalização, foram classificados como anarquismo temas que poderiam ser subdivididos em sub temas como educação libertária, Escola Moderna, história do anarquismo, biografias, anticlericalismo, movimento makhnovista, movimentos sociais, sindicalismo, fascismo, antifascismo, amor livre, controle da natalidade e outros. Os autores de temas relacionados ao anarquismo localizados foram: Paul Berthelot, Piotr Kropotkin, Proudhon, Elisée Reclus, Francisco Ferrer y Guardia, José Gavronski, Pietro Gori, Jean Grave, William Headford, Maria Lacerda de Moura, Roberto das Neves, José Oiticica, Carlos Boscolo, Carlos Dias, Zeferino Oliva. Além de autores caros aos anarquistas como Tolstoi, Émile Zola e Sylvio Floreal.

A seguir foram destacados títulos e autores relacionados a temas de interesse dos libertários que ainda não foram citados neste trabalho:

Tabela 12- Livros relacionados à temática anarquismo na Biblioteca João Penteado

Autor	Título	Imprenta	Localização
Archinoff, Pedro	Historia del movimiento Machhovista (1918-1921)	Buenos Aires: Editorial Argonauta, 1926	UEIM/UFSCar
Berthelot, Paul	O evangelho da hora	São Paulo: Editorial "A sementeira", 1909	UEIM/UFSCar
Bóscolo, J. Carlos	Verdades sociais	São Paulo: Editorial "A Sementeira", 1934	UEIM/UFSCar
Dias, Carlos	Contra a perpetuidade do erro e da mentira	Rio de Janeiro, 1922	UEIM/UFSCar
Ebert, Justus	Os I. W. W. na teoria e na prática	New Bedford: TextilWorker Union, s.d	UEIM/UFSCar
Fabbri, Luigi; Fabbri, Luce (apresentação); Abad Santillan, Diego	Malatesta	Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945	UEIM/UFSCar

(tradução)			
Fabbri, Luigi	El ultimo filosofo del renacimiento	Buenos Aires: Ediciones IMAN, 1935	UEIM/UFSCar
Gavronski, José	Uma explicação, uma homenagem e uma advertência.		UEIM/UFSCar
Gavronski, José	Hóstias amargas	São Paulo	CME/USP
Gori, Pedro	Ensayos y conferencias	Barcelona: Editora Hoy, 1924	UEIM/UFSCar
Grave, Jean	A sociedade moribunda e a anarquia	Lisboa: Typographia do Comércio, 1908	UEIM/UFSCar
Krivitsky, W. G. (ex General do Exército Vermelho)	Rusia en España	La agrupación amigos C.N.T.F.A.I., s.d.	UEIM/UFSCar
Mota, Benjamin	A razão contra a fé: análise das conferências religiosas do Padre Júlio Maria	Edição do autor, 1933	UEIM/UFSCar
Nettlau, Max	Crítica Libertária	Barcelona: Editorial Moderna, 1922	UEIM/UFSCar
Neves, Roberto das	Assim cantava um cidadão do mundo: poemas que levaram o autor treze vezes aos cárceres do Santo Ofício de Salazar	Rio de Janeiro: Germinal, 1952	UEIM/UFSCar
Neves, Roberto das	O diário do Dr. Satan: comentários subversivos às escorrências quotidianas da sifilização cristã	Rio de Janeiro: Germinal, 1954	UEIM/UFSCar
Oiticica, José	A doutrina anarquista ao alcance de todos	Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d.	UEIM/UFSCar
Oliva, Zeferino	Pontos de vista	São Paulo, 1948	CME/USP
Reclus, Elisée	La vida en la tierra	Valencia/Madrid: F. Sempere y Compañia, Editores	UEIM/UFSCar
Vogüe, Visconde E.-M. de	Máximo Gorky – a obra e o homem	Lisboa: Editora Viuva Tavares Cardoso, 1905	UEIM/UFSCar

Fonte: tabela elaborada pela autora

Nas primeiras décadas do século XX, os autores mais populares entre os anarquistas atuantes no Brasil eram: Kropotkin, “Jean Grave, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Sebastien Faure e Errico Malatesta” [...] Entre os autores brasileiros, os mais lidos teriam sido: “Benjamim Mota, José Oiticica e Maria Lacerda de Moura”.(GONÇALVES, 1999, p. 27)

Tabela 13 - títulos mais diretamente relacionados à educação libertária

Autor	Título	Imprenta	Localização
Diaz, Blasco	Francisco Ferrer e a semana trágica de Barcelona	Lisboa: Casa Alfredo David, 1914	UEIM/UFSCar
Ferrer Guardia, Francisco	La escuela moderna	Barcelona: Elzeviriana – Borrás, Mestres, 1912	UEIM/UFSCar
Headford, William	A escola moderna de Barcelona	Lisboa: Guimarães, 1910	UEIM/UFSCar
Tolstói, Liev	La Escuela de Yasnaia Poliana	Buenos Aires: Tor, s.d.	CME/USP

Fonte: tabela elaborada pela autora

Pode ser observado que há livros sobre Ferrer e a Escola Moderna de Barcelona e outro de autoria de Tolstói, sobre a Escola de lasnaia Poliana. Todos os livros foram editados fora do Brasil: em Lisboa, Barcelona e Buenos Aires. Havia uma alta circulação de livros estrangeiros sobre anarquismo entre os libertários no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Além destas obras, haviam também os títulos da educadora Maria Lacerda de Moura.

Há também livros de autores relacionados à Escola Nova, como do educador Sampaio Dória. *Como se ensina*: São Paulo: Monteiro Lobato, 1923 e do pedagogo John Dewey. *Como pensamos*. São Paulo, Editora Nacional, 1933. Os livros de pedagogia libertária e escolanovistas provavelmente foram influências para Penteadado e os demais educadores de suas escolas.

3.2.2 Espiritualismo

No fundo João Penteadado da FEUSP estão presentes obras de Allan Kardec e

livros sobre espiritismo. João Penteado era adepto do espiritismo e chegou a ministrar aulas em escolas espíritas. Foi editor e colaborador na imprensa espírita. Entre os livros pesquisados, há 12 obras sobre espiritismo e 3 livros psicografados. Há também obras sobre espiritismo e psicografadas nos livros do fundo Edgard Leuenroth da Unicamp.

Tabela 14- livros sobre espiritismo e psicografados

autor	título	imprenta	localização
Collarile, Hugo	Os problemas espíritas do Padre Zioni: espiritismo e catolicismo face a face	São Paulo, 1953	CME/USP
Denis, Léon	Depois da morte	Rio de Janeiro: Garnier, 1901	UEIM/UFSCar
Drews, F. J.	Que pensar do espiritismo	São Paulo: Anchieta, 1946	CME/USP
Granja, Pedro	Afinal, quem somos? – de onde viemos e para onde vamos...	São Paulo, 1948	UEIM/UFSCar
Kardec, Allan	O principiante espírita	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1950	UEIM/UFSCar
Kardec, Allan	O que é espiritismo		UEIM/UFSCar
Kardec, Allan	O evangelho segundo o espiritismo	São Paulo: Pensamento, 1963	CME/USP
Kardec, Allan	O livro dos espíritos	São Paulo, Pensamento, s.d	CME/USP
Kardec, Allan	O livro dos médiuns	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1953	CME/USP
Kardec, Allan	O livro dos espíritos	São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora, s.d.	CME/USP
Prel, Carl du	O outro lado a vida	São Paulo: Sociedade Metaphisica de São Paulo, 1939	CME/USP
Scutel, Cairbar	O espírito do cristianismo	Matão: O Clarim, 1941	CME/USP
Xavier, Francisco Cândido; Emmanuel (Espírito)	50 anos depois	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1940	CME/USP

Xavier, Francisco Cândido; Irmão X (Espírito)	Luz acima	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1948	CME/USP
Xavier, Francisco Cândido; Luís, André (Espírito)	Libertação	Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1949	CME/USP

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Podem ser classificados como espiritualismo outros livros da biblioteca de João Penteadado, como Krishnamurti (1895-1986) que foi filósofo, escritor e educador. Krishnamurti discutia assuntos como o autoconhecimento, desapego e educação.

João Penteadado colaborou financeiramente com a Instituição Krishnamurti, no Rio de Janeiro. Penteadado sempre recomendava a leitura deste autor a seus conhecidos. (SANTOS, 2009, f. 163). Há na biblioteca três livros de Krishnamurti: *Uma nova maneira de viver*, *Nós somos o problema* e o periódico *Carta de Notícias*, publicado pelo Instituto Cultural Krishnamurti.

Na década de 1930, as ideias de Krishnamurti estavam em debate entre anarquistas. Em 1935, Gusmão Soler realizou uma conferência de três horas no Centro de Cultura Social sobre Krishnamurti e o anarquismo. Soler, em sua palestra afirmou que as ideias do filósofo hindú aproximavam-se do anarquista Bakunin. A apresentação contou com um "avultado número de pessoas". (*A Plebe*, 11 de maio de 1935, ano III, n.88. p.4)

O texto "O camarada Krishnamurti" assinado por "S.P." foi publicado na coluna "Vida anarquista" de *A Plebe* e apresentou a visita do poeta e filósofo hindú Krishnamurti a São Paulo. Afirmava que o escritor vinha sendo idolatrado por alguns de seus seguidores. Krishnamurti, no entanto, negava que fosse um "deus" ou espírito superior, defendia a fraternidade universal e a formação de coletividades livres de preconceitos religiosos, privilégios de classes, castas e patriotismo. (*A Plebe*, 27 de abril de 1935, ano III, n.87. p.2)

3.2.3 Vegetarianismo

O vegetarianismo estava (e está) incluído entre as pautas de muitos anarquistas. João Penteadado e outros libertários de sua geração como José Oiticica,

Maria Lacerda de Moura e Roberto das Neves estavam entre seus adeptos. O geógrafo anarquista Elisée Reclus (1830-1905) também foi um defensor do vegetarianismo.

Roberto das Neves (1907-1981), militante anarquista nascido em Portugal e radicado no Brasil a partir de 1942, foi um destacado militante do vegetarianismo. Em 1946 criou a Editora Germinal, no Rio de Janeiro, que publicou obras com temáticas do anarquismo individualista, naturismo, vegetarianismo e esperantismo. (FERREIRA, 2013, p. 35). Alguns dos títulos publicados, como *Jesus vegetariano*, de Karl Brandt, *Acupuntura, alopatia, homeopatia e naturismo*, de Paul Carton e *Como viver de acordo com os ensinamentos de Krishnamurti* de Carneiro da Cunha, demonstram que o interesse de João Penteado por vegetarianismo, naturismo e homeopatia era partilhado entre outros integrantes do movimento anarquista. Roberto das Neves foi praticamente o defensor de dietas vegetariana e macrobiótica. Foi um dos fundadores da Cooperativa dos Vegetarianos de Guanabara. (FERREIRA, 2013, p. 43).

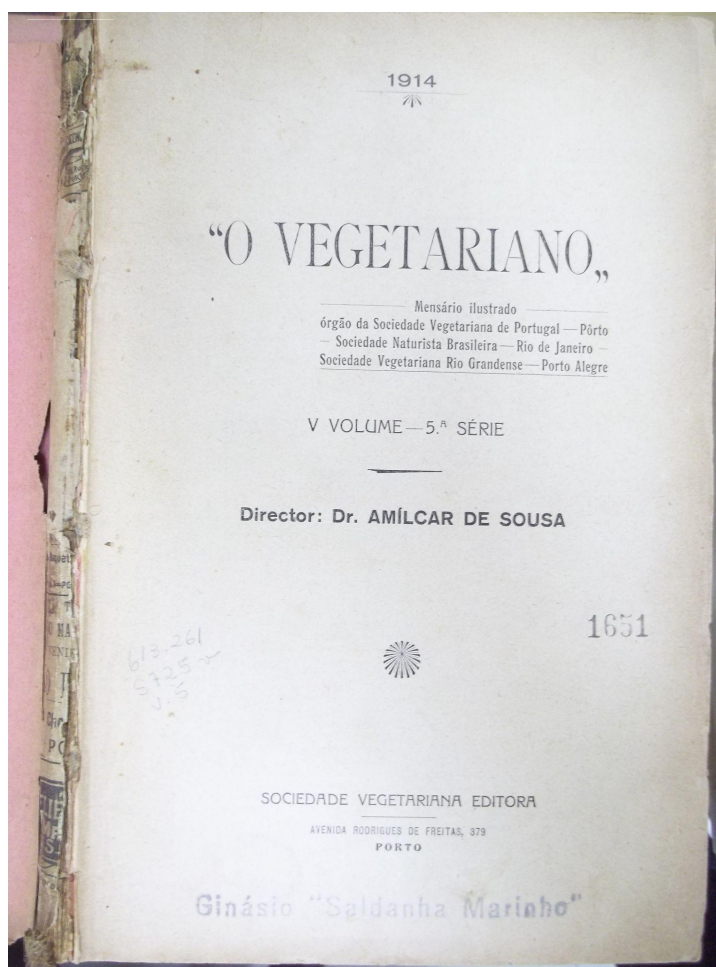
A historiadora Lily Litvak (1981) defende que a adesão dos anarquistas ao vegetarianismo, comum também na Espanha, entre o final do século XIX e início do século XX, está relacionada à ideia de uma 'vida natural'. (LITVAK, 1981, p. 155):

A ética libertária está firmemente enraizada na ideia de despojar-se de necessidades que na realidade são supérfluas e desnecessárias. Está intrínseco no anarquismo um ascetismo fundamental. O anarquista é alguém muito próximo a formas de vida 'naturais'. Sua atitude com a comida, casa, sexo e, em geral às necessidades humanas, é que simplesmente todas elas podem ser satisfeitas, uma vez que as leis naturais da sociedade se despojem dos impedimentos da sociedade contemporânea. Este naturalismo os levava a certas atitudes como o vegetarianismo e às preocupações higiênicas". (LITVAK, 1981, p. 155) [tradução livre da autora]

Entre os livros do acervo da biblioteca João Penteado encontramos obras sobre vegetarianismo. Como uma encadernação do periódico *O Vegetariano*, publicado pela Sociedade Vegetariana de Portugal, de 1909 a 1935. Este periódico foi publicado sob a responsabilidade de Amílcar de Sousa (1876-1940), médico especialista em nutrição, fundador da Sociedade Naturista de Portugal. Apresenta fotos de adultos e crianças vegetarianas com aparência saudável, receitas vegetarianas e anúncios de produtos como pão integral e vinho sem álcool.

Argumenta que é seguro e saudável ser vegetariano. Afirma que o carnivorismo somente permanece por ser uma tradição de nossos antepassados, que nos acostumamos, mas nem por isso deixa de ser injusto. Este exemplar apresenta carimbos da Academia de Comércio Saldanha Marinho e Ginásio Saldanha Marinho, além disso inclui cartão de empréstimo de biblioteca.

Figura 42 - *O vegetariano*: mensário naturista ilustrado: Porto: Sociedade Vegetariana, 1914.



Fonte: CME/USP

Figura 43 - *O vegetariano*: mensário naturista ilustrado: Porto: Sociedade Vegetariana, 1914.



Fonte:CME/USP

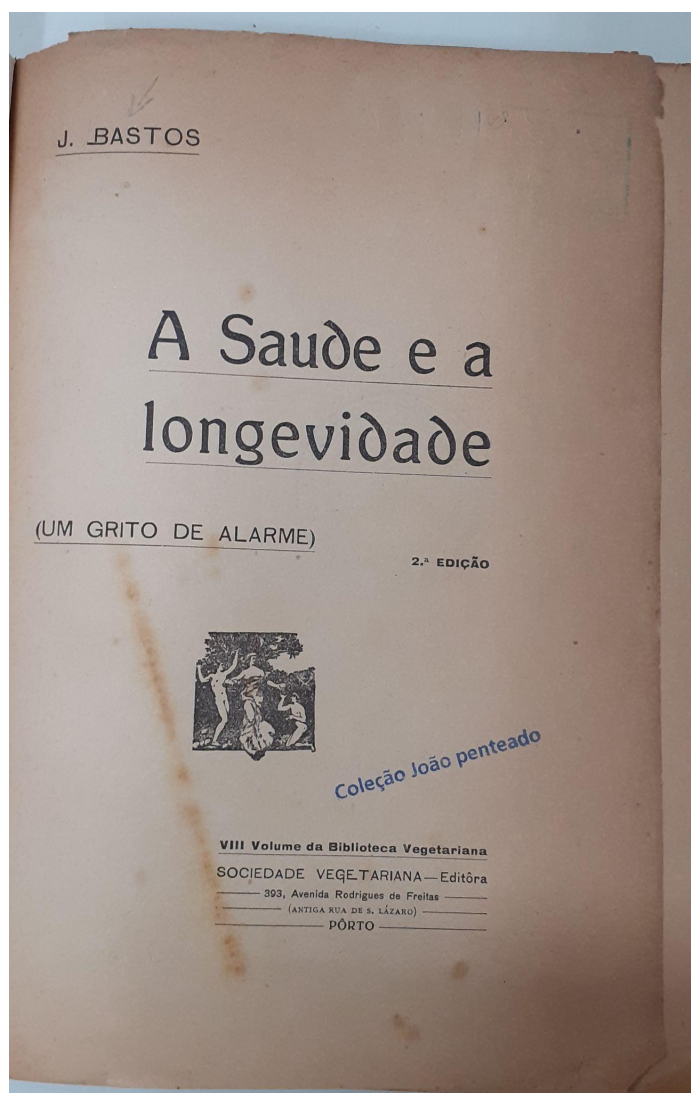
Figura 44 - Fotos de crianças na obra: *O vegetariano: mensário naturista ilustrado*: Porto: Sociedade Vegetariana, 1914.



Fonte: CME/USP

No acervo de João Penteadó também há outra obra publicada pela editora da Sociedade Vegetariana: *A saúde e a longevidade: um grito de alarme*, de João Manoel Bastos, publicada em 1912. (UEIM/UFSCAR).

Figura 45 - Folha de rosto do livro: BASTOS, J. **A saúde e a longevidade: um grito de alarme**. 2. ed. Porto, Sociedade Vegetariana, 1912.

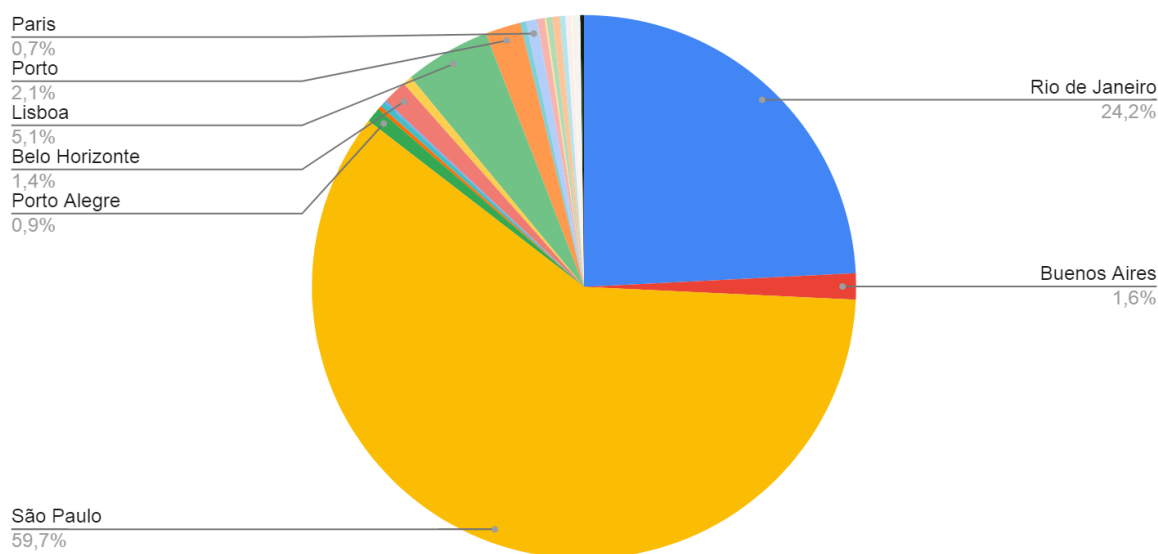


Fonte: UEIM/UFSCAR

3. 3 Locais de publicação

Analisando os locais de publicação dos livros do acervo da biblioteca de João Penteado, constata-se que a maior parte foi publicada no Brasil (89,60%), com destaque para as obras editadas em São Paulo (59,7%) e no Rio de Janeiro (24,2%).

Figura 46 - Local de publicação



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Tabela 15 - local de publicação dos livros do acervo - Brasil

cidade	obras	porcentagem
São Paulo	538	59,7%
Piracicaba	1	0,1%
Campinas	1	0,1%
Matão	1	0,1%
Sorocaba	1	0,1%
Rio de Janeiro	218	24,2%
Vassouras	1	0,1%
Belo Horizonte	13	1,4%
Araxá	1	0,1%
Porto Alegre	8	0,9%
Bahia	4	0,4%
Florianópolis	3	0,3%
total	809	89,60%

tabela elaborada pela autora

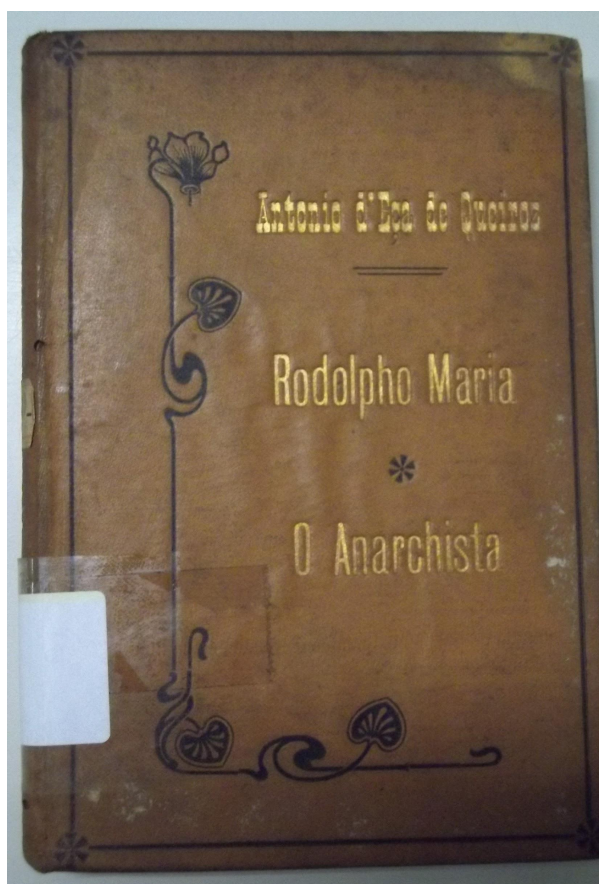
Entre os livros publicados em outros países há uma predominância de Portugal (7,60%) e Espanha (1,2%). Os livros publicados em Portugal estão divididos entre as cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Ponta Delgada. As obras editadas na Espanha são originárias de Barcelona, Madri e Valência. Também há obras editadas nos Estados Unidos (0,4%), Itália (0,2%), França (0,7%), Inglaterra (0,3%), Argentina e Chile (0,2%).

Até 1917, o comércio de livros no Brasil pautava-se principalmente na importação de obras portuguesas e francesas. A maior parte dos livros produzidos no Brasil eram didáticos, livros de direito e legislação brasileira. (HALLEWELL, 2017, p.347).

Em 1918, Monteiro Lobato comprou a editora *Revista do Brasil* e introduziu importantes inovações na forma de editar e vender livros. Passou a publicar autores novos ou ainda não consagrados, ampliou os pontos de venda, incluindo o envio em consignação para pequenos comércios e farmácias. Adotou um novo formato para os livros, com 16,5x12cm e tiragens maiores, barateando o preço final do livro. A partir de 1919, Monteiro Lobato adotou a denominação Lobato & Cia. (HALLEWELL, 2017, p.366). Em poucos anos, aumentou o número de títulos publicados e o volume de vendas.

Na década de 1920, a Lobato & Cia e posteriormente a Companhia Editora Nacional, também de Monteiro Lobato, eram as únicas empresas brasileiras a produzirem exclusivamente livros. (HALLEWELL, 2017, p.368)

Figura 47 - capa do livro: QUEIROZ, Antônio d'Eça. *Rodolpho Maria: o anarchista*. Porto: Livraria Chardron, 1916.



Fonte: UEIM/UFSCAR

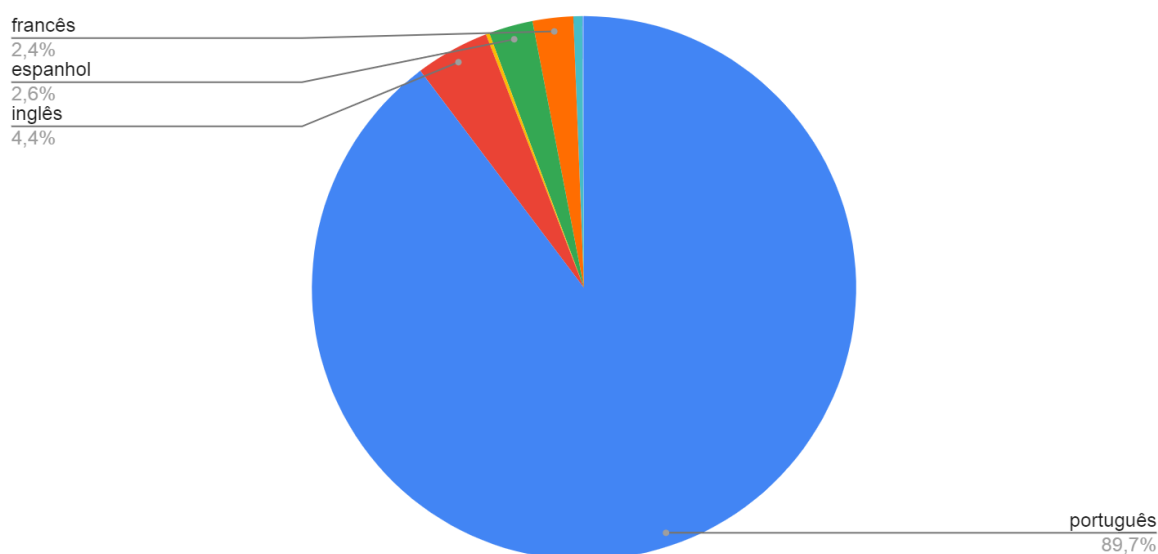
Um dos exemplos de livros editados em Portugal é *Rodolpho Maria, o anarchista*, de Antonio d'Eça de Queiroz (1891-1968), filho do escritor Eça de Queiroz (1845-1900). Antônio d'Eça de Queiroz foi oficial do exército português, defensor da monarquia que trabalhou no governo de Antônio de Oliveira Salazar. Um outro exemplar deste livro está presente no Fundo Edgard Leuenroth, no AEL, Unicamp.

3.4 Idiomas dos livros

Entre os idiomas dos livros da biblioteca há uma predominância do português, com 856 incidências (89%), seguidos de inglês, com 42 obras (4,4%), espanhol, com

25 livros (2,6%), francês, com 23 obras (2,4%), latim 5 (0,5%) e italiano, com 2 títulos (0,2%). A maior parte dos livros em inglês, francês e latim são destinados ao ensino de línguas e são direcionados aos professores ou alunos. Como já foi observado, esta biblioteca é predominantemente escolar e se difere de outras bibliotecas de anarquistas. O acervo bibliográfico do fundo Edgard Leuenroth presente na Unicamp, também há um predomínio de livros em português, seguido neste caso, do italiano e do espanhol. O predomínio do idioma português no acervo da biblioteca provavelmente reflete a preocupação com o acesso à informação de alunos e professores e um crescimento editorial brasileiro a partir da década de 1920.

Figura 48 - Contagem de idioma

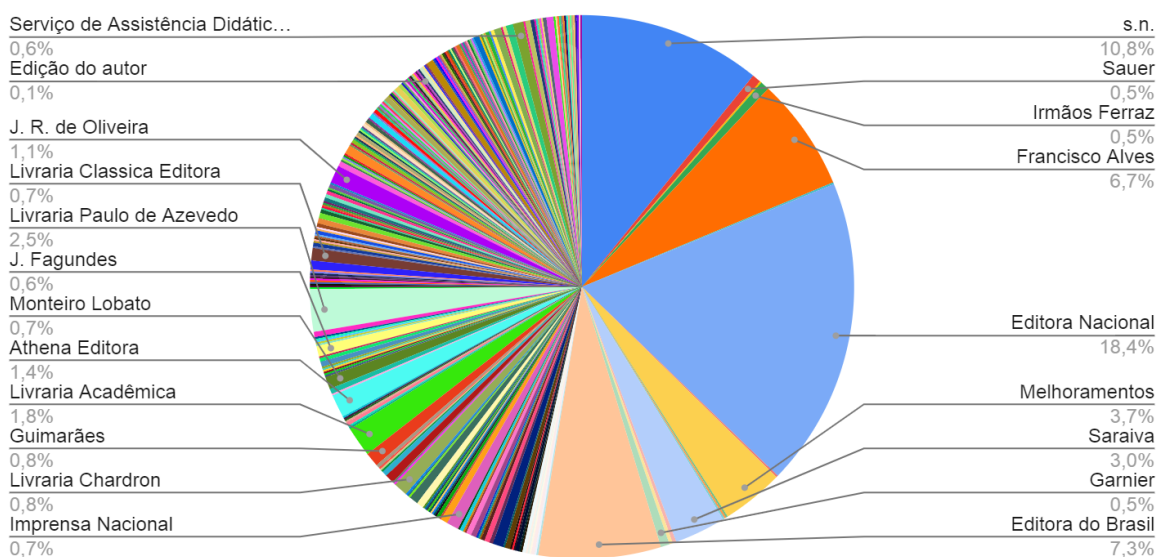


Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

3.5 Editoras

Uma das dificuldades encontradas foi a ausência de dados para editoras ou datas de publicação. Quando não foi possível identificar a editora, foi marcado “s.n.”, o que ocorreu para 103 obras, representando 10,8% da amostra.

Figura 49 - Editoras



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Entre as editoras que mais se destacam entre os livros da Biblioteca de João Penteadó estão a Editora Nacional, Editora do Brasil, Francisco Alves, Melhoramentos, Saraiva, Livraria Paulo de Azevedo, Livraria Acadêmica, Athena Editora, JR. Oliveira e Monteiro Lobato.

Tabela 16 - Editoras de maior ocorrência entre os livros da biblioteca

Editora	obras	porcentagem
Editora Nacional	175	18,4%
Editora do Brasil	69	7,2%
Francisco Alves	64	6,7%
Melhoramentos	35	3,7%
Saraiva	29	3%
Livraria Paulo de Azevedo	24	2,5%
Livraria Acadêmica	17	1,8%
Athena Editora	13	1,4%
J.R. de Oliveira	10	1,1%

Monteiro Lobato	7	0,7%
-----------------	---	------

Tabela elaborada pela autora

Parte significativa dos livros foi publicada pela Editora Nacional, com obras dedicadas ao ensino de português, inglês, francês, latim, geografia, história, ciências, matemática, literatura infantojuvenil, etc. A Editora Nacional foi criada em 1925, por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes. Desde 1921 até a década de 1970, a Editora Monteiro Lobato e a Companhia Editora Nacional foram as principais empresas editoras nacionais. (HALLEWELL, 2017, p. 368)

A editora Melhoramentos dedicava-se à publicação de livros infantis, mas era também uma empresa do ramo de fabricação de papel. (HALLEWELL, 2017, p. 368-369)

Destacam-se editoras portuguesas, como a Guimarães que publicaram obras sobre anarquismo e circulavam entre os libertários brasileiros. Há também livros publicados por outras editoras portuguesas, como: Livraria Lello, Livraria Chardron Livraria Internacional, Livraria Aillaud, Lusitana Editora, Empresa Nacional de Publicidade, Livraria Bertrand, Livraria Clássica Editora, Casa Alfredo David, Livraria Avelar Machado e outras. Algumas editoras comerciais portuguesas como Aillaud, Bertrand e Guimarães foram importantes publicadoras de livros anarquistas e anticlericais. (GONÇALVES, 1999, p. 33).

Livros anarquistas editados em Portugal circulavam com frequência entre os libertários no Brasil até a década de 1930. (GONÇALVES, 1999, p. 10). No caso da biblioteca de João Penteado há obras relacionadas ao anarquismo, como de Kropotkin, Jean Grave, mas também muitos livros de história, como *História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*, de Alexandre Herculano, obras de ficção, como de Fialho de Almeida ou livros voltados para o ensino, publicados em Portugal.

O anarquista português Neno Vasco atuou como intermediário, enviando livros traduzidos e publicados em Portugal a serem vendidos no Brasil. Em São Paulo, Edgard Leuenroth fazia a intermediação para o envio. (OLIVEIRA, 2019, f.125)

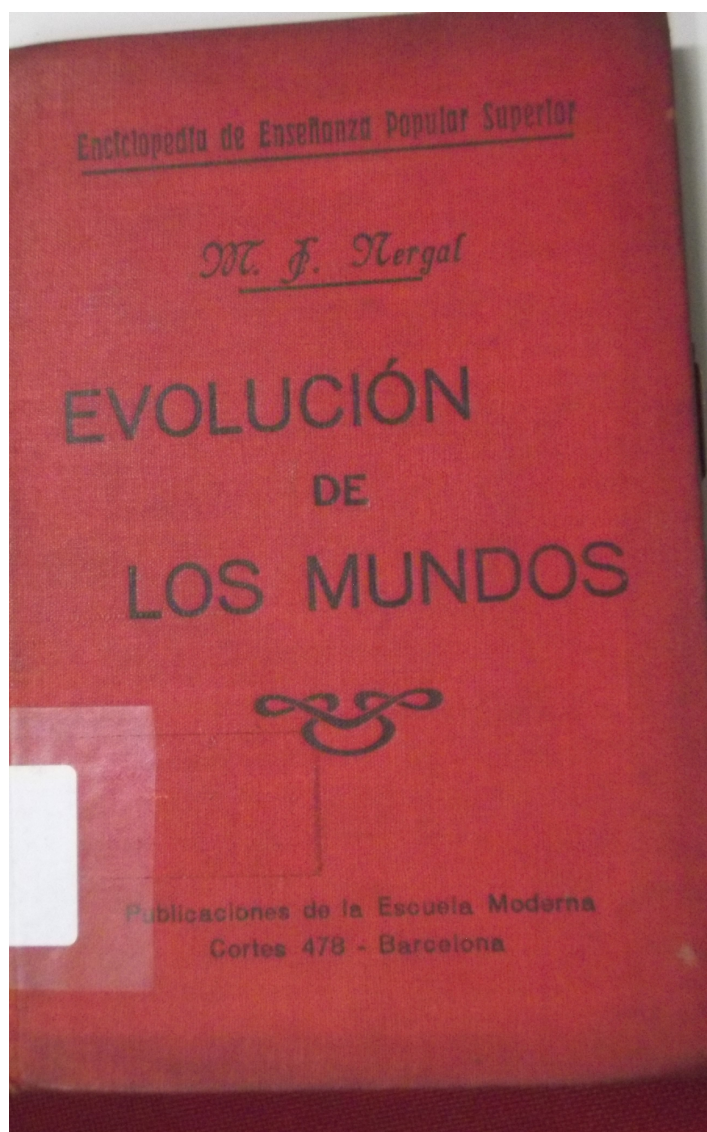
Havia também circulação de livros anarquistas publicados no Brasil que eram vendidos em Portugal, incluindo as obras “Quem não trabalha não come” e “Pela educação e pelo trabalho”, de Adelino de Pinho, diretor da Escola Moderna n.2 de São Paulo. Livros libertários editados no Brasil foram divulgados pelo jornal *A Comuna: órgão comunista libertário*. (OLIVEIRA, 2019, f. 100-101)

As editoras comerciais brasileiras que publicaram livros de anarquistas ou de temática libertária foram: Livraria Francisco Alves, Livraria Garnier, Livraria Teixeira, Livraria Progresso, Editora Civilização Brasileira e a Editora José Olympio. (GONÇALVES, 1999, p. 34). A editora Unitas, de São Paulo, também publicou autores anarquistas. Em 1936, diversos livros foram apreendidos de seu estoque. Entre as obras estavam 1060 exemplares de *O anarquismo*, de Kropotkin, e 325 exemplares de *Han Ryner e o amor plural*, de Maria Lacerda de Moura. (CARNEIRO, 2002, p.65). Este último título estava nas prateleiras da biblioteca de João Penteado.

Entre os livros do acervo de Penteado, outra editora que chama a atenção, é a da Escola Moderna, com os seguintes livros: *Evolución de los mundos*, de Nergal e *Crítica libertária*, de Max Nettlau. Francisco Ferrer criou uma editora para a publicação de obras para o ensino racionalista e a difusão das ideias anarquistas. Ferrer dirigiu a editora entre 1901 e 1909 e após sua morte, foi dirigida por Lorenzo Porter, até 1920. (MORAES, 2013, p. 46). Os livros da Escola Moderna de Barcelona foram anunciados à venda no Brasil, no jornal *A Lanterna*. (*A Lanterna*, ano XII, n.174, 18 jan. 1913)

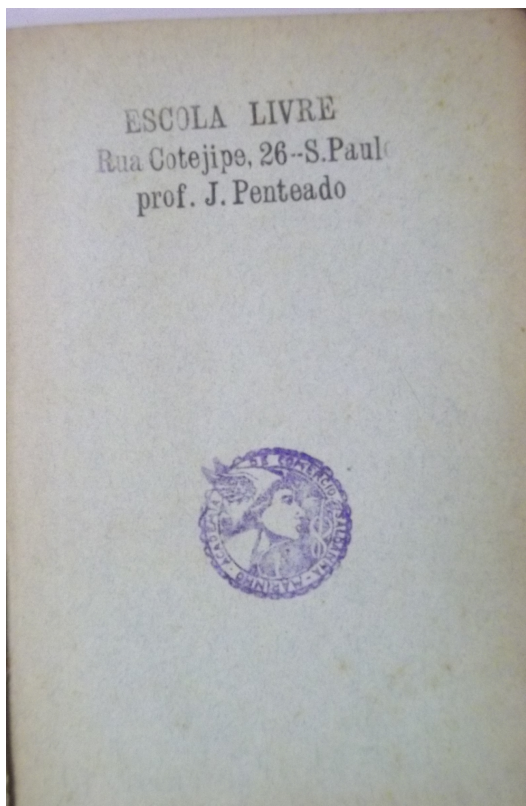
O exemplar do livro *Evolución de los mundos*, presente na biblioteca de Penteado, apresenta carimbos da Escola Livre, Colégio Saldanha Marinho e do jornal *A Lanterna*, indicando que o livro pertenceu ao acervo destas diferentes instituições. *Evolución de los mundos* é um tratado de astronomia e fazia parte da Coleção Enciclopédia de Ensino Popular Superior, com obras voltadas para o ensino avançado para adultos. A preocupação com a educação e formação entre os libertários não era restrita às crianças.

Figura 50 - Capa do livro: Nergal. *Evolución de los mundos*. Barcelona: Escuela Moderna, s.d .



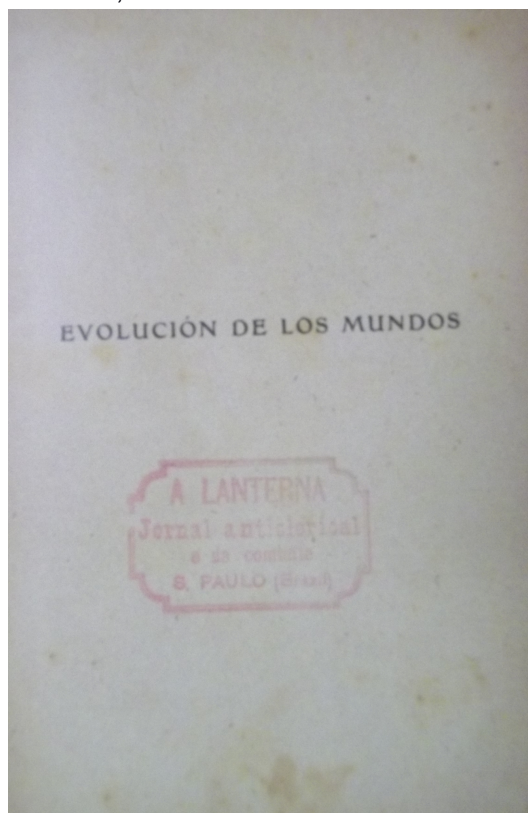
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 51 - Folha de guarda com carimbos da Escola Livre e do Colégio Saldanha Marinho no livro: Nergal. *Evolución de los mundos*. Barcelona: Escuela Moderna, s.d .



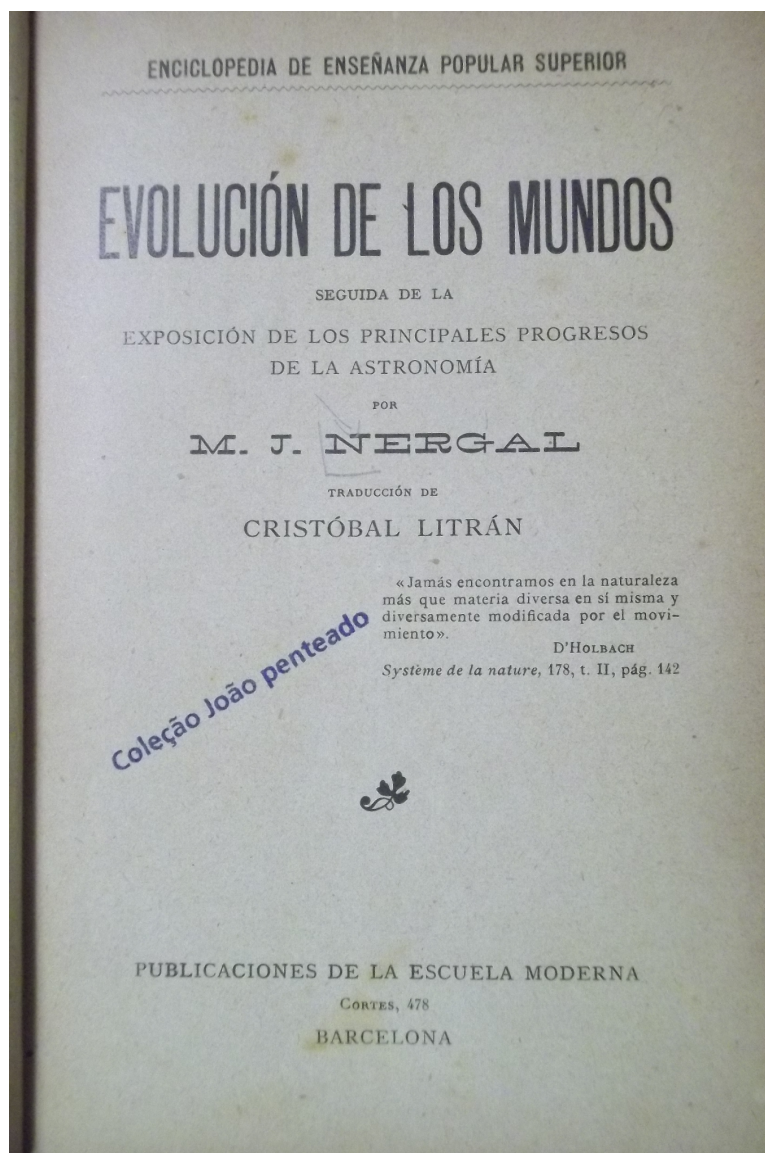
Fonte: UEIM/UFSCAR

Figura 52 - Carimbo do Jornal *A Lanterna* no livro: Nergal. *Evolución de los mundos*. Barcelona: Escuela Moderna, s.d .



Fonte: UEIM/UFSCAR.

Figura 53 - Folha de rosto do livro: Nergal. *Evolución de los mundos*. Barcelona: Escuela Moderna, s.d .



Fonte: UEIM/UFSCAR.

Havia também outras editoras anarquistas como a Germinal, já citada anteriormente e a Mundo Livre, criada em 1962, no Rio de Janeiro, pelos libertários do Centro de Estudos José Oiticica. (GONÇALVES, 1999, p. 32)

Em 1934, a Academia de Comércio Saldanha Marinho recebeu doações de livros das livrarias Lello (Porto, Portugal) - incluindo métodos de língua francesa, inglesa, gramática da língua inglesa, geografia geral, aritmética comercial e inglês comercial; Companhia Editora Nacional - com títulos sobre prática do comércio civil e comercial, economia política e finanças, técnica comercial, português e inglês

comercial; e Livraria Acadêmica - com livros sobre: geografia, antologia luso brasileira e inglês comercial. (*O Início*, ano 8, n.34, jun. 1934, p. 4)

A seguir foi incluído um gráfico, elaborado a partir das datas de publicação presentes na biblioteca de João Penteado. Como as datas das obras apresentaram uma grande dispersão, os livros foram separados por décadas, a partir do século XX e um bloco para o século XIX. Uma das dificuldades encontradas foi um número expressivo de livros sem data (173), por isso foram também incluídos em uma coluna.

Figura 54 - Datas de publicação dos livros

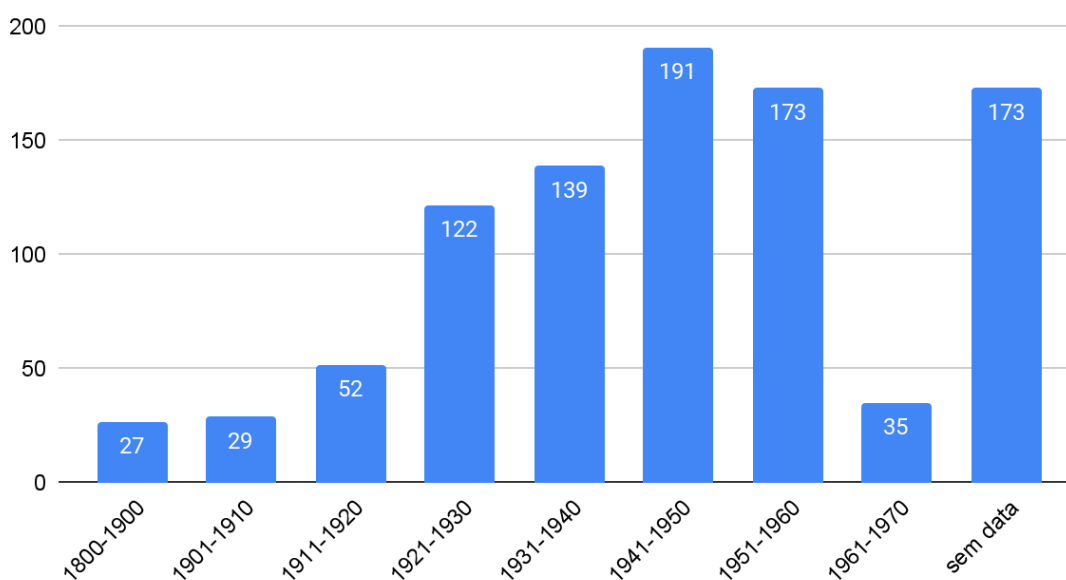


Gráfico elaborado pela autora

A partir destes dados, é possível refletir sobre o desenvolvimento da coleção da biblioteca. Há um crescimento progressivo do número de obras publicadas nas décadas de 1920, 1930, culminando na década de 1940. Estes números podem ser reflexo das necessidades da instituição escolar: entre 1920 e 1923 denominada Escola Nova, 1924 a 1943, como Academia de Comércio Saldanha Marinho, entre 1944 a 1947, como Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho, entre 1948-1961, como Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho e a partir de 1961 como Colégio Saldanha Marinho.

A partir de 1924 há a fundação do Grêmio Estudantil e a organização da biblioteca que também permite compreender o aumento de publicações no acervo. Havia a cobrança de uma mensalidade para os associados do Grêmio, para uso da biblioteca e a partir desta verba era feita a aquisição de mais livros para o acervo. Um exercício de autogestão aos alunos que também publicaram os resultados de suas atividades no jornal *O Início*.

Em 1928, a biblioteca do Grêmio Literário Euclides da Cunha estava aumentando seu número de livros. Era bastante frequentada aos domingos e feriados. Além das atividades do Grêmio, os alunos também poderiam contar com aulas e explicações sobre variados assuntos de João Penteado. (*O Início*, ano IV, n. 16, 15 set. 1928, p. 3) Em 1933 há a aquisição de novos livros, da editora Melhoramentos, por parte do Grêmio Estudantil. João Penteado e os próprios alunos também doaram obras para a biblioteca.

Em 1934, houve uma nova doação de livros por parte das editoras, como a Livraria Lello (Porto), Companhia Editora Nacional e Livraria Acadêmica. (*O Início*, ano VIII, n. 34, jun. 1934, p. 4)

3.6 Práticas de leitura

Compreender como os professores e alunos liam e interpretavam os livros da biblioteca escolar pode ser uma tarefa extremamente difícil. Sabe-se que os alunos organizavam a biblioteca e realizavam empréstimos domiciliares, mas, com frequência, não é possível saber a forma como interpretavam suas leituras. A apropriação dos textos ultrapassa a intencionalidade dos próprios autores e impressores:

[...] para o bem ou para o mal, os leitores inevitavelmente criam seus próprios significados. Em outras palavras, cada leitura é peculiar a sua ocasião, cada uma pode ser ao menos parcialmente recuperada a partir das formas físicas do texto, e as diferenças de leitura constituem uma história informativa. Aquilo que os escritores pensavam que faziam ao escrever textos, ou impressores e livreiros ao montá-los e publicá-los ou leitores ao tentar entendê-los são questões às quais nenhuma história do livro pode escapar. (McKENZIE, 2018, p. 33).

Tinham acesso ao acervo da biblioteca, alunos, professores das escolas dirigidas por Penteado que usavam livros como apoio ao ensino, realização de atividades como a escrita do jornal *O Início*, representação de peças teatrais e empréstimos domiciliares. A possibilidade de uso de livros para o lazer dos alunos representava um incentivo ao hábito de leitura.

Em 1950, o Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho dispunha de um acervo com cerca de 1.013 volumes, estava em local de fácil acesso a alunos e professores. A biblioteca contava com mobiliário que incluía estantes, acomodações para leitura e catálogo e acervo em boas condições de conservação. (BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Relatório**. 1950. CME/FEUSP)

Para os anarquistas, a prática de leitura reforçava os vínculos de sociabilidade, por meio das leituras comentadas em bibliotecas populares, venda de jornais e livros, teatro social, declamação de poemas em festas e piqueniques. Para Chartier, devemos "observar, assim, as redes de práticas e as regras de leitura próprias às diversas comunidades de leitores." (CHARTIER, 1999, p. 14)

Diversas atividades da militância anarquista incentivaram a leitura, bem como colaboraram para a mediação de seus significados, como a publicação, venda e leitura de jornais, atuação no teatro social, palestras, leitura e empréstimo de livros em bibliotecas e a própria convivência com outros libertários. No momento da leitura, o anarquista, com frequência, já havia tido acesso às interpretações prévias do texto por meio das resenhas, recomendações, anúncios de venda e publicação de trechos de livros nos jornais libertários:

Deve-se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada de gestos, em espaços, em hábitos. Distante de uma fenomenologia que apaga qualquer modalidade concreta do ato de ler e o caracteriza por seus efeitos, postulados como universais (como também o trabalho de resposta ao texto que faz com que o assunto seja mais facilmente compreendido graças à mediação da interpretação), uma história da maneira de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura." (CHARTIER, 1999, p. 13)

O próprio formato dos livros colabora para a interpretação de seu significado e para direcionar os gestos da leitura. Jornais anarquistas como *A Plebe*, editaram coleções de livros, como *A sementeira*, cujos títulos eram anunciados e vendidos

pelo próprio jornal. Tratavam-se de coleções de livros em pequenos formatos, a preços acessíveis aos trabalhadores, com autores e temáticas libertárias. Alguns destes livros traziam capas com ilustrações que despertavam a curiosidade dos leitores. A estratégia de publicar em pequenos formatos e uso de capas ilustradas também foi adotado pelo editor Monteiro Lobato. Pequenos livros incentivam a leitura de trabalhadores com pouco tempo disponível para o estudo: mulheres, homens e crianças estavam submetidos a extensas jornadas de trabalho, nas primeiras décadas do século XX:

Contra uma definição puramente semântica do texto - na qual residem não apenas a crítica estruturalista, em todas as suas variantes, mas também as teorias literárias mais cuidadosas em reconstruir a recepção das obras - é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação. (CHARTIER, 1999, p. 13)

Livros pouco volumosos, como os livros da Biblioteca *A Sementeira*, eram um convite à leituras em casa, à luz de velas, no exíguo tempo liberado da jornada de trabalho e no percurso diário do transporte público, conforme atestam apreensões de livros e jornais lidos em bondes e confiscados pelas autoridades policiais por terem sido considerados perigosos para a "ordem pública". O suíço Felix Zirolia e o austríaco José Surckre foram presos por discutirem sobre assuntos sociais no bonde, em 1932. Surckre carregava um exemplar do jornal *O Trabalhador* e o livro *Anarquismo libertário* e revisionismo autoritário de autoria de Malatesta. O material foi apreendido pelo DEOPS/SP (Prontuário 1685 - Felix Zirolia. DEOPS/SP. AESP)

3.7 Censura

Livros escolares poderiam estar nas mesmas prateleiras que obras consideradas sediciosas. Diversos livros presentes na biblioteca de João Penteadó estiveram entre as obras confiscadas pelo DEOPS/SP, conforme pode ser observado na tabela seguinte:

Tabela 17 - Títulos da Biblioteca João Penteadado apreendidos pelo DEOPS/SP

autor	título	prontuário DEOPS/SP - AESP	Biblioteca João Penteadado: acervo
D'ALMEIDA, Fialho	Os gatos	1053 - Patrícia Galvão	UEIM/UFSCAR
FALCÃO, Angelo	Fascismo e espiritualismo	1053 - Patrícia Galvão	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de	Amai e... não vos multipliqueis	2089 - Avelino Fernandes	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de	De Amundsen a Del Prete	209 -Genny Gleizer	UEIM/UFSCAR
Moura, Maria Lacerda de	Civilização tronco de escravos	71- Delegacia de Polícia de Rio Claro	UEIM/UFSCAR
Proudhon, J. P.	Que é a propriedade?	198 - Italo Benassi	UEIM/UFSCAR
Reed, John	10 dias que abalaram o mundo	209 -Genny Gleizer	UEIM/UFSCAR
Reed, John	10 dias que abalaram o mundo	1053 - Patrícia Galvão	UEIM/UFSCAR
Reissner, Larissa	Homens e máquinas	198 - Italo Benassi	UEIM/UFSCAR
Reissner, Larissa	Homens e máquinas	209 -Genny Gleizer	UEIM/UFSCAR
Reissner, Larissa	Homens e máquinas	1053 - Patrícia Galvão	UEIM/UFSCAR

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Leitores de obras consideradas subversivas tiveram seus livros e jornais apreendidos, como verifica-se em autos de busca e apreensão e, com frequência, terminaram presos. Alguns dos que tiveram seus livros apreendidos foram: a jornalista e militante comunista Patrícia Galvão, a Pagú, a jovem judia comunista Genny Gleizer e os anarquistas Avelino Fernandes e Italo Benassi. Livros de autores como Maria Lacerda de Moura, Proudhon, John Reed e Larissa Reissner foram apreendidos pelo DEOPS/SP e também fizeram parte do acervo de João Penteadado:

Durante a vigência do DEOPS, a proibição e apreensão de obras ditas subversivas foram uma constante. Milhares de documentos oficiais e particulares testemunham, de um lado, a repressão constante às ideias sediciosas e, de outro, a existência de grupos de

resistência que pactuando entre si, conseguiram divulgar suas ideias, expressão máxima das utopias e desencantos de uma República em crise. (CARNEIRO, 2002, p. 49)

Pode-se afirmar que, de algum modo, os livros do acervo de João Penteado escaparam ao controle estatal, preservando obras que poderiam ter sido alvo da censura pós-impressão do Estado Novo.

A repressão de livros - as sanções de todos os tipos que se incluem na rubrica de "censura pós-publicação" - mostra como o Estado enfrentou a literatura no dia a dia, em incidentes que levam o relato para o interior da vida de personagens audazes ou infames, que operavam fora do balizamento da lei. (DARNTON, 2016, p. 9)

O historiador Robert Darnton (2016) procurou compreender a lógica da censura aos livros:

Ao nos levar para o interior das operações dos censores, mostra como pensavam os formuladores de políticas, como o Estado avaliava as ameaças a seu monopólio de poder e como tentava se contrapor a tais ameaças. O poder do papel impresso podia ser tão ameaçador quanto a máquina de guerra cibernética. (DARNTON, 2016, p. 8)

No contexto do Estado Novo, a circulação de ideias por meio dos impressos era vista como um perigo. As apreensões realizadas pelo DEOPS podem ser consideradas como censura.

Darnton afirma que, em geral, os censores são capazes de compreender os sentidos das obras interditas, não se trata simplesmente de uma burocracia inepta:

Desdenhar da censura como uma repressão grosseira feita por burocratas ignorantes é entendê-la de maneira errada. Embora variasse enormemente, a censura era, em geral, um processo complexo que demandava talento e treinamento e que irradiava bem fundo na ordem social. (DARNTON, 2016, p. 276)

No Estado Novo estavam presentes a censura praticada pelo Estado e a autocensura, como bases do sistema autoritário:

Assim podemos nos referir à prática da censura em vários níveis: censura exógena articulada pelo Estado, autocensura,

censura preventiva e censura punitiva, sendo que uma não é excludente da outra. Ao contrário, elas se completam interagindo entre si. É, portanto, neste contexto que devemos pensar a censura manifesta nos anos 30 e 40 no Brasil: enquanto fenômeno da história cuja delimitação, uso e introjeção emerge interligada ao conceito de criminalidade política.

Tanto medo como a censura funcionam como poderosos instrumentos de controle social emanando, cada qual ao seu modo, energia que, por sua vez, colaborava para a sustentação do sistema autoritário. O medo faz calar, tem energia para isso. E, instado pelo pânico (de propagação rápida) o medo sufoca. (CARNEIRO, 2002, p. 30-31)

A repressão pode recair sobre o autor, editor, impressor, livreiro e leitor. (CHARTIER, 1999, p. 53). A circulação de ideias de educação libertária encontraram caminhos possíveis por meio da biblioteca de João Penteado. Uma parte dos livros do acervo poderiam ser encontrados em outras bibliotecas escolares, mas professores e alunos poderiam ter acesso a uma ampla variedade de informações, incluindo ideias consideradas subversivas. Apesar de toda a violência física e simbólica do Estado e dos fascistas, a indignação, a revolta e a vontade de mudar a sociedade ressurgem e ressurgirão em todos os tempos.

Os homens do poder e os revolucionários sempre tiveram consciência da força da palavra. É através do discurso oral ou escrito que as ideias circulam seduzindo, reelaborando valores e gerando novas atitudes. A partir do momento em que a cultura deixou de ser privilégio de uma elite, extrapolando o direito privado, aumentou o perigo das massas serem seduzidas pela palavra. (CARNEIRO, 2002, p. 32)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura escolar da Primeira República no Brasil, do “entusiasmo pela educação” (NAGLE, 2009) e das ligas contra o analfabetismo, passou pelas reformas nos Estados e posteriormente, pela unificação de um currículo e de uma estrutura de ensino padronizada nacionalmente.

As Escolas Modernas de São Paulo, com seu próprio modelo pedagógico que passava pelo ensino laico, pela rejeição do nacionalismo, promoção de valores como a solidariedade e a autonomia, entraram em conflito com a cultura escolar idealizada pelo Departamento de Instrução Pública do estado de São Paulo.

João Penteado, demonstrou resistência, recorrendo judicialmente da decisão do Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson, alegando que as Escolas Modernas possuíam todos os requisitos necessários para a abertura de instituições de ensino em São Paulo. Os valores a serem inculcados por uma escola libertária, não foram tolerados pelo Estado. No entanto, escândalos de instituições católicas, como o da menina Idalina Stamato, envolvendo abuso sexual, assassinato e ocultação de cadáver de uma criança, no Orfanato Cristóvão Colombo, foram tratados com condescendência pelo Estado e pela imprensa burguesa.

O educador anarquista João Penteado, diante da negativa de reabertura das Escolas Modernas, mais uma vez, encontrou caminhos para resistir, abrindo uma nova instituição de ensino, com o nome de Escola Nova que permaneceu no mesmo bairro, com a continuidade de práticas como a publicação do Jornal *O Início*, produzido pelos alunos, sob a supervisão de Penteado e estudos do meio.

As escolas dirigidas por Penteado, adotaram práticas de autogestão, por parte dos alunos que organizavam o Grêmio Estudantil, incluindo atividades esportivas e de organização da biblioteca escolar. Algumas práticas, como a produção de jornais e a autogestão de bibliotecas escolares foram também identificadas em bibliotecas infantis modelo, como a Biblioteca Infantil de São Paulo, dirigida por Lenyra Fraccaroli. Como um bom autodidata, João Penteado estava a par não somente dos modelos pedagógicos libertários, mas também das práticas vigentes nas escolas e bibliotecas de inspiração escolanovista.

O acervo da biblioteca conservou títulos de autores considerados “subversivos”, como Ângelo Falcão, Fialho de Almeida, John Reed, Larissa Reissner, Maria Lacerda de Moura e Proudhon que passaram despercebidos pelas autoridades policiais, em uma escola aparentemente convencional. Porém, os títulos dos autores citados estavam entre as obras apreendidas pelo DEOPS/SP.

O estudo do acervo da Biblioteca João Penteado possibilitou descobertas sobre quais temáticas e autores eram mais frequentes e conseqüentemente quais eram os interesses pessoais de João Penteado e o que ele e os professores das escolas Moderna n.1, Nova e Saldanha Marinho julgavam pertinentes para uma biblioteca escolar. No acervo há um destaque para obras voltadas para o ensino de português, português comercial, latim, francês, geografia, história, filosofia e matemática. Outras temáticas de destaque são literatura, educação, anarquismo, espiritualismo, naturismo e vegetarianismo. Há um grande número de obras literárias no acervo que eram usadas no ensino e para leitura livre aos alunos. Os autores deste gênero que aparecem com mais frequência são José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911), Liev Tolstói (1828-1910) e Afonso Schmidt (1890-1964). Autores presentes no acervo que influenciaram João Penteado são Tolstói, Kropotkin e Maria Lacerda de Moura.

Há indícios de que o acervo bibliográfico foi amplamente usado por alunos e professores, como atestam carimbos e anotações nos livros; textos publicados no jornal *O Início*, indicando empréstimos e relatórios do Ministério da Educação e Saúde.

A biblioteca foi um elemento de destaque no processo de propagação de ideias libertárias, considerando sua importância enquanto fonte de informações, subsídio para debates e construção de novos conhecimentos. Representou também uma resistência contra o fascismo. Colaborou também para incentivar a cultura do livro e da leitura, estimulando o autodidatismo e a autonomia dos alunos.

Diferentemente dos bibliófilos que dispõem, muitas vezes, de recursos para aquisição e guarda adequada de seus livros, os anarquistas tiveram inúmeras dificuldades, como a censura, repressão, prisão de editores, leitores, vendedores de livros e jornais. Seus acervos pessoais corriam o risco de serem confiscados e queimados. Havia ainda o empastelamento dos jornais e destruição de seus livros e

dificuldades financeiras. Mesmo assim, João Penteado resistiu, com suas escolas e com sua biblioteca pessoal/escolar, oferecendo acesso a professores e alunos a um conhecimento e diversidade temática estigmatizados como “perigosos”. A desigualdade da sociedade brasileira é representada também pelo acesso à leitura.

João Penteado continuou acreditando nas ideias anarquistas até o fim da vida, como atestam suas cartas pessoais (CALSAVARA, 2012), suas colaborações com o Centro de Cultura Social e suas práticas como educador.

REFERÊNCIAS

AHAGON, Vitor; SILVA, Rodrigo Rosa. Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista. *In*: PINHO, Adelino Tavares de. **Pela educação e pelo trabalho e outros escritos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

ALVIM, Maria Luísa. **Livros portugueses proibidos no Regime Fascista**: bibliografia. Braga: s.n., 1992. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28806488_Livros_portugueses_proibidos_n_o_Regime_Fascista_bibliografia
Acesso em: 05 maio 2022.

ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das ideias**: intelectuais e a polícia política (1930-1945). São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2006.

AVRICH, Paul. **The Modern School movement**: anarchism and education in the United States. Princeton: Princeton University Press, c1980.

BARBIER, Frédéric. **História das bibliotecas**: de Alexandria às bibliotecas virtuais. São Paulo: Edusp, 2018.

BARREIRA, Luiz Carlos. A função social da escola na ótica de Adolfo Lima, um educador português anarco-sindicalista. **Série Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 22, p. 193-204, jul./dez, 2006.

BEY, Hakim. **TAZ Zona Autônoma Temporária**. tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Pátria, civilização e trabalho**: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo: Loyola, 1990.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1

CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Pentead** - estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.48.2012.tde-30072012-154255. Acesso em: 2020-05-17.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Impressos subversivos**: arte, cultura e política no Brasil. São Paulo: Intermeios, 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas**: o DEOPS e as minorias silenciadas. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia moderna, pedagogia da Escola Nova e modelo escolar paulista. *In*: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim. (orgs.). **Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais**. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2011. p. 185-212.

CASTRO, Rogério de. **Nem prêmio, nem castigo!** educação, anarquismo e sindicalismo em São Paulo (1909-1919). São Paulo: Prismas, 2017.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL. **Estatutos**. São Paulo: CCS, 1945.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura (1880-1980)**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: ed. da UnB, 1999.

CLEYRE, Voltairine de. **Escrito(s) a vermelho**: antologia de textos escolhidos (1890-1912). Lisboa: Barricada de Livros, 2019.

CODELLO, Francesco. **A boa educação**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. vol. 1 A teoria. São Paulo: Imaginário; Ícone, 2007.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD (G)**: norma geral internacional de descrição arquivística. 2.ed. Rio de Janeiro: 2000. Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/isad_g_2001.pdf
Acesso em: 30 jan. 23.

CORRÊA, José Rossini Campos do Couto. Da anarquia para a polícia: Elycio de Carvalho, lacuna na história do direito nacional. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília v. 35 n. 137, jan./mar. 1998. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/355>. Consultado em 11, mar. 2021.

CUBERO, Jaime. **Jaime Cubero**: seleção de textos e entrevistas. 2.ed. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2015.

CUBERO, Jaime. As greves de 1917 em São Paulo: história e cotidiano. *In*: LEUENROTH, Edgard. **O movimento operário**. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2016.

DAMIANI, GIGI, Anarquistas e anarquismo. **A Plebe**, São Paulo, ano 31, n. 11, 1947.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os Estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo:

Companhia das Letras, 2010a.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia de Bolso, 2010b.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen. Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira . **Educação e Pesquisa**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004. DOI: 10.1590/S1517-97022004000100008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27928>. Acesso em: 5 nov. 2022.

FAURE, Sebastien. **A Colmeia**: uma experiência pedagógica. trad. de Antônio Bernardo Canellas. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1999.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, p. 13-49, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/30672>. Acesso em 09 jan. 2022.

FERNANDEZ ALVAREZ, Antón. **Ricardo Mella o el anarquismo humanista**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1990.

FERRER GUARDIA, Francisco. **La Escuela Moderna**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2010.

FERRER GUARDIA, Francisco. **A Escola Moderna**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007.

FREGONI, Olga Regina. **Educação e resistência anarquista em São Paulo**: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920 1945). 2007. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

FORTUNATO, Marinice da Silva. **Uma experiência educacional de autogestão**: a Escola Moderna nº 1 na sua gênese. 1992. 336 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

FORTUNATO, Marinice da Silva. **Trabalhadores construindo sua escola** (Brasil, 1900-1920). São Paulo: Scortecci, 2022.

FOSCOLO, Avelino; SPAGNOLO, Marino; CATALLO, Pedro. **Antologia do teatro anarquista**. ed. preparada por Maria Thereza Vargas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FUNDACIÓ Ferrer i Guàrdia. Disponível em:
<http://www.ferrerguardia.org/publicacions-escola-moderna> Consultado em 09 jul. 2019.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GALLO, Silvio. O paradigma anarquista em educação **Nuances** - Revista do Curso de Pedagogia, Presidente Prudente: FCT UNESP, n. 2, 1996.

GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**, Campinas, v.24, n.2, maio/ago. 2013.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson; QUEIROZ, Camila. A anarquista Maria Lacerda de Moura: emancipação e palavra empenhada. *In*: MOURA, Maria Lacerda de. GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Alisson; QUEIROZ, Camila (orgs.) **Renovação, 1919**. Edição Fac-similar. Fortaleza: UFC, 2015.

GONÇALVES, Diana Vidal. Experiências do passado, discussões do presente: a biblioteca escolar infantil do instituto de educação Caetano de Campos (1936-1966). **Perspectivas em Ciência da Informação** [online]. 2014, v. 19, n. spe [Acessado 9 Dezembro 2022], pp. 195-210. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pci/a/HgC4YNDTD49hv4Kj5Lr5CMf/?lang=pt>

GOLDMAN, Emma. **Educação**. trad. e org. Gabriela Brancaglioni. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.

GOLDMAN, Emma. **Questão feminina**. trad. e org. Gabriela Brancaglioni. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.

GOMES, Fabíola Orlandini. **Liev Tolstói e a escola para camponeses "Iásnaia Poliana"**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. doi:10.11606/D.59.2020.tde-09092019-114818. Acesso em: 2022-03-30.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A bibliografia libertária**: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2017.

HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares**: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

JOMINI, Regina Celia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. 1989. [189]f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:

<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1575888>. Acesso em: 26 mar. 2023.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, 16 fev. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 09 fev. 2023.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

LEITE, Miriam Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.

LENOIR, Hugues; GAMBART, Perrine. **Os anarquistas individualistas e a educação (1900-1914)**. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2018.

LENOIR, Hugues. **Compêndio de educação libertária**. São Paulo: Intermezzo; Imaginário, 2014.

LEUENROTH, Edgard. **O movimento operário**. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2016.

LEUTPRECHT, Douglas Bahr. **O legado de Francisco Ferrer y Guardia em movimento: apropriações do modelo pedagógico Racionalista nas Escolas Modernas Nº1 e de Stelton (1913-1925)**. 2018, 230 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2018.

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 2.

LIPIANSKY, Edmond Marc. **A pedagogia libertária**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LITVAK, Lily. **Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)**. Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

LUDMILA, Aline, et. al. **Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A. Soares**. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX. **Educação e Sociedade**, v. 12, p. 61-79, 1982.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 24, ago., 1986.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional - 1900/1920**. 1984. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História Social, São Paulo, 1984.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MARSHALL, Peter. **Demanding the impossible: a history for anarchism**. Oakland: PM Press, 2010.

MARTINS, Ana Paula. **Educação para o trabalho no contexto libertário**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.48.2010.tde-11112010-161237. Acesso em: 2023-10-03.

MATE, Cecília Hanna. **Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira**. Bauru: Edusc, 2002.

MATE, Cecília Hanna; SANTOS, Luciana Eliza dos; CALSAVARA, Tatiana da Silva. Acervo João Penteadado: os livros e o ensino libertário. *In*: Moraes, Carmen Sylvia Vidigal (org.) **Educação libertária no Brasil: Acervo João Penteadado: inventário de fontes**. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

McKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e sociologia dos textos**. Trad. de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2018.

MELLA, Ricardo. **O verbalismo no ensino e outros escritos**. Seleção e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2019.

MELOT, Michel. **A sabedoria do bibliotecário**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

MODESTINO, Eloísa Torrão; BARTALINI, Marina Mayumi. Uma lutadora apaixonada pela justiça e pela liberdade. *In*: MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. 4. ed. Comentada. São Paulo: Tenda de Livros, 2018, p. 28-31.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org.) **Educação libertária no Brasil: Acervo João Penteadado: inventário de fontes**. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; SANTOS, Débora Pereira dos. A coeducação sexual da Escola Moderna n.1. *In*: MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (org.) **Educação libertária no Brasil: Acervo João Penteadado: inventário de fontes**. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013. p. 119-137.

MORAES, José Damiro. Leitura que recomendamos: o que todos devem ler: livros utilizados nas escolas anarquistas. **Cadernos de história da educação**, v. 12, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/22916/12437> Acesso em: 12 dez. 2022.

MORAES, José Damiro. **A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos Centros de Cultura Social**. 1999. 67 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1999.

MOURA, Maria Lacerda de; GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Alisson; QUEIROZ, Camila (orgs.) **Renovação, 1919**. Edição Fac-similar. Fortaleza: UFC, 2015.

MOURA, Maria Lacerda. **Francisco Ferrer, o clero romano e a educação laica**. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

MOURA-CARVALHO, Carlos. **Um homem livre**: Severino de Carvalho e o movimento cultural anarquista na transição do século XIX para o século XX (1887-1914). Lisboa: Aletheia, 2018.

NUSSENZWEIG, Victor. **Memórias de um menino judeu do Bom Retiro**. São Paulo: Hedra, 2014.

OLIVEIRA, Francisco Robson Alves de. **A circulação do conhecimento pedagógico anarquista entre Brasil e Portugal (1900 a 1930)**. 2019. 154f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza(CE), 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/50167> Acesso em: 08/02/2023

PARRA, Lucia Silva. **Combates pela liberdade**: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Tradição e modernidade**: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906-1928). São Paulo: Annablume, 2002

PENTEADO, João. **Pioneiros do magistério primário**. São Paulo: ICG Sul, 1944.

PENTEADO, João. Cenas da rua. **Natalício de Jesus**, São Paulo, ano 3, n.43, nov., 1911.

PERES, Fernando Antonio. **João Penteado**: o discreto transgressor de limites. São Paulo: Alameda, 2012.

PINHO, Adelino Tavares de. **Pela educação e pelo trabalho e outros escritos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

PINTO, Levi Fernando Lopes Vieira. **“A par dum trabalhador, devemos fazer um pensador”**: a cultura anarquista paulista nas práticas artísticas e pedagógicas das Escolas Modernas n.1 e 2. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019.

RABELLO, Belkis. **As cartilhas e os livros de leitura de Lev N. Tolstói**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-19022010-163110. Acesso em: 2022-03-27.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil (1890-1930)**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da biblioteconomia**. trad. de Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009.

RODRIGUES, Edgar. **O anarquismo na escola, no teatro, na poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, c1992.

RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. v. 2. Rio de Janeiro, VRJ, 1995.

RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. v. 4. Rio de Janeiro, VRJ, 1997.

RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. v. 5. Rio de Janeiro, VRJ, 1998.

ROMANI, Carlo. Da Biblioteca popular à Escola Moderna. **Educação Libertária**, São Paulo, dez. 2006.

SÁ e BENEVIDES, Bruno Corrêa de. **O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

SALLES, Isa. **Um cadáver ao sol: a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2018.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A trajetória anarquista do educador João Penteadó: leituras sobre educação, cultura e sociedade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-03092009-142424. Acesso em: 2020-05-30.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A educação libertária e o extraordinário: traços de uma pedagogia (r)evolucionária**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.48.2014.tde-18122014-095202. Acesso em: 2020-05-30.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Ronda paulistana. In: Sylvio Floreal. **Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

SCHMIDT, Afonso. **Bom tempo**. São Paulo: Clube do Livro, 1956.

SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de meus amores**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SILVA, Dóris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educ. & Soc.**, Campinas, v.32, n. 114, jan./mar. 2011.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, ciência e educação**: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). 2013. 279 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Rodrigo Rosa da. Francisco Ferrer y Guardia: ressonâncias de uma vida para liberdade. *In*: MOURA, et al. **Ferrer**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

SOUZA, Luciene Soares de. **A instituição de bibliotecas nos grupos escolares do estado de São Paulo (1890-1920)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-27082010-101908. Acesso em: 2020-05-30.

SUISSA, Judith. **Anarchism and education**: a philosophical perspective. Oakland, CA: M Press, 2010.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

O Tesouro da Enciclopédia Britânica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

TOLSTOI, Liev. **Escola de lasnaia Poliana**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.1 ,n.1, 1978. p. 17-47.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Campinas, 321 f.1996.

VIRTUAL International Authority File. VIAF. Disponível em: https://viaf.org/viaf/9855615/#Ferrer_Guardia,_Francisco,_1859-1909. Consultado em: 02 jul., 2019

Fontes: jornais

A Lanterna, ano IV, n.1 17 out. 1909

A Lanterna, ano IV, n. 8, 4 dez., 1909

A Lanterna, ano IV, n. 9, 11 dez. 1909

A Lanterna, ano IV, n. 10, 18 dez. 1909

- A Lanterna*, ano IV, n. 23, 19 mar. 1910
A Lanterna, ano IV, n. 47, 3 set. 1910
A Lanterna, ano XI, n. 143, 15 jun. 1912
A Lanterna, ano XI, n. 145, 29 jun. 1912
A Lanterna, ano XII, n.174, 18 jan. 1913

A Lanterna, ano XIII, n. 216, 08 nov. 1913
A Lanterna, ano XIII, n. 258, 29 ago. 1914
A Plebe, ano 1, n.1, 09 jun.1917
A Plebe, ano 1, n. 4, 30 jun. 1917
A Plebe, ano 1, n. 9, 11 ago. 1917
A Plebe, ano 1, n. 16, 07 out. 1917
A Plebe de, ano 1, n. 17, 14 out. 1917
A Plebe, ano 1, n. 18, 21, out. 1917
A Plebe, ano 2, n. 7, 5 abril 1919
A Plebe ano IV, n. 44, 29 nov. de 1919
A Plebe, ano v, n. 110, 26 mar. 1921
La Bataglia, ano VI, n. 233, 17 out. 1909

O Início, ano1, n.1, 12, out. 1922

O Início, ano 1, n.3, 28 maio 1923
O Início, ano 1, n.4, 06 out. 1923
O Início, ano 1, n. 5, 28 dez. 1924
O Início, ano 1, n.6, 15 nov. 1925
O Início, ano 1, n.7, 15 dez. 1925
O Início, ano 2, n. 8, 18 jun. 1926.
O Início, ano 2, n.9, 31 jul. 1926
O Início, ano 3, n. 11, 7 jan. 1927
O Início, ano 3, n. 12, 21 jul. 1927
O Início, ano 2, n.3, jan. 1933
O Início, ano 8, n. 31, out., 1933
O Início, ano 8, n.34, jun. 1934.
O Início, ano 12, n. 55, ago. 1938

O Início, ano 14, n. 62, jul. 1940
O Início, ano 16, n. 68, set. 1942
O Início, ano 1, n. 1, set. 1942
O Início, ano 15, n.64, jan. 1941
Natalício de Jesus, São Paulo, ano 3, n.35-36, mar./abril, 1911
Natalício de Jesus, São Paulo, ano 3, n.44, dez., 1911
Nova Revelação, n. VII, n. 97. dez. 1911
A Rebelião, ano 1, n. 2, 09 maio 1914
O Trabalhador Graphico, São Paulo, 13 de set., 1920

Anuários

SÃO PAULO. Diretoria Geral da Instrução Pública. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. São Paulo: Diretoria Geral da Instrução Pública, 1913. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/anuarios_ensino/AEE19130000.pdf

Consultado em: 06 set. 2021

SÃO PAULO. **Anuário do Ensino do Estado de São Paulo**. São Paulo: Secretaria da Educação e da Saúde Pública. 1936-1937. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/anuarios_ensino/AEE19360000.pdf. consultado em: 29 fev. 2020.

Correspondência

PENTEADO, Penteadó. [Carta] 1919, São Paulo, [para] o Ministro do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. 7f. Escola Moderna: um caso curioso. Acervo Centro de Memória/ FEUSP.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Relatório de Inspeção do Ginásio Saldanha Marinho**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950. Acervo Centro de Memória/ FEUSP.

Prontuários DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo (AESP)

04 Adelino Tavares de Pinho. DEOPS-SP. **AESP**

144 Florentino de Carvalho. DEOPS-SP. **AESP**

198 Ítalo Benassi. DEOPS-SP. **AESP**

209 Genny Gleiser. DEOPS-SP. **AESP**

400 Rodolpho Felipe. DEOPS-SP. **AESP**

857 – Maria Lacerda de Moura. DEOPS-SP. **AESP**

1685 - Felix Zirolia. DEOPS/SP. **AESP**

2089 – Avelino Fernandes. DEOPS-SP. **AESP**

APÊNDICE

Tabela 18- Obras da Biblioteca de João Penteadó

Autor	Título	local	Editora	Ano	vol.	idioma	Assuntos	Instituição
ABRANCHES, Helena Lopes.	Palestras cívicas		s.n.	1942		português	educação moral e cívica	UFSCar
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.	Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa: vocabulário oficial A - B.	Rio de Janeiro	Sauer	1932	v.1	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.	Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa: vocabulário oficial C-D.	Rio de Janeiro	Sauer	1932	v.2	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.	Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa: vocabulário oficial E - L.	Rio de Janeiro	Sauer	1932	v.3	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.	Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa: vocabulário oficial M - Q.	Rio de Janeiro	Sauer	1932	v.4	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS; ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.	Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa: vocabulário oficial R - Z.	Rio de Janeiro	Sauer	1932	v.5	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ADOLFO ESTEVEZ, Luis.	Liberalismo ou nacional-socialis mo?: uma palavra de orientação	Buenos Aires	A Baiocco y Cía	1941		português	ciências políticas	UFSCar

Adonias Filho	Renascimento do homem	Rio de Janeiro	Schimidt			português	teologia	FEUSP
Adoum, Jorge	Cosmogénesis segun la memoria de la naturaleza	Chile	Yo soy			espanhol	espiritualidade	FEUSP
Adoum, Jorge	Yo soy: breviario del iniciado y poder del mago	Chile	Yo soy			espanhol	espiritualidade	FEUSP
AGUIAR, José Baptista de	Hymnos e canções: com a biographia dos principaes autores.	São Paulo	Irmãos Ferraz	1930		português	música	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender lingua franceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1926		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1935		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1931		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1932		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1935		português	língua francesa - compêndios	UFSCar

	com muita rapidez							
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1940		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar
AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender linguafranceza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	língua francesa - compêndios	UFSCar

AHN, F.	Novo methodopratico e facil para aprender a lingua ingleza com muita rapidez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1934		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
ALBANEZE, Domingos P.; BARRETTI, Silvio.	Prática de comércio	São Paulo	Atlas	1962		português	comércio	UFSCar
ALBUQUERQUE, Medeiros e	Noções de merceologia.	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	merceologia	UFSCar
ALBUQUERQUE, Medeiros e.	Vocabulário brasileiro da ortografia oficial	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1933	v.1	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALBUQUERQUE, Medeiros e.	Vocabulário brasileiro da ortografia oficial	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1933	v.2	português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
Alcantara, Armando de	Lição de economia a moços recém-formados	São Paulo	Revista dos Tribunais	1950		português	economia	FEUSP
ALCÂNTARA, Armando de	Lição de economia a moços recenformados	São Paulo	s.n.	1950	v.1	português	economia	UFSCar
ALCÂNTARA, Armando de	Lição de economia a moços recém formados	São Paulo	s.n.	1950	v.2	português	economia	UFSCar
ALCÂNTARA, Lealdino S.	Noções de merceologia	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALEGRE, Achylles Porto.	Lições de analyse gramatical	Porto Alegre	Typographia de Echenique Irmão e Cia	1903		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALEM, Neif Antonio	English for comercial life	São Paulo	Melhoramentos			inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

Alencar, José de	O Guarani	Rio de Janeiro	Civilizações Brasileiras	1936		português	literatura brasileira	FEUSP
ALENCAR, José de.	Alfarrabios	São Paulo	L.E.R.	1938		português	literatura brasileira	UFSCar
ALENCAR, José de.	O ermitão da glória		s.n.			português	literatura brasileira	UFSCar
ALMEIDA JUNIOR	A. Biologia educacional.	São Paulo	Editora Nacional			português	biologia	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1954		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1955		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar

ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, J. L. de.	Latinidade	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, João Camilo de	O Latim nos ginásios.	São Paulo	Melhoramentos			português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, João Vieira de	Contos patrióticos.	São Paulo	Casa Eclética	1900		português	literatura brasileira	UFSCar
ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1960		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar
ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar
ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1952		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar

ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1955		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar
ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar
ALMEIDA, Judith Morisson	Aulas de canto orfeônico	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	canto orfeônico - instrução e estudo	UFSCar
ALMEIDA, Julia Lopes de	Histórias da nossa terra.	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1927		português	literatura brasileira	UFSCar
ALMEIDA, Lauro Pastor.	Curso de matemática ciclo ginasial	Rio de Janeiro	Conquista	1952		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes da.	Noções fundamentais da língua Latina.	São Paulo	Melhoramen tos	1950		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes da.	Noções fundamentais da língua Latina.	São Paulo	Melhoramen tos	1943		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes de	Segundas noções da língua Latina.	São Paulo	Saraiva	1947		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes de	Segundas noções da língua Latina.	São Paulo	Saraiva	1947		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes de	Segundas noções da língua Latina.	São Paulo	Saraiva	1947		português	língua latina - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes de.	Antologia remissiva.	São Paulo	Saraiva	1947		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar

ALMEIDA, Napoleão Mendes de.	Antologia remissiva.	São Paulo	Saraiva	1946		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Napoleão Mendes de.	Antologia remissiva.	São Paulo	Saraiva	1949		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Presciliana Duarte de.	Páginas infantis.	São Paulo	Escolas Profissionae s Salesianas	1923		português	literatura infantojuven il	UFSCar
ALMEIDA, Ruy.	Cooperemos para a boa linguagem.	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ALMEIDA, Sílvio de.	Estudos camonianos	São Paulo	Nova Era	1925		português	Camões, Luís de, 1524?-1580	UFSCar
ALVARENGA, Lúcia.	Terra querida	São Paulo	Editora Nacional	1955		português	livros de leitura	UFSCar
ALVARENGA, Lúcia.	Terra querida	São Paulo	Editora Nacional	1949		português	livros de leitura	UFSCar
ALVARENGA, Manoel Ignacio da Silva.	Obras poéticas.	Rio de Janeiro	Garnier	1864		português	literatura	UFSCar
ALVES, Ciro.	Nossa Terra	São Paulo	Editora Nacional	1961		português	livros de leitura	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	cartilhas	UFSCar

ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1952		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1952		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1952		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1952		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1952		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Ciro.	Ler e aprender.	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	cartilhas	UFSCar
ALVES, Isaias	Vida e obra do Barão de Macaubas	São Paulo	Editora Nacional	1942		português	biografia	UFSCar
ALVES, Raul.	Esboço histórico e crítico geral da educação	Rio de Janeiro	Editora Paulo, Pongetti e Comp.	1920		português	educação	UFSCar
AMADO, Genolino	Vozes do mundo	São Paulo	Editora Nacional	1937		português	literatura	UFSCar
AMARAL, Angelina Almeida do	Meu grande Brasil.	Rio de Janeiro	F. Briguiet	1934		português	livros de leitura	UFSCar

AMARAL, Azevedo.	O estado autoritário e a realidade nacional.	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio	1938		português	ciências políticas	UFSCar
AMARAL, Luis.	O cooperativismo no mundo no Brasil em São Paulo	São Paulo	Editora Odeon	1934		português	cooperativis mo	UFSCar
AMARAL, Tancredo do	Livro das escolas	São Paulo	Officinas de Duprat e Comp.	1906		português	educação	UFSCar
AMICIS, Edmondo de	Ritratti letterari	Milano	Fratelli Treves	1908		italiano	literatura italiana	UFSCar
Amicis, Edmundo de	Coração	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	literatura	FEUSP
Andersen, Hans Cristian	O soldadinho de chumbo	São Paulo	Melhoramen tos			português	literatura infantojuven il	FEUSP
ANDRADE, Alberto Mazoni	Educação democrática e gratuidade do ensino		s.n.	1948		português	educação	UFSCar
ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de	Methodo de linguagem escrita para as escolas primárias	New York	American Book Company	1899		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de	Methodo de linguagem escrita para as escolas primárias	New York	American Book Company	1899		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
ANDRADE, Thales C.	Saudade	Piracicaba	Jornal de Piracicaba	1922		português	livros de leitura	UFSCar
ANDRADE, Vicente	Audio-visualengl ish for Brazilian students	Belo Horizonte	Bernardo Alves	1970		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

ANGELINO, Nicolau	Resumo de ciencias physicas e naturaes para as escolas de commercio.	São Paulo	Typographia Ideal	1934		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
ANGELINO, Nicolau	Curso de physica elementar	São Paulo	Casa Editora Antonio Tisi	1931		português	física - estudo e ensino	UFSCar
Angelino, Nicolau	Manual de analyse de urina	São Paulo	Livraria Zenith	1928		português	saúde	FEUSP
ANGELINO, Nicolau	Chimica, hygiene e bacteriologia do leite	São Paulo	Typographia Ideal	1931		português	leite	UFSCar
ANGELINO, Nicolau e MERÉJE, João R. de	Tratado elementar de merceologia e tecnologia	São Paulo	Editora Brasileira			português	merceologia	\
Anjos, Joaquim dos	Hygiene e beleza	Lisboa	Cia Nacional	1891		português	higiene	FEUSP
ANTUNES JUNIOR, Antônio; ANTUNES, José	Noções de ciências naturais	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
ANTUNES, Celso	Geografia do Brasil		Editora do Brasil			português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
ANTUNES, Celso	Geografia do Brasil		Editora do Brasil			português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
Aragón, Jesús de	A destruição da Atlântida	São Paulo	Editora Nacional	1936	2°	português	literatura espanhola	FEUSP
ARANHA, Graça	Espírito moderno	São Paulo	Editora Nacional			português	literatura brasileira	UFSCar

ARAÚJO, Lion de	Merceologia e tecnologia merceológica	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	merceologia	UFSCar
ARCESILÃO	O livro do democrata	São Paulo	Typographia Americana	1866		português	ciências sociais	UFSCar
ARCHÊRO JUNIOR, Achiles	Exames de admissão do comércio	São Paulo	Edições e Publicações Brasil	1941		português	comércio	UFSCar
ARCHÊRO JUNIOR, Achiles	Exames de admissão do comércio	São Paulo	Edições e Publicações Brasil	1943		português	comércio	UFSCar
ARCHINOFF, Pedro	Historia del movimiento Machhovista (1918- 1921)	Buenos Aires	Editorial Argonauta	1926		espanhol	anarquismo	UFSCar
ARCURI, Benjamin A. Salles	História do Brasil	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	Brasil - história	UFSCar
ARCURI, Benjamin A. Salles	História do Brasil	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	Brasil - história	UFSCar
ARRUDA, João	O moloch moderno: estudo da crise do estado moderno	São Paulo	S. Paulo-Editora	1932		português	Estado	UFSCar
ARRUDA, João	O moloch moderno: estudo da crise do estado moderno	São Paulo	S. Paulo-Editora	1932		português	Estado	UFSCar
ASSIS, Machado de	Conceitos e pensamentos	São Paulo	Editora Nacional	1934		português	literatura brasileira	UFSCar
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA	O custo do ensino	Rio de Janeiro	s.n.	1969		português	educação	UFSCar

Associação das escolas particulares de São Paulo	Discurso proferido pelo professor Alberto Mesquita de Camargo.		s.n.			português	educação	UFSCar
Associação Profissional dos Estabelecimentos Particulares de Ensino de Minas Gerais	O estado e a liberdade de ensino	Belo Horizonte	s.n.	1946		português	educação	UFSCar
ATKINSON, W. W.; BEALS, Edward E.	O poder pessoal ou vosso eu superior	São Paulo	O Pensamento	1931		português	filosofia	UFSCar
ATTAYDE, Alcias Martins de	Geografia do Brasil – Geografia física e humana	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
ATTAYDE, Alcias Martins de	Geografia do Brasil – Geografia regional do Brasil	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
ATTAYDE, Alcias Martins de	Geografia do Brasil – Geografia regional do Brasil	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
ATTAYDE, Alcias Martins de; PANTOJA, Maria Aparecida; RAMOS, Duilio	Geografia do Brasil – Geografia física e humana	São Paulo	Anchieta	1948		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
AUSTREGESILLO, A.	As forças curativas do espírito	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1926		português	psicoterapia	UFSCar
Axelrad, Jacob	Anatole France: uma vida sem ilusões	São Paulo	Assunção			português	literatura francesa	UFSCar
Aymard, Gustavo	Os bandoleiros do Sul	São Paulo	Empresa Editora Brasileira			português	literatura	FEUSP

AZEREDO, Léo	Cidades que renascem	São Paulo	Gráfica Atlântico	1943		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1943		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1943		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1949		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1954		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1954		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia Geral	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	geografia	UFSCar
AZEVEDO, Aroldo de; et al	Programa de admissão	São Paulo	Editora Nacional	1964		português	ensino secundário - exames - guias de estudo	UFSCar

AZEVEDO, Fernando de	Jardins de Sallustio	São Paulo	Livraria Globo	1924		português	literatura brasileira	UFSCar
AZEVEDO, Rubens de	Caderno de geografia do Brasil	São Paulo	s.n.	1964		português	geografia	UFSCar
BAKOUNINE, Miguel	Dios y el estado	Barcelona	Casa Editorial Sopena			espanhol	anarquismo	UFSCar
BANDEIRA, Alipio	Antiguidade e atualidade indígenas	Rio de Janeiro	s.n.	1919		português	índios na América do Sul - Brasil	UFSCar
BARBOSA, Almiro Rolmes; CAVALHEIRO, Edgard; RODRIGUES, J. Wash	As obras-primas do conto brasileiro	São Paulo	Livraria Martins Editora			português	literatura brasileira	UFSCar
BARBOSA, José	As relações lusu-brasileiras	Lisboa	Typographia do Commercio	1909		português	política internacional	UFSCar
BARBOSA, Waldemar de Almeida	Geografia humana e econômica do Brasil	São Paulo	Editora do Brasil	1965		português	geografia	UFSCar
Barbuy, Heraldo	Beco da cachaça	São Paulo	J. Fagundes	1936		português	literatura brasileira	FEUSP
BARCLAY, Wade C.	A vida em formação	São Paulo	Imprensa Methodista			português	educação	UFSCar
Barioni, Walther	Formação profissional de grau médio	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial	1969		português	formação profissional	FEUSP
BARRETO, Arnaldo; ROCA, Ramon; MORAES,	Festa das aves	São Paulo	Typographia do DiarioOffici al	1911		português	pássaros na literatura	UFSCar

Theodoro								
BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de	Livro auxiliar da anthologia nacional	São Paulo	Casa Duprat-Mayença	1930		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BARRETO, L. P.	Positivismo e teologia.	São Paulo	Livraria Popular de Abilio A. S. Marques	1880		português	positivismo	UFSCar
BARROS, Jayme de	Sete anos de política exterior do Brasil (1930-1937)	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1938		português	política exterior	UFSCar
Barros, João de	A República e a escola		Tipografia José Bastos			português	educação	FEUSP
BARROSO, Celso	Novo Mundo	São Paulo	Revista dos Tribunais	1943		português		UFSCar
BARROSO, Gustavo	A ortografia oficial	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira Editora	1931		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
BARROSO, Sebastião M	A casa e a saúde	São Paulo	Melhoramentos	[1935]		português	saúde	UFSCar
BASTOS, J.	A saúde e a longevidade	Porto	Sociedade Vegetariana	1912		português	vegetarianismo	UFSCar
BELDA FILHO, João	Práticas de contabilidade cooperativista	São Paulo		1967		português	contabilidade	UFSCar
Belletti, Mondine	A Esphinge	Rio de Janeiro	s.n.	1923		português	literatura	FEUSP
BELLO, Josaphat	Licções de historia natural physica e hygiene	Rio de Janeiro	Francisco Alves Paulo de Azevedo	1923		português	história natural	UFSCar

BENNETT, Clarence E.	New outline offristyear college physics	New York	Barnes e Noble	1944		inglês	física - estudo e ensino	UFSCar
BENSABAT, Jacob	Gramática Inglesa teórica e prática	Lisboa	Livraria Lelo			português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
BENSABAT, Jacob	Gramática Inglesa teórica e prática	Lisboa	Livraria Chardron, de Lelo e Irmão	1926		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
BENSON, George	A agricultura sob o comunismo	Rio de Janeiro	Edições GRD	1963		português	cooperativas de crédito agrícola	UFSCar
Benson, George	A agricultura sob o comunismo: lavoura coletiva e cooperativa	Rio de Janeiro	GRD	1963		português	cooperativas de crédito agrícola	FEUSP
BERLITZ, M. D.	Premier livre pour l'enseignement du français		s.n.	1925		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
BERLITZ, M. D.	Méthode Pour L'enseignement Des langues modernes partie française pour adultes	London	The Berlitz School	1926		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
BERTHELOT, Paul	O evangelho da hora	São Paulo	Editorial "A sementeira"	1909		português	anarquismo	UFSCar
BEZERRA, José Joffily	O plano salte		Imprensa Nacional	1948		português	abasteciment o de alimentos	UFSCar
BILAC, O.; BOMFIN, M.	Livro de composição	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1923		português	Língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BILAC, O.; BOMFIN, M.	Livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1928		português	livros de leitura	UFSCar

BILAC, O.; BOMFIN, M.	Livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1936		português	livros de leitura	UFSCar
BILAC, O.; BOMFIN, M.	Livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1936		português	livros de leitura	UFSCar
BILAC, Olavo; NETTO, Coelho.	A patria brasileira.	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1916		português	educação moral e cívica	UFSCar
BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães.	Tratado de versificação	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1910		português	língua portuguesa	UFSCar
BILAC, Olavo.	Conferencias literaria	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1930		português	literatura brasileira	UFSCar
BINNS, Harold Howard	King'senglish	São Paulo	Editora Nacional	1946		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
BINNS, Harold Howard	King'senglish	São Paulo	Editora Nacional	1953		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
BIOJONE, Lúcia do Nascimento de Souza; SAMARA, Samira	English for high school	São Paulo	Editora Nacional	1971		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
BITTENCOURT, Feliciano Pinheiro	Elementos de história do Brasil	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1916		português	Brasil - história	UFSCar
BOGDANOFF, A.	Economia política	São Paulo	Edições "Caramurú"	1935		português	economia	UFSCar
BOITEL, J.; COQUET, A.	Le français par la lecture	Paris	Librairie Delagrave	1924		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar

BOMFIM, Léo	Matemática	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
BOMFIM, Léo	Matemática	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
BOMFIM, Léo	Matemática	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
BOMFIM, Léo	Matemática	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
BOMFIM, M.	O Brazil na historia	São Paulo	Francisco Alves	1930		português	Brasil - história	UFSCar
BOMFIM, M.	Creanças e homens	São Paulo	Francisco Alves	1921		português	educação	UFSCar
BOMFIM, M.	Primeiras Saudades	São Paulo	Francisco Alves	1920		português	livros de leitura	UFSCar
BOMFIM, Manoel	A América Latina males de origem	Rio de Janeiro	Garnier			português	América Latina - condições sociais	UFSCar
BONIFÁCIO, José. (SOUSA, Octavio Tarquinio de.)	O pensamento vivo de José Bonifácio	São Paulo	Livraria Martins	1944		português	Silva, José Bonifácio de Andrada e, 1763-1838	UFSCar
BORGES, Jerônimo Teixeira	Erros de linguagem fáceis de corrigir	São Paulo		1953		português	língua portuguesa	UFSCar
BORGES, João; CARDIM, Gomes	Elementos de algebra	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1911		português	álgebra	UFSCar

BÓSCOLO, J. Carlos	Verdades sociais	São Paulo	Editorial “A Sementeira”	1934		português	anarquismo	UFSCar
BOSSI, Emilio	A igreja e a liberdade	Lisboa	Livraria Internacional			português	religião	UFSCar
BOTELHO, José Nicolau Raposo	Geografia geral	Porto	Livraria Lello			português	geografia	UFSCar
BOTELHO, José Nicolau Raposo	Tratado completo da aritmética prática	Porto	Livraria Chardron			português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
BOVIO, Juan	Las doctrinas de los partidos políticos en Europa	Valencia	F. Sempere y Compañía			espanhol	política	UFSCar
BRAGA, Erasmo	Leitura II	São Paulo	Melhoramentos			português	livros de leitura	UFSCar
Braga, Murilo	Seleção de pessoal: seus objetivos e seus problemas	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1945		português	pessoal - seleção e admissão	FEUSP
BRANCO, Graciete	Arca de Noé	Lisboa	Empresa Nacional de Publicidade	1931		português	literatura infantojuvenil	UFSCar
BRANCO, Luiza P. C.	O Brasil das crianças	São Paulo	Casa Vanorden	1927		português	educação	UFSCar
BRANCO, Luiza P. C.	O Brasil das crianças	São Paulo	Casa Vanorden	1927		português	educação	UFSCar
BRANCO, Luiza P. C.	O Brasil das crianças	São Paulo	Casa Vanorden	1927		português	educação	UFSCar

BRANDÃO, Alvaro Soares	Química	São Paulo	Melhoramen tos	1940		português	química - estudo ensino	UFSCar
BRANDÃO, Alvaro Soares	Ciências naturais	São Paulo	Saraiva	1944		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
BRANDÃO, Alvaro Soares	Ciências naturais	São Paulo	Saraiva	1944		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
BRANDÃO, Alvaro Soares	Ciências naturais	São Paulo	Saraiva	1944		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
BRANDÃO, Cláudio	Antologia contemporânea	São Paulo	Francisco Alves	1938		português	literatura brasileira	UFSCar
Brasil	Divulgação de Higiene	São Paulo	s.n.	1927		português	higiêne	UFSCar
Brasil	Procuratórios e representações “Proper” ltda. Legislação do ensino.	Rio de Janeiro	s.n.			português	ensino - legilslação	UFSCar
Brasil	Programas para o ensino secundário e suas instruções metodológicas	São Paulo	Editora do Brasil			português	ensino - legilslação	UFSCar
Brasil Ministério da educação e cultura	Guia do secretário		CAEC	1959		português	práticas de escritório	UFSCar
Brasil Ministério do trabalho, indústria e comércio	Consolidação das leis do trabalho	Rio de Janeiro	s.n.	1943		português	Brasil - leis e decretos	UFSCar
Brasil. [Ministério da Educação e Cultura]?	Portaria 501 de 19 de maio de 1952 e Legislação complementar		Editora Nacional			português	Brasil - leis e decretos	UFSCar

	(atualizada até outubro de 1958).							
Brasil. [Ministério da Educação e Cultura]?	Portaria 501 de 19 de maio de 1952 e Legislação complementar (atualizada até março de 1960)		Editora Nacional			português	Brasil - leis e decretos	UFSCar
Brasil. Departamento administrativo do serviço público	Estatuto dos funcionários públicos e civis da união	Rio de Janeiro	s.n.	1950		português	servidores públicos	UFSCar
Brasil. Departamento administrativo do serviço público	Indicador	Rio de Janeiro	s.n.	1945		português		UFSCar
Brasil. Departamento Administrativo do Serviço Público	Regulamento de Promoção dos Funcionários Públicos Civis da União	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1948		português	servidores públicos	FEUSP
Brasil. Diretoria geral da instrução publica	Programa de ensino para as escolas primárias	São Paulo	s.n.	1928		português	ensino - legislação	UFSCar
Brasil. Diretoria do ensino secundário	Como ensinar geografia e história no curso ginasial.	São Paulo	Gráfica Cruzeiro do Sul	1956		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e cultura	Guia do secretário		CAEC	1957		português	práticas de escritório	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e cultura	Portaria nº1, de 30-8-1955	Rio de Janeiro	s.n.	1955		português	ensino - legislação	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e cultura	Portaria nº170 (de 27 de abril de 1955)	Rio de Janeiro	s.n.	1955		português	ensino - legislação	UFSCar

Brasil. Ministério da educação e cultura.	Lei de diretrizes e bases da educação nacional		CAEC	1965		português	ensino - legislação	UFSCar
Brasil. Ministério da Educação e da Cultura. Diretoria do Ensino Comercial	Portaria do Ensino Comercial	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial			português	ensino comercial	FEUSP
Brasil. Ministério da educação e saúde	O ensino no Brasil em 1933	Rio de Janeiro	s.n.	1939		português	ensino - legislação	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	Curso de orientação para inspetores do ensino comercial		s.n.	1959		português	ensino comercial	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	Curso de orientação pedagógica para professores do ensino comercial		s.n.	1957		português	ensino comercial	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	ANAIS	Rio de Janeiro	s.n.	1945		português	educação	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	Bibliografia Brasileira	Rio de Janeiro	s.n.	1941		português	Brasil - bibliografia	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	1ª conferência nacional de educação e 1ª conferência nacional de saúde	Rio de Janeiro	s.n.	1941		português	educação	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	Oportunidade de preparação no ensino industrial. 1949.		s.n.	1949		português	ensino industrial	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde	Programas do ensino comercial	Rio de Janeiro	s.n.			português	ensino comercial	UFSCar

Brasil. Ministério da educação e saúde exposições	II. Exposição de Machado de Assis	Rio de Janeiro	s.n.	1939		português	Assis, Machado de, 1839-1908 - Exposições	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde.	Lei orgânica do ensino primário.		s.n.			português	ensino - legislação	UFSCar
Brasil. Ministério da educação e saúde.	Estabelecimentos de ensino comercial		s.n.			português	ensino comercial	UFSCar
Brasil. Ministério da Fazenda. Comissão de Orçamento	Plano de obras e equipamentos	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional			português	obras públicas - Brasil	FEUSP
Brasil. Serviço de Estatística da Educação e Cultura	O ensino no Brasil em 1951-1954	Rio de Janeiro	Serviço gráfico do I.B.G.E.	195?		português	educação	UFSCar
BRAZIL, Jaime	Ferreira de Castro e sua obra	Porto	Livraria Civilização			português	Ferreira de Castro, José Maria, 1898-1974	UFSCar
BRITO, Ezequiel C. de Sousa	Os vegetais – sua vida e sua utilidade	São Paulo	Melhoramen tos	1921		português	biologia	UFSCar
BRITO, Frederico Carlos da Costa	Exercícios de analyse portuguesa	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1920		português	língua portuguesa	UFSCar
BRITO, R. de Farias	A base physica do espírito	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1912		português	filosofia	UFSCar
BRITO, R. de Farias	O mundo interior	Rio de Janeiro	Revista dos Tribunais	1914		português	filosofia	UFSCar
BROCKWAY, Fenner	El trafico sangriento	Buenos Aires	Ediciones IMAN	1935		espanhol	armas de fogo	UFSCar

BRUCKER, E.	Iniciação botânica	Lisboa	Guimarães	1912		português	biologia	UFSCar
BRUNO, Aníbal	Curso de português	São Paulo	Editora Nacional	1961		português	língua portuguesa	UFSCar
BRUNO, Aníbal	Língua portuguesa	São Paulo	Editora Nacional	1957		português	língua portuguesa	UFSCar
BRUNO, Aníbal	Língua portuguesa	São Paulo	Editora Nacional	1957		português	língua portuguesa	UFSCar
BRUNO, Aníbal	Língua portuguesa	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua portuguesa	UFSCar
BRUNO, Aníbal	Língua portuguesa	São Paulo	Editora Nacional	1949		português	língua portuguesa	UFSCar
BRUNSWICK, H.	Curso de língua francesa	Porto	Livraria Chardron	1928		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Literatura luso-brasileira	São Paulo	Saraiva	1954		português	literatura luso-brasileira	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Literatura luso-brasileira	São Paulo	Saraiva	1954		português	literatura luso-brasileira	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Saraiva	1954		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Saraiva	1955		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar

BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo		1941		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Livraria Acadêmica	1941		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Saraiva	1952		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Saraiva	1952		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Páginas floridas	São Paulo	Saraiva	1952		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Português comercial curso técnico	São Paulo	Saraiva	1947		português	língua portuguesa - Português comercial	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira	Português comercial curso técnico	São Paulo	Saraiva	1949		português	língua portuguesa - Português comercial	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira; et al.	Curso de admissão aos ginásios	São Paulo	Livraria Acadêmica	1944		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira; et al.	Curso de admissão aos ginásios	São Paulo	Livraria Acadêmica	1944		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
BUENO, Francisco da Silveira; et al.	Curso de admissão aos ginásios	São Paulo	Saraiva	1949		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
BUENO, Silveira	A arte de escrever	São Paulo	Livraria Acadêmica	1936		português	retórica	UFSCar

CABRAL, De Raguna	13 poemas numas sexta-feira	São Paulo	s.n.	1933		português	literatura brasileira	UFSCar
CABRAL, João	O caminho da paz pela ordem jurídica	Rio de Janeiro	Editoria Brasilica	1939		português	paz	UFSCar
CABRAL, Mariano José	Flores literárias	Ponta-Delgada	M. J. de Moraes	1854		português	literatura	UFSCar
CAIRO, Nilo	Guia de medicina homeopathica	São Paulo	Livraria Teixeira	1930		português	homeopatia	UFSCar
CALDAS, José.	Os Jesuítas	Porto	Livraria Chardron	1901		português	jesuítas	UFSCar
CALDEIRA FILHO, João C.	Hino da independência e hino nacional	São Paulo	Ricordi Americana			português	hinos nacionais - Brasil	UFSCar
Caldeira, João Netto	As nossas riquezas: município de Araras	São Paulo	Irmãos Ferraz	1929		português	Araras (SP)	FEUSP
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática quarta série	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática quarto ano	São Paulo	Editora Nacional	1954		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática terceira série	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática primeira série	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar

CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática segundo ano	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática primeiro ano	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética prática	São Paulo	Editora Nacional	1959		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética prática	São Paulo	Editora Nacional	1959		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética prática	São Paulo	Editora Nacional	1960		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética	São Paulo	Editora Nacional	1939		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética	São Paulo	Editora Nacional	1941		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CALIOLI, Carlos; D'AMBROSIO, Nicolau.	Matemática aritmética	São Paulo	Editora Nacional	1943		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CÂMARA, Lourival	Unidade econômica do Brasil.	Florianópolis	III Congresso de Brasilidade			português	Brasil - condições econômicas	UFSCar
CAMARGO, Alberto Mesquita de	Lições de Latim	São Paulo	Revista dos Tribunais	1943		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CAMARGO, Alberto Mesquita de	Lições de Latim	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar

CAMARGO, Alberto Mesquita de	Lições de Latim	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CAMARGO, Joracy	Anastácio	São Paulo	Edições Culturas Brasileiras			português	teatro	UFSCar
CAMARGO, Maria	Dizer recitar declamar	Rio de Janeiro	Oficinas Grafleas do “Jornal do Brasil”	1934		português	retórica	UFSCar
CAMPANELLA, Tommaso	A cidade do sol	Rio de Janeiro	Athena Editora	[193 6]		português	utopias	UFSCar
CAMPINHOS, Newman J. Barroso	Lições de língua pátria antologia	São Paulo	Editora Clássico-Cie ntífica			português	língua portuguesa	UFSCar
CAMPINHOS, Newman J. Barroso	Lições de língua pátria antologia	São Paulo	Editora Clássico-Cie ntífica			português	língua portuguesa	UFSCar
CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1945		inglês	língua	UFSCar
CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1947		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1950		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1947		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1950		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

CAMPOS JR, José Luiz	The masterkey	São Paulo	Editora Nacional	1950		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CAMPOS, Agostinho de	Educar	Lisboa	Livraria Aillaud	1919		português	educação	UFSCar
CAMPOS, José Ferraz	Cálculo dos principiantes	São Paulo	Irmãos Ferraz	1928		português	cálculo - estudo e ensino	UFSCar
CARLYLE, Thomas	Os heróis e o culto dos heróis	São Paulo	Cultura Moderna			português	história	UFSCar
CARNEIRO, David	Civilização catolico feudal.	São Paulo	Athena Editora			português	história	UFSCar
CARNEIRO, David	Civilização moderna	São Paulo	Athena Editora			português	história	UFSCar
CARNEIRO, David	Civilização militar	São Paulo	Athena Editora			português	história	UFSCar
CARNEIRO, David	Evolução grega	São Paulo	Athena Editora	1939		português	filosofia	UFSCar
CARNEIRO, David	Evolução moderna	São Paulo	Athena Editora			português	história	UFSCar
CARNEIRO, David	Transição revolucionária	São Paulo	Athena Editora			português	França - História - Revolução, 1789-1794	UFSCar
CARNEIRO, David	Teocracia	São Paulo	Athena Editora	1939		português	política	UFSCar

CARNEIRO, Dulce	Lições rimadas	São Paulo	Monteiro Lobato			português	literatura infantojuven il	UFSCar
CARNEIRO, Erymá	Contabilidade bancária	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	contabilidad e	UFSCar
CARNEIRO, Erymá	História	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	história	UFSCar
Carqueja, Bento	Princípios de economia política	Porto	Oficina de Comércio do Porto			português	economia	FEUSP
CARVALHO, Adazir Almeida.	An english course for secondary schools in Brazil	São Paulo	Editora do Brasil	1953		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Adazir Almeida.	An english course for secondary schools in Brazil	São Paulo	Editora do Brasil	1961		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Alice Afra de	Bordejos		Edição própria	1948		português	literatura brasileira	UFSCar
CARVALHO, C. M. Delgado de	Geographia elementar	São Paulo	Melhoramen tos			português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Carlos Delgado de	Geografia dos continentes	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Delgado de	Geografia do Brasil	São Paulo	Editora Nacional	1943		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Delgado de	Súmulas de história colegial	São Paulo	Editora Nacional	1949		português	história	UFSCar

CARVALHO, Ernani Macedo de	Publicidade e propaganda	São Paulo	Editora Nacional	1940		português	publicidade	UFSCar
CARVALHO, Felisberto de	Quinto livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1905		português	língua portuguesa	UFSCar
CARVALHO, Felisberto de	Quinto livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1931		português	língua portuguesa	UFSCar
Carvalho, Joaquim Bertino de Moraes	Da seleção de técnico químicos e tecnologistas	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1946		português	peçoal - seleção e admissão	FEUSP
CARVALHO, Maria de	As quatro estações	Lisboa	Tip. da Empresa do Anuário Comercial	1929		português	literatura	UFSCar
CARVALHO, Maria Luiza Britto de	Brasil unido	São Paulo	Editora do Brasil	1956		português	leitura	UFSCar
CARVALHO, Maria Luiza Britto de	Brasil unido	São Paulo	Editora do Brasil	1956		português	leitura	UFSCar
CARVALHO, Orlando M	A crise dos partidos nacionais	Belo Horizonte	Kriterion	1950		português	ciências políticas	UFSCar
CARVALHO, Thalles Mello	Matemática	São Paulo	Editora Nacional	1947		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Thalles Mello	Matemática	São Paulo	Editora Nacional	1947		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CARVALHO, Thalles Mello	Matemática	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar

CARVALHO, Thalles Mello	Matemática	São Paulo	Editora Nacional	1955		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CASTELLO BRANCO, Camillo	Lucta de gigantes	Lisboa	Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira	1920		português	literatura portuguesa	UFSCar
CASTILHO, A. F. De	Tractado de metrificação portugueza		s.n.			português	língua portuguesa	UFSCar
CASTRO ALVES	Obras completas de Castro Alves	Rio de Janeiro	Livraria Editora Zelio Valverde	1947		português	literatura brasileira	UFSCar
CASTRO ALVES	Poesias	Bahia	Livraria Catilina			português	literatura brasileira	UFSCar
Castro, Adauto de Souza; D'Amore, Domingos	Prática de escritório e escrituração mercantil	São Paulo	Saraiva	1947		português	práticas de escritório	FEUSP
CATTONY, Carlos	Lições de matemática elementar	São Paulo	Editora Anchieta	1947		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CATTONY, Carlos	Lições de matemática elementar	São Paulo	Editora Anchieta	1945		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CATTONY, Carlos	Lições de matemática elementar	São Paulo	Editora Anchieta	1946		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
CEGALLA, Domingos Paschoal	Português para o admissão	São Paulo	Francisco Alves	1959		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
CÉSAR, Climério Galvão	História da civilização para curso comercial	São Paulo	Melhoramen tos			português	ensino comercial	UFSCar

CESARINO JUNIOR, A. F.	História do Brasil	São Paulo	Editora Nacional	1937		português	Brasil - História	UFSCar
CHAGAS, Moacyr	São Paulo e seus homens e letras: Menotti Del Picchia, e suas obras	São Paulo	Livraria Zenith	1923		português	literatura brasileira	UFSCar
CHATEAUBRIAND	Atala	Lisboa	Empresa Lusitana Editora			português	literatura francesa	UFSCar
Chrysanthème	Contos Azuis		s.n.			português	literatura infantojuvenil	FEUSP
CINTRA, Assis	Alma brasileira	São Paulo	Melhoramentos			português	Brasil - História	UFSCar
CINTRA, Assis	Os escândalos da 1ª República	São Paulo	J. Fagundes	1936		português	Brasil - História	UFSCar
CINTRA, Assis	O general que vendeu o Império	São Paulo	J. Fagundes	1936		português	Brasil - História	UFSCar
CINTRA, Assis	Tiradentes perante a história	São Paulo	L. Marrano	1933		português	Tiradentes, 1746-1792	UFSCar
CLARK, R. Manning; WESTPHAL, C. E.	Enfermidades infecciosas: sua prevenção e cura	São Paulo	Casa Publicadora Brasileira	1927		português	saúde	UFSCar
CLESER, Vera A.	O lar doméstico	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1913		português	economia doméstica	UFSCar
COARACY, Vivaldo	Frida Meyer	São Paulo	Monteiro Lobato	1924		português	literatura brasileira	UFSCar

COELHO NETTO	A árvore da vida	Rio de Janeiro	Pimenta de Mello	1929		português	literatura brasileira	UFSCar
COELHO NETTO	Livro de prata	São Paulo	Livraria Liberdade	1928		português	literatura brasileira	UFSCar
COELHO NETTO; BILAC, Olavo.	A pátria brasileira	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1923		português	poligrafia	UFSCar
COELHO NETTO; BILAC, Olavo.	A pátria brasileira	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1936		português	poligrafia	UFSCar
COELHO, Hermezilia Pinto	Francez	São Paulo	Livraria Acadêmica	1935		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
COELHO, Hermezilia Pinto	Francez (2ª série).	São Paulo	Livraria Acadêmica	1938		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
Coelho, Jurandyr	Influência de Rui Barbosa no controle de contas públicas	Rio de Janeiro	Departamento de Imprensa Nacional	1950		português	finanças públicas	FEUSP
COIMBRA, J. M.	Névoas do caminho	São Paulo	Edições Élo	1939		português	literatura brasileira	UFSCar
Collarile, Hugo	Os problemas espíritas do Padre Zioni: espiritismo e catolicismo face a face	São Paulo	s.n.	1953		português	espiritismo	FEUSP
Collecção F. T. D.	Geometria elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo Azevedo	1924		português	geometria	UFSCar
Collecção F. T. D.	Guia da infância ou livro de leitura	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	livros de leitura	UFSCar

Collecção F. T. D.	Geographia	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1914		português	geografia	UFSCar
Collecção F. T. D.	Geometria elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo Azevedo	1924		português	geografia	UFSCar
COLLECÇÃO F.T.D.	Álgebra elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo Azevedo	1920		português	álgebra	UFSCar
COMBES, Paulo	Os quatro livros da mulher	Porto	Casa Editora de A. Figueirinhas			português	economia doméstica	UFSCar
Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo	Exploração do Rio Ribeira de Iguape	São Paulo	Typographia Brazil de Rothschild	1908		português	Ribeira de Iguape, Rio (PR e SP) - Descrições e viagens	FEUSP
Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo	Exploração do Rio Paraná	São Paulo	Typographia Brazil de Rothschild	1906		português	Paraná, Rio (Brasil e Argentina) - Descrições e viagens	FEUSP
Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo	Exploração do Rio do Peixe	São Paulo	Typographia Brazil de Rothschild	1907		português	Peixe, Rio do (SP) - Descrições e viagens	FEUSP
Confederação Nacional do Comércio	Discurso proferido pelo sr. Presidente João Daudt d'Oliveira perante o Conselho de Representantes, na reunião de 29 de março de 1948	Rio de Janeiro	s.n.	1948		português	discursos brasileiros	FEUSP
Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo	Relatório do Exercício de 1956		s.n.			português	contabilidade e	FEUSP

Cooper, James Fenimore	Os pioneiros	São Paulo	Empresa Editora Brasileira			português	literatura norte-americana	FEUSP
Corazzi, David	A arte no teatro	Lisboa	s.n.	1884		português	teatro	FEUSP
CORDEIRO, Francisca de Basto	Antologia infantil	Rio de Janeiro	Estabel. de Artes Graphics C. Mendes Junior	1934		português	literatura infantojuvenil	UFSCar
CORRÊA, José Augusto	Evolução philosophica do espirito humano	Lisboa	Imprensa de Manuel Lucas Torres	1916		português	filosofia	UFSCar
CORREIA, Leoncio	A bohemia do meu tempo	Rio de Janeiro	F. Lemos	1935		português	literatura brasileira	UFSCar
CORREIA, Roberto	Leitura para as creanças	Bahia	Livraria Econômica	1927		português	livros de leitura	UFSCar
CORUJA, Antonio Alvares Pereira.	Compendio da grammatica da lingua nacional	Rio de Janeiro	Alves	1894		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1947		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1949		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1954		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar

COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Português para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de português	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Primeiro livro de português	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Quarto livro de português	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Quarto livro de português	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1960		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Segundo livro de português	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar

COSTA, Aída	Terceiro livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1948		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Terceiro livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída	Terceiro livro de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1960		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1944		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1947		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	Ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil			português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar

COSTA, Aída; et al	Admissão ao ginásio	São Paulo	Editora do Brasil			português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
COSTA, Carlos; PASQUALE, Carlos	Ciências naturais	São Paulo	Editora do Brasil	1956		português	ciências - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Firmino	Calendario escolar	São Paulo	Melhoramen tos			português	calendário	UFSCar
COSTA, J. Lobo da	Encyclopedia primaria	São Paulo	Typ. Siqueira	1930		português	ciências	UFSCar
COSTA, Marco Aurélio de Bustamante	Curso de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Marco Aurélio de Bustamante	Curso de latim	São Paulo	Editora do Brasil	1956		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
COSTA, Maria Fernandes (coord.)	Almanaque Bertrand	Lisboa	Livraria Bertrand	1936		português	almanaques	UFSCar
COSTA, Nelson	Páginas brasileiras	Rio de Janeiro	Livraria Jacinto	1934		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
COUÉ, Émile	O domínio de si mesmo pela auto sugestão consciente	Rio de Janeiro	Flores e Mano	1934		português	filosofia	UFSCar
COURTHS-MA HLER	Acorda, coração!	São Paulo	Saraiva			português	literatura alemã	UFSCar
COUTINHO, Abelardo Duarte	Commercial English with a glossary of business terms	São Paulo	Editora Nacional	1938		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

COUTO, Roberto M.	A questão do ferro		Gráfica Olímpica	1938		português	ferro - Indústria - Brasil	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Estatutos dos funcionários públicos civis da união	São Paulo	Saraiva	1953		português	servidores públicos	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Latim para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Latim para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Latim para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Latim para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CRETELA JÚNIOR, José	Latim para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1954		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o ginásio	São Paulo	Editora Nacional	1955		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso básico	São Paulo	Editora Nacional			português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar

CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso básico	São Paulo	Editora Nacional	1952		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso técnico	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso técnico	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso técnico	São Paulo	Editora Nacional	1957		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso técnico	São Paulo	Editora Nacional	1958		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Português para o curso técnico	São Paulo	Editora Nacional	1960		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
CRETELLA JÚNIOR, José.	Seleta da infância	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	livros de leitura	UFSCar
CROCE, Benedetto	Aspectos moraes da vida política	Rio de Janeiro	Athena Editora	1935		português	ciência política	UFSCar
CROCE, Benedetto	Orientações – pequenos ensaios de philosophia politica	Rio de Janeiro	Athena Editora			português	ciência política	UFSCar
CROOKS, George R.; M'CLINTOCK, John	Primeiro livro de latinidade contendo gramática	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1916		português	latim - Gramática	UFSCar
CRUZ, Estêvão	Antologia da língua portuguesa	Porto Alegre	Livraria do Globo	1942		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar

CRUZ, Estêvão	Programa de vernáculo	Porto Alegre	Livraria do Globo	1936		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
CRUZ, José Marques da	Seleta: português prático	São Paulo	Melhoramentos	1944		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
CRUZ, José Marques da	Seleta: português prático	São Paulo	Melhoramentos	1953		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
CRUZ, José Marques da	Seleta: português prático	São Paulo	Melhoramentos	1953		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
CRUZ, José Marques da	Seleta: português prático	São Paulo	Melhoramentos	1953		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
CRUZ, Marques da	Português prático	São Paulo	Melhoramentos	1922		português	língua portuguesa - Compêndios	UFSCar
Cunha, Casimiro	Singelos	Vassouras	Queiroz & cia	1914		português	literatura brasileira	FEUSP
CUNHA, Ciro Vieira da	No tempo de patrocínio		Saraiva	1960		português	Patrocínio, José de, 1854-1905	UFSCar
CUNHA, Euclides da	Contrastes e confrontos	Porto	Livraria Chardron	1923		português	literatura brasileira	UFSCar
CUNHA, Euclides da	À margem da história	Porto	Livraria Chardron	1922		português	Brasil - História	UFSCar
CURIE, Eva	Madame Curie	São Paulo	Editora Nacional	195?		português	Curie, Marie, 1867-1934	UFSCar

D'ALMEIDA, Fialho	Aves migradoras	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1921		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Barbear, pentear	Porto	Imp. Portuguesa			português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Contos	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1914		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Á esquina	Coimbra	F. França Amado	1903		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Os gatos	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1911		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Os gatos	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1916		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	O paiz das uvas	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1915		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Saibam quantos...	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1912		português	poligrafia	UFSCar
D'ALMEIDA, Fialho	Vida irônica	Lisboa	Livraria Clássica Editora	1914		português	literatura portuguesa	UFSCar
D'ARNOUX, Michel	Nouvelle méthode de français	São Paulo	Editora do Brasil	1955		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
D'ARNOUX, Michel	Nouvelle méthode de français	São Paulo	Editora do Brasil	1955		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar

D'ARNOUX, Michel	Nouvelle méthode de français	São Paulo	Editora do Brasil	1955		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
D'ARRIAGA, Manoel	Harmonias sociaes	Coimbra	F. França Amado	1907		português	sociedade civil	UFSCar
D'Auria, Francisco	Curso de contabilidade: mathematica commercial	São Paulo	Editora Nacional	1933		português	ensino comercial	FEUSP
D'ÁVILA, Antônio	Guia do estudante	São Paulo	Livraria Acadêmica; Saraiva	1941		português	método de estudo	UFSCar
D'AZEVEDO, A. J. da Silva	Gymnasivmlatin vmprimvm et secvndvm	São Paulo	Saraiva	1947		latim	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
D'AZEVEDO, A. J. da Silva	Gymnasivmlatin vmsecvndvm	São Paulo	Saraiva	1949		latim	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
D'AZEVEDO, A. J. da Silva	Gymnasivmlatin vmtertivm	São Paulo	Saraiva	1950		latim	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
D'AZEVEDO, A. J. da Silva	Gymnasivmlatin vmqvartvm	São Paulo	Saraiva	1950		latim	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
D'AZEVEDO, A. J. da Silva	Gymnasivmlatin vmprimvm	São Paulo	Saraiva	1950		latim	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
D'ESPINEY, M. H.	Curso de língua inglesa	Porto	Livraria Chardron	1928		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
DAVID, Tibor	História geral	São Paulo	Editora Clássico-Científica			português	história	UFSCar

DEBROT, Marcel.	Le français au gymnase	São Paulo	Editora do Brasil	1953		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
DEBROT, Marcel.	Le français au gymnase	São Paulo	Editora do Brasil	1957		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
DEBROT, Marcel.	Le français au gymnase	São Paulo	Editora do Brasil	1960		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
DENIS, Léon	Depois da morte	Rio de Janeiro	Garnier	1901		português	espiritismo	UFSCar
Departamento Nacional de Saúde Pública. Serviço de Propaganda e Educação Sanitária	Boletim Sanitário, ano 3, n. 3, set.	Rio de Janeiro	s.n.	1905		português	periódicos	FEUSP
DESCARTES	Regras para a direção do espírito	São Paulo	Cultura Moderna			português	ciências	UFSCar
DESMARAIS, Marcel Marie	Curso prático de psicologia experimental	São Paulo	Fundação "Casper Libero"	1974		português	psicologia	UFSCar
Devoe, Walter	O segredo da concentração	São Paulo	O Pensamento	1928		português	filosofia	FEUSP
Dewey, Jonh	Como pensamos	São Paulo	Editora Nacional	1933		português	filosofia	FEUSP
DIAS, Carlos	Contra a perpetuidade do erro e da mentira	Rio de Janeiro	s.n.	1922		português	anarquismo	UFSCar
DIAS, Octacílio	Geografia geral	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	geografia	UFSCar

DIAS, Octacílio	Geografia geral	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	geografia	UFSCar
DIAZ, Blasco	Francisco Ferrer e a semana tragica de Barcelona	Lisboa	Casa Alfredo David	1914		português	Ferrer Guardia, Francisco, 1859-1909	UFSCar
DIBO, Dulcídio	Caderno de cartografia aulas práticas de geografia	São Paulo	Editora Didática Irradiante	1971		português	geografia	UFSCar
DINIZ, Almachio	As formações naturaes na philosophia biologica	Lisboa	Typographia de Francisco Luiz Gonçalves	1914		português	biologia	UFSCar
DOEBLIN, Alfred	O pensamento vivo de Confúcio	São Paulo	Livraria Martins	1940		português	Confúcio, 551?-478 aC	UFSCar
DORIA, A. de Sampaio	Como se aprende a língua	São Paulo	Monteiro Lobato			português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
DORIA, A. de Sampaio	Como se ensina	São Paulo	Monteiro Lobato	1923		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
DORIA, A. de Sampaio	Como se ensina	São Paulo	Monteiro Lobato	1923		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
DRAPER, Juan Guillermo	Historia de los conflictos entre la religión y la ciencia	Valencia	F. Sempere y Cia			espanhol	religião e ciência - história	UFSCar
DRAPER, Juan Guillermo	Historia de los conflictos entre la religión y la ciencia. Tomo II	Valencia	F. Sempere y Cia			espanhol	religião e ciência - história	UFSCar
Drews, F. J.	Que pensar do espiritismo	São Paulo	Anchieta	1946		português	espiritismo	FEUSP

DUARTE, José Coimbra	Ciências naturais	São Paulo	Editora Nacional			português	história natural - compêndios	UFSCar
DUARTE, José Coimbra	Ciências naturais	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	história natural - compêndios	UFSCar
DUARTE, José Coimbra	Ciências físicas e biológicas	São Paulo	Editora Nacional	1969		português	história natural - compêndios	UFSCar
DUQUE-ESTRADA, Osorio	Noções de história do Brasil	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1922		português	Brasil - História	UFSCar
DUQUE-ESTRADA, Osorio	Noções de historia do Brasil	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1927		português	Brasil - História	UFSCar
DUQUE-ESTRADA, Osorio	Noções preliminares de história natural	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1906		português	Brasil - História	UFSCar
Durant, Will	Filosofia da vida	São Paulo	Editora Nacional			português	filosofia	FEUSP
DUVAL, Fernand	Corneille Le Cid tragi-comédie	Paris	Librairie Larousse			francês	literatura francesa	UFSCar
EBERT, Justus	Os I. W. W. na teoria e na prática	New Bedford	Textil Worker Union			português	anarquismo	UFSCar
ECKERSLEY, C. E.	A concise English grammar for foreign students	São Paulo	Livraria Acadêmica	1947		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
ECKERSLEY, C. E.	Essential English for foreign students	London	Longmans, Green	1957		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

ECKERSLEY, C. E.	Essential English for foreign students	London	Longmans, Green	1958		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
EINSTEIN, Albert; INFELD, Leopold	A evolução da física	São Paulo	Editora Nacional	1939		português	física	UFSCar
ELLIS JUNIOR, Alfredo	Confederação ou separação	São Paulo	Editora Piratininga	1933		português	ciência política	UFSCar
ELLIS JUNIOR, Alfredo	Geografia	São Paulo	Editora Piratininga	1935		português	geografia	UFSCar
ELLIS JUNIOR, Alfredo	Geografia superior e estatística	São Paulo	Editora Piratininga	1933		português	geografia	UFSCar
ELLIS JUNIOR, Alfredo	Jaraguá	São Paulo	J. Fagundes			português	literatura brasileira	UFSCar
ENGELS, F.	Anti-Dühring	São Paulo	Cultura Brasileira			português	socialismo	UFSCar
ESPÍNDOLA, Adauto Nogueira	English course for Brazilian students	São Paulo	Editora do Brasil	1956		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
ESPÍNDOLA, Adauto Nogueira	Inglês para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1949		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
ESPÍNDOLA, Adauto Nogueira	Inglês para o curso comercial básico	São Paulo	Editora do Brasil	1955		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
F. T. D.	Exercícios de calculo e problemas sobre as quatro operações fundamentaes	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1924		português	cálculo	UFSCar

F. T. D.	Exercicios de calculo e problemas sobre as quatro operações fundamentaes	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1924		português	cálculo	UFSCar
F. T. D.	Geographia atlas – curso elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	geografia	UFSCar
F. T. D.	Geographia atlas – curso elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	geografia	UFSCar
F. T. D.	Geographia	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	geografia	UFSCar
F. T. D.	Geographia	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	geografia	UFSCar
F. T. D.	Geographia	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	geografia	UFSCar
F. T. D.	Geometria – curso elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1930		português	geometria	UFSCar
F. T. D.	Geometria – curso elementar	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1930		português	geometria	UFSCar
F. T. D.	Le guide de l'enface ou premier livre de lecture en français	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo			francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
Fabbri, Luigi; Fabbri, Luce (apresentação); Abad Santillan, Diego (tradução)	Malatesta	Buenos Aires	Editorial Americalee	1945		espanhol	Malatesta, Errico, 1853-1932	UFSCar

FABBRI, Luigi	El ultimo filosofo del renacimiento	Buenos Aires	Ediciones IMAN	1935		espanhol	Bruno, Giordano, 1548-1600	UFSCar
FAGUET, Emile	Os dez mandamentos da amizade	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1911		português	amizade	UFSCar
FAGUET, Emile	Os dez mandamentos da amizade	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1911		português	amizade	UFSCar
FAGUET, Emile	Iniciação filosófica	Lisboa	Guimarães	1913		português	filosofia	UFSCar
FAGUET, Emile	Iniciação literária	Lisboa	Guimarães	1914		português	literatura	UFSCar
FAIGUENBOIM, Simão; COUCÍLIO, Generoso	Problemas de química		Editora Clássico-Científica			português	química	UFSCar
FAIRCHILD, Henry Pratt	Economia para milhões	São Paulo	Livraria Martins	1942		português	economia	UFSCar
FALCÃO, Angelo	Fascismo e espiritualismo	São Paulo	s.n.	1934		português	espiritualidade	UFSCar
Falcão, Angelo	Fascismo e espiritualismo: mensagem aos espíritas, maçons, theosophos, rosacruzios e irmãos do circulo esoterico da comunhão do pensamento	São Paulo	s.n.	1935		português	espiritualidade	FEUSP
FARIA NETTO, F.	Coração brasileiro: palestras moraes e civicas	Rio de Janeiro	Anuario do Brasil			português	educação moral e cívica	UFSCar

FARIAS, Jenny Vilas Boas; CINTRA, Marina	A lei orgânica do ensino secundário e sua regulamentação		Edição Colmeia	1952		português	ensino - Brasil	UFSCar
FARO, Hannibal Mello de Noronha e	A couse in english: the intuitive method for teaching english	São Paulo	Saraiva	1946		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos	1924		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Terceiro ano de conversação francesa: o comerciante	São Paulo	Melhoramentos	1940		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversação franceza	São Paulo	Melhoramentos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar

FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversaço franceza	São Paulo	Melhoramen tos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversaço franceza	São Paulo	Melhoramen tos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversaço franceza	São Paulo	Melhoramen tos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Primeiro anno de conversaço franceza	São Paulo	Melhoramen tos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	First steps in commercial english	São Paulo	Livraria Acadêmica	1933		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Les premiers pas – um método introdutório das primeiras lições de francês	São Paulo	Livraria Acadêmica			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Les premiers pas – um método introdutório das primeiras lições de francês	São Paulo	Livraria Acadêmica			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FAUVEL, Julien	Segundo anno de conversaço franceza	São Paulo	Melhoramen tos			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
Federação Nacional dos Estabelecimento s de Ensino	Aspirações mínimas dos educadores brasileiros, no que diz respeito às diretrizes e bases da educação nacional	Rio de Janeiro	s.n.	1953		português	ensino - Brasil	UFSCar
Ferrão, Nathália	Discurso de Nathália Ferrão, diplomada pelo “Grupo Padre Manoel da	São Paulo	s.n.	1936		português	discusos brasileiros	FEUSP

	Nóbrega”							
FERRAZ, J. Clemente	Methodo pratico e scientifico de inglez	São Paulo	Escolas Profissionaes Salesianas	1937		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA DE CASTRO	A selva	Rio de Janeiro	Editor Moura Fontes			português	literatura portuguesa	UFSCar
Ferreira, Luis Guilherme dos Santos	Electricidade	Lisboa	A Editora	1905		português	eletricidade	FEUSP
FERREIRA, Tito Livio	Deuxième livre de français	São Paulo	Editora Nacional			francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	História do Brasil	São Paulo	Editora Nacional	1947		português	Brasil - História	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	Premier livre de français	São Paulo	Editora Nacional	1949		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	Premier livre de français	São Paulo	Editora Nacional	1949		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	Premier livre de français	São Paulo	Editora Nacional			francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	Troisième livre de français	São Paulo	Editora Nacional	1945		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA, Tito Livio	Troisième livre de français	São Paulo	Editora Nacional	1949		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FERREIRA. Reinaldo Mathias	Estudo dirigido de português.	São Paulo	Ática	1970		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar

FERRER GUARDIA, Francisco	La escuela moderna	Barcelona	Imprenta Elzeviriana – Borrás, Mestres	1912		espanhol	anarquismo	UFSCar
FIERENS-GEVAERT, H	A tristeza contemporânea	Rio de Janeiro	Brasília Editora	1937		português	filosofia	UFSCar
FIGUEIREDO, Antonio dos Santos	A evolução do Estado no Brasil	Porto	Gráf. do Porto	1926		português	política e governo	UFSCar
FIGUEIREDO, Antonio dos Santos	1924 – episódios da Revolução de S. Paulo	Porto	Gráf. do Porto			português	história	UFSCar
FIGUEIREDO, Antonio dos Santos	Memórias de um jornalista	São Paulo	Gráfico-Editora Unitas Limitada	1933		português	jornalistas - Brasil	UFSCar
FILON, A	Nouvelles narrations françaises	Paris	Librairie Hachette	1899		francês	literatura francesa	UFSCar
FIORI, Roque Teixeira	A. B. C. da contabilidade e guia do novo comerciante	São Paulo	Livraria Acadêmica	1935		português	contabilidade e	UFSCar
FIORI, Roque Teixeira	A. B. C. da contabilidade e guia do novo comerciante	São Paulo	Livraria Acadêmica	1939		português	contabilidade e	UFSCar
FLAMMARIÓN, Camilo	Cuentos filosóficos	Madri	Ediciones Góngora			espanhol	literatura	UFSCar
FLAMMARIÓN, Camilo	Deus na natureza	Rio de Janeiro	Garnier	1878		português	religião	UFSCar
FLEURY, Luiz Gonzaga	Meninice	São Paulo	Editora Nacional	1942		português	livros de leitura	UFSCar

FLEURY, Luiz Gonzaga	Meninice	São Paulo	Editora Nacional	1938		português	livros de leitura	UFSCar
FLEURY, Luiz Gonzaga	Seleta da infância	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	livros de leitura	UFSCar
FLEURY, Luiz Gonzaga	Seleta da infância	São Paulo	Editora Nacional	1948		português	livros de leitura	UFSCar
FLEURY, Renato Sêneca	Vamos ler?	São Paulo	Editora Nacional	1942		português	livros de leitura	UFSCar
FLEURY, Renato Sêneca	Vamos ler?	São Paulo	Editora Nacional	1942		português	livros de leitura	UFSCar
FLOREAL, Sylvio	Atitudes	São Paulo	Casa Duprat	1922		português	literatura brasileira	UFSCar
FONCIN, P.	La deuxième année de géographie	Paris	Librairie Armand Colin	1905		francês	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, Alcides da; ARAGÃO, Jarbas Cavalcante de	A língua portuguesa – gramática.	São Paulo	Editora Nacional	1951		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
Fonseca, Faustino	O descobrimento do caminho para a Índia	Porto	Editora Nacional	1898		português	portugueses - Índia	FEUSP
FONSECA, João	New spoken English – intermediate course	São Paulo	Editora Nacional	1969		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1954		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar

FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1956		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1956		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1960		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1960		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1955		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1956		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional			inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1956		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1964		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONSECA, João	New spoken English	São Paulo	Editora Nacional	1967		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FONTES, Martins.	Fantástica		J. Fagundes			português	literatura brasileira	UFSCar

FOREL, Augusto	A questão sexual	São Paulo	Editora Nacional	1929		português	sexo	UFSCar
FORJAZ, Irma Aragonés	Français	São Paulo	Editora Nacional	1960		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1941		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1941		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FORTES, Didia Machado; et al	English Direct Method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1944		inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FRAGA, Clementino	Ensino médico e medicina social	Rio de Janeiro	A Noite Editora			português	medicina	UFSCar

FRAGA, Clementino	Médicos educadores	Rio de Janeiro	A Noite Editora			português	medicina	UFSCar
FRAGA, Clementino	Médicos educadores	Rio de Janeiro	A Noite Editora			português	medicina	UFSCar
FRAGA, Clementino	Orientação profissional e hygiene publica	Rio de Janeiro	Guanabara			português	saúde pública	UFSCar
FRANCISCO, Antonio	Inglês para a segunda série	São Paulo	Editora do Brasil	1949		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
FRANCO, Cid	O crime do Suarão e o padre Balint	São Paulo	s.n.	1959		português	anticlericalis mo	UFSCar
FRANCOVICH , Guillermo	Os ídolos de Bacon	Rio de Janeiro	Brasília Editora	1938		português	Bacon, Francis, 1561-1626	UFSCar
FRANTZ, Theobaldo L.	O currículo do ensino médio: Sindicato dos estabelecimentos de ensino do Rio G. do Sul	Bahia	Bahia	1964		português	currículos e programas	UFSCar
FREIRE, Ezequiel	Livro postumo	São Paulo	Weiszflog Irmãos	1910		português	poligrafia	UFSCar
FREIRE, Felisbello	História natural: zoologia e botânica	Rio de Janeiro	Cunha e Irmãos	1896		português	história natural	UFSCar
FREIRE, J. Candido	Prosas rústicas	São Paulo	Monteiro Lobato	1923		português	literatura brasileira	UFSCar
FREIRE, Victor da Silva	As conclusões do segundo congresso dos estabelecimentos particulares de	São Paulo	s.n.	1948		português	ensino - Brasil	UFSCar

	ensino (Belo Horizonte, 1946) e as exigências da democracia							
FREITAS, Altina Rodrigues de A.	Leitura para o 3º ano preliminar	São Paulo	Casa Duprat-Mayença	1929		português	livros de leitura	UFSCar
FREITAS, Anibal	Curso de física	São Paulo	Melhoramentos			português	física	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Geographia secundária	Rio de Janeiro	Livraria H. Antunes	1933		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Geographia secundária	Rio de Janeiro	Livraria H. Antunes	1933		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Geographia secundaria	Rio de Janeiro	Livraria H. Antunes	1933		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Geographia secundaria	Rio de Janeiro	Livraria H. Antunes	1933		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Instrução moral e cívica	Rio de Janeiro	Instituto Minerva	1928		português	educação moral e cívica	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Lições de geographia	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1925		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Gaspar de	Lições práticas de gramática portuguesa para o uso de tôdas as classes primárias	Rio de Janeiro	Livraria H. Antunes	1941		português	Língua portuguesa - gramática	UFSCar
Freitas, José Joaquim de Senna; Ribeiro, Júlio	Uma polêmica célebre	São Paulo	Cultura Brasileira	1935		português	literatura brasileira	FEUSP

FREITAS, Leopoldo de	Esboço geral de literatura	São Paulo	Casa Vanorden	1912		português	literatura	UFSCar
FREITAS, Paulo de	Correspondencia technica e technica commercial	São Paulo	Typographia Bancaria			português	ensino comercial	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – curso elementar	São Paulo	Editora Nacional	1938		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – antologia e gramática aplicada	São Paulo	Editora Nacional	1936		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – antologia e gramática aplicada	São Paulo	Editora Nacional	1937		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – antologia e gramática aplicada	São Paulo	Editora Nacional	1940		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – antologia e gramática aplicada	São Paulo	Editora Nacional	1940		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – sintaxe geral	São Paulo	Editora Nacional	1940		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	Noções de geometria prática	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	Noções de geometria prática	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1927		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – leitura	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar

FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – leitura	São Paulo	Editora Nacional	1944		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – sintaxe geral	São Paulo	Editora Nacional	1937		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	O nosso idioma – sintaxe geral	São Paulo	Editora Nacional	1937		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
FREITAS, Paulo de	Técnica comercial	São Paulo	Editora Nacional	1953		português	ensino comercial	UFSCar
FROLA, Francisco	A economia do povo – a cooperação livre	Rio de Janeiro	Athena Editora	1937		português	cooperativis mo	UFSCar
FRUGONI, Emilio	La revolución del machete – panorama político del Uruguay	Buenos Aires	Editorial Claridad			espanhol	Uruguai - condções políticas	UFSCar
FUSCO, Rosário	Política e letras	Rio de Janeiro	Livraria José Olympio	1940		português	política e literatura	UFSCar
GABAGLIA, Raja; RIBEIRO, João	Exame de admissão para os gymnasios	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1921		português	ensino secundário - Exames - Guias de estudo	UFSCar
GALANTE, Carlos; SANTOS, Oswaldo Marcondes dos	Matemática	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
GALANTE, Carlos; SANTOS, Oswaldo Marcondes dos	Matemática	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar
GALANTE, Carlos; SANTOS, Oswaldo	Matemática	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	matemática - estudo e ensino	UFSCar

Marcondes dos								
GALANTI, Raphael M.	Compêndio de gramática inglesa	São Paulo	Enpindola e Comp.	1913		português	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
GALHARDO, Thomaz	Segundo livro de leitura para a infância	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1925		português	livros de leitura	UFSCar
GALLO, João Capusso	Francês ginásial	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
GALVÃO, Francisco. . Rio de Janeiro: , 1937.	A academia de letras na intimidade	Rio de Janeiro	Editora A Noite	1937		português	literatura brasileira	UFSCar
GAMA, Luiz	Primeiras provas burlescas	São Paulo	Typ. Bentley Junior e Comp.	1904		português		UFSCar
GANIVET, Pierre	Alemania ayer y hoy	Buenos Aires	Ediciones Iman	1934		espanhol	Alemanha	UFSCar
GANIVET, Pierre	Alemania ayer y hoy	Buenos Aires	Ediciones Iman	1934		português	Alemanha	UFSCar
GARCEZ, Matheus Nogueira	Latim – segunda série	São Paulo	Editora do Brasil	1956		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
GARCEZ, Matheus Nogueira	Latim – terceira série	São Paulo	Editora do Brasil	1960		português	língua latina - estudo e ensino	UFSCar
GARCIA, José Francisco	Como se faz e desfaz uma revolta	São Paulo	Typ. Vianna	1912		português	literatura brasileira	UFSCar
GASPARINI, Savino	Palestras de higiene na rádio Tupi	Rio de Janeiro	s.n.	1949		português	higiene	UFSCar

GAVRONSKI, José	Uma explicação, uma homenagem e uma advertência.		s.n.			português	anarquismo	UFSCar
Gavronski, José	Hóstias amargas	São Paulo	s.n.			português	religião e literatura	FEUSP
GAYO, Manuel da Silva	Torturados	Porto	Livraria Chardron	1911		português	literatura portuguesa	UFSCar
GAYOTTO, José Carlos	Projeto de guia do sistema de ensino funcional	São Paulo	Escola Técnica de Comércio “Marechal Deodoro.”			português	ensino	UFSCar
GENOVESI, Adriano	Desgraçados...	São Paulo	E G R	1928		português	literatura brasileira	UFSCar
Gentile, Fernando Hernani	Manual do dactilógrafo	São Paulo	Lep	1954		português	datilografia	FEUSP
GICOVATE, Moisés	Geografia para o curso secundário	São Paulo	Melhoramen tos	1942		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
GICOVATE, Moisés	Geografia geral	São Paulo	Melhoramen tos	1953		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
Ginásio e Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho	Caderno Modelo n.1	São Paulo	s.n.	1961		português	educação	FEUSP
Ginásio e Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho	Caderno Modelo n.1	São Paulo	s.n.	1956		português	educação	FEUSP
GLADIATOR	A questão social no Brasil	Campinas	Liga Operária de Campinas	1921		português	internacional ismo	UFSCar

GLEMSER, Bernard	O corpo humano	Rio de Janeiro	Distribuidor a Record	1963		português	medicina	UFSCar
GODINHO, Victor	Physica e chimica.	São Paulo	Livraria Odeon	1936		português	ciências	UFSCar
Goes, Alexandre	Humanismo ou religião civil: guia filosófico da mocidade e cientistas	Bahia	s.n.	1928		português	positivismo	FEUSP
GÓES, Carlos	Contos moraes e civicos do Brasil	Belo Horizonte	Typ. Oliveira e Costa	1922		português	educação moral e cívica	UFSCar
GÓES, Carlos	Datas nacionais		s.n.	1926		português	educação moral e cívica	UFSCar
GÓES, Carlos	Diccionario de gallicismos	Belo Horizonte	Graphics de Renato Americano	1929		português	língua portuguesa	UFSCar
GÓES, Carlos	Exames de admissão	Belo Horizonte	Graphics de Oliveira, Costa	1927		português	ensino secundário - exames - guias de estudo	UFSCar
GÓIS. Carlos	Método de análise ou syntaxe das relações	Belo Horizonte	Tipografia Brasil	1952		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GÓIS. Carlos	Método de análise morfológica e sintática	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1961		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GÓIS. Carlos	Methodo de analyse	Belo Horizonte	Imprensa Official	1921		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GÓIS. Carlos	Pontos de sciencias naturaes e hygiene	Belo Horizonte	Graphics de Oliveira, Costa	1930		português	higiêne	UFSCar

GÓIS, Carlos	Pontos de geographia	Belo Horizonte	Imprensa Oficial	1929		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
GÓIS, Carlos	Pontos de história do Brasil	Belo Horizonte	Graphics de Oliveira, Costa	1929		português	história	UFSCar
GÓIS, Carlos	Syntaxe de concordancia	Belo Horizonte	Typ. Oliveira e Costa	1921		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GOMES, Alfredo	História da civilização	São Paulo	Edições e Publicações Brasil	1941		português	história	UFSCar
GOMES, Arthur	Estudo de maior parte dos verbos da língua materna por meio de formação e composição baseado sobre o latim	Sorocaba	Casa Durski	1901		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GONÇALVES, Antônio; RODRIGUES, Geraldo; MESQUITA, Marcelo	Preparatórios ao alcance de todos	São Paulo	Editora Nacional	1947		português	escolas secundárias - exames de admissão	UFSCar
GONÇALVES, Antônio; RODRIGUES, Geraldo; MESQUITA, Marcelo	Preparatórios ao alcance de todos	São Paulo	Editora Nacional	1947		português	escolas secundárias - exames de admissão	UFSCar
GONÇALVES, Antônio; RODRIGUES, Geraldo; MESQUITA, Marcelo	Preparatórios ao alcance de todos	São Paulo	Editora Nacional	1949		português	escolas secundárias - exames de admissão	UFSCar
GONÇALVES, Antônio; RODRIGUES, Geraldo; MESQUITA, Marcelo	Preparatórios ao alcance de todos	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	escolas secundárias - exames de admissão	UFSCar

GONÇALVES, Artur de Campos	Noções de cosmografia e geografia	São Paulo	Editora Nacional	1938		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
GONÇALVES, Artur de Campos; REIS, Sólton Borges dos	Geografia e história do Brasil	São Paulo	“Campanha pela Biblioteca do Alfabetizado”	1948		português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
GONÇALVES, Maximiano Augusto	Língua pátria	São Paulo	Editora do Brasil	1963		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
GONÇALVES, Maximiano Augusto	Seleta literária	Rio de Janeiro	Fundo de Cultura	1961		português	língua portuguesa - compêndios	UFSCar
GONZAGA, Aprigio	São Paulo e suas grandezas	São Paulo	Salles Oliveira	1934		português	São Paulo	UFSCar
GORDON, Dorothy	Você é a democracia	Rio de Janeiro	Distribuidor a Record	1963		português	civismo	UFSCar
GORI, Pedro	Ensayos y conferencias	Barcelona	Editora Hoy	1924		espanhol	anarquismo	UFSCar
GORKI, Maximo	Konovaloff	São Paulo	Bibliotheca de Auctores Russos	1931		português	literatura russa	UFSCar
GOUZE, R.; FRANCK, G	Images de France	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
GOUZE, R.; FRANCK, G	Images de France	São Paulo	Editora Nacional	1950		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
GOUZE, R.; FRANCK, G	Méthode de français	São Paulo	Editora Nacional	1950		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar

GOUZE, R.; FRANCK, G	Méthode de français	São Paulo	Editora Nacional	1951		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
GRAFFIGNY, Henry de	100 experiências de física	Lisboa	Livraria Avelar Machado			português	física	UFSCar
GRANJA, Pedro	Afinal, quem somos? – de onde viemos e para onde vamos...	São Paulo	s.n.	1948		português	espiritismo	UFSCar
GRAUBARD, Mark	O homem, escravo e senhor	Porto Alegre	Livraria do Globo	1944		português	homem	UFSCar
GRAUBARD, Mark	O homem, escravo e senhor	Porto Alegre	Livraria do Globo	1944		português	homem	UFSCar
GRAVE, Jean	A sociedade moribunda e a anarquia	Lisboa	Typographia do Commercio	1908		português	anarquismo	UFSCar
GREEF, Guillaume	As leis sociológicas	Lisboa	Antiga Casa Bertrand			português	sociologia	UFSCar
GREENEN, Henrique	Palestras philologicas	São Paulo	Irmãos Ferraz	1931		português	filosofia	UFSCar
GRISI, Rafael	Uma história e depois... outras...	São Paulo	Editora do Brasil	1951		português	livros de leitura	UFSCar
GRISI, Rafael	Uma história e depois... outras...	São Paulo	Editora do Brasil	1953		português	livros de leitura	UFSCar
GUÉCHOT, M	Deuxième livre de lecture expliquée	Paris	Librairie Hachette et Cie	1908		francês	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur	Português ginasial	São Paulo	Livraria Acadêmica	1944		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur	Português ginasial	São Paulo	Livraria Acadêmica	1944		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur	Português ginasial	São Paulo	Livraria Acadêmica	1945		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur	Português ginasial	São Paulo	Livraria Acadêmica	1945		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur	Português ginasial	São Paulo	Livraria Acadêmica	1945		português	língua portuguesa - estudo e ensino	UFSCar
GUERRA, Alvaro	Introdução ao estudo da literatura	São Paulo	Comp. Melhoramen tos de S. Paulo.			português	literatura	UFSCar
GUIDO, Tomás	San Martin y la gran epopeya	Buenos Aires	El Ateneo	1928		espanhol	José de San Martín (1778-1850)	UFSCar
GUILHERME, Leona H. Pereira.	Almas sensíveis		s.n.			português	literatura	UFSCar
GUIMARÃES, J. Pinto	Selecta moderna em prosa e verso	Porto Alegre	Typographia de Cesar Reinhardt	1898		português	literatura	UFSCar
GUIMARÃES, José Pinto	O Chile	Porto Alegre	Livraria do Globo	1925		português	Chile - História	UFSCar
GUIMARÃES, Moreira	Fragmentos	Rio de Janeiro	Papelaria União	1915		português	literatura	UFSCar

GURGEL, L. Amaral	Ensaio quinhentistas	São Paulo	J. Fagundes	1936		português	Brasil - História	UFSCar
Gustavo, Paulo	Aventuras de um palhacinho	Rio de Janeiro	Irmãos Pongueti	1940		português	literatura infantojuven il	FEUSP
Guyau, Jean-Marie	Ensaio de uma moral, sem obrigação, nem sanção	Lisboa	Guimarães	1919		português	filosofia	FEUSP
HALBOUT, José Francisco	Grammatica theorica e pratica da lingua franceza	Paris	Garnier	1904		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
HALBOUT, José Francisco	Grammatica theorica e pratica da lingua franceza	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1926		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
HAMON, A	Determinismo e responsabilidade	Lisboa	Antiga Casa Bertrand	1910		português	filosofia	UFSCar
HAMON, Augustin	Conferência da paz e a sua obra	Lisboa	Guimarães	1919		português	paz	UFSCar
HEAFORD, William	A escola moderna de Barcelona	Lisboa	Guimarães	1910		português	anarquismo	UFSCar
HERCULANO, A.	História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal. v.1	Lisboa	Tavares Cardoso e Irmão	1896		português	Inquisição - Portugal	UFSCar
HERCULANO, A.	História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal. v.2	Lisboa	Tavares Cardoso e Irmão	1897		português	Inquisição - Portugal	UFSCar
HERCULANO, A.	História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal. v.3	Lisboa	Tavares Cardoso e Irmão	1897		português	Inquisição - Portugal	UFSCar

HUXLEY, Julian	O pensamento vivo de Darwin	São Paulo	Livraria Martins	1940		português	Darwin, Charles, 1809-1882	UFSCar
IBGE. Departamento Estadual de Estatística. Estado de Santa Catarina	Jaraguá: notícia estatístico descritiva	Florianópolis	Imprensa Oficial do Estado	1941		português	Jaraguá do Sul/SC	UFSCar
Instituto Brasileiro do Café. Seção de Estatística	Cultura de café no Brasil	Rio de Janeiro	s.n.	1941		português	café - Brasil	UFSCar
Irmão Firmino Bonato	Química	São Paulo	Editora do Brasil	1963		português	química	UFSCar
Irmão Isidoro Dumont	Exercícios de cálculo sem problemas sobre as quatro operações fundamentais	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	cálculo	UFSCar
IRMÃOS MARISTAS	Elementos de aritmética	São Paulo	Editora do Brasil	1957		português	aritmética	UFSCar
Kardec, Allan	O principiante espírita	Rio de Janeiro	Federação espírita Brasileira	1950		português	espiritismo	UFSCar
Kardec, Allan	O evangelho segundo o espiritismo	São Paulo	Pensamento	1963		português	espiritismo	FEUSP
Kardec, Allan	O livro dos espíritos	São Paulo	Pensamento			português	espiritismo	FEUSP
Kardec, Allan	O livro dos médiuns	Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1953		português	espiritismo	FEUSP

Kardec, Allan	O livro dos espíritos	São Paulo	Livraria Allan Kardec Editora			português	espiritismo	FEUSP
Kautsky, Carlos	El Camino del poder	Buenos Aires	s.n.	s.d.		espanhol	socialismo	UFSCar
Klinger (general)	Ano VIII da ortografia simplificada brasileira	Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1948		português	língua portuguesa - estudo e ensino	FEUSP
Kopke, João	Leituras práticas	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1927		português	livros de leitura	UFSCar
Krishnamurti, Jiddu	Uma nova maneira de viver	Rio de Janeiro	Intituto Cultural Krishnamurti	1950		português	espiritualidade	FEUSP
Krivitsky, W. G. (ex General do Exército Vermelho)	Rusia en España		La agrupación amigos C.N.T.F.A.I.			espanhol	anarquismo	UFSCar
Kropotkin, Pedro	A grande revolução	Rio de Janeiro	Athena Editora	1935		português	França - História - Revolução, 1789-1794	UFSCar
Kropotkin, Pedro	A questão social: o anarquismo em face da ciência	São Paulo	Biblioteca Prometheu	1913		português	socialismo	UFSCar
Kropotkin, Pedro	Em torno de uma vida: memórias de um revolucionário	Rio de Janeiro	José Olympio Editora	1946		português	Kropotkin, Piotr Alekseievitch, Príncipe, 1842-1921	UFSCar
Kropotkin, Pedro	Em volta duma vida: memórias	Lisboa	Typographia do Commercio	1907		português	Kropotkin, Piotr Alekseievitch, Príncipe, 1842-1921	UFSCar
Kropotkin, Pedro	Palavras D' um revoltado	Lisboa	Guimarães	1912		português	anarquismo	UFSCar

Labriola, Antônio	Ensaio sobre o Materialismo Histórico	São Paulo	Atena			português	marxismo	UFSCar
Langdon-Davis, John	O homem e seu universo	Rio de Janeiro	Editora Nacional	1941		português	cosmologia	UFSCar
LESSA, Vicente	Anchieta e o suplício de Balleur	São Paulo	Livraria Record	1934		português	Anchieta, José de, Santo, 1534-1597	UFSCar
LIMA, Daisy Collet de Araújo	Fundamento psicológico da aprendizagem	São Paulo	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial	1967		português	educação	UFSCar
Lopes, Oscar	Três conferências: a tentação, o dia e a noite de D. Juan	Porto	Chardron de Lello & Irmão	1912		português	oratória - Portugal	FEUSP
Macedo, Joaquim Manoel	O culto do dever	Rio de Janeiro	Aurora			português	literatura brasileira	FEUSP
Macedo, Luiz Carlos D. S. De	Direito internacional marítimo	Lisboa	David Coraz	1885		português	direito	FEUSP
Magalhães, Basílio de	História do Comércio	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1943		português	comércio - história	FEUSP
MAGALHÃES, Bruno de Almeida.	O visconde de Abaeté		Editora Nacional	1939		português	Abaeté. Antonio Paulino Limpo de Abreu Visconde de 1798-1883;	UFSCar
Maran, René	Djumá, cão sem sorte	São Paulo	Cultura Brasileira			português	literatura francesa	FEUSP

MASTERS, Edgar Lee	O pensamento vivo de Emerson	São Paulo	Livraria Martins	1940		português	Emerson, Ralph Waldo, 1803-1882	UFSCar
Mello, B. Vieira de	Higiene Escolar e pedagógica	São Paulo	Casa Vanorden	1917		português	higiene	UFSCar
Melo, Aníbal Vaz	Sinal dos tempos		s.n.			português	espiritualidade	FEUSP
Mendes, dos Remedios	Introdução à história da literatura portuguesa	Coimbra	F. França Amado editor	1911		português	Literatura portuguesa	UFSCar
Ministério da educação e cultura	Sinopse estatística do ensino médio – 1954	Rio de Janeiro	s.n.	1954		português	ensino - Brasil	UFSCar
Ministério da Educação e da Cultura	Como ensinar geografia e história no curso ginásial	São Paulo	Gráfica Cruzeiro			português	geografia - estudo e ensino	UFSCar
Ministério da Educação e da Cultura	O ensino no Brasil em 1951-1954	Rio de Janeiro	Serviço Gráfico IBGE			português	ensino - Brasil	UFSCar
Ministério da educação e saúde	Primeiro congresso nacional de educação	Rio de Janeiro	s.n.	1946		português	educação	UFSCar
Moraes, Theodoro De	Sei ler: 1º livro de leitura	São Paulo	Editora Nacional	1928		português	livros de leitura	UFSCar
Morselli, Emilio	Elementi di sociologia generale	Milano	Ulrico Hoepli	1898		italino	sociologia	UFSCar
Mota, Benjamin	A razão contra a fé: análise das conferências religiosas do Padre Júlio Maria		Edição do autor	1933		português	anticlericalismo	UFSCar

Moura, Maria Lacerda	Han Ryner e o amor plural	São Paulo	Gráfica Editora Unitas			português	anarquismo	UFSCar
Moura, Maria Lacerda de	Amai e... não vos multipliqueis	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1932		português	anarquismo	UFSCar
Moura, Maria Lacerda de	Civilização tronco de escravos	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1931		português	anarquismo	UFSCar
Moura, Maria Lacerda de	De Amundsen a Del Prete	São Paulo	O Combate	1928		português	anarquismo	UFSCar
Moura, Maria Lacerda de	Em torno da educação, renovação	Belo Horizonte	Typografia Athene	1918		português	educação	FEUSP
Naquet, Alfredo	A caminho da união livre	Lisboa	Guimarães	1912		português	anarquismo	UFSCar
Navarro, Alfredo	As artes graphicas	Lisboa	Editora Nacional	1898		português	artes gráficas	FEUSP
Nergal, M.J.	Evolución de los mundos	Barcelona	Editora publicaciones de la Escuela Moderna			espanhol	astronomia	UFSCar
Nettlau, Max	Crítica Libertaria	Barcelona	Editorial Moderna	1922		espanhol	anarquismo	UFSCar
Neves, Roberto Das	Assim cantava um cidadão do mundo: poemas que levaram o autor treze vezes aos cárceres do Santo Oficio de Salazar	Rio de Janeiro	Editora Germinal	1952		português	literatura portuguesa	UFSCar

Neves, Roberto Das	O diário do Dr. Satan: comentários subversivos às escorrências quotidianas da sífilização cristã	Rio de Janeiro	Editora Germinal	1954		português	anarquismo	UFSCar
Nobre, M. Murinho	Homeoterapia: seus princípios, sua matéria médica e terapêutica	Rio de Janeiro	Almanak Laemmert	1935		português	homeopatia	UFSCar
Novcow, J	A emancipação da mulher	Lisboa	Antiga Casa Bertrand			português	direito	UFSCar
Oiticica, José	A doutrina anarquista ao alcance de todos	Rio de Janeiro	Mundo Livre			português	anarquismo	UFSCar
Oliva, Zeferino	Pontos de vista	São Paulo	s.n.	1948		português	anarquismo	FEUSP
Orico, Oswaldo	Coroa dos humildes: poemas : simphonia, rapsódia, canções, pastoral	São Paulo	Nova Era	1924		português	literatura brasileira	FEUSP
Patri, Angelo	Hacia la escuela de porvenir	Buenos Aires	Editorial Claridad			espanhol	educação	UFSCar
Penteado, Fausto de Almeida Prado	Santos Dummont: sua vida, seus feitos, sua glória	São Paulo	s.n.	1932		português	biografia	FEUSP
Penteado, João	Diário		s.n.			português	Penteado, João de Camargo, 1876-1965	UFSCar
Penteado, João	Pioneiros do magistério primário	São Paulo	s.n.	1944		português	educação	UFSCar

Penteado, João	Pioneiros do magistério primário	São Paulo	s.n.	1944		português	educação	FEUSP
Penteado, João	Digressão histórica através da vida de Jaú e de seus super-homens através do 1º centenário de sua fundação	São Paulo	s.n.	1953		português	Jaú (SP) - história	FEUSP
Penteado, João	Traços biográficos do prof. Bento Siqueira		s.n.	1952		português	biografia	FEUSP
Penteado, João	Esboço histórico da epopéia do hidroavião Jaú através do Atlântico Sul em seu sensacional reide de Gênova a Santos	São Paulo	s.n.	1963		português	Jaú (SP) - história	FEUSP
Perito, Adelina	Dinâmica da entrevista	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial	1966		português	entrevistas	FEUSP
Pi y Margall, Francisco 1824-1901	El Federalismo Expuesto por Pi Margall	Madri	Agencia General de Libreria y artes graficas	s.d.		espanhol	federalismo	UFSCar
Piccarolo, Antonio	A guerra e a paz na história	São Paulo	Athena Editora	1940		português	história	UFSCar
Piccarolo, Antonio	Entre a ciência e a arte: conferências e proluções	São Paulo	Gráfico-Editora Unitas Limitada	1934		português	ciência	UFSCar
Piccarolo, Antonio	Iniciação à economia social	São Paulo	Livraria Editora Record	1936		português	economia	UFSCar

Pio, Coronel F. De Oliveira	Duas palestras sobre o fascismo ibérico	Rio de Janeiro	Editora Germinal			português	Portugal - Política e governo - 1926-	UFSCar
Pires, Cornélio	Conversas ao pé do fogo	São Paulo	Monteiro Lobato	1924		português	folclore	UFSCar
Pompeia, Raul	O Ateneu	São Paulo	Francisco Alves			português	literatura brasileira	UFSCar
Pontes, José Vieira	Lira das crianças	São Paulo	Livraria Teixeira	1914		português	música popular	UFSCar
Pontes, José Vieira	Lira Popular Brasileira	São Paulo	Casa Editora Brasileira			português	música popular	UFSCar
Prado, Paulo	Retrato do Brasil	Rio de Janeiro	Ed. Paulo Pongetti & Cia	1931		português	Brasil - História	UFSCar
Prel, Carl du	O outro lado a vida	São Paulo	Sociedade Metaphisica de São Paulo	1939		português	espiritismo	FEUSP
Professores de Escolas Normaes e da Escola Complementar de S. Paulo	Exames de admissão as escolas normaes ou curso das escolas complementares	São Paulo	Editora Nacional	1930		português	ensino secundário - exames - guias de estudo	UFSCar
Proudhon, J. P.	Que é a propriedade? Estudo sobre o princípio do Direito e do Estado	São Paulo	Edições Cultura Brasileira			português	anarquismo	UFSCar
Queiroz, Antonio D'Eça De	Rodolpho Maria: o anarquista	Porto	Livraria Chardron	1916		português	literatura portuguesa	UFSCar

Quiles, Ismael	Princípios básicos da liberdade de ensino	Rio de Janeiro	Edições da AEC do Brasil	1957		português	educação	UFSCar
Reclús, Elisée	La vida en la tierra	Valencia	F. Sempere y Compañia, Editores			espanhol	anarquismo	UFSCar
Reed, John	10 dias que abalaram o mundo	São Paulo	Editora Nacional	1931		português	União Soviética - História - Revolução, 1917-1921	UFSCar
Reissner, Larissa	Homens e machinas	São Paulo	Editorial Pax	1932		português	economia	UFSCar
Remarque, E. M.	Nada de novo na frente ocidental: história negra da Grande Guerra	Buenos Aires	Edições América Latina	1930		português	Guerra Mundial, 1914-1918	UFSCar
Reunião de Professores	Exercícios de calculo sem problemas sobre as quatro operações fundamentais	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	cálculo - estudo e ensino	UFSCar
Reunião de Professores	Exercícios de calculo sem problemas sobre as quatro operações fundamentais	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	cálculo - estudo e ensino	UFSCar
Reunião de Professores	Exercícios de calculo sem problemas sobre as quatro operações fundamentais	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	cálculo - estudo e ensino	UFSCar
Reunião de Professores	Exercícios de calculo sem problemas sobre as quatro operações fundamentais	Rio de Janeiro	Francisco Alves			português	cálculo - estudo e ensino	UFSCar

Ribeiro, Hilario	Novo Segundo livro de leitura	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1929		português	literatura infantojuvenil	UFSCar
Ricchetti, Henrique	Infância 3º Livro		Editora Nacional			português	livros de leitura	UFSCar
Rodrigues, Edgard; Neves, Roberto das	A fome em Portugal (Análise da obra econômico-político-financeira do corporativismo português)	Rio de Janeiro	Editora Germinal	1959		português	Portugal - fome	UFSCar
S. T.	1º Curso de gramática elementar da língua francesa para as aulas brasileiras	Porto Alegre	Livraria Selbach			português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
Sá, Christovam Ferreira de	O eucalipto e o reflorestamento no quadro da natureza	São Paulo	s.n.	1952		português	silvicultura	FEUSP
Saint-Beuve, C. A.	Proudhon su vida y su correspondencia	Buenos Aires	Editorial Americalee	1945		espanhol	<u>Proudhon, P.-J. (Pierre-Joseph), 1809-1865</u>	UFSCar
Salgado, Plínio	Compêndio de instrução moral e cívica		FTD	1965		português	educação moral e cívica	UFSCar
Salgari, Emílio	O prisioneiro dos pampas	São Paulo	Editora Nacional	1933		português	literatura italiana	FEUSP
Salgari, Emílio	A vingança do iroquez	São Paulo	Editora Nacional	1933		português	literatura italiana	FEUSP
Santa Catarina. Departamento estadual de estatística	Jaraguá notícia estatístico-descritiva		[Imprensa Oficial]	1941		português	Jaraguá do Sul/SC	UFSCar

São Paulo. Secretaria da educação.	Pequeno histórico e prontuário do Arquivo do Estado	São Paulo	s.n.	1953		português	Arquivos Estaduais - São Paulo	UFSCar
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1945		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1946		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1946		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1946		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1945		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1945		português	polícia preventiva	FEUSP
São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Policias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1945		português	polícia preventiva	FEUSP

São Paulo. Secretaria de Segurança Pública. Serviço de Informações Polícias	Boletim de Polícia Preventiva	São Paulo	s.n.	1945		português	polícia preventiva	FEUSP
Schmidt, Afonso	Janelas abertas	São Paulo	Edição da Fornalha	1923		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	Menino Felipe	São Paulo	Clube do livro	1957		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	O assalto: romance do ouro e do sal	São Paulo	Livraria Martins Editora	s.d.		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	O dragão e as virgens: romance	São Paulo	Vieira & CIA	1927		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	O gigante invisível	São Paulo	Secção de propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo			português	tuberculose - prevenção	UFSCar
Schmidt, Afonso	O tesouro de Cananéia	São Paulo	Ed Anchieta Limitada	1941		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	Pirapora	São Paulo	Gráfico-Editora Unitas limitada			português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	Reino do Céu: novela	São Paulo	Moema Editora	1942		português	literatura brasileira	UFSCar
Schmidt, Afonso	Saltimbancos	São Paulo	Edição Saraiva	1950		português	literatura brasileira	UFSCar

Schmidt, Afonso	Zanzalás	São Paulo	Clube do livro			português	literatura brasileira	UFSCar
Scutel, Cairbar	O espírito do cristianismo	Matão	O Clarim	1941		português	espiritismo	FEUSP
Segur, Condessa de	Blondina	São Paulo	Editora Nacional	1930		português	literatura infantojuvenil	FEUSP
Setubal, Paulo	O príncipe de Nassau: romance histórico	Rio de Janeiro	Editora Nacional	1925		português	literatura brasileira	UFSCar
Setúbal, Paulo	A bandeira de Fernão Dias	São Paulo	Editora Nacional	1928		português	literatura brasileira	FEUSP
Silva, Lourenço C.	Rui: estudante: extraído do trabalho do mesmo nome de autoria do sr. A. G. Carvalho	São Paulo	Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho	1949		português	educação	FEUSP
Sonnewend, Paulo	Comunicação, reunião, grupo de discussão	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial	1965		português	dinâmica de grupo	FEUSP
Sousa, Octávio Tarquínio de	O pensamento de José Bonifácio	São Paulo	Livraria Martins Editora	1944		português	Silva, José Bonifácio de Andrada e, 1763-1838	UFSCar
Spencer, Herbert	Classificação das ciências	Rio de Janeiro	Laemmert	1889		português	ciências	FEUSP
Teixeira, Múcio	Terra incógnita	São Paulo	Casa Duprat	1916		português	literatura brasileira	FEUSP
Tese Apresentada ao Terceiro Congresso	Da exequibilidade dos currículos flexíveis, no	São Paulo	s.n.	1948		português	currículos e programas	UFSCar

Nacional do Estabelecimento s Particulares de Ensino pelo Sindicato dos Estabelecimento s de Ensino Secundario e Primario do Rio de Janeiro	ensino médio							
Tolstói, Liev	O canto do cysne	Rio de Janeiro	Civilizações Brasileiras	1937		português	literatura russa	FEUSP
Tolstói, Liev	La Escuela de Yasnaia Poliana	Buenos Aires	Tor			espanhol	educação	FEUSP
Tolstói, Liev	Os mártires do dinheiro	Rio de Janeiro	Civilizações Brasileiras	1937		português	literatura russa	FEUSP
Tolstói, Liev	Ressurreição	Rio de Janeiro	Civilizações Brasileiras	1933		português	literatura russa	FEUSP
Treine, Rodolpho Waldo	Em harmonia com o infinito	São Paulo	O Pensamento			português	filosofia	FEUSP
Vernieri, Alfredo di	Homeopatia	São Paulo	Piratininga			português	homeopatia	FEUSP
VIEIRA, Hermes	Humberto de Campos e sua expressão literária	São Paulo	Cultura Moderna			português	literatura brasileira	UFSCar
VIEIRA, Hermes Pio	Carlos Gomes – sua arte e sua obra	São Paulo	Editorial “Libertas”			português	biografia	UFSCar
VILLEROY, A. Ximeno	Benjamin Constant e a política republicana	Rio de Janeiro	s.n.	1928		português	Brasil - História	UFSCar

VILLEROY, A. Ximeno	Benjamin Constant e a política republicana	Rio de Janeiro	s.n.	1928		português	Brasil - História	UFSCar
VILLEROY, A. Ximeno	Benjamin Constant e a política republicana	Rio de Janeiro	s.n.	1928		português	Brasil - História	UFSCar
VOGÜE, Visconde E.-M. de	Máximo Gorky – a obra e o homem	Lisboa	Editora Viuva Tavares Cardoso	1905		português	Gorki, Maksim, 1868-1936	UFSCar
Wallace, Edgar	O calendário	São Paulo	Editora Nacional	1934		português	calendário	FEUSP
Wanderley, Mario D.	Domingos Jorge Velho	São Paulo	Irmãos Ferraz	1930		português	Velho, Domingos Jorge	FEUSP
Xavier, Francisco Cândido; Emmanuel (Espírito)	50 anos depois	Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1940		português	obras psicografadas	FEUSP
Xavier, Francisco Cândido; Irmão X (Espírito)	Luz acima	Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1948		português	obras psicografadas	FEUSP
Xavier, Francisco Cândido; Luís, André (Espírito)	Libertação	Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1949		português	obras psicografadas	FEUSP
	ANAIS [do] Terceiro congresso nacional dos estabelecimentos particulares de ensino.	São Paulo	s.n.	1948		português	ensino - Brasil	UFSCar
	O Brasil de hoje, de ontem e de amanhã	Rio de Janeiro	DIP	1940		português	Brasil - História	UFSCar

	Sistema de ensino funcional	Rio de Janeiro	Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial	1956		português	ensino - Brasil	UFSCar
	Sistema de ensino funcional (ou de classes-empresas): documentos e modelos utilizados pela Escola Técnica de Comercio Marechal Deodoro	Rio de Janeiro	Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial	1957		português	ensino - Brasil	UFSCar
	Sistema de ensino funcional (ou de classes-empresas): documentos e modelos utilizados pela Escola Técnica de Comercio Marechal Deodoro	Rio de Janeiro	Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial	1962		português	ensino - Brasil	UFSCar
	O II congresso brasileiro do ensino comercial		s.n.	1957		português	ensino comercial	UFSCar
	O ensino da contabilidade		s.n.	1962		português	contabilidade e	UFSCar
	Relatório das atividades em 1954	São Paulo	s.n.	1955		português		UFSCar
	Breve gramática teorico-pratica della lingua portoghese	São Paulo	J. B. Endrizzi e Comp.	1896		italiano	língua portuguesa - gramática	UFSCar

	Collecção de Bellas Poesias	Rio de Janeiro	Livraria Viuva Azevedo	1903		português	literatura	UFSCar
	Condições para reconhecimento e equiparação de estabelecimentos de ensino secundário		Editora do Brasil			português	ensino - Brasil	UFSCar
	II Conferência Nacional das Classes Produtoras. Recomendações	Araxá	s.n.	1949		português	Brasil - política econômica	UFSCar
	Documentário do Primeiro Congresso Nacional dos Diretores e Estabelecimentos de Ensino Secundário e Comercial	Rio de Janeiro	s.n.	1944		português	ensino - Brasil	UFSCar
	Conselheiro Fiel do Povo ou Collecção de Formulas	Rio de Janeiro	Typ. Universal de Laemmert	1860		português	direito	UFSCar
	Curso de Cosmographia elementar		Francisco Alves	1918		português	cosmografia	UFSCar
	Dicionario Francez-Portuguez	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1926		português	língua francesa - estudo e ensino	UFSCar
	Historia universal para o uso dos ginásios	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo			português	história - estudo e ensino	UFSCar
	Elementos de arithmetica	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo			português	aritmética	UFSCar
	Elementos de arithmetica	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo			português	aritmética	UFSCar

	Elementos de arithmetica	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1922		português	aritmética	UFSCar
	Elementos de história natural	Rio de Janeiro	Livraria Paulo de Azevedo	1923		português	história natural	UFSCar
	English direct method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira			inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
	English direct method	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira			inglês	língua inglesa - estudo e ensino	UFSCar
	A Escola do Comércio “Álvares Penteado” em seu 40º Aniversário de Fundação	São Paulo	Pap. e Tip “Bancaria”			português	Escola do Comércio Álvares Penteado	UFSCar
	O Esperanto na Estatística: sua importância	Florianópolis	Imprensa Oficial do Estado			português	esperanto	UFSCar
	Estatutos da Associação Profissional dos Estabelecimentos de Ensino Comercial do Estado de São Paulo	São Paulo	s.n.	1941		português	ensino - Brasil	UFSCar
	Estatutos da Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos	São Paulo	s.n.	1927		português	Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos	UFSCar
	Geometria Elementar		s.n.	1928		português	geometria	UFSCar

	Guia Homeopático Popular	São Paulo	Farmácia e Laboratório Homeopático	1948		português	homeopatia	UFSCar
	Guia Doméstico Homeopático e Bioquímico	São Paulo	Farmácia e Laboratório Homeopático	1954		português	homeopatia	UFSCar
	Breve Gramática teórico-prática da língua portuguesa	São Paulo	J.B. Endrizzi	1896		português	língua portuguesa - gramática	UFSCar
	Colmeia Instituição a serviço da juventude	São Paulo	s.n.	1952		português	educação	UFSCar
	Curso de orientação para inspetores do ensino comercial	Rio de Janeiro	Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Comercial	1959		português	ensino comercial	UFSCar
	Curso de orientação pedagógica para professores do ensino comercial		Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Comercial	1957		português	ensino comercial	UFSCar
	A previsão do tempo		s.n.			português	metereologia	FEUSP
	Archeologia		s.n.			português	arqueologia	FEUSP
	Fábulas e apólogos		s.n.			português	fábulas	FEUSP
	História Moderna	Lisboa	Cia Nacional	1989		português	história	FEUSP

	O descobrimento do Brasil	Lisboa	Cia Nacional	1900		português	Brasil - história	FEUSP
	Poética		s.n.			português	literatura	FEUSP
	Tachygraphia		s.n.			português	taquigrafia	FEUSP
	Telegraphia eléctrica	Lisboa	Cia Nacional	1900		português	telegrafia	FEUSP
	O vegetariano: mensário naturista ilustrado	Porto	Sociedade Vegetariana	1914		português	vegetarianismo	FEUSP
	Doutrina Cristã: livro do mestre	São Paulo	Paulinas	1955		português	Igreja católica - catecismos	FEUSP
	Livro da despedida e da saudade dos contadores de 1929		s.n.			português	contadores	FEUSP
	Manual da fraternidade rosacruciana São Paulo	São Paulo	s.n.	1958		português	Fraternidade Rosacruz	FEUSP
	Maria Antonieta	Rio de Janeiro	s.n.			português	Maria Antonieta, Rainha, consorte de Luis XVI, Rei da França, 1755-1793 - 1755-1793	FEUSP
	O problema da educação moral e cívica	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial			português	educação moral e cívica	FEUSP

	Pediatria prática: revista bimestral de clínica infantil e puericultura, v. 10, fasc. 2, março/abril	São Paulo	s.n.	1939		português	medicina	FEUSP
	Prática de escritório: 4ª série do ensino comercial: uma experiência de ensino ativo na Escola Senac Basílio Machado Neto	São Paulo	s.n.	1963		português	práticas de escritório	FEUSP
	Seleções do Reader's Digest		s.n.	1959		português	periódicos	FEUSP
	Um novo tipo de escola	São Paulo	Serviço de Assistência Didática ao Ensino Comercial			português	educação	FEUSP
	Atlas pedagógico brasileiro	São Paulo	Editora Pedagógica Brasileira			português	ensino - compêndios	FEUSP